

GEOGRAFIA

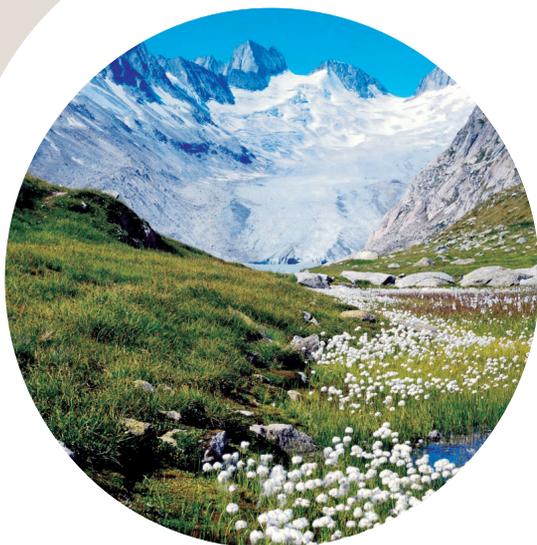
LIVRO

4

CIÊNCIAS HUMANAS E SUAS TECNOLOGIA

VERA LÚCIA DA COSTA ANTUNES
Coordenadora e Professora
do Curso e Colégio Objetivo

MOACYR NOGUEIRA JR.
Professor do Curso e Colégio Objetivo



Índice

Geografia Geral Quadro Natural e Regional

1 – Europa	1
2 – Economia da Europa	39
3 – Organizações Europeias	92
4 – A antiga URSS e os Países Eslavos	119
5 – Países Bálticos, Latino, Caucasianos e da Ásia Central	153

Geografia Geral

EUROPA

Europa

O continente europeu tem localização boreal – totalmente no Hemisfério Norte ou setentrional.

Com uma superfície de 10.151.315,44 quilômetros quadrados, limitada ao norte com o Oceano Glacial Ártico, a oeste com o Oceano Atlântico, ao sul pelo Mar Mediterrâneo, a sudeste pelos Mares Negro e Cáspio, além da Cadeia do Cáucaso, a leste pelos Montes Urais.

Se litoral é recortado com várias penínsulas, destacam-se: Ibérica, Escandinávia, Balcânica, Peloponeso, Jutlândia, Itálica e inúmeras ilhas, sendo as mais importantes: Islândia, Sardenha, Sicília, Córsega, Chipre além das ilhas britânicas e ilhas gregas.

A Europa é formada por 49 países, subdivididos em 5 porções: a Europa **Setentrional**: Noruega, Suécia, Finlândia, Dinamarca e Islândia; **Europa Centro-Setentrional**: Reino Unido, Irlanda, Países Baixos, Bélgica, Luxemburgo e França; **Europa Central**: Alemanha, Suíça, Áustria, Polônia, República Tcheca, Eslováquia, Liechtenstein, Hungria e Romênia; **Europa Meridional**: Portugal, Espanha, Andorra, Itália, San Marino, Sérvia, Eslovênia, Croácia, Bósnia-Herzegovina, Macedônia do Norte, Bulgária, Albânia, Grécia, Mônaco, Malta, Vaticano, Montenegro, Kosovo e Chipre; **Europa Oriental**: Rússia, Lituânia, Letônia, Estônia, Ucrânia, Belarus, Geórgia, Armênia, Azerbaijão e Moldova.

DEMOGRAFIA

CRESCIMENTO DEMOGRÁFICO – 2018

(% anual, estimativa)

Maiores taxas mundiais

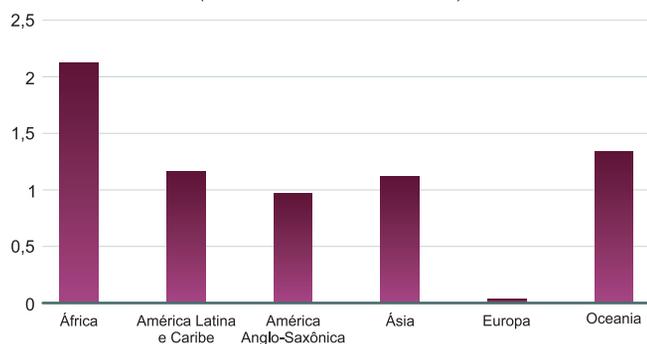
Posição no ranking mundial	País	Taxa de crescimento anual (%)
1. ^a	Síria	7,37
2. ^a	Angola	3,49
3. ^a	Malawi	3,31
4. ^a	Burundi	3,23
5. ^a	Chade	3,23
6. ^a	Uganda	3,18
7. ^a	Níger	3,16
8. ^a	Mali	2,98
9. ^a	Sudão	2,93
10. ^a	Zâmbia	2,91

CRESCIMENTO DEMOGRÁFICO – 2018 (% anual, estimativa)

Maiores taxas europeias			Menores taxas europeias		
Posição no ranking mundial	País	Taxa de crescimento anual (%)	Posição no ranking mundial	País	Taxa de crescimento anual (%)
86. ^a	Chipre	1,27	190. ^a	Geórgia	0,01
98. ^a	Irlanda	1,11	195. ^a	Andorra	-0,01
103. ^a	Islândia	1,08	197. ^a	Eslováquia	-0,02
117. ^a	Noruega	0,94	203. ^a	Grécia	-0,07
129. ^a	Suécia	0,80	205. ^a	Rússia	-0,11
132. ^a	Liechtenstein	0,78	206. ^a	Polónia	-0,16
143. ^a	San Marino	0,70	207. ^a	Bósnia-Herzegovina	-0,17
144. ^a	Suíça	0,68	208. ^a	Alemanha	-0,17
145. ^a	Bélgica	0,67	211. ^a	Belarus	-0,24
148. ^a	Dinamarca	0,59	213. ^a	Armênia	-0,25
154. ^a	Reino Unido	0,51	214. ^a	Hungria	-0,26
160. ^a	Áustria	0,42	216. ^a	Portugal	-0,27
164. ^a	Holanda	0,38	218. ^a	Montenegro	-0,34
166. ^a	França	0,37	219. ^a	Romênia	-0,35
167. ^a	Finlândia	0,33	220. ^a	Sérvia	-0,47
169. ^a	Albânia	0,30	221. ^a	Croácia	-0,51
170. ^a	Mônaco	0,30	224. ^a	Estônia	-0,60
181. ^a	Macedônia do Norte	0,19	225. ^a	Bulgária	-0,63
183. ^a	Itália	0,16	226. ^a	Moldova	-1,06
186. ^a	República Checa	0,10	227. ^a	Letônia	-1,10
187. ^a	Ucrânia	0,04	228. ^a	Lituânia	-1,10
188. ^a	Eslovênia	0,03			

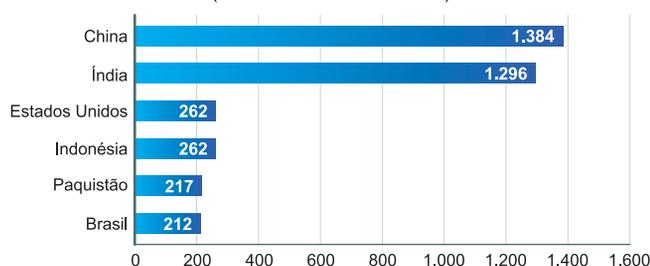
(Disponível em: <<https://www.cia.gov/library>>. Acesso em: set. 2019.)

CRESCIMENTO POPULACIONAL – 2018
(taxa anual média, estimativa)



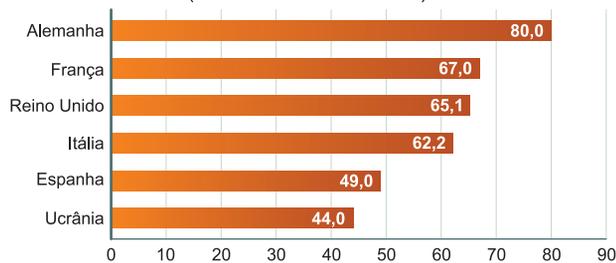
(Disponível em: <<https://www.cia.gov/library>>.
Acesso em: set. 2019.)

PAÍSES MUNDIAIS COM AS MAIORES
POPULAÇÕES ABSOLUTAS – 2018
(em milhões de habitantes)



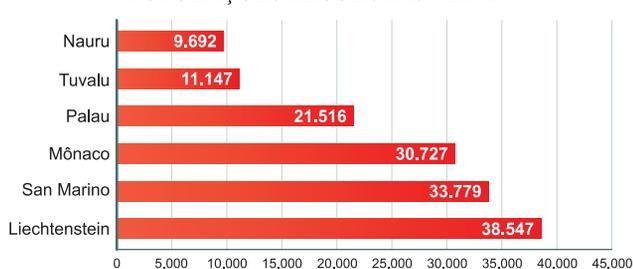
(Disponível em: <<https://www.cia.gov/library>>.
Acesso em: set. 2019.)

PAÍSES EUROPEUS COM AS MAIORES
POPULAÇÕES ABSOLUTAS – 2018
(em milhões de habitantes)



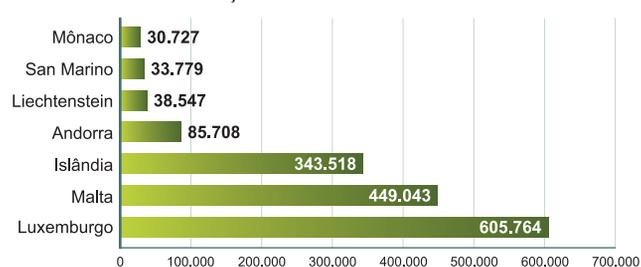
(Disponível em: <<https://www.cia.gov/library>>.
Acesso em: set. 2019.)

PAÍSES MUNDIAIS COM AS MENORES
POPULAÇÕES ABSOLUTAS – 2018



(Disponível em: <<https://www.cia.gov/library>>.
Acesso em: set. 2019.)

PAÍSES EUROPEUS COM AS MENORES
POPULAÇÕES ABSOLUTAS – 2018



(Disponível em: <<https://www.cia.gov/library>>. Acesso em: set. 2019.)

Países com as maiores expectativas de vida – 2018
(estimativa)

Posição no ranking mundial	País	Expectativa de vida (em anos)
1. ^a	Mônaco	89,4
2. ^a	Japão	85,5
3. ^a	Cingapura	85,5
4. ^a	San Marino	83,4
5. ^a	Islândia	83,1
6. ^a	Andorra	82,9
7. ^a	Israel	82,7
8. ^a	Malta	82,7
9. ^a	Suíça	82,7
10. ^a	Coreia do Sul	82,5
11. ^a	Austrália	82,4

(Disponível em: <<https://www.cia.gov/library>>.
Acesso em: set. 2019.)

Países com as menores expectativas de vida – 2018
(estimativa)

Posição no ranking mundial	País	Expectativa de vida (em anos)
214. ^a	República Democrática do Congo	58,1
215. ^a	Chade	57,5
216. ^a	Níger	56,3
217. ^a	Uganda	56,3
218. ^a	Moçambique	54,1
219. ^a	República Centro-Africana	53,3
220. ^a	Somália	53,2
221. ^a	Lesoto	53,0
222. ^a	Zâmbia	53,0
223. ^a	Afganistão	52,1

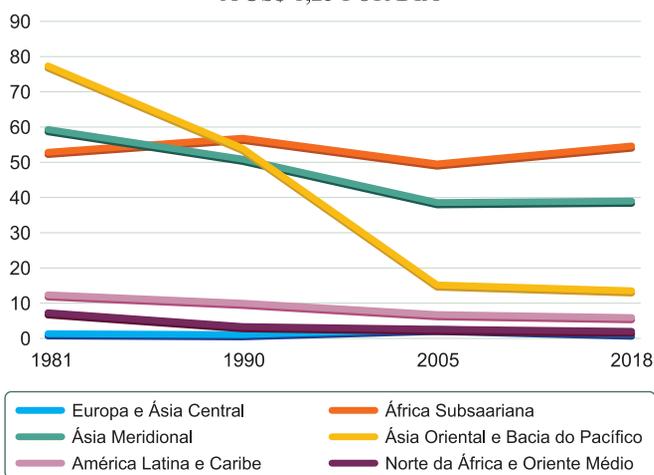
(Disponível em: <<https://www.cia.gov/library>>.
Acesso em: set. 2019.)

Países com as maiores expectativas de vida na Europa – 2018 (estimativa)		
Posição no ranking mundial	País	Expectativa de vida (em anos)
1. ^a	Mônaco	89,4
5. ^a	San Marino	83,4
7. ^a	Islândia	83,1
8. ^a	Andorra	82,9
11. ^a	Malta	82,7
12. ^a	Suíça	82,7
15. ^a	Itália	82,4
16. ^a	Luxemburgo	82,4
17. ^a	Suécia	82,2
19. ^a	França	82,0
21. ^a	Liechtenstein	82,0

Países com as menores expectativas de vida na Europa – 2018 (estimativa)		
Posição no ranking mundial	País	Expectativa de vida (em anos)
88. ^a	Hungria	76,3
96. ^a	Macedônia	75,9
98. ^a	Sérvia	75,9
106. ^a	Romênia	75,6
110. ^a	Lituânia	75,2
118. ^a	Letônia	74,9
119. ^a	Bulgária	74,8
139. ^a	Belarus	73,2
148. ^a	Ucrânia	72,4
153. ^a	Moldova	71,3

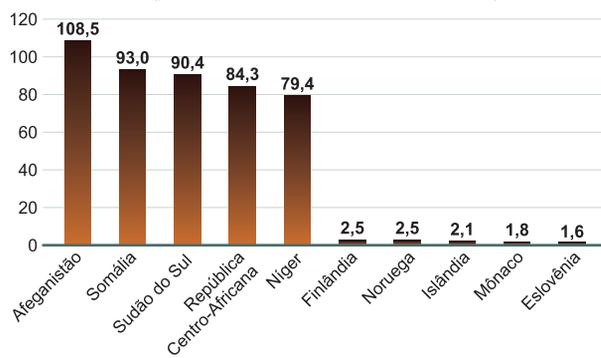
(Disponível em: <<https://www.cia.gov/library>>. Acesso em: set. 2019.)

PERCENTUAL DA POPULAÇÃO COM RENDA INFERIOR A US\$ 1,25 POR DIA



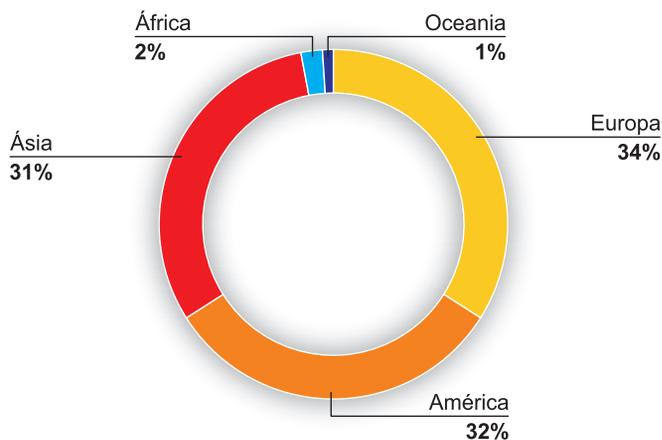
(Disponível em: <<https://www.cia.gov/library>>. Acesso em: set. 2019.)

TAXA DE MORTALIDADE INFANTIL – 2018 (para cada 1000 habitantes, estimativa)



(Disponível em: <<https://www.cia.gov/library>>. Acesso em: set. 2019.)

PRODUTO INTERNO BRUTO GLOBAL – 2018 US\$ 84,567 trilhões (participação percentual por continente)



(Disponível em: <<https://www.cia.gov/library>>. Acesso em: set. 2019.)

2. Divisão política

Em virtude da complexidade étnica, linguística e religiosa de seus povos, acentuada através de longa e agitada história, a Europa encontra-se muito dividida do ponto de vista político.

Europa Setentrional					
	País	Capital	População absoluta	População relativa (hab./km ²)	Área (km ²)
1	Noruega	Oslo	5.372.191	16,95	323.802
2	Suécia	Estocolmo	10.040.995	22,29	450.295
3	Finlândia	Helsinki	5.537.364	16,37	338.145
4	Dinamarca	Copenhague	5.809.502	134,80	43.094
5	Islândia	Reikjavik	343.518	3,33	103.000
Total			27.103.570	21,53	1.258.336

Europa Centro-Setentrional					
	País	Capital	População absoluta	População relativa (hab./km ²)	Área (km ²)
6	Reino Unido	Londres	65.105.246	267,25	243.610
7	Eire ou República da Irlanda	Dublin	5.068.050	72,11	70.273
8	Países Baixos (Holanda)	Amsterdã	17.151.228	412,85	41.543
9	Bélgica	Bruxelas	11.570.762	379,02	30.528
10	Luxemburgo	Luxemburgo	605.764	234,24	2.586
11	França	Paris	67.364.357	104,63	643.801
Total			166.865.407	161,63	1.032.341

Europa Central					
	País	Capital	População absoluta	População relativa (hab./km ²)	Área (km ²)
12	Alemanha	Berlim	80.457.737	225,35	357.022
13	Suíça	Berna	8.292.809	200,90	41.277
14	Áustria	Viena	8.793.370	104,84	83.871
15	Polônia	Varsóvia	38.420.687	122,87	312.685
16	República Tcheca	Praga	10.686.269	135,49	78.867
17	Eslováquia	Bratislava	5.445.040	111,24	49.035
18	Liechtenstein	Vaduz	38.547	240,91	160
19	Hungria	Budapeste	9.825.704	105,33	93.028
20	Romênia	Bucareste	21.457.116	90,00	238.391
Total			183.417.279	146,23	1.254.286

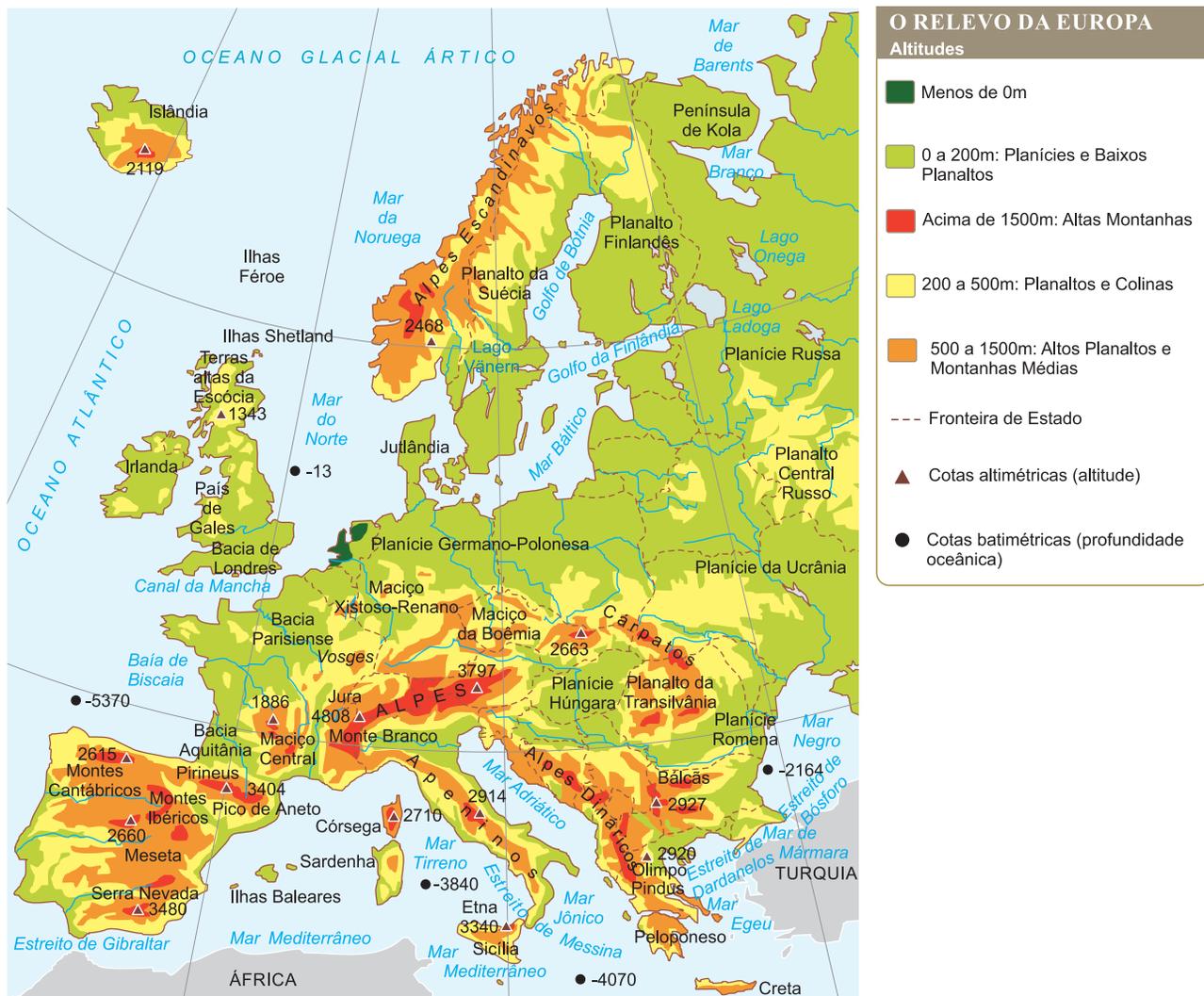
Europa Meridional					
	País	Capital	População absoluta	População relativa (hab./km ²)	Área (km ²)
21	Portugal	Lisboa	10.355.493	112,44	92.090
22	Espanha	Madri	49.331.076	97,61	505.370
23	Andorra	Andorra-a-Velha	85.708	183,13	468
24	Itália	Roma	62.246.674	206,56	301.340
25	San Marino	Cidade de San Marino	33.779	553,75	61
26	Sérvia	Belgrado	7.078.110	91,36	77.474
27	Eslovênia	Liubliana	2.102.126	103,69	20.273
28	Croácia	Zagreb	4.270.480	75,45	56.594
29	Bósnia-Herzegovina	Sarajevo	3.849.891	75,19	51.197
30	Macedônia do Norte	Escópia	2.118.945	82,40	25.713
31	Bulgária	Sófia	7.057.504	63,65	110.879
32	Albânia	Tirana	3.057.220	106,34	28.748
33	Grécia	Atenas	10.761.523	81,55	131.957
34	Principado de Mônaco	Monaco-Ville	30.727	15.363,50	2
35	Malta	Valetta	449.043	1.421,02	316
36	Cidade-Estado do Vaticano (em Roma)	—	1.000	2.272,72	0,44
37	Montenegro	Podgórica	614.249	44,47	13.812
38	Kosovo	Pristina	1.907.592	175,21	10.887
39	Chipre	Nicósia	1.237.088	133,72	9.251
Total			166.588.228	115,73	1.439.432,44

Europa Oriental					
	País	Capital	População absoluta	População relativa (hab./km ²)	Área (km ²)
40	Rússia	Moscou	142.122.776	8,32	17.075.043
41	Lituânia	Vilna	2.793.284	42,77	65.300
42	Letônia	Riga	1.923.559	29,78	64.589
43	Estônia	Tallinn	1.244.288	27,51	45.228
44	Ucrânia	Kiev	43.952.299	72,82	603.550
45	Belarus	Minsk	9.527.543	45,89	207.600
46	Geórgia	Tbilisi	4.003.000	57,43	69.700
47	Armênia	Erevan	3.038.217	101,95	29.800
48	Azerbaijão	Baku	10.046.516	116,01	86.600
49	Moldova	Chisinau	3.437.720	101,55	33.851
Total			190.822.191	36,93	5.166.920
Europa			734.796.675	72,38	10.151.315,44

Dados: 2018.

3. Relevo

- **Centro-Norte** – velhos maciços montanhosos, como Alpes Escandinavos, Vosges, Maciço Central, Maciço Xistoso-Renano e Maciço da Boêmia.
- **Centro** – predominam como forma de relevo extensas planícies sedimentares, a exemplo das Bacias de Londres, Parisiense, Germano-Polonesa e Russa (a mais extensa do grupo).
- **Sul** – maciços montanhosos recentes (terciários). Essa área ainda não completou sua formação geológica; por essa razão, é vulnerável aos tremores de terras (terremotos). Nessa região, surgem os Pirineus, Alpes, Apeninos, Cárpatos, Alpes Dináricos, Balcãs e Cadeia do Cáucaso.



4. Hidrografia

O **Rio Volga** é o mais extenso rio europeu (3.688 km). Nasce no Planalto de Valdai, atravessa a Planície Russa e desemboca no Mar Cáspio. Ele banha a cidade de Volgogrado (antiga Stalingrado), entre outras.

O **Rio Reno** é o mais importante rio europeu, por nele ser intenso o transporte de matérias-primas e produtos industrializados. Nasce nos Alpes (suíços), atravessa o Lago Constança, passa por um pequeno trecho da França, liga a grande região industrial da Alemanha e desemboca no Mar do Norte (na Holanda). Junto à desembocadura deste, encontra-se o Porto de Roterdã, o maior porto da Europa.

O **Rio Danúbio** é o rio “internacional” da Europa, pois atravessa vários países: Alemanha, Áustria, República Tcheca, Eslováquia, Hungria, Sérvia, Bulgária e Romênia. Banha as cidades de Viena, Budapeste e Belgrado. Sua foz faz a fronteira entre a Romênia e a Ucrânia.

Alguns rios banham cidades importantes, como:

- **Rio Tejo** – Lisboa
- **Rio Sena** – Paris
- **Rio Tâmesa** – Londres
- **Rio Tibre** – Roma
- **Rio Pó** – norte da Itália
- **Rio Vístula** – Varsóvia (Polônia)

PRINCIPAIS RIOS DA EUROPA



Canal Reno-Meno-Danúbio

No continente europeu, há a **ligação do Mar do Norte com o Mar Negro** através dos Rios Reno, Meno e Danúbio. Embarcações de carga partem regularmente do Porto de Roterdã, na Holanda, seguindo pelos Rios Reno e Meno e, depois, pelo chamado **Canal Reno-Meno-Danúbio**, de 171km de extensão, para, então, entrar no Danúbio e alcançar o Mar Negro.

RIO DANÚBIO



A hidrovia Reno-Meno-Danúbio facilitou o acesso aos países da Europa Oriental. Tem 3.500 km de extensão e foi concluída em 1992. Está dividida em 4 trechos principais:

- 1 – Vai de Roterdã (Rio Reno ao Rio Meno) à cidade de Mainz. Tem 539 km.
- 2 – Se estende do rio Meno até Bamberg. Tem 384 km.
- 3 – Corresponde ao Canal; vai da cidade de Bamberg à cidade de Kelheim. Tem 171 km.
- 4 – Vai do Rio Danúbio (Kelheim) até o Mar Negro. Tem 2411 km.





5. Lagos

A Finlândia é conhecida como o país dos lagos – os de origem glacial que lá existem são aproximadamente 40.000.

Na Rússia, situam-se os maiores lagos europeus, como o Ladoga e o Onega.

Na Suíça, em plena região alpina, estão lagos de rara beleza, como o Genebra e o Constança.

6. Litoral

O litoral europeu apresenta muitos recortes, daí o fato de as áreas peninsulares e insulares da Europa corresponderem, respectivamente, a 19% e 18% do total das terras do continente.

O litoral da Noruega caracteriza-se pela presença de fiordes, que são antigos vales glaciais.

Ligando o Mar Negro ao Mar de Mármara, temos o Estreito de Bósforo; ligando o Mar de Mármara ao Mar Egeu, o Estreito de Dardanelos.

O Estreito de Gibraltar está situado entre a Espanha e o Marrocos (África), enquanto o Canal da Mancha fica entre a França e a Inglaterra.

7. Clima e Vegetação

O clima europeu caracteriza-se por ser predominantemente temperado. É influenciado por vários fatores: latitude, relevo, maritimidade, Corrente do Golfo e ventos dominantes.

- **Latitude** – a Europa encontra-se quase totalmente localizada na zona temperada do hemisfério norte (a maior parte de suas terras está compreendida entre os paralelos de 40° e 50° de latitude norte). Uma pequena parte do continente situa-se na Zona Polar Ártica.
- **Relevo** – apesar das suas cadeias montanhosas, a disposição do relevo europeu favorece a penetração dos ventos de oeste, predominantes no centro do continente e nas planícies orientais.
- **Maritimidade** – o Oceano Atlântico influencia os fenômenos climáticos. A forma recortada do continente europeu faz com que suas áreas ocidentais estejam à distância máxima de 500 km do litoral ocidental e suas áreas orientais estejam à distância máxima de 800 km do litoral oriental. Na **Europa Ocidental, ocorre o clima moderado marítimo**. Os invernos dessa região são suaves e os verões, brandos. Na **Europa Oriental, ocorre o clima continental**, caracterizado por verões quentes e invernos rigorosos.
- **Corrente do Golfo** – corrente marítima quente que atenua o inverno no noroeste da Europa, provocando aumento nas médias térmicas da região.
- **Ventos dominantes** – predominam, na Europa, os **ventos de oeste**; eles levam para o interior do continente as influências do Oceano Atlântico.

Tipos de clima e de vegetação

- **Europa Setentrional** – inclui partes da Noruega, Suécia, Finlândia e norte da Rússia. Nessa porção do continente, **ocorre o clima polar e a vegetação de tundra**.
- **Europa Ocidental e parte da Central** – porção da Europa que apresenta **clima temperado oceânico e florestas de folhas caducas** (que caem durante o inverno).
- **Europa Norte-Oriental** – inclui Noruega, Suécia, Finlândia e Rússia. Trata-se da porção do continente europeu em que **o clima é temperado frio e a vegetação corresponde à floresta boreal de coníferas**.
- **Centro-Sul da Europa** – inclui Rússia, Ucrânia, Hungria e Espanha. Nessa região do continente, ocorre o **clima temperado continental** (seco) e a vegetação de **estepes**.
- **Europa Mediterrânea** – nela, **o clima é mediterrâneo e a vegetação é de maquis e garrigue** (formações devastadas pela ação do homem).

O **clima temperado oceânico** caracteriza-se por chuvas abundantes e frequentes, verões não muito quentes e invernos não muito frios, amenizados pela Corrente Marítima quente do Golfo.

O **clima temperado continental** apresenta verões rigorosos e secos e invernos rigorosos com grandes nevadas.

O **clima mediterrâneo** caracteriza-se por verões quentes e secos e invernos pouco frios e com chuvas.



Ainda em relação ao clima europeu, podemos destacar o *fog*, que é um denso nevoeiro característico das ilhas britânicas, e o *smog*, que é o *fog* misturado com a poluição atmosférica – o fenômeno foi controlado pelas autoridades britânicas.

O *fog* (palavra inglesa que significa “nevoeiro”) é produto da condensação do vapor d’água exalado no Oceano Atlântico (no caso, o Mar do Norte). O vapor condensa quando da passagem da Corrente do Golfo (quente). Durante vários dias do ano, o *fog* envolve parte das Ilhas Britânicas.

Na década de 1950, ocorreu o *smog*, ou seja, o *fog* londrino se misturou com a fumaça de fábricas inglesas, que procuravam restaurar o crescimento econômico no pós-Segunda Guerra Mundial. A nuvem tóxica produzida foi de tal intensidade, que matou cerca de 200 pessoas, obrigando o governo a intervir, de forma a controlar a poluição atmosférica.

Um ambiente de expectativas, indefinição e, principalmente, de divergências e impasse antecedeu os preparativos para a **15.ª Conferência das Partes (COP15) da Convenção das Nações Unidas sobre Mudança Climática, ou Convenção do Clima**, realizada entre 7 e 18 de dezembro de 2009, em Copenhague, na Dinamarca. Esperava-se da conferência, que contou com representantes de 189 países, um acordo global para uma segunda etapa do Protocolo de Kyoto, o que não ocorreu. O impasse se manteve na **Rio+20 – Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável**: o documento oficial elaborado a partir da reunião não trouxe metas e prazos para temas centrais, mas adiamentos e pedidos de estudos.

Apenas na **21.^a Conferência das Partes (COP21) da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (UNFCCC)**, realizada entre 30 de novembro e 11 de dezembro de 2015, estabeleceu-se um novo acordo global para combater os efeitos das mudanças climáticas e reduzir as emissões de gases de efeito estufa. O documento recebeu o nome **Acordo de Paris** e foi aceito também por países que não haviam aprovado o Protocolo de Kyoto, como os EUA e a China. Mesmo modesto em termos de objetivos quanto ao controle de poluição, acabou abandonado pelos EUA em 2017, sob a alegação de que atrapalharia o desenvolvimento desse país.

Cop-25: Brasil tenta bloquear acordo, mas discussões terminam em compromisso por metas mais rigorosas

Quase 200 países participaram da Cop-25 (conferência do clima da ONU). Exaustas após madrugadas seguidas de negociações, as delegações presentes no encontro conseguiram chegar a um acordo sobre a questão crucial de aumentar a mobilização global por cortes nas emissões de carbono e endurecer metas.

Segundo o pacto, todos os países precisarão apresentar novas promessas climáticas na próxima grande conferência prevista para o ano que vem em Glasgow.

Mas soluções para outras questões controversas, incluindo os chamados mercados de carbono foram adiadas até a próxima reunião.

O que ficou combinado?

Todos os países presentes deverão dar respostas efetivas ao vácuo entre o que os cientistas dizem ser necessário para evitar mudanças climáticas perigosas e as medidas tomadas atualmente - que no ritmo em que estão levariam o mundo a ultrapassar o limite para mudanças irreversíveis já nos anos 2030.

No entanto, o acordo conseguiu ser assinado prevendo que as nações mais ricas tenham que provar que cumpriram suas promessas sobre mudanças climáticas nos anos anteriores a 2020.

Muitos dos presentes ficaram insatisfeitos com o pacote final.

Para eles, o resultado não reflete a urgência sobre o tema. Ao mesmo tempo, os negociadores mostram satisfação por, ao menos, terem conseguido manter o processo de luta contra as mudanças climáticas vivo após as longas e complexas discussões de Madrid.

Quais são as evidências do aquecimento global?

Registros de temperaturas desde o século 19 mostram que a temperatura média da superfície da Terra cresceu 0,8°C nos últimos cem anos. Quase 0,6°C desse total ocorreu nas últimas três décadas.

Os 20 anos mais quentes já registrados ocorreram nos últimos 22 anos, liderados pelo período entre 2015 e 2018.

Ao redor do planeta, o nível médio do mar cresceu 3,6 mm por ano entre 2005 e 2015. A maior parte dessa mudança ocorre em razão da expansão térmica da água do mar. Com o aumento da temperatura dela, as moléculas se tornam menos densas, levando ao aumento do volume do oceano.

Desde 1979, imagens de satélite mostram um declínio dramático na extensão de gelo no Ártico, a uma velocidade de 4% por década. Em 2012, essa faixa atingiu seu patamar mais baixo, que é 50% menor que a média entre 1979 e 2000.

A camada de gelo na Groenlândia tem passado por um derretimento recorde nos últimos anos. Se todo esse gelo derreter, elevaria os níveis do mar em 6 metros.

Dados de satélite mostram que a camada de gelo oeste da Antártida também está perdendo massa, e um estudo recente indicou que o lado leste da região, que não tem apresentado qualquer tendência de aquecimento ou resfriamento, pode ter começado a perder massa nos últimos anos.

Mas cientistas não esperam mudanças drásticas. Em alguns lugares, a massa pode inclusive crescer, já que o aumento da temperatura pode levar à produção de mais neve.

Os efeitos das mudanças climáticas também podem ser vistos na vegetação e nos pastos. Eles incluem mudanças nos ciclos de vida das plantas, como uma floração antecipada, e alterações nos territórios ocupados por animais.

O aquecimento global causará algumas mudanças que provavelmente levarão a mais aquecimento, como a liberação de grandes quantidades de metano dos gases de efeito estufa à medida que derrete o permafrost (solo permanentemente congelado encontrado principalmente no Ártico). Isso é conhecido como feedback positivo sobre o clima.

(BBC. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-50800984>>. Adaptado.)

PAISAGENS VEGETAIS EUROPEIAS



Vegetação original do continente europeu.

8. População

Em 2018, a população da Europa, incluindo a da Rússia europeia, era de **734.796.675 milhões de habitantes**. O continente europeu é caracterizado por **elevada densidade demográfica (72,38 hab./km²** em 2018) e alta taxa de urbanização (**74,1%**, 5%, em 2018).

As regiões europeias com mais de 100 hab./km² estendem-se em duas faixas: a primeira inclui a Grã-Bretanha, o norte da França, a Bélgica, a Holanda e o oeste da Alemanha, prolongando-se até o norte da Itália; a segunda abrange a República Tcheca, a Eslováquia e o sul da Polónia. Essas duas faixas de grande concentração populacional correspondem às áreas industriais mais importantes da Europa.

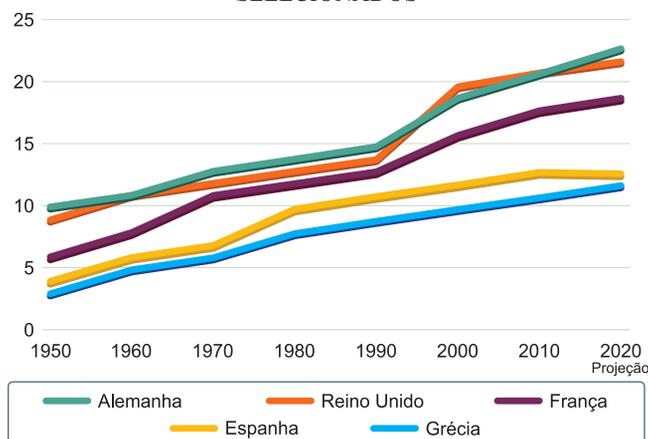
A população cresce lentamente nos países europeus, pois os índices de natalidade neles registrados são bastante baixos (inferiores a 20 por mil).

- **Os países mais populosos da Europa** são Rússia, Alemanha, França, Reino Unido, Itália, Espanha e Ucrânia.

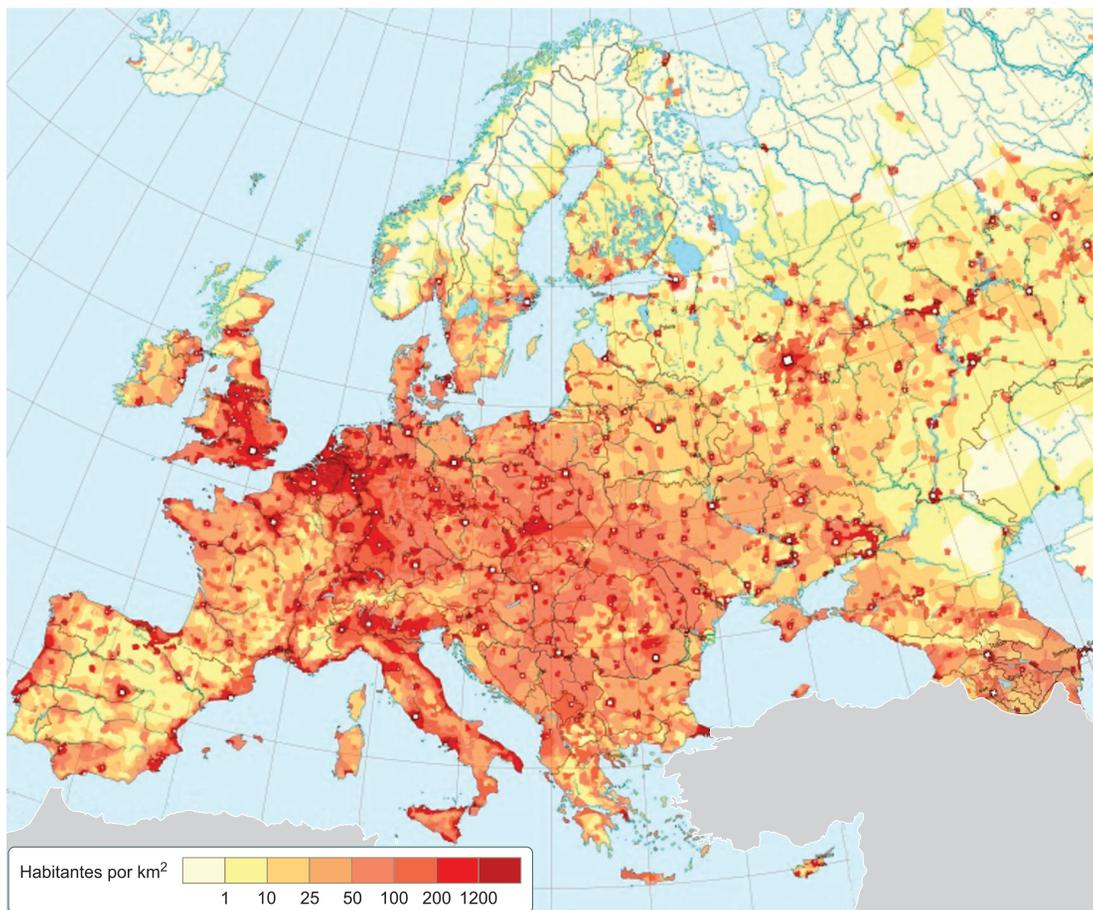
- **Os países mais povoados da Europa** são Mônaco, Malta, Países Baixos, Bélgica e Reino Unido.
- **As maiores cidades europeias** são Londres, Paris e Moscou.

Deve-se destacar a intensa urbanização do Reino Unido, da França, Finlândia, Noruega, Holanda e Suécia.

EVOLUÇÃO DO PERCENTUAL DE PESSOAS IDOSAS (COM 65 ANOS OU MAIS), EM PAÍSES EUROPEUS SELECIONADOS



EUROPA – DENSIDADES DEMOGRÁFICAS



Densidade demográfica média dos continentes – 2018	
Ásia	92,3
Europa	72,3
África	36,1
América	24,6
Oceania	4,6

Observa-se que, na Europa, as áreas de maiores densidades populacionais estão no **noroeste** e os maiores vazios populacionais estão na porção **nórdica** do continente.

Continente ou país	População urbana 1980 (%)	População rural 1980 (%)	População urbana 2018 (%)	População rural 2018 (%)
Europa Central e do Báltico	61	39	62	38
Europa e Ásia Central	68	32	72	28
Ásia Meridional	25	75	34	66
Ásia Oriental e Pacífico	34	66	59	41
África Subsaariana	27	73	40	60
África Setentrional e Oriente Médio	55	45	62	38
América Latina e Caribe	71	29	81	19
América do Norte	75	25	82	18
Hungria	66	34	71	29
Irlanda	57	43	63	37
Finlândia	79	21	85	15
França	74	26	80	20
Noruega	72	28	82	18
Países Baixos	69	31	91	9
Portugal	48	52	65	35
Reino Unido	78	22	83	17
Suécia	83	17	87	13
Suíça	74	26	74	26

(Disponível em: <<https://datos.bancomundial.org/indicador/SP.URB.TOTL.IN.ZS?view=chart>>. Acesso em: 29 out. 2019.)

A Europa é, no geral, densamente povoada. Países como a Holanda e a Bélgica apresentam densidades demográficas superiores a 300 hab./km². Mas há também alguns países europeus, como a Suécia, 22,29 hab./km² e a Estônia, 27,51 hab./km² em que a densidade populacional é semelhante à do Brasil.

O **crescimento populacional da Europa** é caracterizado pela acentuada queda da natalidade e pelo aumento da expectativa de vida. Tal situação resulta em um crescimento vegetativo que tende a zero e ou em um crescimento negativo, pois a mortalidade de idosos não tem sido compensada por novos nascimentos.

A porção ocidental da Europa atraiu grandes fluxos migratórios originários da Europa Oriental, do Oriente Médio e da África, e isso tem como consequência taxas positivas no saldo migratório, o que faz com que o total do crescimento populacional dessa região venha sendo levemente positivo ou venha mantendo a tendência de crescimento zero.

Desemprego cai na Europa para 7,5%

De acordo com dados divulgados em 31 de julho de 2019 pelo Eurostat (Gabinete de Estatísticas da União Europeia), a taxa de desemprego na Zona do Euro recuou para 7,5% em junho de 2019, após se ter fixado em 7,6% em maio de 2019, e em 8,2% em maio de 2018.

Quanto à média da União Europeia (UE), **a taxa de desemprego fixou-se em 6,3% em junho de 2019**, mantendo-se inalterada por conta da percentagem registrada em maio de 2019 e baixando relativamente a junho de 2018, quando atingiu 6,8%.

Esta é, segundo o Eurostat, a taxa de desemprego mais baixa na União Europeia desde janeiro de 2000.

Em Portugal, o desemprego fixou-se em 6,7% em junho de 2019, acima dos 6,6% de maio de 2019, mais abaixo dos 6,9% de maio de 2018.

Mantendo a tendência anteriormente verificada, os Estados-Membros com taxas de desemprego mais elevadas, são a Grécia (17,6%), Espanha (14%), Itália (9,7%), França (8,7%) e Croácia (7,1%).

As taxas de desemprego mais baixas estão na República Tcheca (1,9%), Alemanha (3,1%), Hungria, Malta e Holanda (3,4% nos três países).

Em valores absolutos, existiam em Portugal, em junho de 2019, 344 mil desempregados, enquanto na Zona do Euro eram quase 12,4 milhões e na UE 15,7 milhões.

(Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2019-07/desemprego-cai-na-europa-para-75>>.)

Grupos étnico-linguísticos da Europa

Os europeus não formam um grupo étnico uniforme. Os diversos povos que habitavam a Europa na Pré-História realizaram vários cruzamentos entre si. A partir da invasão do continente europeu pelos bárbaros provenientes da Ásia, houve novos cruzamentos. A população europeia é o resultado dessa mistura racial e está dividida em nove grupos. São eles:

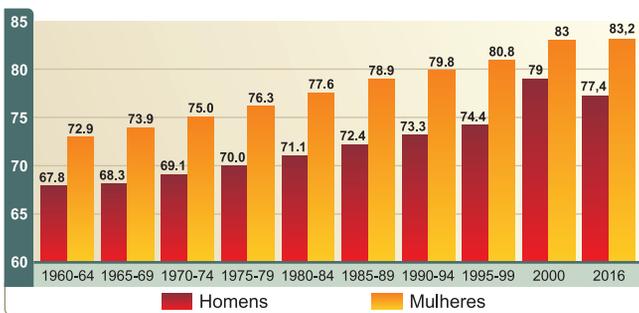
1. **germanos** – população formada, principalmente, por ingleses, holandeses, belgas e alemães;
2. **latinos** – italianos, portugueses, espanhóis e franceses;
3. **eslavos** – russos, ucranianos, poloneses (povos da Europa Central e Oriental);
4. **greco-ilírios** – gregos, albaneses e romenos;
5. **fino-úgricos** – finlandeses, húngaros, lapões etc.;
6. **celtíberos** – irlandeses, galeses (País de Gales), bascos etc.;
7. **turco-búlgaros** – turcos e búlgaros;
8. **leto-lituanos** – letonianos e lituanos;
9. **judeus** – encontram-se espalhados por todos os países da Europa.

CULTURAS EUROPEIAS – DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL

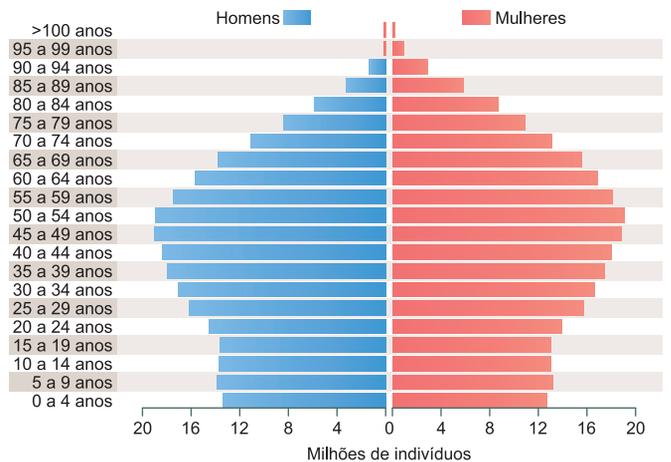


Os grandes grupos de povos da Europa. Cada grupo se subdivide em muitos outros.

ESPERANÇA DE VIDA (HOMENS E MULHERES) NOS PAÍSES DA UNIÃO EUROPEIA (UE-15)



EUROPA – PIRÂMIDE ETÁRIA (2018)



RANKING DE 189 PAÍSES DE ACORDO COM O ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO – 2018 (PUBLICADO EM 2019)

Desenvolvimento humano MUITO ALTO		ALTO desenvolvimento humano		Desenvolvimento humano MÉDIO		Desenvolvimento humano BAIXO					
País	IDH/2018	País	IDH/2018	País	IDH/2018	País	IDH/2018				
1º	Noruega	0,954	63º	Sérvia	0,799	117º	Ilhas Marshall	0,698	154º	Síria	0,549
2º	Suíça	0,946	63º	Trinidad e Tobago	0,799	118º	Vietnã	0,693	155º	Papua-Nova Guiné	0,543
3º	Irlanda	0,942	65º	Irã	0,797	119º	Palestina	0,690	156º	Comores	0,538
4º	Alemanha	0,939	66º	Maurício	0,796	120º	Iraque	0,689	157º	Ruanda	0,536
4º	Hong Kong, China (SAR)	0,939	67º	Panamá	0,795	121º	Marrocos	0,676	158º	Nigéria	0,534
6º	Austrália	0,938	68º	Costa Rica	0,794	122º	Quirguistão	0,674	159º	Tanzânia	0,528
6º	Islândia	0,938	69º	Albânia	0,791	123º	Guiana	0,670	159º	Uganda	0,528
8º	Suécia	0,937	70º	Geórgia	0,786	124º	El Salvador	0,667	161º	Mauritânia	0,527
9º	Singapura	0,935	71º	Sri Lanka	0,780	125º	Tadjiquistão	0,656	162º	Madagascar	0,521
10º	Países Baixos	0,933	72º	Cuba	0,778	126º	Cabo Verde	0,651	163º	Benim	0,520
11º	Dinamarca	0,930	73º	S. Cristóvão e Névis	0,777	126º	Guatemala	0,651	164º	Lesoto	0,518
12º	Finlândia	0,925	74º	Antígua e Barbuda	0,776	126º	Nicarágua	0,651	165º	Costa do Marfim	0,516
13º	Canadá	0,922	75º	Bósnia-Herzegovina	0,769	129º	Índia	0,647	166º	Senegal	0,514
14º	Nova Zelândia	0,921	76º	México	0,767	130º	Namíbia	0,645	167º	Togo	0,513
15º	Reino Unido	0,920	77º	Tailândia	0,765	131º	Timor Leste	0,626	168º	Sudão	0,507
15º	Estados Unidos	0,920	78º	Granada	0,763	132º	Honduras	0,623	169º	Haiti	0,503
17º	Bélgica	0,919	79º	Brasil	0,761	132º	Quiribati	0,623	170º	Afganistão	0,496
18º	Liechtenstein	0,917	79º	Colômbia	0,761	134º	Butão	0,617	171º	Djibouti	0,495
19º	Japão	0,915	81º	Armênia	0,760	135º	Bangladesh	0,614	172º	Malawi	0,485
20º	Áustria	0,914	82º	Argélia	0,759	135º	Micronésia	0,614	173º	Etiópia	0,470
21º	Luxemburgo	0,909	82º	Macedônia	0,759	137º	São Tomé e Príncipe	0,609	174º	Gâmbia	0,466
22º	Israel	0,906	82º	Peru	0,759	138º	Congo	0,608	174º	Guiné	0,466
22º	Coreia (República da)	0,906	85º	China	0,758	138º	Suazilândia	0,608	176º	Libéria	0,465
24º	Eslovênia	0,902	85º	Equador	0,758	140º	Laos	0,604	177º	Iêmen	0,463
25º	Espanha	0,893	87º	Azerbaijão	0,754	141º	Vanuatu	0,597	178º	Guiné-Bissau	0,461
26º	República Checa	0,891	88º	Ucrânia	0,750	142º	Gana	0,596	179º	Congo (Rep. Democ.)	0,459
26º	França	0,891	89º	República Dominicana	0,745	143º	Zâmbia	0,591	180º	Moçambique	0,446
28º	Malta	0,885	89º	Santa Lúcia	0,745	144º	Guiné Equatorial	0,588	181º	Serra Leoa	0,438
29º	Itália	0,883	91º	Tunísia	0,739	145º	Mianmar	0,584	182º	Burkina Fasso	0,434
30º	Estônia	0,882	92º	Mongólia	0,735	146º	Camboja	0,581	182º	Eritreia	0,434
31º	Chipre	0,873	93º	Libano	0,730	147º	Quênia	0,579	184º	Mali	0,427
32º	Grécia	0,872	94º	Botsuana	0,728	147º	Nepal	0,579	185º	Burundi	0,423
32º	Polónia	0,872	94º	São Vicente e Gran.	0,728	149º	Angola	0,574	186º	Sudão do Sul	0,413
34º	Lituânia	0,869	96º	Jamaica	0,726	150º	Camarões	0,563	187º	Chade	0,401
35º	Emirados Árabes Unidos	0,866	96º	Venezuela	0,726	150º	Zimbábue	0,563	188º	Rep. Centro-Africana	0,381
36º	Andorra	0,857	98º	Dominica	0,724	152º	Paquistão	0,560	189º	Niger	0,377
36º	Arábia Saudita	0,857	98º	Ilhas Fiji	0,724	153º	Ilhas Salomão	0,557			
36º	Eslováquia	0,857	98º	Paraguai	0,724						
39º	Letônia	0,854	98º	Suriname	0,724						
40º	Portugal	0,850	102º	Jordânia	0,723						
41º	Qatar	0,848	103º	Belize	0,720						
42º	Chile	0,847	104º	Maldivas	0,719						
43º	Brunei Darussalam	0,845	105º	Tonga	0,717						
43º	Hungria	0,845	106º	Filipinas	0,712						
45º	Bahrein	0,838	107º	Moldávia	0,711						
46º	Croácia	0,837	108º	Turcomenistão	0,710						
47º	Omã	0,834	108º	Uzbequistão	0,710						
48º	Argentina	0,830	110º	Libia	0,708						
49º	Federação Russa	0,824	111º	Indonésia	0,707						
50º	Bielorrússia	0,817	111º	Samoa	0,707						
50º	Cazaquistão	0,817	113º	África do Sul	0,705						
52º	Bulgária	0,816	114º	Bolívia	0,703						
52º	Montenegro	0,816	115º	Gabão	0,702						
52º	Romênia	0,816	116º	Egito	0,700						
55º	Palau	0,814									
56º	Barbados	0,813									
57º	Kuwait	0,808									
57º	Uruguai	0,808									
59º	Turquia	0,806									
60º	Bahamas	0,805									
61º	Malásia	0,804									
62º	Seychelles	0,801									

hdr.undp.org/en/content/2019-human-development-index-ranking
Visto em 09 dez. 2019 (Adaptado).

IDH – Índice de Desenvolvimento Humano 2019

No ranking do IDH 2019, a Noruega, repetindo as edições anteriores, ocupa o primeiro lugar. Entre os 10 (dez) primeiros países deste ranking 7 (sete) são países europeus.

A Europa apresenta a melhor colocação entre os continentes. Todos os países do continente têm IDH classificado como **Alto** ou **Muito Alto**.

A Moldova, na 107.^a posição, com um IDH 0,711, considerado Alto, é o país europeu com a pior colocação, seguida da Ucrânia 88.^a, IDH 0,750 e da Macedônia 82.^a IDH 0,759.

A Romênia, da 52.^a posição, com IDH 0,816, considerado Muito Alto, é o membro da União Europeia com a pior classificação.

Desigualdade de gênero no trabalho só acabará daqui a 257 anos, aponta Fórum Econômico Mundial

A desigualdade de gênero no local de trabalho aumentou este ano e, nesse ritmo, teremos que esperar 257 anos para alcançar a paridade, alertou o Fórum Econômico Mundial (WEF).

O relatório anual do órgão, elaborado em 153 países, contempla a paridade entre homens e mulheres nas áreas de saúde, educação, trabalho e política. O estudo registrou melhorias em todas as áreas, exceto na trabalhista. O avanço neste ano é atribuído em grande parte ao aumento significativo do número de mulheres na política.

As áreas da escolaridade e da saúde estão bem próximas da paridade (96,1% e 95,7% respectivamente).

Já quando o assunto é mercado de trabalho, o indicador não é dos melhores. Apesar da diferença ser menor do que era há quinze anos, a desigualdade subiu em 2019 chegando a 257 anos, contra os 202 do ano anterior, com uma diferença salarial global de 40%.

Os países nórdicos continuam a dar o exemplo em termos de igualdade. A Islândia ainda é o país mais igualitário do mundo, seguido pela Noruega, Finlândia e Suécia. Entre as outras 10 principais economias estão Nicarágua, Nova Zelândia, Irlanda, Espanha, Ruanda e Alemanha.

Na América Latina e no Brasil, mantido o ritmo atual, a desigualdade entre homens e mulheres vai demorar pelo menos 59 anos para desaparecer, segundo o estudo. Na Europa Ocidental, o tempo é estimado em 54 anos. Já o leste da Ásia, serão necessários mais 163 anos.

Desigualdade salarial: mulheres recebem 20% menos que homens

A situação geral de paridade difere, no entanto, de acordo com países e regiões.

Por regiões, a Europa Ocidental é a mais avançada em termos de paridade pelo 14.º ano consecutivo, já compensando 77% das diferenças entre os sexos, embora, na taxa atual, demore 54 anos para alcançar a igualdade.

Entre as 20 principais economias do mundo, a Alemanha ocupa a melhor posição no ranking de igualdade de gênero, na décima posição, seguida pela França (15.ª), Canadá (19.ª) e Reino Unido (21.ª).

(France Presse. Disponível em: <<https://valor.globo.com/brasil/noticia/2019/12/18/igualdade-de-genero-no-brasil-pode-levar-6-decadas.ghtml>>. Adaptado.)

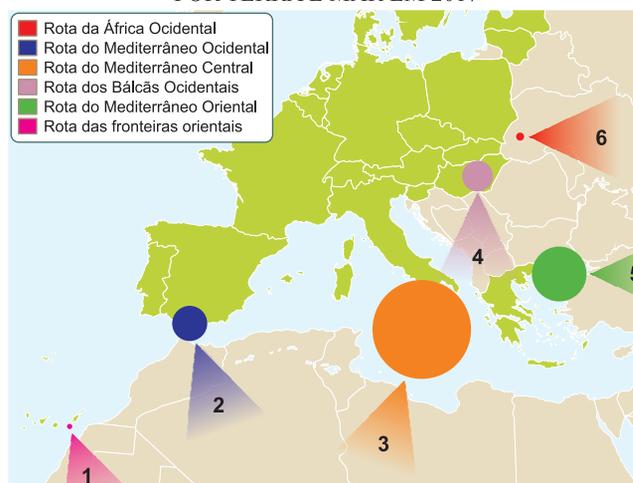
Correntes migratórias

A Europa sempre foi um continente de intensas correntes migratórias.

A partir da década de 1950, como consequência do surgimento do Mercado Comum Europeu (MCE), os movimentos migratórios, que, antes, se faziam para fora do continente, passam a ser internos. Nas décadas de 1960 e 1970, povos como o italiano (principalmente os italianos do Sul), o português, o espanhol e o grego foram em direção a países mais desenvolvidos (como a França, a Alemanha e a Suíça) à procura de emprego e acabaram por substituir parcialmente a mão de obra desses países, principalmente realizando serviços pesados, já que a população nativa, devido à evolução geral do seu nível de vida, vinha se dedicando a atividades de alta tecnologia.

Diante das oscilantes crises econômicas, a partir da década de 1970, o imigrante se tornou uma preocupação na Europa: no contexto de queda do número de empregos no continente, o fato de o trabalhador imigrante cobrar menos por seu trabalho em relação ao trabalhador nativo fez com que este perdesse espaço no mercado, o que acarretou situações xenófobas.

PRINCIPAIS ROTAS MIGRATÓRIAS PARA A UE POR TERRA E MAR EM 2017



PIB per capita	
Países	(US\$)
San Marino	49.847
Suécia	49.866
Islândia	50.855
Dinamarca	52.114
Estados Unidos	55.505
Noruega	74.822
Suíça	80.675
Luxemburgo	102.000

(FMI, 2015.)

A imigração para a Europa Ocidental intensificou na medida que o continente se recupera dos efeitos da Segunda Guerra Mundial e o processo de integração continental sugeria um crescimento econômico que demandava mão de obra. Somou-se a isso o envelhecimento gradativo da população europeia, decorrente da elevação do padrão socioeconômico e da queda acentuada da taxa de natalidade.

A imigração de turcos para a Alemanha e a de argelinos para a França destacam-se nos primeiros momentos da expansão da imigração para o continente europeu.

Com o fim da Guerra Fria a imigração para a Europa Ocidental se intensificou. O maior contingente de imigrantes naquela ocasião era oriunda do Leste europeu que passava por um processo de transição da forma de organização socialista para a economia de mercado. A partir do ano 2000 a origem dos imigrantes mudou, Passou a prevalecer imigrantes de origem africana, magrebins e subsaarianos e mais recentemente levantinos – de origem síria e afegã – principalmente, expulsos de seus países de origem por guerras, conflitos civis etc, que fez crescer entre os deslocados que afluem para a Europa, o número de refugiados.

(Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/amigra%C3%A7%C3%A3o-para-a-ue-em-n%C3%BAmeros/a-41846836>). Adaptado)

O desafio migratório na Itália em números

A questão migratória, depois de ter dominado a campanha eleitoral na Itália, volta ao primeiro plano com o fechamento dos portos do país. Esta é a situação em alguns números:

Cinco milhões de estrangeiros

Segundo o Instituto Italiano de Estatística (Istat), os estrangeiros em situação legal representam 5 milhões de pessoas dos 60,5 milhões de habitantes da Itália, ou seja, 8,3%, o mesmo número que os italianos que vivem no exterior.

São principalmente romenos (23%), albaneses (9%), marroquinos (8%), chineses (5,5%), ucranianos (4,5%), filipinos (3,3%) e indianos (3%), e trabalham principalmente em pequenas empresas, serviços domésticos ou na agricultura.

Mas aqueles que realmente preocupam são os mais de 690 mil, em sua maioria da África subsaariana, que desembarcaram desde 2013. Uma parte ainda está no país, com ou sem documentos.

Segundo várias estimativas, os imigrantes ilegais são cerca de 500 mil, seja porque tiveram o direito de asilo negado ou porque chegaram com um visto que já expirou.

Segundo o centro de estudos sobre imigração Idos, os imigrantes contribuem com entre 2,1 e 2,8 bilhões de euros a mais do que custam aos cofres públicos: mais jovens que a média dos italianos, contribuem mais do que recebem em aposentadoria ou com gastos de segurança social.

No entanto, as chegadas via Líbia custaram ao Estado mais de 4,2 bilhões de euros em 2017, segundo o governo: 18% para o resgate em alto mar, 13% para assistência médica e 65% para os centros de acolhimento.

Em 2013, havia 22.000 pessoas nesses centros. No final de janeiro, o número subiu para 182.000 graças ao desenvolvimento de estruturas privadas – presentes em 40% das localidades – para as quais o Estado paga 35 euros por pessoa por dia.

Os fluxos migratórios

Matteo Salvini, ministro do Interior e líder da Liga (extrema-direita), prometeu interromper o fluxo de chegadas e expulsar centenas de milhares de imigrantes ilegais.

Mas o futuro dos fluxos via Líbia dependerá sobretudo da estabilização do país e da continuidade dos polêmicos acordos alcançados por Roma com as autoridades e as milícias líbias, que permitiram uma redução considerável das chegadas desde meados de 2017.

Cerca de 13.808 migrantes chegaram às costas italianas entre 1 de janeiro e 8 de junho, ou seja, uma redução de mais de 84% em um ano.

E a expulsão das multidões de imigrantes ilegais deverá ser precedida por uma multiplicação dos acordos com os países de origem. Um esforço nesse sentido permitiu um aumento de 12% nas expulsões em 2017. Segundo o ministro do Interior, passaram de 5.817 em 2016 para 6.514 no ano passado.

(Revista Exame.)

Disponível em: <https://exame.abril.com.br/mundo/o-desafio-migratorio-na-italia-em-numeros/>. Adaptado.)

A mão de obra especializada é bem-vinda

Uma nova lei deverá facilitar a imigração de mão de obra especializada na Alemanha. Estas são as condições prévias.

Faltam especialistas à economia alemã e a evolução demográfica agravará ainda mais essa escassez. Atualmente existem cerca de 1,2 milhões de empregos vacantes. Por essa razão, uma nova lei deverá abrir o acesso ao mercado de trabalho alemão para profissionais qualificados de países de fora da União Europeia. É uma lei de imigração. Esse pormenor encerra uma perspectiva: os profissionais qualificados são bem-vindos para ficar permanentemente.

A partir de quando entra em vigor a lei de imigração de mão de obra especializada?

A lei tem ainda que ser aprovada pelo Parlamento e deverá entrar em vigor provavelmente a partir do início de 2020.

Quem é reconhecido como profissional qualificado?

Tanto os acadêmicos com um diploma universitário reconhecido na Alemanha, como também os profissionais com uma formação qualificada que seja reconhecida na Alemanha.

O que há de novo?

Quem ainda não tiver um contrato de trabalho, mas puder comprovar uma formação profissional qualificada, recebe um visto de permanência de seis meses, a fim de buscar um emprego. Nesse período, os candidatos a emprego podem trabalhar experimentalmente em até dez horas semanais ou fazer um estágio, as condições prévias são bons conhecimentos de alemão no nível B2 e dinheiro suficiente para cobrir o próprio sustento.

Até agora, a Agência Federal do Trabalho examinava se havia um candidato alemão ou da UE adequado ao emprego, antes que uma empresa pudesse contratar um especialista de outro país. Esse exame de prioridade deixa de existir – mas pode voltar a ser introduzido, se houver uma mudança no mercado de trabalho.

Procurar um lugar para estudar ou treinar: Os diplomandos de escolas alemãs no exterior podem vir para a Alemanha não apenas para cursar a universidade, mas também para buscar uma vaga de formação profissional.

A imigração de profissionais qualificados de países de fora da UE não é limitada a profissões definidas como “profissão com escassez” de mão de obra qualificada.

Em que profissões há escassez de mão de obra especializada?

São buscados, por exemplo, médicos, fisioterapeutas e assistentes de saúde e de idosos, especialistas em TI, engenheiros e pessoal de ofícios manuais na construção civil, peritos em navegação aérea e espacial,

mecatrônicos, eletrotécnicos, técnicos em energia e em outras profissões das áreas chamadas MINT (Matemática, Informática, Ciências Naturais e Técnica).

(Disponível em: <<https://www.deutschland.de/pt-br/topic/economia/lei-de-imigracao-de-mao-de-obra-especializada-trabalho-na-alemanha>>. Adaptado.)

A Questão do Refugiados

Muitos novos refugiados

A Síria foi o país que mais gerou refugiados no mundo. Cerca de 824.400 pessoas foram forçadas a fugir dos conflitos que assolam o país. As crises na África subsaariana também levaram a novos deslocamentos. Quase 737.400 pessoas deixaram o Sudão do Sul para escapar de uma crise humanitária que cresceu consideravelmente em 2016. Burundi, Iraque, Nigéria e Eritreia também geraram grande número de refugiados.

De onde vem os refugiados?

Os 5,5 milhões de sírios que foram forçados a fugir constituem o maior grupo de refugiados do mundo. Os refugiados do Afeganistão aparecem em segundo lugar se considerado o país de origem.

Onde os refugiados são acolhidos?

A Turquia recebeu o maior número de refugiados – um total de 2,9 milhões, vindos principalmente da Síria. O país também abriga cerca de 30.400 refugiados do Iraque. As crises na África subsaariana tendem a forçar as pessoas a fugir para os países vizinhos e, como resultado, esta região continua a acolher um número cada vez maior de refugiados do Sudão do Sul, Somália, Sudão, República Democrática do Congo, República Centro-Africana, Eritreia e Burundi.

O Paquistão acolheu a segunda maior população de refugiados no final de 2016: 1,4 milhão de pessoas vindas principalmente do Afeganistão. Esse número diminuiu ligeiramente devido aos refugiados que regressaram para casa. Cerca de um milhão de refugiados buscaram segurança no Líbano e 979.400 no Irã.

Uganda vivenciou um aumento dramático da população de refugiados que saltou de 477.200 no final de 2015 para 940.800 no final de 2016. Esta população era constituída por pessoas vindas principalmente do Sudão do Sul (68%), mas também contava com números significativos de pessoas vindas da República Democrática do Congo, Burundi, Somália e Ruanda. Na

verdade, Uganda registrou o maior número de novos refugiados em 2016.

O número de refugiados também aumentou na Etiópia, Jordânia e República Democrática do Congo. Na Alemanha, a população de refugiados mais do que duplicou em 2016 e chegou a 669.500 pessoas. O principal motivo para esse aumento foi o reconhecimento de solicitações de refúgio apresentadas em 2015 principalmente por sírios.

(ACNUR-ONU.

Disponível em: <<https://www.acnur.org/portugues/quem-ajudamos/refugiados/>>. Adaptado.)

Número de refugiados atinge recorde em 2011, diz agência da ONU

Mais de 4,3 milhões deixaram suas casas e 800 mil se tornaram refugiados.

Número de deslocados que retornaram para seus locais de origem também é recorde, diz relatório.

Cerca de 4,3 milhões de pessoas foram forçadas a se deslocar dentro do próprio país ou entre fronteiras internacionais em 2011, sendo que um número recorde de 800 mil tornaram-se refugiadas, revela relatório divulgado, em 17 de junho de 2012, pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR).

*De acordo com o levantamento “Tendências Globais 2011”, o aumento no número de deslocamentos está relacionado a crises humanitárias iniciadas no fim de 2010 em países como **Costa do Marfim, Líbia, Somália e Sudão.***

Em todo o mundo, segundo o ACNUR, 42,5 milhões de indivíduos terminaram o ano de 2011 em uma situação de refúgio, seja como refugiados (15,42 milhões), deslocados internos (26,4 milhões) ou solicitantes de refúgio (895 mil).

Apesar do recorde de refugiados, o número de deslocados em 2011 ficou abaixo dos 43,7 milhões de deslocados registrados ao final de 2010. A diferença, segundo o documento, se deve ao grande número de deslocados internos que puderam voltar para suas casas em 2011: 3,2 milhões de pessoas, o que também configura o maior retorno de deslocados em uma década.

O relatório que compila dados de pessoas em situação de refúgio no mundo nos últimos dez anos também revela que o número tem se mantido acima dos 42 milhões nos últimos cinco anos consecutivos.

Além disso, o documento também revela que dos 10,4 milhões de refugiados sob mandato da agência da

ONU no mundo, quase 75% (7,1 milhões) estão há pelo menos cinco anos em exílio, “vivendo em campos de refugiados ou em condições precárias nas áreas urbanas”, descreve o texto.

“O ano de 2011 vivenciou o sofrimento humano em uma escala épica. O custo pessoal foi enorme para todos aqueles que tiveram suas vidas drasticamente afetadas em tão curto espaço de tempo”, diz o Alto Comissário da ONU para Refugiados, António Guterres, no texto de apresentação.

Países

*De acordo com o relatório, o **Afganistão** continua sendo o principal país de origem de refugiados (2,7 milhões), seguido pelo **Iraque** (1,4 milhão), **Somália** (1,1 milhão), **Sudão** (500 mil) e **República Democrática do Congo** (491 mil).*

*Já os principais países de destino são **Paquistão** (1,7 milhão de pessoas), **Irã** (886,5 mil), **Quênia** (566,5 mil) e **Chade** (366,5 mil).*

Entre os países industrializados, a Alemanha é o único que integra o grupo dos principais destinos, com uma população refugiada de 571,7 mil pessoas.

*A publicação destaca, no entanto, que a **África do Sul** foi o país que mais recebeu pedidos de refúgio em 2011 (107 mil), tendência verificada nos últimos quatro anos.*

O Brasil abriga 4.477 refugiados, segundo o relatório. O número é apenas um pouco maior que o do último documento, que apontava a existência de 4.251 em situação de refúgio no país, de 76 nacionalidades diferentes.

Outras 1.045 pessoas deixaram o Brasil em busca de refúgio e há 180 pedidos pendentes.

Número de pessoas deslocadas no mundo chega a 70,8 milhões, diz ACNUR

De acordo com relatório publicado pelo ACNUR – Alto Comissariado das Nações para Refugiados da ONU para Refugiados, em 2019, o número representa um aumento de 2,3 milhões na comparação com 2017 e se aproxima das populações de países como Tailândia e Turquia. O contingente também equivale ao dobro dos deslocados forçados registrados 20 anos atrás.

O número de pessoas fugindo de guerras, perseguições e conflitos superou a marca de 70 milhões em 2018. Este é o maior nível de deslocamento forçado registrado ACNUR em suas quase sete décadas de atuação — o organismo internacional foi criado em 1950.

O ACNUR estima ainda que, no ano passado, 13,6 milhões de pessoas tiveram de se deslocar devido a conflitos e perseguições. Isso significa que em 2018, a cada dia, 37 mil pessoas tiveram que abandonar o lugar onde residiam em busca de segurança. Nesse grupo, estão incluídos indivíduos que já estavam em situação de deslocamento forçado e por isso não entram no cálculo do aumento líquido de deslocados forçados — estimado em 2,3 milhões.

Os 70,8 milhões de deslocados forçados no mundo são uma estimativa conservadora, sobretudo porque o número reflete apenas parcialmente a crise na Venezuela. Cerca de 4 milhões de venezuelanos já saíram de seu país desde 2015, tornando essa uma das mais recentes e maiores crises de deslocamento forçado do planeta. Embora a maioria dessa população necessite de proteção internacional para refugiados, apenas meio milhão tomou a decisão de solicitar refúgio formalmente.

Decifrando os números do deslocamento forçado

Entre os 70,8 milhões de deslocados forçados, existem três grupos distintos. O primeiro é de refugiados, que são pessoas forçadas a sair de seus países por causa de conflitos, guerras ou perseguições. Em 2018, o número de refugiados chegou a 25,9 milhões de pessoas em todo o mundo, 500 mil a mais do que em 2017. Nesse cálculo, também estão incluídos os 5,5 milhões de refugiados palestinos sob o mandato da Agência da ONU de Assistência aos Refugiados Palestinos (UNRWA).

De acordo com a publicação do ACNUR, mais de dois terços de todos os refugiados vêm de apenas cinco países:

Síria	6,7 milhões
Afganistão	2,7 milhões
Sudão do Sul	2,3 milhões
Mianmar	1,1 milhão
Somália	900 mil

Os países que acolhem os maiores contingentes de refugiados são:

Turquia	3,7 milhões
Paquistão	1,4 milhão
Uganda	1,2 milhão
Sudão	1,1 milhão
Alemanha	1,1 milhão

Segundo a agência das Nações Unidas, aproximadamente quatro em cada cinco refugiados vivem em países vizinhos aos países de origem.

O ACNUR aponta ainda que metade da população global de refugiados é composta por menores de 18 anos de idade. Das crianças e adolescentes analisados pelo relatório, 138,6 mil estavam desacompanhados ou haviam sido separados dos seus responsáveis. O número se divide em 111 mil meninos e meninas considerados refugiados em 2018 e 27,6 mil que solicitaram asilo individualmente ao longo do ano passado.

O segundo grupo documentado pelo relatório é o de solicitantes de refúgio – pessoas que estão fora de seus países de origem e que estão recebendo proteção internacional enquanto aguardam a decisão sobre os seus pedidos de refúgio. Até o final de 2018, havia 3,5 milhões de solicitantes de refúgio no mundo.

O terceiro e maior grupo é composto por 41,3 milhões de pessoas que foram forçadas a sair de suas casas, mas permaneceram dentro de seus próprios países. Normalmente, são chamados de deslocados internos, ou IDPs, na sigla em inglês.

Em geral, o crescimento do deslocamento forçado acontece num ritmo maior que o das soluções encontradas para as pessoas forçadas a migrar. Para os refugiados, a melhor solução continua sendo retornar para sua casa voluntariamente, com segurança e dignidade. Outras soluções incluem a integração nas comunidades de acolhida ou o reassentamento em um terceiro país.

Em 2018, apenas 92,4 mil refugiados foram reassentados — número que representa menos de 7% dos que precisam desta solução. Também no ano passado, em torno de 593,8 mil refugiados puderam retornar para casa, enquanto 62,6 mil se naturalizaram.

(ACNUR – ONU.)

Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/numero-de-pessoas-deslocadas-no-mundo-chega-a-708-milhoes-diz-acnur/>>. Adaptado.)

FRONTEX – Agência Europeia da Guarda de Fronteiras e Costeira

O que faz?

Nos últimos anos, tem-se assistido a um aumento sem precedentes do número de migrantes e refugiados que pretendem entrar na UE. Os países da UE com uma fronteira externa têm a responsabilidade exclusiva pelo controle das suas fronteiras. Mas a Frontex pode prestar apoio técnico adicional aos países sujeitos a fortes pressões migratórias.

Com efeito, assegura a coordenação da mobilização de equipamento técnico adicional (por exemplo, aeronaves e navios) e de pessoal devidamente formado para as fronteiras.

A Frontex coordena operações marítimas (por exemplo, na Grécia, em Itália e em Espanha) e nas fronteiras terrestres externas, nomeadamente na Bulgária, Roménia, Polónia e Eslováquia, e está também presente em muitos aeroportos internacionais em toda a Europa.

Domínios de competência da Frontex:

Análise de riscos – todas as atividades da Frontex se baseiam numa análise de riscos. A Frontex avalia os riscos que pesam sobre a segurança nas fronteiras da UE, elabora um quadro dos padrões e tendências da migração irregular e da criminalidade transnacional nas fronteiras externas, nomeadamente do tráfico de seres humanos, partilha as suas conclusões com os países da UE e a Comissão e utiliza-as para programar as suas atividades.

Operações conjuntas – coordena a mobilização de pessoal especializado e de equipamento técnico (aeronaves, navios e equipamento de controlo e vigilância das fronteiras) para zonas nas fronteiras externas que careçam de assistência adicional.

Resposta rápida – no caso de um país da UE enfrentar uma pressão considerável na sua fronteira externa, especialmente devido à chegada de um elevado número de nacionais de países terceiros, a Frontex coordena o destacamento de equipas europeias de guardas de fronteira.

Investigação – a Frontex reúne peritos em matéria de controlo das fronteiras em conjunto com representantes da investigação e da indústria, a fim de se assegurar que as novas tecnologias respondem às necessidades das autoridades responsáveis pelo controlo das fronteiras.

Formação – desenvolve normas de formação comuns para as autoridades responsáveis pelas fronteiras com vista a harmonizar a formação dos guardas de fronteira nos países da UE e nos países associados de Schengen. Esta harmonização destina-se a garantir que, sempre que atravessam as fronteiras externas da UE, os viajantes se confrontem com normas uniformes de controlo nas fronteiras. Além disso, possibilita também que os guardas de fronteira de países diferentes colaborem entre si mais eficazmente no âmbito de operações conjuntas coordenadas pela Frontex.

Regressos conjuntos – A Frontex elabora boas práticas para organizar o regresso dos migrantes e coordena as operações de regresso conjuntas (embora

caiba a cada país decidir quais as pessoas que devem regressar).

Troca de informações - a Frontex desenvolve e explora os sistemas informáticos que permitem uma troca de informações rápida entre as autoridades de controlo das fronteiras.

Estrutura

Na sua sede, em Varsóvia, trabalham mais de 300 pessoas nos seguintes domínios:

Análise de riscos

Como funciona?

A Frontex não dispõe de um equipamento próprio nem da sua própria guarda de fronteira. Quando coordena uma operação conjunta, apoia-se nas guardas de fronteira, nos navios, nas aeronaves e noutros recursos fornecidos pelos países da UE.

A Frontex reembolsa os custos de mobilização dos guardas de fronteira e as despesas de transporte, combustível e manutenção do equipamento de base durante a operação.

Em todos os seus domínios de atividade - operações, análises de risco, formação, investigação e desenvolvimento e regressos – a Frontex atua como coordenadora, criando redes especializadas constituídas por autoridades de controlo das fronteiras. O objetivo é definir e partilhar melhores práticas entre as autoridades aduaneiras dos países da UE e dos países associados de Schengen.

Beneficiários

Todos os anos, cerca de 700 milhões de pessoas atravessam as fronteiras externas da Europa.

Assim, um dos maiores desafios que se colocam é a detecção de atividades ilegais sem causar atrasos para os outros viajantes.

Na ausência de controlos permanentes nas fronteiras entre os países do espaço Schengen, os controlos nas fronteiras externas revestem-se de uma importância capital, pelo que a qualidade dos controlos e da vigilância levada a cabo pelos restantes países da UE é essencial.

No espaço Schengen, por exemplo, um automóvel roubado em Itália pode circular livremente até à fronteira entre a Polónia e a Ucrânia. Uma pessoa que venha da Finlândia ao abrigo de um passaporte falsificado pode viajar para Portugal sem ser detido. Uma vítima de tráfico que tenha entrado em França pode ser transportada até à Suécia.

Isso significa que o controlo das fronteiras externas da UE é essencial para todos os países da UE. A Frontex é o ponto de contacto central, que define normas para todas as guardas de fronteira europeias. A agência vela porque informações essenciais (como, por exemplo, sobre documentos falsos, veículos roubados ou traficantes de seres humanos) são imediatamente partilhadas com todas as autoridades competentes em matéria de controlo de fronteiras.

Para lutar contra o crime transnacional não basta partilhar informações, mas também desenvolver soluções a longo prazo. A Frontex cumpre este objetivo, nomeadamente, elaborando programas de formação destinados aos guardas de fronteira de toda a Europa.

Graças à Frontex, a cooperação entre os guardas de fronteira europeus tornou-se muito mais estreita: partilham conhecimentos e têm acesso a informações não só sobre o que se passa nas suas fronteiras, mas em todas as fronteiras externas da UE, podem igualmente informar-se sobre os métodos e tecnologias mais recentes

que podem melhorar a qualidade do seu trabalho e, além disso, podem apoiar-se mutuamente sempre que uma fronteira está sujeita a uma pressão inabitual.

(FRONTEX – União Europeia.)

Disponível em: <https://europa.eu/european-union/about-eu/agencies/frontex_pt>. Adaptado.)

PRINCIPAIS NACIONALIDADES SOLICITANTES DE REFÚGIO NO CONTINENTE EUROPEU – JANEIRO 2019
(Não foram numeradas solicitações à Espanha)

Países de origem		Número de indivíduos
Afganistão	20,8%	16,861
Síria	17,1%	13,813
outros	10,9%	8,815
Marrocos	8,8%	7,149
Argélia	4,7%	3,815
Iraque	4,7%	3,781
República Democrática do Congo	4,1%	3,316
Tunísia	4,1%	3,300
Guiné	4,0%	3,259
Costa do Marfim	4,0%	3,203

(ACNUR.)

Percentual de estrangeiros sobre o total da população em 2018			
	Total %	Imigrantes oriundos de países da União Europeia	Imigrantes oriundos de países NÃO INTEGRANTES da União Europeia
Bélgica	12,0	7,9	4,1
Bulgária	1,2	0,2	1,0
República Tcheca	4,9	2,1	2,8
Dinamarca	8,8	3,7	4,9
Alemanha	11,7	5,1	6,6
Estónia	14,9	1,4	13,5
Irlanda	12,0	9,0	3,0
Grécia	7,6	2,0	5,6
Espanha	9,8	4,1	5,8
França	7,0	2,3	4,7
Croácia	1,3	0,4	0,9
Itália	8,5	2,6	5,9
Chipre	17,3	13,3	4,0
Letónia	14,1	0,3	13,8
Lituânia	1,0	0,2	0,8
Luxemburgo	47,8	40,6	7,2
Hungria	1,7	0,8	0,9
Malta	14,1	8,1	6,0
Países Baixos	5,8	3,1	2,6
Áustria	15,7	7,9	7,8
Polónia	0,6	0,1	0,5
Portugal	4,1	1,3	2,8
Romênia	0,6	0,3	0,3
Eslovênia	5,9	0,9	5,0
Eslováquia	1,3	1,0	0,3
Finlândia	4,5	1,8	2,7
Suécia	8,8	3,1	5,4
Reino Unido	9,5	5,8	3,7

(Eurostat.)

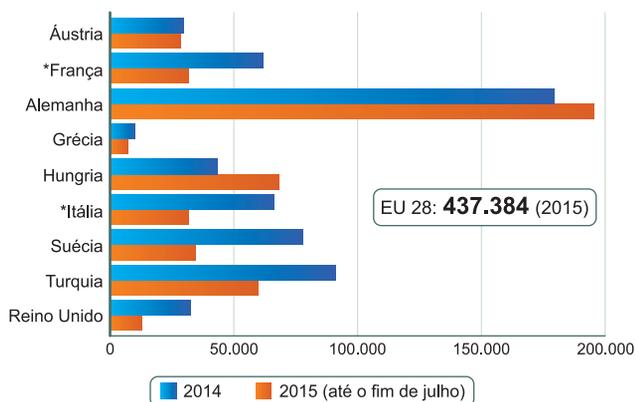
Apátridas

O documento afirma ainda que apenas 64 governos ao redor do mundo mantêm registros de apátridas – pessoas sem cidadania reconhecida em nenhum país e privados de direitos básicos como o acesso a empregos e educação.

Segundo o ACNUR, o número corresponde às estatísticas de apenas 25% dos estimados 12 milhões de pessoas que vivem nesta situação no mundo.

(Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2012/06/numero-de-refugiados-atinge-recorde-em-2011-diz-agencia-da-onu.html>>. Acesso em: 9 abr. 2019. Adaptado.)

SOLICITAÇÕES DE REFÚGIO EM PAÍSES SELECIONADOS DA EUROPA



*Dados referentes ao fim de junho.

Dados: UNHCR. Ministério do Interior britânico.

Relatório da ONU traz nova visão sobre movimentos migratórios

Na tentativa de melhorar as condições de vida, milhares de pessoas se deslocam por todo o planeta diariamente. Em 2005, uma em cada sete pessoas do mundo estava em trânsito, de acordo com dados sobre migração apresentados pela Organização das Nações Unidas (ONU). Publicado em 2009 pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), o relatório “**Ultrapassar Barreiras: Mobilidade e Desenvolvimento Humanos**” traçou um importante panorama global sobre migração, à luz do Índice de Desenvolvimento Humano dos países, e ainda derrubou alguns velhos estereótipos.

Aqui estão seis dos principais pontos abordados pelo estudo:

Alguns aspectos devem ser destacados na migração mundial

a) Migração interna é grande

As discussões sobre migração, em sua maioria, evidenciam os movimentos migratórios internacionais, principalmente o fluxo populacional dos países em desenvolvimento em direção aos países desenvolvidos – sobretudo o fluxo para a Europa Ocidental e a América do Norte, denominado **migração Sul-Norte**. Porém, o relatório do PNUD revela que, na primeira década do século XXI, **a maior parte das migrações ocorria nacionalmente**. Do total de 1 bilhão de migrantes estimados em 2005, por exemplo, 740 milhões se deslocaram dentro do próprio país.

b) Mais pobres ultrapassam menos fronteiras

Outro motivo que favorece a movimentação local é o alto custo para ultrapassar as fronteiras internacionais. A viagem, a estada e a confecção de documentos – como passaporte e visto – constituem uma pesada despesa para o migrante.

c) Países em desenvolvimento recebem mais migrantes

De quase 1 bilhão de migrantes estimados em 2005, apenas 214 milhões cruzaram fronteiras internacionais. Desse último grupo, cerca de 75% das pessoas seguiram para um país de maior IDH, como preza o senso comum. O dado curioso do relatório do PNUD é que os principais destinos dos migrantes internacionais são países relativamente parecidos com os seus, e não as nações desenvolvidas, apesar de ganharem muito mais destaque na mídia.

d) Melhores condições de vida são conquistas reais

Apesar de minoritária em relação à migração local, a migração internacional abre possibilidades para o migrante conseguir aumentar sua expectativa de vida, seus rendimentos e para ter ampliado o acesso à saúde e à educação – fatores que concorrem para um país com bom índice de desenvolvimento humano.

e) Benefícios aos países de destino são questionados

Não é apenas o migrante que lucra com a mudança de vida. Seu país de origem e o local de destino também são beneficiados. Os ganhos para o país de origem são bastante evidentes. As remessas de dinheiro enviadas

regularmente pelo migrante que está no exterior à família são uma ajuda importante. Em 2008, as remessas para os países em desenvolvimento somaram 308 bilhões de dólares. Esse dinheiro contribui para o aumento da renda dos familiares que permaneceram no país de origem e, conseqüentemente, para a melhoria da saúde e da educação.

f) Barreiras podem atrapalhar crescimento econômico

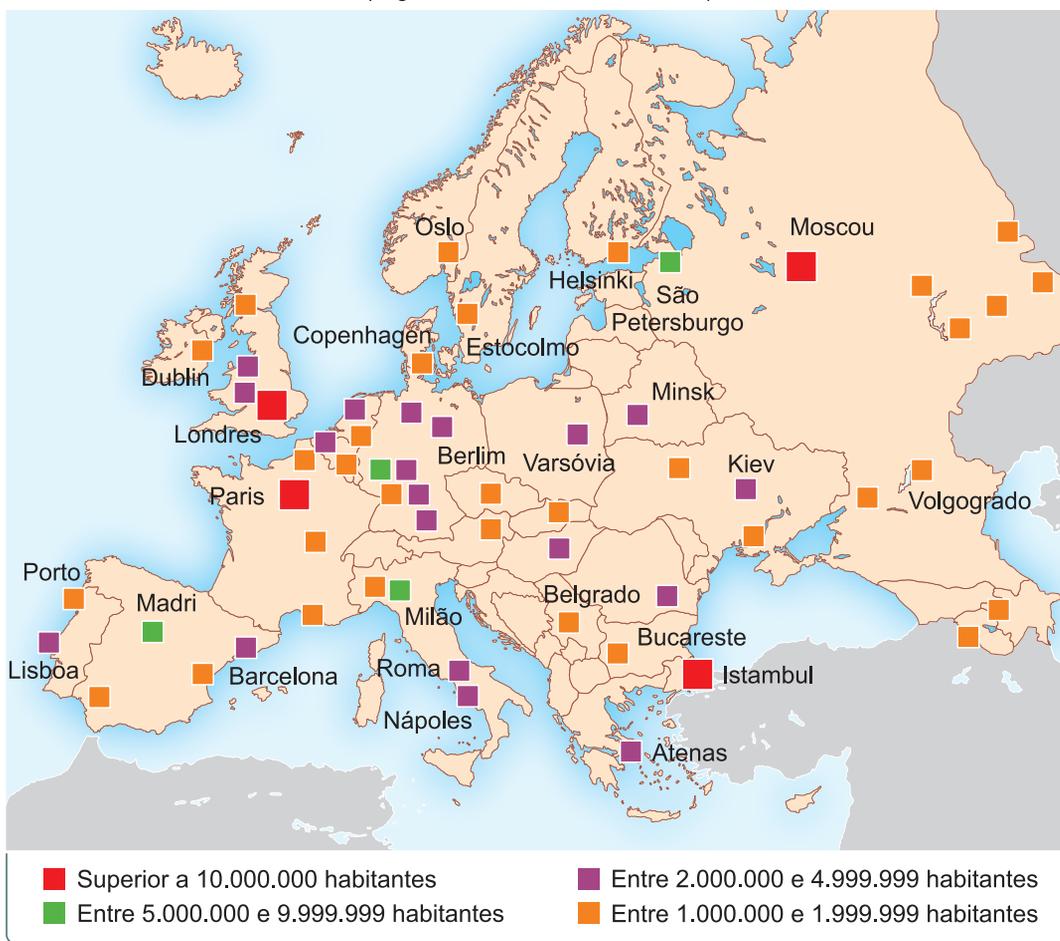
Apesar de receberem menos migrantes do que os países subdesenvolvidos, os países desenvolvidos são os que mais tendem a fechar seu território.

Em junho de 2008, o Parlamento europeu aprovou uma polêmica lei de expulsão de imigrantes. Chamada de **diretiva de retorno**, ela estabelece a prisão dos imigrantes ilegais pelo período máximo de dezoito meses e os proíbe de retornarem ao continente europeu por cinco anos. Outras medidas nesse sentido continuam sendo tomadas, como as sanções aos empresários que contratam trabalhadores clandestinos – elas foram aprovadas em fevereiro de 2009.

É preciso considerar, entretanto, que endurecer as políticas migratórias pode trazer prejuízos. De acordo com o relatório do PNUD, o contingente de imigrantes, principalmente na Europa, é crucial para o crescimento econômico. Devido à crise econômica que atingiu o continente a partir de 2009, grandes contingentes da população deixaram seus países de origem.

A estimativa é que, até 2025, a União Europeia precisará de 159 milhões de imigrantes como mão de obra para compensar o aumento do número de aposentados e a baixa taxa de natalidade da região.

MAIORES CIDADES DO CONTINENTE EUROPEU
(segundo o número de habitantes)





EXERCÍCIOS RESOLVIDOS

1. **(MACKENZIE – Adaptado.)** – A Europa apresenta os elementos naturais importantes que individualizam e caracterizam as diferentes regiões dentro do continente. Relacione essas regiões com as características numeradas a seguir.

- () Mediterrânea
- () Oriental
- () Ocidental
- () Central
- () Setentrional

- I. Voltada para o Atlântico, com clima temperado oceânico. Área de economia capitalista, a segunda região de importância econômica mundial, sendo uma das expressões de seu desenvolvimento os Portos de Roterdã e Amsterdã.
- II. Predomina o clima frio, amenizado pela corrente do Golfo. Apresenta um relevo antigo, trabalhado pela erosão glaciária que modelou os fiordes. Possui elevada renda *per capita* e indústrias de papel, celulose e siderúrgica.
- III. Sua individualidade é assegurada através do isolamento natural imposto pelo relevo alpino, clima quente e úmido e florestas tropicais. Sua população dedica-se exclusivamente às atividades setoriais primárias.
- IV. Apresenta clima temperado continental e grandes planícies sedimentares ao norte; ao centro, maciços como o da Floresta Negra; ao sul, o Alpino. A indústria e a agricultura são desenvolvidas, correspondendo a países de elevado desenvolvimento socioeconômico.
- V. A feição topográfica dominante é uma imensa bacia sedimentar recente, drenada pelo Rio Danúbio, com clima mediterrâneo e vegetação estépica semidesértica. As atividades extrativas vegetais e a pecuária extensiva são as mais desenvolvidas.
- VI. Possui clima temperado continental e vegetação de coníferas e herbáceas com os solos de *tchernoziom*. Apresenta países de grande desenvolvimento industrial planejado.
- VII. Uma sucessão de cadeias montanhosas, como a dos Pirineus e a dos Alpes, tornam seu relevo muito acidentado. Uma de suas formações vegetais típicas é o “maqui”. A emigração surge como uma solução para o problema demográfico.

Assinale a alternativa que contém dois itens não relacionados às regiões citadas.

- a) I e IV
- b) IV e VII
- c) III e V
- d) II e III
- e) V e VI

Resolução:

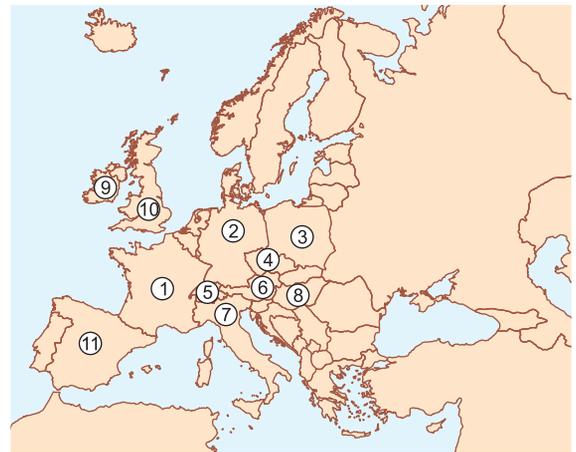
A assertiva III descreve elementos apropriados a um ambiente encontrável em algumas regiões montanhosas do Himalaia, no sudeste asiático. A descrição V se refere ao Sudeste Europeu, atravessado pelo Rio Danúbio.

Correspondência correta entre região da Europa e suas respectivas características:

- I. Ocidental / II. Setentrional / IV. Central / VI. Oriental / VII. Mediterrânea.

Resposta: C

2. **(FUVEST)** – Assinale a alternativa que apresenta três países limítrofes dois a dois.



- a) Hungria, Polônia e Turquia.
- b) Romênia, Hungria e Alemanha.
- c) Itália, França e Espanha.
- d) Alemanha, Polônia e República Tcheca.
- e) França, Inglaterra e Irlanda.

Resolução:

Incorreções das alternativas:

- a) a Turquia não faz fronteira com a Hungria e a Polônia;
- b) a Alemanha e a Romênia não têm fronteira comum;
- c) a Itália e a Espanha não fazem fronteira entre si;
- e) a Inglaterra e a Irlanda são ilhas.

Resposta: D

3. **(UNICAP)** – As afirmativas a seguir se referem ao continente europeu.

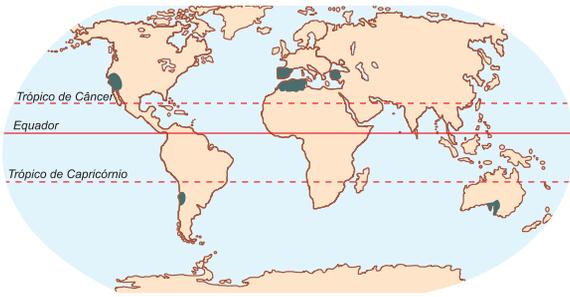
- 0) A Europa é considerada um continente por apresentar características físicas e humanas particulares e sobretudo por razões históricas, culturais e econômicas.
- 1) O clima mediterrâneo caracteriza a porção centro-norte da Europa, apresentando temperaturas moderadas e chuvas abundantes no verão.
- 2) A Europa apresenta, de uma maneira geral, altas densidades demográficas, elevada esperança de vida e baixo crescimento demográfico.
- 3) Os Pirineus, os Alpes, os Cárpatos e os Alpes Dináricos são compartimentos de relevo europeus desenvolvidos nos maciços antigos.
- 4) A agricultura europeia é muito diversificada e do tipo intensivo, mas os países do sul apresentam técnicas menos desenvolvidas.

Resolução:

- 1) o clima mediterrâneo apresenta verões quentes e secos e invernos úmidos;
- 3) as montanhas citadas são formações de origem recentes, sujeitas à instabilidade tectônica.

Resposta: 0-V; 1-F; 2-V; 3-F; 4-V

4. (VUNESP) – As áreas assinaladas no mapa possuem em comum



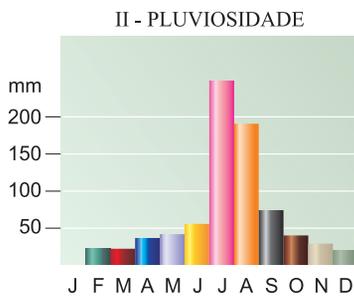
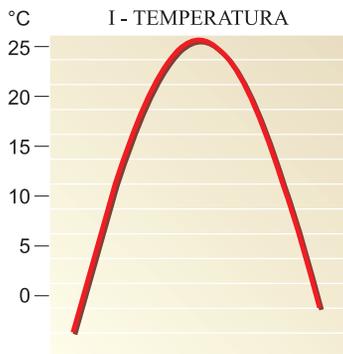
- a) sistema agrícola de *plantation*.
- b) predomínio de produção de café.
- c) elevada pluviosidade no verão.
- d) relevo antigo e estável.
- e) agricultura mediterrânea, tendo como base a produção de frutas em áreas irrigadas.

Resolução:

As áreas apresentadas são a Califórnia, nos EUA; a região central do Chile; o sul da Europa; o norte da África; a Península Balcânica europeia e a costa da Grande Baía Australiana. Elas produzem uvas e oliveiras.

Resposta: E

5. Observe os gráficos e responda.

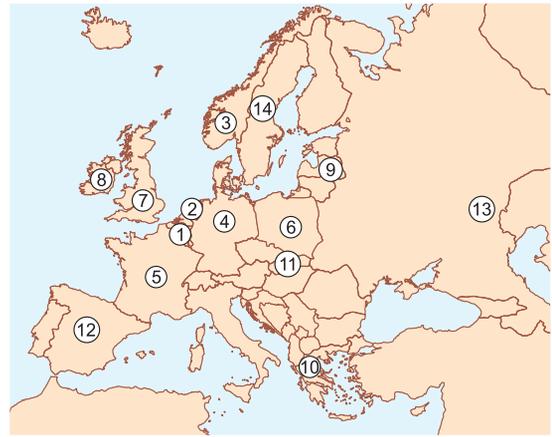


- a) A que tipo de clima os gráficos correspondem?
- b) Quais os produtos agrícolas das áreas onde predomina esse tipo climático?

Resolução

- a) Os gráficos representam o clima temperado continental, caracterizado por verões quentes e úmidos e invernos frios e secos.
- b) Principalmente cereais, que se adaptam ao clima.

6. (MODELO ENEM) – O efeito mais sensacional da ação da corrente marítima quente *Gulf Stream* (Corrente do Golfo) é o fato de ela permitir que um país situado em altas latitudes consiga ter seu litoral livre do congelamento, o que explica a atividade pesqueira do país assinalado no mapa com:



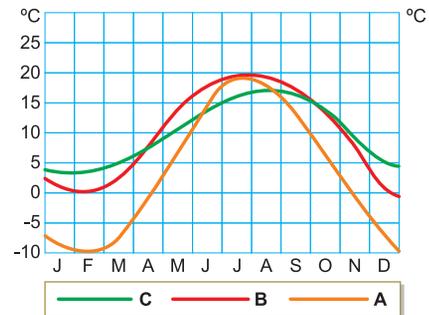
- a) 11 – Eslováquia b) 6 – Polônia c) 14 – Suécia
- d) 3 – Noruega e) 10 – Grécia

Resolução:

Vinda da América Central, da região do Golfo do México, essa corrente de águas quentes ameniza o frio do Mar da Noruega e beneficia a pesca.

Resposta: D

7. (MODELO ENEM) – O gráfico a seguir apresenta três curvas de variação de temperatura delimitadas no intervalo de um ano; cada uma delas corresponde a uma das seguintes cidades: Londres, Berlim e Moscou.



Assinale a alternativa que indica leitura correta do gráfico.

- a) A cidade A é Moscou, pois, em virtude de sua localização, apresenta, em relação às duas outras cidades, maior amplitude térmica anual.
- b) A cidade A é Londres, pois apresenta, em relação às duas outras cidades, maior variação de temperatura durante o ano – essa é uma situação típica de clima temperado úmido.
- c) A cidade C é Berlim, que, por estar localizada em latitude menor que a das outras duas cidades, registra pequena variação de temperatura durante o ano.
- d) A cidade B é Moscou, que, em relação às duas outras cidades, tem o verão mais quente, devido à influência da massa de ar do Oceano Pacífico, responsável por elevar as temperaturas de todo o Leste Europeu.
- e) A cidade C é Londres – sua pequena amplitude térmica anual é decorrência direta de seu clima mediterrâneo.

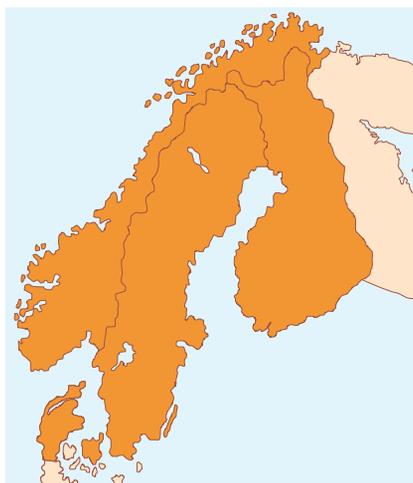
Resolução:

Quanto mais para o interior do continente europeu se localiza uma cidade, maior é a amplitude térmica dela, em função da influência da continentalidade.

Resposta: A



8. Londres e Varsóvia localizam-se pouco ao norte do paralelo de 50° N. Por estarem situadas nessa faixa de latitude, as duas capitais estão submetidas, respectivamente, ao clima do tipo
- temperado e frio.
 - frio e polar.
 - temperado oceânico e temperado continental.
 - temperado oceânico e frio.
 - temperado continental e polar.
9. O rio que nasce nos Alpes Suíços, faz a fronteira França-Alemanha, banha a Alemanha e a Holanda e desemboca no Mar do Norte é o
- Danúbio. b) Reno. c) Volga. d) Tâmisia. e) Pó.
10. É a via fluvial mais importante da Europa. Foi retificada e corrigida nos seus trechos encachoeirados, o que permitiu a navegação em um trecho de cerca de 800 km que vai da Basileia ao Mar do Norte. Trata-se do Rio
- Danúbio. b) Reno. c) Volga. d) Tâmisia. e) Pó.
11. Observe o mapa do litoral norte da Europa.



Assinale a alternativa que identifica o tipo de costa predominante nessa área.

- Costa de falésias.
 - Costa de fiordes.
 - Costa de rias.
 - Costa dalmática.
 - Costa de barreiras.
12. (VUNESP) – Assinale a alternativa que indica a região alemã que se caracteriza por possuir a maior concentração populacional e de indústrias siderúrgicas, carboquímicas, têxteis e metalúrgicas do país e o nome da bacia hidrográfica onde ela está inserida.
- Ruhr; Rio Elba.
 - Hamburgo; Rio Reno.
 - Stuttgart; Rio Mosela.
 - Ruhr; Rio Reno.
 - Solingen; Rio Danúbio.

13. (MACKENZIE) – Essa corrente marítima quente atua no litoral ocidental e setentrional da Europa, amenizando as amplitudes térmicas da fachada atlântica do continente e provocando altos índices pluviométricos. Sua ação também evita o congelamento das águas oceânicas na costa norueguesa.

Trata-se da corrente

- de Humboldt.
- do Labrador.
- Gulf Stream.
- Norte-Pacífica.
- da Groenlândia.

14. (VUNESP) – O clima da Europa Ocidental é bem diferente do clima da Europa Oriental. Enquanto na primeira os invernos são suaves e os verões apresentam temperaturas não tão elevadas, na segunda as diferenças sazonais são maiores, com invernos mais rigorosos, temperaturas mais baixas e verões mais quentes. O fator determinante das condições climáticas vigentes na Europa Ocidental é a

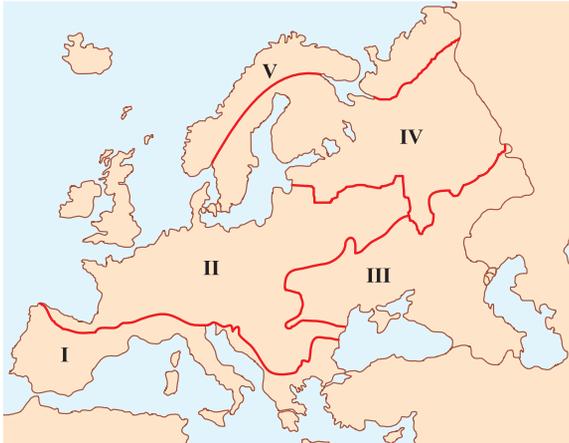
- latitude.
- maritimidade.
- disposição do relevo.
- atuação da corrente das Canárias.
- predominância de ventos de leste.

15. (MACKENZIE) – As áreas destacadas no mapa com os números 1, 2, 3 e 4 identificam locais estratégicos de grande importância geopolítica, que normalmente incitam problemas diplomáticos, gerando focos de tensões, e correspondem, respectivamente, ao



- Canal da Mancha, Istmo de Suez, Estreito de Gibraltar e Estreitos de Bósforo e Dardanelos.
- Estreito de Gibraltar, Estreito de Bering, Estreitos de Bósforo e Dardanelos e Istmo de Suez.
- Estreito de Gibraltar, Canal da Mancha, Estreitos de Bósforo e Dardanelos e Istmo de Suez.
- Estreito de Bering, Estreito de Gibraltar, Canal da Mancha e Istmo de Suez.
- Estreito de Bering, Canal de Beagle, Estreito de Gibraltar e Estreitos de Bósforo e Dardanelos.

16. (UNIP – Adaptado.) – Observe o mapa a seguir.



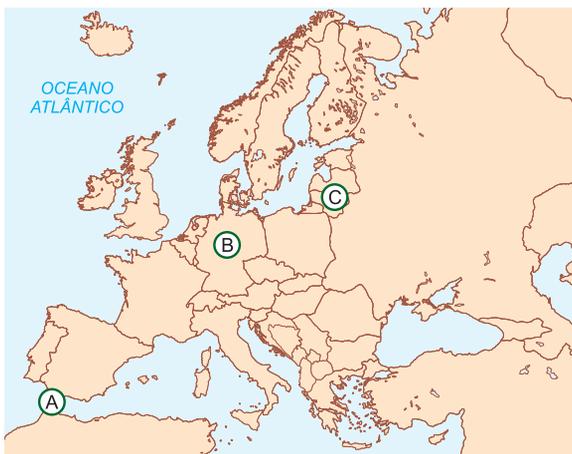
Sobre o quadro climato-botânico da Europa, assinale a alternativa correta.

	Tipo climático	Tipo de vegetação
a)	I. Temperado Oceânico	Floresta caducifólia
b)	II. Mediterrâneo	Garrigues e maquis
c)	III. Temperado Frio	Taiga
d)	IV. Temperado Continental	Estepe
e)	V. Polar	Tundra

17. (VUNESP) – Assinale a alternativa que indica três penínsulas localizadas no sul da Europa.

- Ibérica, Itálica e Balcânica.
- Escandinava, Báltica e Itálica.
- Itálica, Escandinava e Ibérica.
- Báltica, Ibérica e Balcânica.
- Itálica, Balcânica e Escandinava.

18. (UNIP – Adaptado.) – Observe o mapa a seguir.



As áreas indicadas com as letras A, B e C representam, respectivamente,

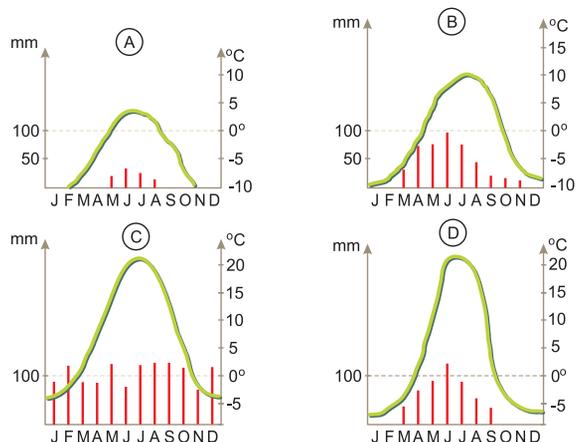
- A – Estreito de Gibraltar, passagem referencial de imigrantes africanos ilegais em direção à UE.
- B – Alemanha, maior potência europeia.
- C – Países bálticos, que se recusaram a participar da CEI.

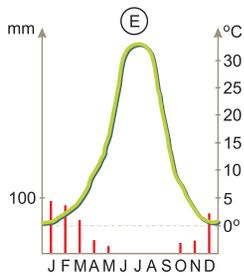
- A – Estreito de Bósforo, que liga o Oceano Atlântico ao Mar Mediterrâneo.
B – Polônia, antigo membro do bloco socialista europeu.
C – Países caucasianos, ricos em petróleo.
- A – Canal da Mancha, importante via marítima internacional.
B – França, segunda maior potência europeia.
C – Países bálticos, os primeiros da antiga URSS a se tornarem independentes.
- A – Estreito de Gibraltar, passagem do Atlântico para o Mar Mediterrâneo.
B – Alemanha, país que ficou dividido no período da Guerra Fria.
C – Países escandinavos, que têm grande potencial florestal.
- A – Estreito de Dardanelos, que liga o Mar Mediterrâneo ao Mar Negro.
B – Espanha, país que enfrenta o separatismo basco.
C – Letônia, Estônia e Lituânia, países bálticos.

19. (FGV) – O Reino Unido é uma unidade política formada

- pela Inglaterra, País de Gales e Escócia.
- pela Inglaterra, País de Gales, Escócia e Irlanda do Norte.
- pela Inglaterra, País de Gales, Escócia, Irlanda e Irlanda do Norte.
- apenas pela Inglaterra.
- pelas Ilhas Britânicas.

20. (MODELO ENEM) – O mapa abaixo mostra cinco localidades da Europa. Relacione essas localidades com os pluviogramas que se seguem e assinale a única alternativa que indica relação correta.





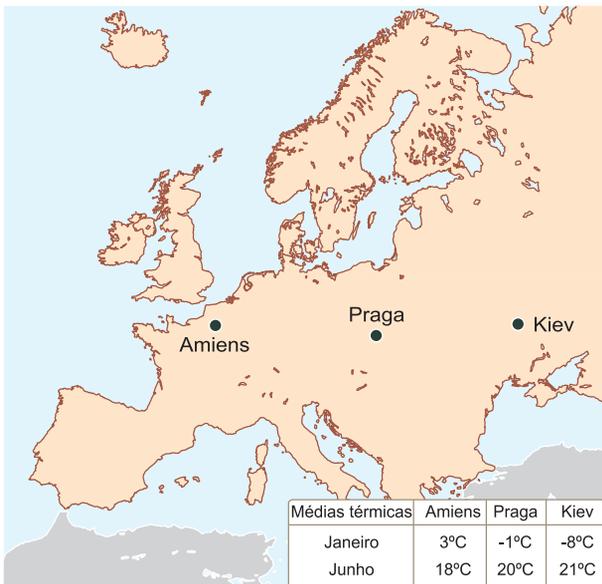
- a) 1 – B b) 2 – D c) 3 – A d) 4 – C e) 5 – E

21. (FAC-PR) – Com relação à localização geográfica do continente europeu, é correto afirmar:

- A Europa encontra-se totalmente na porção meridional do globo terrestre.
- O continente faz limite, a leste, com os Montes Urais. A oeste, é banhado pelo Oceano Pacífico.
- O Círculo Polar Ártico atravessa a Europa no extremo norte e o Antártico, no extremo sul.
- O continente, situado nos hemisférios oriental e ocidental, é cortado pelo Meridiano de Greenwich e pelo Círculo Polar Antártico.
- Ao norte, o continente é banhado pelo Oceano Glacial Ártico; ao sul, pelos Mares Mediterrâneo e Negro; a oeste, pelo Oceano Atlântico.

22. (UNIMAR) – Observe o mapa a seguir sobre as amplitudes térmicas na Europa.

AMPLITUDES TÉRMICAS NA EUROPA



As amplitudes térmicas das cidades de Amiens, Praga e Kiev estão relacionadas com

- o efeito da maritimidade e o efeito da continentalidade.
- o efeito da maritimidade e o efeito da altitude.
- o efeito da continentalidade e o efeito da latitude.
- o efeito da latitude e o efeito da altitude.
- o efeito da latitude e o efeito da longitude.

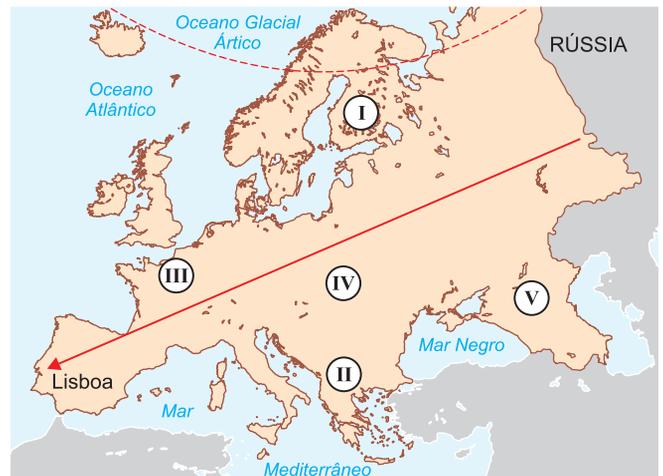
23. (UNIP – Adaptado.) – O clima e a vegetação da Europa estão relacionados a três fatores:

- elevadas altitudes que o continente ocupa em relação às zonas climáticas mundiais;
- influência da corrente marítima quente do Golfo – ela banha as costas ocidentais do continente, aquecendo-o;
- presença de ventos úmidos de oeste, que distribuem quantidades razoáveis de chuva.

Esses fatos indicam que ocorrem, na Europa, climas temperados que apresentam variações. **Não** se destaca, entre esses climas, o:

- clima polar, caracterizado por baixas temperaturas quase o ano todo e por invernos rigorosos cujas noites de longa duração englobam o território norte, como a parte setentrional da Península Escandinava.
- clima temperado frio, a estender-se pelo sul da Península Escandinava e interior da Rússia; apresenta as quatro estações do ano, mas é predominantemente frio; é acompanhado pela floresta de coníferas.
- clima temperado oceânico, que abrange a costa atlântica de noroeste (Ilhas Britânicas, litoral francês, Dinamarca, Países Baixos, entre outros); apresenta as quatro estações do ano, que são úmidas.
- clima temperado continental; ele é basicamente seco, revela invernos rigorosos e encampa o interior do continente (Leste Europeu).
- clima mediterrâneo, que se mostra desértico, por ocorrer em posição geográfica muito próxima do Deserto do Saara; engloba o sul do continente e caracteriza países como a Itália, Portugal e Espanha.

Mapa para as questões 24 e 25.



24. (MODELO ENEM) – O mapa acima representa, por meio da seta vermelha, o percurso de um carro numa estrada reta fictícia. O automóvel parte da fronteira oriental da Europa em direção a Portugal.

Nessa viagem, o motorista provavelmente

- atravessaria apenas planícies, entre elas, a russa, a germano-polonesa e a parisiense; trata-se do relevo dominante no continente.
- partiria dos Montes Urais, cruzaria duas planícies, além do Maciço Central Francês, dos Pirineus e dos planaltos (Meseta) espanhóis.

- c) teria de atravessar grandes montanhas na Rússia, mas o percurso seria facilitado no final, já que, próximo a Lisboa, o terreno é plano.
- d) cruzaria os Cárpatos, os Alpes, os Balcãs e, por fim, a planície lisboeta.
- e) veria uma paisagem montanhosa do começo ao fim, por ser esse o relevo dominante no continente.

25. (MODELO ENEM) – Se considerada a legenda do mapa (I a V), a paisagem abaixo fotografada pode ser encontrada em:



- a) I
- b) II
- c) III
- d) IV
- e) V

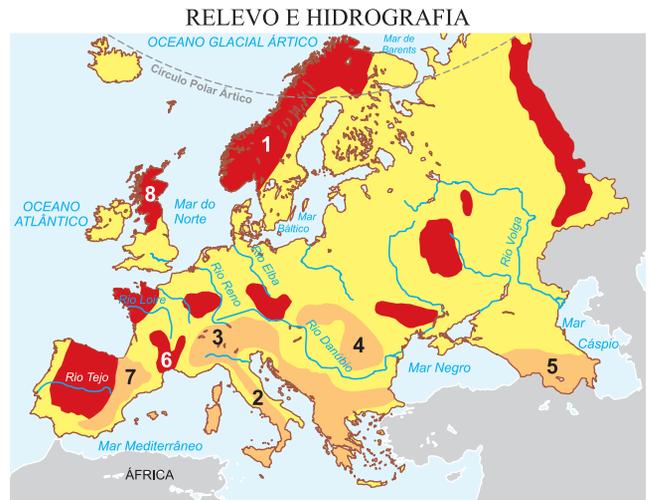
26. (UNIP) – A Inglaterra, o País de Gales, a Escócia e a Irlanda do Norte formam o(a)

- a) União Europeia.
- b) Euratom.
- c) Reino Unido.
- d) Commonwealth.
- e) Otan.

27. (UEM) – Identifique o que for correto sobre os fatores geográficos de ordem física, no continente europeu.

- a) Nas áreas sob influência continental, os invernos são rigorosos e secos e verificam-se grandes diferenças entre as temperaturas do mês mais quente e do mês mais frio.
- b) A distância entre a Europa e o denominado Círculo de Fogo do Pacífico deixa esse continente a salvo das atividades vulcânicas.
- c) As planícies ocupam extensas áreas, sendo exemplo a Planície Russa, limitada, a leste, pelos Montes Urais.
- d) A ausência de terrenos sedimentares com depósitos de combustíveis fósseis torna o continente europeu dependente da importação de carvão e de petróleo, respectivamente, da China e do Golfo Pérsico.
- e) Os Rios Volga e Danúbio, importantes cursos fluviais da Europa Central, articulam o comércio entre a Europa Ocidental e a Europa Oriental.
- f) A corrente do Golfo, que se origina no Golfo do México, influi no clima da costa ocidental da Europa, tornando os invernos menos frios.

28. (UFSM) – Observe o mapa do relevo da Europa.



(H. C. Garcia e T. M. Garavello. *Lições de Geografia*. São Paulo: Scipione, 1998, p. 15.)

Entre as cadeias que se encontram numeradas no mapa, assinale a alternativa que identifica somente cadeias de dobramentos modernos.

- a) 1 – Alpes Escandinavos / 2 – Apeninos / 3 – Alpes / 4 – Cárpatos
- b) 2 – Apeninos / 3 – Alpes / 4 – Cárpatos / 5 – Cáucaso
- c) 3 – Alpes / 4 – Cárpatos / 5 – Cáucaso / 6 – Maciço Central Francês
- d) 4 – Cárpatos / 5 – Cáucaso / 6 – Maciço Central Francês / 7 – Pirineus
- e) 5 – Cáucaso / 6 – Maciço Central Francês / 7 – Pirineus / 8 – Montes Peninos

29. (UNIU) – As afirmativas abaixo se referem aos aspectos naturais do continente europeu.

- I. O relevo da Europa é caracterizado por várias porções: na porção central, predominam as planícies; na porção setentrional, maciços antigos; na porção meridional, dobramentos modernos.
- II. O litoral Atlântico, bastante recortado, favoreceu a instalação de portos, o desenvolvimento dos transportes marítimos e a atividade pesqueira. Rios de planície também favoreceram o transporte fluvial.
- III. A maior parte do território europeu localiza-se na zona climática temperada, o que lhe confere a seguinte sequência de vegetação do norte para o sul: estepes, floresta de coníferas, tundra e vegetação mediterrânea.

Assinale a alternativa correta.

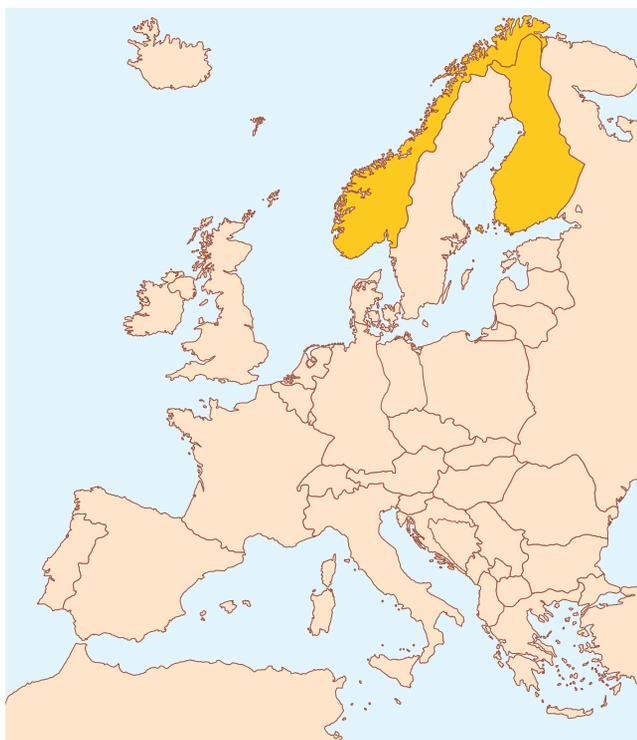
- a) Apenas III. b) I e III. c) Apenas II. d) I e II.

30. (VUNESP) – Ao se realizar uma viagem terrestre pelo continente europeu, de Roma a Madri, percorre-se um relevo marcado por cadeias montanhosas.

Assinale a alternativa que contém a sequência correta delas.

- a) Apeninos, Alpes, Pirineus.
- b) Alpes, Urais, Cáucaso.
- c) Pirineus, Vosges, Urais.
- d) Balcãs, Cárpatos, Cáucaso.
- e) Vosges, Apeninos, Cárpatos.

31. (FUVEST) – Os dois países europeus assinalados no mapa possuem características físicas bem diferenciadas: um se destaca pela presença de fiordes no litoral; o outro é considerado o país dos lagos, com aproximadamente 40.000, de origem glacial.



Esses dois países são, respectivamente,

- a) Noruega e Suíça.
- b) Suécia e Holanda.
- c) Finlândia e Holanda.
- d) Suíça e Finlândia.
- e) Noruega e Finlândia.

32. (UNICENTRO) – Com base nos conhecimentos sobre aspectos gerais da Europa e características de suas regiões, pode-se afirmar que

- a) a Europa é drenada por numerosos rios, entre eles o Reno, o maior, que nasce nos Alpes, atravessa vários países da Europa Central e Oriental e desemboca no Mar Negro.
- b) o predomínio do grupo étnico nacional caracteriza países como Romênia, Bulgária e Chipre, enquanto as minorias étnicas representam percentuais significativos na Itália e na Grécia.
- c) a Europa Central apresenta um crescimento demográfico alto e elevado índice de fertilidade, porém as pessoas idosas são pouco representativas na população regional.
- d) o parque industrial russo, concentrado em torno do Mar Negro, caracteriza-se pela produção de bens de consumo de alta qualidade e de tecnologia avançada.
- e) a economia da Europa Setentrional é baseada na indústria, sendo a Dinamarca, o menor país da região, seu principal país agrícola.

33. (UPF) – Observe os dados abaixo sobre o clima da cidade francesa de Nice.

Mês	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Maio	Jun.
T °C	7,5	8,5	10,8	13,3	16,7	20,1
P mm	68	61	73	68	73	35
Mês	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.
T °C	22,7	20,5	20,3	16	11,5	8,2
P mm	20	27	77	124	129	107

T = Temperatura P = Pluviometria

A análise das temperaturas e das chuvas permite concluir que a cidade de Nice se encontra no domínio climático

- a) tropical.
- b) mediterrâneo.
- c) temperado oceânico.
- d) temperado continental.
- e) subtropical.

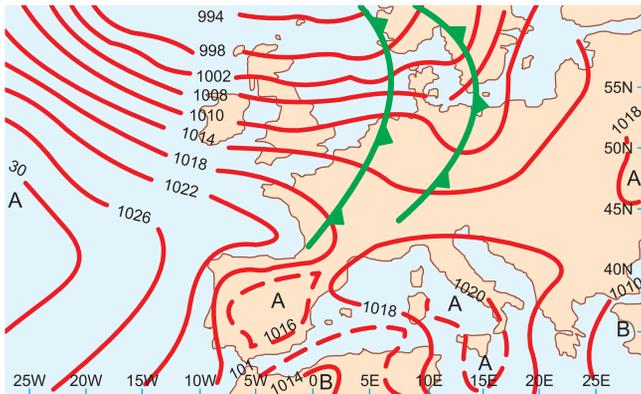
34. (UNIMAR) – São três as cadeias montanhosas – a dos Pirineus, a dos Alpes Centrais e a dos Apeninos – que se sucedem de oeste (ocidente) para leste (oriente), formando um arco montanhoso na parte meridional do continente europeu. É mais provável que, ao sul desse arco formado pelas montanhas, predomine o clima do tipo

- a) tropical oceânico, com chuvas durante o ano todo.
- b) temperado oceânico, com verões úmidos e invernos secos.
- c) temperado continental, com verões úmidos e invernos secos.
- d) mediterrâneo, com verões úmidos e invernos secos.
- e) mediterrâneo, com verões secos e invernos úmidos.

35. (MODELO ENEM) – Assinale a alternativa que associa corretamente uma grande área do globo ao tipo de clima que nela ocorre e a características desse clima.

	Localização	Clima	Características
a)	Regiões tropicais	Desértico	Baixas amplitudes térmicas; frequentes tornados.
b)	Golfo do México (Caribe)	Temperado oceânico	Chuvas o ano todo; verões quentes.
c)	Centro-Sul da Ásia	Subtropical	Verões chuvosos; elevadas amplitudes térmicas.
d)	Oeste da América e África	Frio	Baixas amplitudes térmicas; alta umidade relativa do ar.
e)	Sul da Europa	Mediterrâneo	Chuvas no inverno; verões quentes.

36. Observe o mapa de climas da Europa de 17 de maio de 2000. Ele indica que



- a) duas frentes frias avançam de oeste para leste e trazem chuva e frio para a França e a Alemanha.
- b) as áreas de alta pressão no Mediterrâneo provocam frio na região.
- c) o tempo deve estar nebuloso na Espanha.
- d) as frentes apresentadas são quentes e provocam a elevação da temperatura na Noruega e na Suécia.
- e) o tempo deverá estar nublado e chuvoso na Grã-Bretanha.
37. (MACKENZIE) – Para a produção de vinhos de qualidade, artigo de grande importância na pauta de exportações de alguns países, o clima deve apresentar características específicas com verões quentes e secos e invernos amenos. Essas condições são encontradas
- a) na Europa Mediterrânea, na porção central do Chile e na Califórnia.
- b) na Europa Mediterrânea, no Sahel africano e no Vale do Rio Paraíba do Sul no Brasil.
- c) na Europa Mediterrânea, na porção central do Chile e na região dos Grandes Lagos dos EUA.
- d) na Europa Mediterrânea, na Califórnia e na costa dos países escandinavos.
- e) na Europa Mediterrânea, na costa dos países escandinavos e na costa atlântica do México.
38. (FGV) – A camada de gelo do Ártico está ficando menor e mais fina, o que é comparável à perda de uma Holanda a cada ano. Tal redução pode ter efeitos dramáticos, porque a formação dos bancos de gelo é uma parte importante da “esteira rolante” que envia água salgada ao fundo do mar e a impele para o Sul, permitindo o afluxo das águas quentes dos trópicos, a exemplo da Corrente do Golfo. Os padrões de clima fazem prever que esse processo de redução continuará e, com isso, haverá uma grande perda de convecção do Mar da Groenlândia e do Labrador.

(Tim Radford. The Guardian.

In: O Estado de S. Paulo, 29 abr. 2000. Adaptado.)

Do texto acima, pode-se inferir que, se o efeito estufa persistir devido ao aquecimento global, provavelmente, a longo prazo,

- a) a “esteira rolante” correspondente à Corrente do Golfo, de águas quentes, que flui do Caribe para o Norte, poderá fundir-se com a Corrente do Atlântico Norte, de águas frias, que flui do Estreito de Bering para as Ilhas Aleutas.
- b) o transporte de calor pelo oceano, partindo dos trópicos para as altas latitudes, será muito mais rápido, pois a perda da convecção elevará muito as temperaturas médias do Norte Europeu.
- c) a transmissão de calor para as altas latitudes será mais lenta, podendo interromper a ação da Corrente do Golfo, o que tornará mais frio o clima das regiões beneficiadas por ela, como o norte e o noroeste da Europa.
- d) o recuo das geleiras no Ártico será catastrófico para o Labrador e a Groenlândia, mas a maioria se beneficiará com o aumento da água doce, sobretudo a Holanda, cujas fontes são comprometidas pela salinização.
- e) provocará, em ritmo acelerado, a separação de icebergs do continente, que flutuarão sobre os oceanos, resfriando-os, e, como a água demora mais para aquecer, os invernos serão mais longos e os verões mais curtos.

39. (FIAP – Adaptado.) – O homem age no meio ambiente surpreendentemente ao construir integrações físicas artificiais. Assinale a alternativa que descreve o canal Reno-Meno-Danúbio e o Eurotúnel correta e respectivamente.

- a) Encontrado especialmente na região dos Países Baixos, onde há muitos polders, que são áreas conquistadas ao mar; trata-se de um túnel que integra as duas hidrovias mais importantes da Europa.
- b) Conta com a ajuda de 59 eclusas e é interligado com diversos outros rios e canais de navegação intraeuropeia; um túnel que ao longo do seu trajeto atravessa o Vale do Ruhr, onde estão grandes reservas de carvão.
- c) Destacado por garantir o maior comércio via ferroviária da Europa; símbolo da maior integração física da Grã-Bretanha à Europa Continental.
- d) Canal que integra as duas mais importantes hidrovias da Europa: as dos Rios Reno e Danúbio e, conseqüentemente, a Europa Ocidental e a Europa Centro-Oriental; um túnel que, sob a porção mais estreita do Canal da Mancha, liga Folkestone (Inglaterra) à Fréthun (França).
- e) O canal que torna a Europa navegável por dentro do Mar Negro; túnel que liga as três principais hidrovias da Inglaterra e França, sendo vital para o comércio de petróleo proveniente da região.

40. (VUNESP) – Os portos da Suécia, ao contrário dos noruegueses, ficam congelados durante vários meses do ano. Isso se deve à

- a) localização em latitudes mais elevadas.
- b) não atuação da corrente quente do Golfo.
- c) localização em fiordes.
- d) atuação intensa de geleiras.
- e) atuação da corrente fria do Labrador.

41. (UNIRP) – Os rios da Europa são bastante utilizados para a navegação, produção de energia elétrica e irrigação. Assinale a alternativa que corresponde à grande via de comunicação entre a Europa Centro-Occidental e a Oriental.

- a) Reno b) Volga c) Elba
- d) Ródano e) Danúbio

42. (ESPC) – O mapa abaixo apresenta três importantes rios da Europa.



A respeito dos rios assinalados, é correto afirmar que a letra

- A representa o Rio Tejo, que se destaca pela grande extensão.
- B representa o Rio Danúbio, que se destaca como importante rio de integração, cortando diversos países.
- C representa o Rio Ródano, que se destaca pela importância estratégica em relação à importação de petróleo.
- A representa o Rio Volga, que se destaca por dividir importantes países do Leste Europeu.
- B representa o Rio Loire, que se destaca pelo escoamento da produção da França.

43. (FEVIT) – Como terminal das grandes rotas marítimas que ligam o mundo ao continente europeu, este porto ocupa o primeiro lugar em tonelagem, fazendo conexão entre as regiões do Rio Reno e Mosa (que reúnem 80% da indústria de base da Europa Ocidental) e o Mar do Norte.

O texto melhor se aplica a

- Roterdã, nos Países Baixos.
- Londres, na Inglaterra.
- Veneza, na Itália.
- Marselha, na França.
- Bordeaux, na França.

44. (VUNESP) – Considere as afirmações:

- O país está vivendo uma situação inusitada. O país ultrapassou 10 milhões de habitantes e atingiu o maior crescimento populacional de sua história. Mas o surpreendente é que a taxa de natalidade é tão baixa que, se a tarefa de procriar fosse deixada exclusivamente a seus habitantes, dentro de 50 anos teria uma população 22% menor que a atual.
- O país vizinho vive fenômeno similar. Os números do censo 2000 mostram que a população chegou a 41 milhões, depois de uma década de estagnação. O que isso tem de mais surpreendente é o fato de que, em ambos os casos, o aumento demográfico decorre do grande fluxo de imigrantes.

As afirmações referem-se aos países

- Uruguai e Argentina.
- Portugal e Espanha.
- Hungria e Polônia.
- Vietnã e Tailândia.
- Líbano e Turquia.

45. Como nos velhos livros de suspense, um fantasma apavora a Europa. Insidiosamente, ele força os governos a aprovar leis que beneficiam casais com filhos recém-nascidos e obriga os europeus a conviverem de má vontade com estrangeiros acusados pela mesma população europeia de lhe roubar o emprego e descaracterizar a cultura e o sangue europeu. Nesse contexto, a Europa não se convence de que deve lutar contra tal fantasma, e, a cada dia que passa, a situação se agrava.

Trata-se do fantasma do(a)

- abandono das atividades primárias, o que faz decair a produção agrícola.
- envelhecimento da população, o que obriga o setor produtivo a lançar mão da mecanização e da mão de obra estrangeira.
- emigração contínua de jovens europeus em direção ao mercado de trabalho norte-americano.
- perda de cérebros para o desenvolvimento de pesquisa no Japão.
- aumento da produção do setor secundário da economia – por não encontrar mercado consumidor interno, ele fica cada vez mais pobre.

46. (UNITAU) – Na Europa, os movimentos migratórios tiveram caráter extracontinental, o que provoca sentimentos exacerbados principalmente quando há crises econômicas. Esses sentimentos estão relacionados

- a conflitos separatistas.
- ao xenofobismo.
- à unificação entre os povos.
- ao turismo.
- à xenofilia.

47. (FIB) – A Europa precisa de imigrantes para continuar próspera, mas detesta ver estrangeiros em suas terras (...).

Quais os conceitos implícitos nesta frase?

- Taxa de natalidade elevada e xenofobia.
- Política oficial de importação de mão de obra e trabalho informal.
- Crescimento vegetativo lento e plena integração do imigrante na sociedade europeia.
- Envelhecimento da população e xenofobia.
- População absoluta e população relativa.

48. (UNICAMP) – A Europa esteve em vias de construir uma cerca no extremo sul de suas fronteiras. A cerca, cuja concepção é semelhante à da existente entre o México e os Estados Unidos, seria constituída por duas fileiras de altas barreiras de arame, equipadas com câmeras de televisão e sensores ópticos, ladeando uma estrada destinada às patrulhas de fronteiras.

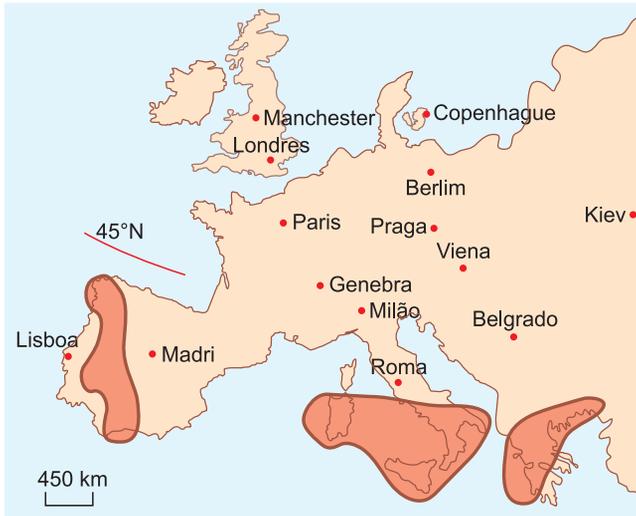
Ela se estenderia por 8 quilômetros entre o enclave espanhol de Ceuta, no norte da costa africana, e o vizinho Marrocos.

(O Estado de S. Paulo, 9 ago. 1998.)



- Quais são os motivos que justificariam a construção dessa barreira geográfica pelos europeus?
- Considerando-se o mapa apresentado, por que os europeus ergueram essa barreira em Ceuta e não em Melilla?

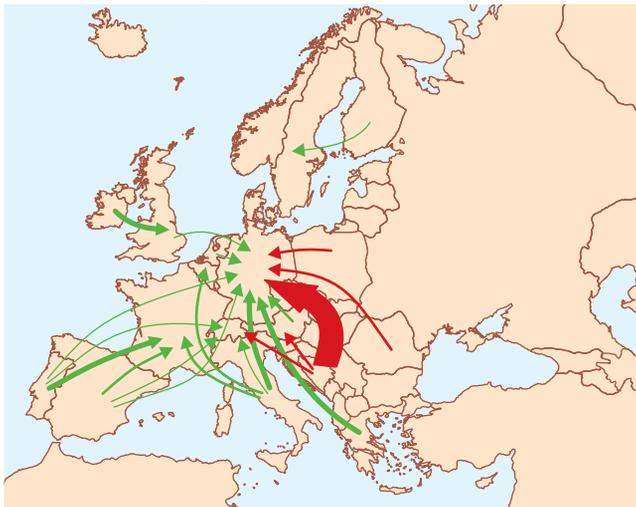
49. (FUVEST) – No mapa a seguir, destacam-se três regiões europeias onde



- a) ocorrem movimentos separatistas.
- b) estão localizados os mais importantes portos europeus.
- c) são registrados baixos IDHs da União Europeia.
- d) foram suspensos pela OMC os subsídios agrícolas.
- e) ocorre o maior fluxo de imigrantes da África Setentrional e da Austrália.

50. (PUC-SP) – Observe com atenção o mapa apresentado abaixo.

A IMIGRAÇÃO DE EUROPEUS NA EUROPA



Número de estrangeiros originários de um país europeu (em milhares):		Data da imigração:	
	1 239		antes de 1989
	700		depois de 1989
	500		
	inferior a 200		

(Traduzido de SCIENCES PO – Cartographie.)

É correto afirmar:

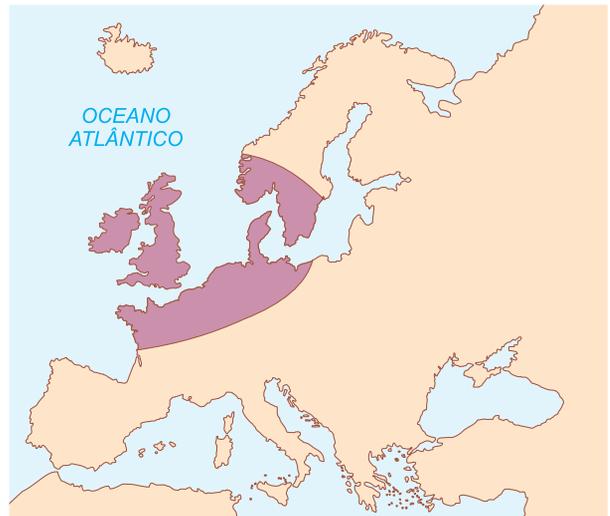
- a) O crescimento da emigração da região da antiga Iugoslávia, após 1989, deve-se à imensa oferta de postos de trabalho de alta qualificação nos principais países da União Europeia.

- b) A imensa emigração da antiga Iugoslávia, após 1989, deve-se à configuração da União Europeia em 1992 que criou a figura do cidadão europeu, que poderá morar e trabalhar em qualquer país-membro.
- c) Antes de 1989, Portugal foi um grande fornecedor de mão de obra para a França e um dos países mais pobres da Europa. No entanto, com sua inclusão na União Europeia, essa situação foi alterada.
- d) Os países nórdicos, que ingressaram atualmente na União Europeia, como a Suécia, transformaram-se, após 1989, em polos de atração de imigrantes dos países europeus mais pobres.
- e) As imigrações de europeus em direção aos principais países desse continente, tanto antes como após 1989, estão diretamente relacionadas à queda dos países socialistas do Leste Europeu.

51. (UNIP – Adaptado.) – Em uma viagem por terra de Roma a Madri, você atravessaria várias cadeias montanhosas, como a sequência formada por

- a) Pirineus, Alpes e Cárpatos.
- b) Cáucaso, Cárpatos e Alpes.
- c) Apeninos, Alpes e Pirineus.
- d) Alpes Dináricos, Balcãs e Urais.
- e) Vosges, Apeninos e Maciço da Floresta Negra.

52. (UNIP – Adaptado.) – Quanto ao clima e à vegetação da área destacada, podemos dizer que se trata de



- a) clima mediterrâneo de invernos brandos; vegetação de floresta de coníferas.
- b) clima temperado oceânico; floresta, em sua maior parte, destruída.
- c) clima temperado continental, seco; pradaria.
- d) clima temperado oceânico; vegetação de gramíneas.
- e) clima temperado seco; densas florestas.

53. 

A figura apresenta diferentes limites para a Europa, o que significa que existem divergências com relação ao que se considera como território europeu.



(S. Bourgeat e C. Brás [Coord.]. *Histoire et Géographie. Travaux dirigés*. Paris: Hatier, 2008. Adaptado.)

De acordo com a figura,

- a visão geopolítica recente é a mais restritiva, com um número diminuto de países integrando a União Europeia.
- a delimitação da Europa na visão clássica, separando-a da Ásia, tem como referência critérios naturais, ou seja, os Montes Urais.
- a visão geopolítica dos tempos da Guerra Fria sobre os limites territoriais da Europa supõe o limite entre civilizações desenvolvidas e subdesenvolvidas.
- a visão geopolítica recente incorpora elementos da religião dos países indicados.
- a representação mais ampla a respeito das fronteiras da Europa, que engloba a Rússia chegando ao Oceano Pacífico, descaracteriza a uniformidade cultural, econômica e ambiental encontrada na visão clássica.

54. 

Relacionando as regiões (1) e (2), poderíamos encontrar, como característica(s) comum(ns),



- a presença de fiordes, reentrâncias litorâneas provocadas pela erosão glacial e o avanço do mar.
- climas mediterrâneos, o que permite elevada produção de vinho e azeite de oliva.
- regiões ricas em petróleo, o que faz da Noruega e do Chile grandes exportadores.
- grandes fluxos migratórios em virtude da atração exercida pelo enorme desenvolvimento econômico dessas regiões.
- a concentração de armas nucleares, pois tanto o Chile como a Noruega são membros da OTAN.

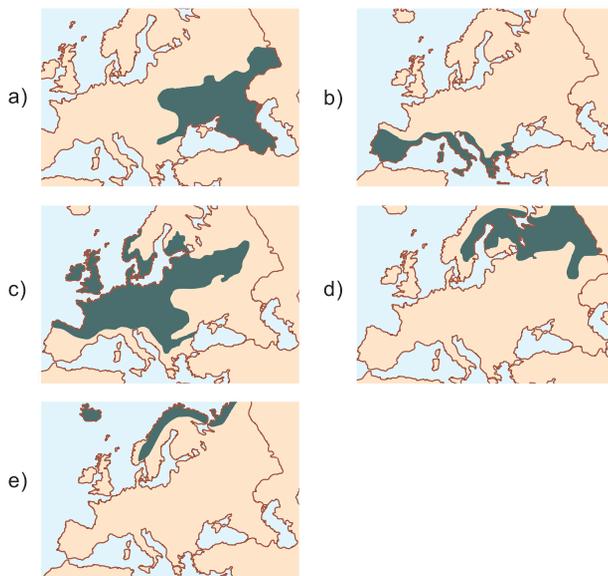
55. 

Considere o texto abaixo, a respeito de uma das paisagens fitogeográficas do continente europeu.

Floresta boreal: é caracterizada pelo domínio das coníferas (pinheiros). As coníferas apresentam folhas duras e aciculifoliadas (em forma de agulha), cujas funções são impedir a acumulação da neve nas copas das árvores e reduzir o processo de evapotranspiração, pois as chuvas são raras na região.

A região onde essa floresta se desenvolve possui duas estações do ano bem definidas: inverno bastante rígido e verão com temperaturas amenas, em torno de 20° C. No verão, os dias são mais longos e, no inverno, são mais curtos, com precipitação sob a forma de neve.

A localização correta dessa paisagem está representada em:



56. 

Os acontecimentos dos últimos anos colocaram populações ocidentais frente a frente com novas realidades. A presença cada vez mais visível de milhões de muçulmanos em seu meio tornou-as conscientes de que suas sociedades mudaram. Isso deu vez a medos e a perguntas perfeitamente legítimas, mesmo quando expressas com uma certa confusão.

(Tariq Ramadan. *O Estado de S. Paulo*, 9 jul. 2006.)

O continente europeu é um dos grandes polos de atração migratória. Atraídos pelo sonho de uma vida melhor que nos países de origem,

- a) esses imigrantes, além de atuarem como mão de obra barata, estão influenciando a cultura europeia, com seus costumes e religião de suas pátrias, o que está desencadeando reações xenófobas de europeus contra essas populações.
- b) esses imigrantes estão se posicionando a favor do terrorismo contra os governos que apoiaram a ocupação do Iraque, pois objetivam uma invasão futura das Forças Armadas de seus países de origem.
- c) esses imigrantes abandonam completamente os costumes dos países de origem, adotando os valores seculares, o que promove uma rápida integração com a população europeia.
- d) esses imigrantes pressionam os governos europeus por melhores condições trabalhistas e apoiam integralmente os movimentos terroristas islâmicos.
- e) esses imigrantes, apesar das restrições à imigração impostas pelos governos europeus, são rapidamente integrados às comunidades, pois os europeus estão abertos às novas influências estrangeiras, principalmente as oriundas do Oriente Médio.

57. (PUC) – Leia:

LAMA ATINGE O DANÚBIO E PÕE EUROPA EM ALERTA

Ainda não há sinais de mortes de peixes no 2.o maior rio do continente

A lama tóxica que vazou do reservatório de uma fábrica de alumínio na Hungria atingiu ontem o Danúbio, colocando em alerta autoridades dos países cortados pelo segundo maior rio europeu.

(Folha de S.Paulo, 8 out. 2010, p. A23.)

Sobre as características e conseqüências do desastre, pode-se afirmar que

- a) sua escala fica restrita às cercanias da fábrica, pois os cursos d'água próximos têm condição de absorver o material tóxico, sem permitir que ele se espalhe na extensão da bacia hidrográfica.

- b) a lama transportada na bacia do Danúbio ultrapassará a fronteira de vários países, o que justifica que a condição ambiental de um país seja de interesse, ao menos, dos seus vizinhos.
- c) o derramamento dessa lama é uma ameaça para a Europa em geral, pois, através do Rio Danúbio, atingirá todas as outras bacias hidrográficas importantes do continente.
- d) sua escala é local, ao contrário do desastre da Usina de Chernobyl que espalhou uma nuvem radioativa sobre a Europa, pois a lama vazou na água e, assim, não pode se mover.
- e) não se deve instalar essas fábricas em zonas ribeirinhas, e sim se optar por zonas litorâneas, modo pelo qual os efeitos de desastres serão mais localizados.

58. (UNESP) – A 15ª Conferência do Clima das Nações Unidas (COP-15), que ocorreu em dezembro em Copenhague – Dinamarca, foi considerada um fracasso em termos ambientais.

“Com a grande expectativa e a presença de muitos chefes de Estado, a COP-15 foi a perda de uma excelente oportunidade de se tomar decisões realmente incisivas para combater as mudanças climáticas”, afirmou Carlos Rittl – coordenador do Programa de Mudanças Climáticas e Energia da World Wildlife Fund – WWF no Brasil.

(O Estado de S.Paulo, 29 jan. 2010. Adaptado.)

A alternativa que melhor exprime a expectativa que se frustrou na realização da COP-15 é:

- a) propor ações para minimizar as mudanças climáticas por meio do aumento do uso de fontes não renováveis.
- b) buscar a contenção da produção de energias de fontes renováveis para a preservação do meio ambiente.
- c) abrir espaço para discutir o maior uso de combustíveis fósseis (carvão, petróleo e energia nuclear).
- d) incrementar os índices da emissão de gases de efeito estufa.
- e) traçar metas para um novo tratado que substituiria o Protocolo de Quioto.



RESPOSTAS DOS EXERCÍCIOS-TAREFA

- 8) C 9) B 10) B 11) B 12) D 13) C
- 14) B 15) C 16) E 17) A 18) A 19) B
- 20) E 21) E 22) A 23) E 24) B 25) A
- 26) C 28) B 29) D 30) A 31) E 32) E
- 33) B 34) E 35) E 36) A 37) A 38) C

- 39) D 40) B 41) E 42) B 43) A 44) B
- 45) B 46) B 47) D 49) C 50) C 51) C
- 52) B 53) B 54) A 55) D 56) A 57) B
- 58) E

A economia europeia

Funcionando como um mercado único, a UE é uma grande potência comercial a nível mundial.

A política econômica da UE está concentrada na criação de emprego e na promoção do crescimento, o que passa por utilizar de forma mais eficaz os recursos financeiros, suprimir os obstáculos ao investimento e dar visibilidade e assistência técnica aos projetos de investimento.

Qual a dimensão da economia da UE?

O PIB – Produto Interno Bruto da União Europeia em 2019, girou em torno de € 15, 9 trilhões, equivalente a US\$ 18,7 bilhões. Este montante é superior ao total da China, € 7,7 bilhões, é superado apenas pelo dos EUA € 17,4 bilhões.

Comércio exterior

As trocas internas, entre seus próprios membros, são intensas e correspondem a aproximadamente 71% do comércio exterior da União Europeia. As trocas comerciais do bloco equivalem a 16, 5% do total global

A União Europeia, os Estados Unidos e a China, considerados as dimensões de seus mercados, o volume de sua produção, e o montante do valor de suas trocas, se constituem os maior mercados – players – mundiais.

O montante das trocas comerciais da UE é a segunda maior do mundo.

No que tange às exportações, a participação da União Europeia equivale a 16,5%, inferior apenas ao montante chinês, mas supera largamente os Estados Unidos.

O desafio da economia diante das mudanças climáticas

Apesar de crescimento econômico ameaçar o clima, ele é necessário, sobretudo em países mais pobres. Perante este impasse, especialistas defendem que o capitalismo passe a priorizar investimentos sustentáveis.

*Em seu romance de ficção científica de 2012 *News From Gardenia* (Notícias de Gardênia, em tradução livre), o autor Robert Llewellyn observa um mundo que acaba ficando bem. Os seres humanos vivem harmoniosamente com o ambiente natural ao seu redor. O capitalismo de mão pesada parece ter entrado em colapso, substituído por uma troca local de bens e serviços. As comunidades parecem mais saudáveis e felizes, mas é uma catástrofe global inespecífica na história que forçou a mudança.*

O arco narrativo é tal que Greta Thunberg também concordaria com ele. O crescimento econômico é um “conto de fadas” que mata o planeta, disse a jovem ativista em setembro. “Desacelerem por opção agora”, pediu ela aos líderes da Cúpula da Ação Climática da ONU, “ou as mudanças climáticas nos forçarão a fazê-lo – talvez mais cedo do que mais tarde”.

Sublinhando seu ponto de vista, o movimento Greve pelo Futuro de Thunberg convoca um Dia sem Compras nesta sexta-feira (29/11), em plena Black Friday, uma tradição comercial dos EUA que se segue ao Dia de Ação de Graças e dá a largada para a temporada de compras de Natal.

Para a maioria dos economistas, no entanto, uma solução de baixo ou nenhum crescimento para as mudanças climáticas não é algo a ser levado a sério e certamente não pode ser aplicado em escala global. “O campo da Greta é mais um fenômeno econômico avançado”, diz à DW Adam Tooze, professor de história da economia na Universidade de Columbia. “Está no domínio da política razoável para economias avançadas dizer que não precisamos de mais crescimento.”

A agricultura e as mudanças climáticas

Ele acrescenta, entretanto, que isso não se aplica às economias mais pobres e em desenvolvimento, que enfrentam uma “genuína escolha difícil” entre atender às “necessidades humanas existenciais” – como água potável, saneamento e assistência médica – e buscar a rápida descarbonização necessária para atender às metas do Acordo de Paris sobre o aquecimento global.

“Isso coloca a maior parte do ônus da descarbonização nos países ricos”, frisa Tooze. “Neles, o desafio é menor, mas de modo algum é uma questão fácil em termos de tecnologia e política”. Economistas como Tooze defendem, ao invés de uma escolha radical por um não crescimento, puxar as alavancas existentes do capitalismo global para alcançar o crescimento sem pegada de carbono.

Uma dessas alavancas são os bancos centrais, que, segundo Tooze, poderiam projetar políticas monetárias que favoreçam soluções climáticas como energias renováveis, tecnologia de baterias e captura de carbono em larga escala, além de tornar menos atraentes os investimentos sujos.

Com a flexibilização quantitativa (QE, na sigla em inglês) de volta à caixa de ferramentas do banco central para estimular as economias estagnadas, Tooze quer que o Banco Central Europeu “se comprometa a comprar tantos títulos verdes quanto puder, sem excluir investidores privados”.

“Não há realmente nenhum caso para bancos centrais ou gestores de reservas cambiais estrangeiras ainda continuarem subscrevendo um status quo de combustíveis fósseis, que sabemos que não é sustentável”, afirma o especialista.

A ideia causa arrepio a alguns bancos centrais, especialmente ao Bundesbank, o Banco Central alemão, que se opõe à QE de maneira mais ampla e é “muito crítico” à chamada QE verde. “Nossa missão é a estabilidade de preços, e a neutralidade do mercado é fundamental para nossa política monetária”, disse o presidente do Bundesbank, Jens Weidmann, no mês passado em Frankfurt.

Capital verde

Em outras palavras, é trabalho dos políticos, não dos bancos centrais, colocar o dedo na balança, despejando trilhões de dólares de capital em prol da desaceleração do aquecimento global.

Outras instituições financeiras são menos nervosas. No início deste mês, o Banco Europeu de Investimento (BEI) anunciou que deixaria de apoiar projetos de combustíveis fósseis até o final de 2021. Isso retiraria de hidrocarbonetos cerca de 2 bilhões de euros em financiamento anual proveniente da União Europeia (EU).

Os analistas de financiamento climático saudaram a decisão do BEI, observando que ainda há muito mais a ser feito. O financiamento climático global total atingiu 612 bilhões de dólares em 2017, um recorde, antes de cair para 546 bilhões de dólares em 2018, de acordo com um relatório anual divulgado neste mês pela Iniciativa de Política Climática (CPI), think tank ambientalista que presta consultoria sobre investimentos verdes.

A entidade calcula que sejam necessários 3,8 trilhões de dólares a cada ano para atingir as metas climáticas de Paris.

Usinas termoelétricas vistas no horizonte, diante do pôr do sol

“Intervenção governamental para deter mudanças climáticas tem que ser muito mais agressiva”, alerta especialista “A verba não basta”, diz Barbara Buchner, diretora de finanças climáticas da CPI. “Mas reservar apenas alguns pontos percentuais do investimento total para a ação climática nos levaria muito mais longe.”

Buchner quer ver uma “transformação econômica total”, que, antes de mais nada, significa acabar com o carvão, eletrificar o transporte, além de produzir e distribuir energia renovável suficiente para assegurar que a eletricidade seja livre de carbono. “A tecnologia existe”, diz. “Ou pode existir em breve, caso sejam dados incentivos suficientes para pesquisa e desenvolvimento em larga escala.”

Revolução Industrial como exemplo

“Esse tipo de transformação já aconteceu anteriormente”, afirma Ashoka Mody, economista da Universidade de Princeton. Ele deposita suas esperanças de crescimento econômico climaticamente neutro em parte, e talvez ironicamente, no ponto de virada histórico que iniciou a mudança climática: a Revolução Industrial. Naquela época, como agora, o sistema econômico global mudou fundamentalmente; e então, como agora, a transição produziu vencedores que lucraram e perdedores que precisaram de compensação.

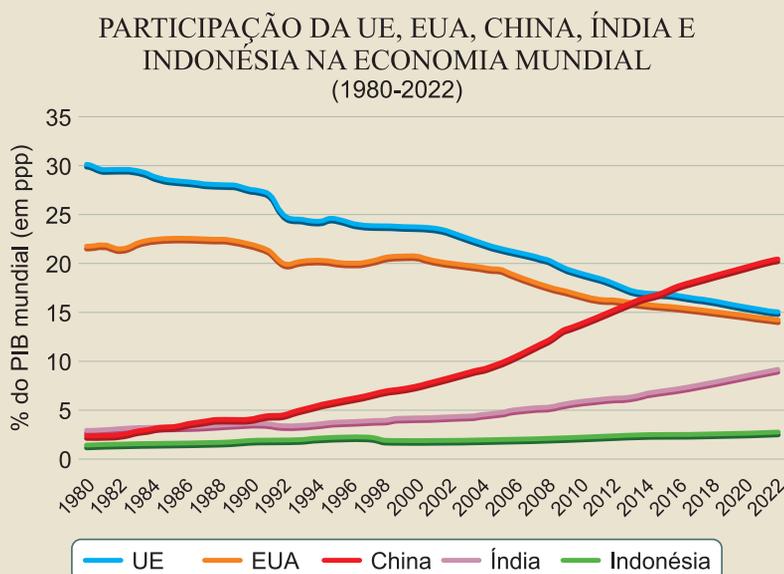
A comparação de Mody, no entanto, vem com uma ressalva: sem uma ameaça iminente, a revolução industrial do século 19 foi se desenvolvendo à medida que a tecnologia e as práticas de negócios evoluíam. A adoção foi mais orgânica.

O rápido aumento da temperatura global, como previsto no relatório do Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas (IPCC) de 2018, significa que “não podemos esperar”, diz ele. “A intervenção governamental precisa ser muito mais agressiva”, alerta.

Embora exista um amplo consenso de que tanto uma taxação séria sobre o carbono quanto uma regulamentação forte são necessárias, Mody defende principalmente a última. “Normas funcionam. Restrições levam à inovação”, afirma, citando como exemplo o Clean Water Act (lei da água limpa) de 1972, que forçou a indústria dos EUA a encontrar modos de limitar a poluição da água e continuar lucrativa.

Para Mody, a questão não é se a economia pode crescer, mas como. “Tantas pessoas ainda são desesperadamente pobres”, observa. “Em seu nível mais básico, o crescimento econômico é o que permite que as crianças se saiam melhor que seus pais”, diz. “Sem crescimento, as pessoas vão perder o incentivo para participar da vida cívica.”

(Deutsche Welle)



(FMI. WEO, abril 2017.)

1. Introdução

A **economia** de uma região, país ou continente está estreitamente relacionada com o **desenvolvimento científico** da população dessas áreas.

O desenvolvimento científico, ao atuar sobre a indústria, provocou o aparecimento de novos métodos, novas técnicas e máquinas que determinaram a ampliação do mercado de trabalho. Nesse contexto, os centros urbanos ficaram mais desenvolvidos socioeconomicamente e, como consequência, atraíram ainda mais população.

A agricultura também foi influenciada pelo desenvolvimento científico-industrial. A partir deste, novas técnicas, máquinas e novos sistemas agrícolas e fertilizantes passaram a ser utilizados, visando ao aumento da produção.

Na Europa, o aumento da produção agrícola decorrente dessas novas condições foi bastante elevado, mas não conseguiu suprir as necessidades da população e da indústria. Para o atendimento das próprias necessidades, os países europeus tiveram de recorrer à importação. A utilização de máquinas, na agricultura, liberou mão de obra, que foi atraída para a cidade – tal fenômeno é denominado êxodo rural.

O desenvolvimento técnico-científico também atingiu a pecuária, por meio de novas técnicas que visam ao aumento da produção: cruzamento de raças, seleção de raças e pastos, inseminação artificial, vacinação, inseticidas, até o uso de satélites no controle do rebanho e dos pastores.

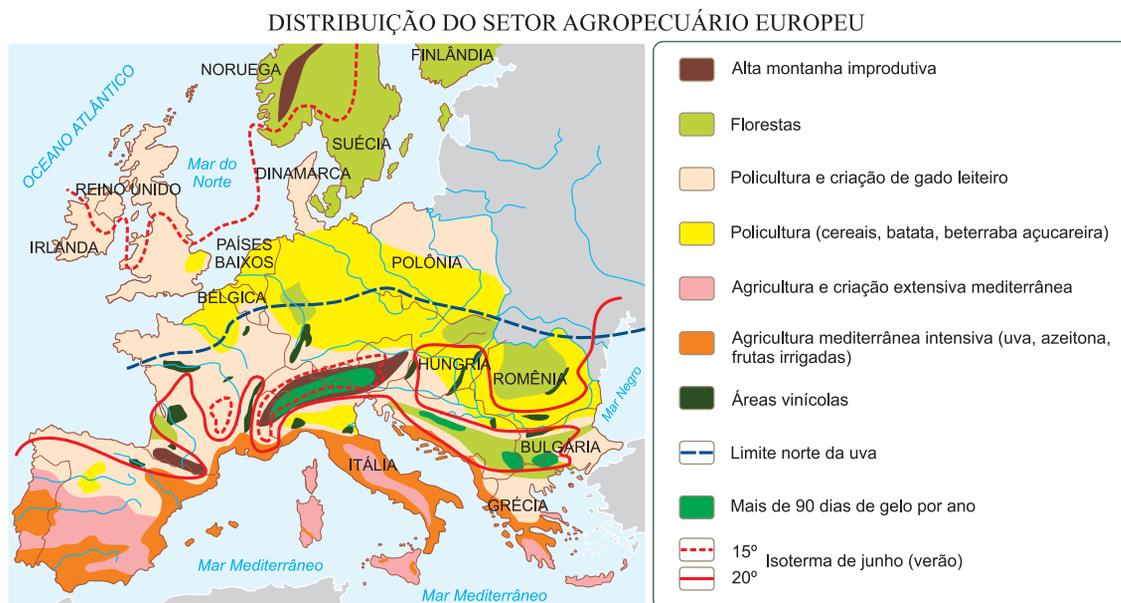
Na Europa:

- A maioria dos produtos agrícolas provêm de regiões temperadas ou subtropicais;
- A pecuária é praticada por meio de técnicas modernas de criação;
- O extrativismo é altamente desenvolvido e subdivide-se em dois tipos. O **extrativismo vegetal** (madeira) ocorre nas florestas do norte europeu. O **extrativismo mineral** corresponde às jazidas minerais – as que são economicamente viáveis são intensamente aproveitadas e é grande a concentração populacional à sua volta.

Dessa forma, o quadro natural foi sendo modificado pela ação antrópica.

2. Agricultura

A agricultura europeia é realizada a partir de técnicas de rotação de culturas e irrigação e desenvolve-se associada à pecuária. Na Holanda e na Bélgica, destacam-se as técnicas de polders e, no Mediterrâneo, o terraceamento. Nas áreas densamente povoadas da Europa, são notáveis as técnicas de jardinagem.



Principais produtos agrícolas

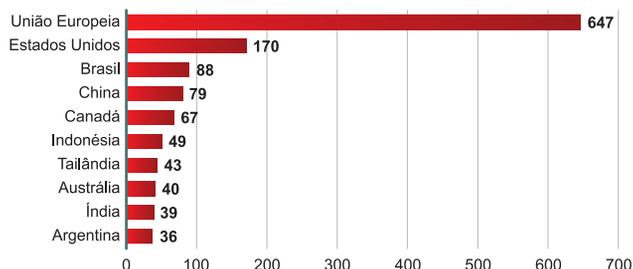
- **Trigo** – é o mais importante produto da agricultura da Europa. Ocupa os solos mais férteis dos países do continente. Entre estes, os que respondem pela maior produção de trigo são Rússia, Ucrânia e França.
- **Centeio, cevada e aveia** – são cultivados predominantemente no centro-norte da Europa.

• **Videiras e oliveiras** – são cultivadas em terraços na Europa Mediterrânea. A indústria europeia do vinho e do azeite ganham destaque na França, Itália, Espanha e em Portugal.

• **Beterraba** – seu cultivo ocorre em quase toda a Europa e se destina à produção de açúcar. Os países que respondem pela maior produção de beterraba do continente são Rússia, França, Ucrânia e Bielorrússia.

MAIORES EXPORTADORES DE GÊNEROS AGRÍCOLAS EM 2017

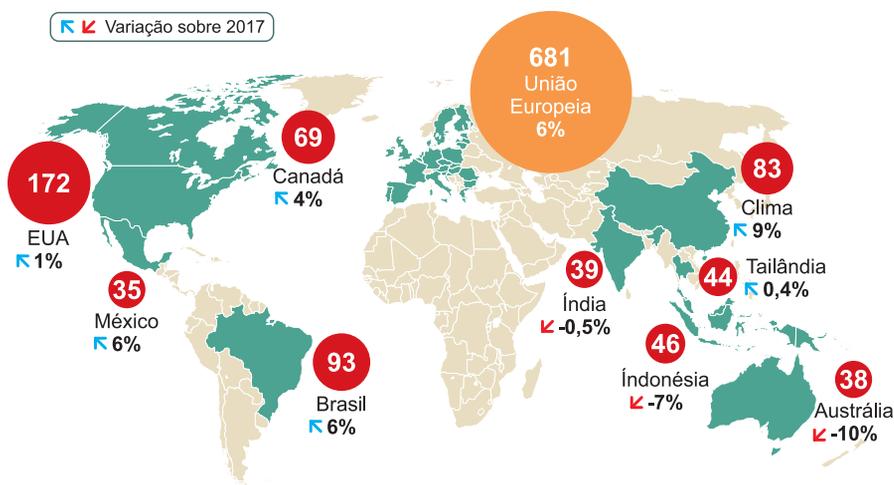
(valores em US\$ bilhões)



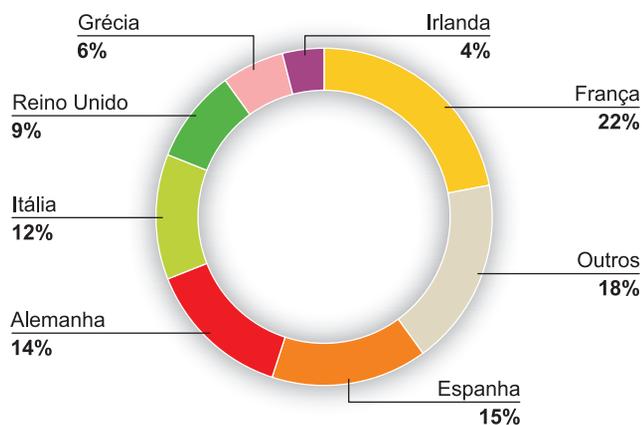
(OMC – Organização Mundial do Comércio.)

EXPORTAÇÕES AGRÍCOLAS

Os maiores em 2018 – em US\$ bilhões



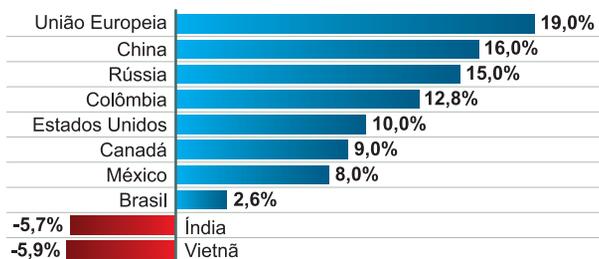
DISTRIBUIÇÃO DOS SUBSÍDIOS DA POLÍTICA AGRÍCOLA COMUM (PAC) – UE



(Comissão Econômica Europeia. Adaptado.)

RECEITA AGRÍCOLA SUBSIDIADA

Parcela da receita dos agricultores com o apoio do governo



Nota: um valor negativo significa que os produtores nacionais foram implicitamente tributados.

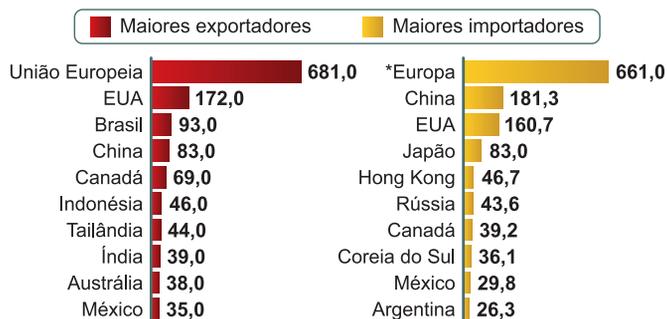
(Monitoramento e Avaliação da Política Agrícola da OCDE, 2019.)

Os subsídios da União Europeia encorajam o cultivo da matéria-prima do açúcar mesmo em regiões de clima desfavorável, como Suécia e Finlândia. O resultado é um excedente de produção que é despejado no mercado mundial. Os Estados Unidos também protegem os produtores de açúcar com tarifas e cotas, mas exportam pouco o produto. O excessivo subsídio agrícola da UE derruba os preços do açúcar no globo e afeta muitas economias em desenvolvimento, inclusive o Brasil, que é o maior exportador mundial do produto.

O protecionismo agrícola da Europa tem origem na determinação do continente, após a Segunda Guerra, de evitar que seus cidadãos passassem novamente por racionamento de alimentos e fome. Na UE, as verbas destinadas à Política Agrícola Comum (PAC) representam exatamente a metade do orçamento do bloco.

COMÉRCIO AGRÍCOLA

Líderes globais em 2018 – em US\$ bilhões

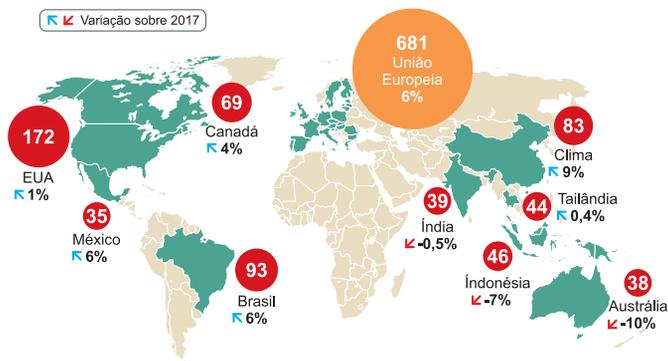


*Inclui 28 países da União Europeia e os países que não fazem parte do bloco.

(OMC)

EXPORTAÇÕES AGRÍCOLAS

Os maiores em 2018 – em US\$ bilhões



(OMC)

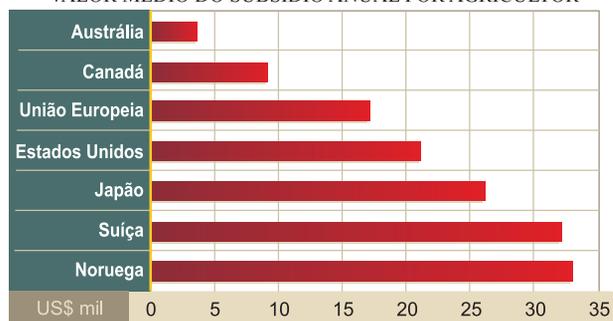
Grupo de Cairns

A **Rodada de Doha**, conhecida também como Rodada do Desenvolvimento, foi lançada no final de 2001 pela Organização Mundial do Comércio (OMC) e se prolongou até 2005. Um dos seus objetivos foi a **liberalização do mercado agrícola mundial**.

O Grupo de Cairns é formado por dezenove países exportadores de produtos agropecuários que buscam a total eliminação dos subsídios estatais para o setor. Foi criado, em 1986, com o objetivo principal de promover um sistema global de livre mercado agrícola. Seus Estados-Membros são Brasil, Argentina, Austrália, Canadá, Uruguai, Chile, Costa Rica, Guatemala, Paraguai, Bolívia, Colômbia, Nova Zelândia, Filipinas, Indonésia, Malásia, Paquistão, Peru, Tailândia e África do Sul.

No contexto das exportações, estimativas indicam que os países subdesenvolvidos perdem bilhões por ano em razão das chamadas **barreiras comerciais** criadas pelos países ricos. Para cada dólar recebido pelos países pobres sob a forma de ajuda e perdão da dívida externa. Assim, a redução dessas restrições significaria geração de empregos e retirada de milhões de pessoas das estatísticas da miséria.

VALOR MÉDIO DO SUBSÍDIO ANUAL POR AGRICULTOR



(The Economist, 3 mar. 2001.)

3. Pecuária

Na Europa, predomina a pecuária do tipo intensiva, caracterizada por rigorosa seleção de raças e forrageiras (plantas usadas para alimentar o gado). A Holanda, a Suíça e a Dinamarca são os países europeus que revelam a maior densidade de gado leiteiro do mundo. A Rússia, o Reino Unido e a Espanha são os países da Europa em que o gado bovino para corte é criado em maior número.

4. Recursos minerais

Principais produtos minerais

- **Carvão** – largamente encontrado no continente (dobramentos paleozóicos). Foi o elemento básico para a fixação dos principais centros industriais. As bacias carboníferas: Inglaterra (Vale do Clyde, Yorkshire), França (Lorena e Passo de Calais), Alemanha (Vale do Rio Ruhr), Ucrânia (Donbass) e Polônia (Silésia).

A partir de 1980, o Mar do Norte passa a se destacar como importante área petrolífera, destacando-se a produção do Reino Unido e da Noruega.

Na região europeia do Mar Cáspio destacam-se a produção de petróleo da Rússia e do Azerbaijão.

- **Minério de ferro** – destacam-se, em sua produção, Rússia (Montes Urais), Ucrânia (Krivoy Rog), França (Lorena) e Suécia (Lapônia).

- **Mercúrio** – seus maiores produtores mundiais são Espanha, Itália e Rússia.

5. Indústria

Os mais importantes centros industriais europeus estão localizados, principalmente, na Europa Ocidental. Destacam-se:

- **Alemanha** – 4.º país do mundo em indústrias, localizadas, sobretudo, na Bacia do Rio Reno, onde tem destaque o Vale do Ruhr. Aí se encontra a grande região siderúrgica alemã, favorecida pela presença de reservas de carvão, pela facilidade do transporte fluvial (Reno) e pelo

mercado consumidor da União Europeia. As fábricas alemãs de iniciativa privada constituem grandes empresas, os *konzerns*, que dominam os mercados do país.

No **sul** da Alemanha, no Vale do Danúbio destacam-se indústrias de alta tecnologia, com destaque para Munique. No **leste** Alemanha, no Vale do Elba, ocorre neste século XXI expansão industrial, com destaque para Berlim e Leipzig.

- **Reino Unido** – entre os fatores característicos do país que favoreceram sua evolução industrial, podemos citar: a concentração de grandes reservas de carvão, que são bem localizadas e de fácil extração; a abundância de mão de obra; o acúmulo de capitais; o fato de ter sido centro econômico do mundo durante o século XIX e o início do XX. Destacam-se, no Reino Unido, as seguintes indústrias: siderúrgica, de construção naval (Glasgow, Newcastle), automobilística, aeronáutica e têxtil (Manchester e Leeds). Destacam-se, os setores petroquímico, equipamentos de telecomunicações, automação, fonográfico e alimentício.

- **França** – sua indústria, que constitui a principal atividade em valor do país, está altamente concentrada na região de Paris. Destacam-se ainda a região da Lorena, o Norte (Lille) e o Vale do Ródano (Lyon). Destacam-se os setores maquinários, química, automobilística, aeronáutica, eletrônica, alimentícia.

- **Itália** – a Itália do Norte (Vale do Rio Pó) constitui a mais importante região industrial do país, devido a algumas de suas características da região, como: a intensa rede urbana formada por Milão, Turim, Bérgamo; a forte tradição artesanal; o intenso comércio; a mão de obra abundante; a fácil comunicação com a Europa Ocidental; os investimentos estrangeiros e o aproveitamento do rico potencial hidráulico alpino e do gás natural. Destacam-se os setores de máquinas equipamentos, automobilístico, alimentos processados, cerâmica, calçados, têxtil e outras.

- **Espanha** – apresenta grande desenvolvimento industrial, que equivale a 21,6% do PIB do país. A região da Catalunha concentra o maior parque industrial espanhol, tendo destaque os setores automobilístico, farmacêutico, informática, alimentícia e química.

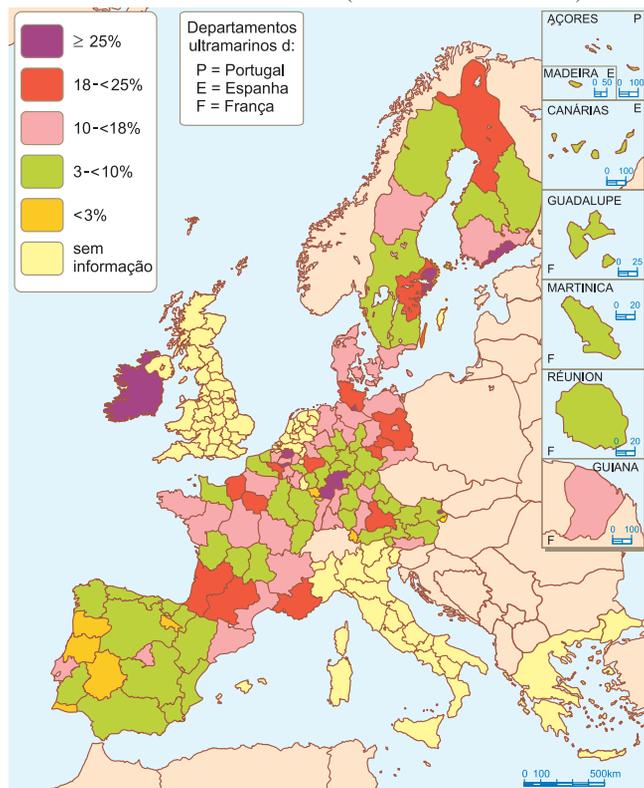
- **Rússia** – o país representa uma grande potência industrial, na qual se destacam as indústrias de bens de produção (siderúrgica, mecânica pesada e química). Moscou e São Petersburgo são seus polos mais industrializados.

- **Países nórdicos** – também possuem diversidade de indústrias, graças à abundância de seus recursos naturais e à facilidade de aproveitamento de sua energia hidrelétrica. A **Suécia** destaca-se pela indústria siderúrgica

(aços especiais) e pela indústria mecânica diversificada e de alta qualidade – elas estão concentradas, respectivamente, em Estocolmo e no porto de Gotemburgo. Já a **Noruega** apresenta importante indústria pesqueira (bacalhau, baleia e arenque), e destacável setor petroquímico.

A **Finlândia** destaca-se por setores de alta tecnologia, graças ao grande avanço da mão de obra altamente qualificada do país.

EMPREGADOS EM SETORES INDUSTRIAIS DE ALTA TECNOLOGIA (HIGH TECHNOLOGY)



(Eurostat Yearbook, 2002.)

6. Transportes

Das ferrovias do mundo, 34% encontram-se na Europa, que apresenta desde **ferrovias transcontinentais**, como a Transiberiana – ela liga Moscou ao porto da cidade russa Vladivostok (Pacífico) –, até extensos túneis construídos através dos Alpes, como o Simplon e o São Gotardo.

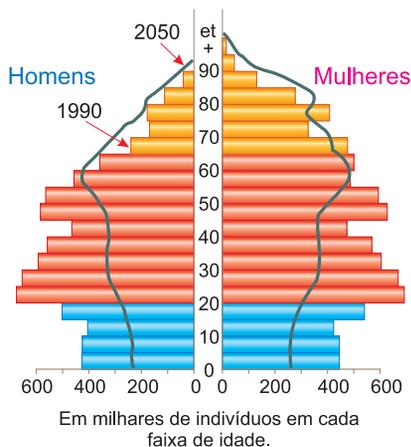
O transporte fluvial do continente europeu é muito utilizado e tem como destaque os canais artificiais que permitem a comunicação entre rios. O Reno é intensamente utilizado para o tráfego pesado, como o de matérias-primas destinadas às indústrias alemãs.

O **Porto de Roterdã**, situado na Holanda, é um dos mais movimentados do mundo. Nesse país, fica situado também o Europorto, que serve a uma vasta região da Europa.

7. A Alemanha e sua evolução

O instituto oficial de estatísticas da Alemanha anunciou, no início de 2008, que a população do país está encolhendo, mesmo com a elevada imigração. Balanço de 2010 indicou que a Alemanha tinha cerca de 82 milhões de habitantes, em 2018, era de 80,4 milhões de pessoas e, em 2060, deverá ter entre 65 e 70 milhões. A taxa de natalidade do país era de 1,4 – uma das mais baixas da Europa.

PIRÂMIDE ETÁRIA DA ALEMANHA DE 1990 A 2050



Tendo sido um dos principais países responsáveis pela deflagração da Segunda Guerra Mundial, a Alemanha terminou o conflito invadida pelos chamados **aliados**: os do lado oeste (porção ocidental) eram os franceses, britânicos e norte-americanos e os do leste (porção oriental), os soviéticos. A cidade de Berlim, sede do governo alemão durante a guerra, foi dividida entre os quatro vencedores do conflito, apesar de estar incrustada na então zona de ocupação soviética. Discutia-se, na época, o futuro do país, que estava proibido de formar exército e se encontrava sob a tutela dos aliados.

O fim da Segunda Guerra Mundial marcou o início de um conflito chamado **Guerra Fria** – ele contrapôs EUA e URSS na disputa político-econômica pela hegemonia mundial. A Alemanha ocupada tornou-se um dos principais pontos dessa disputa. Em 1948, o setor ocidental do país, que, estava sob ocupação franco-britânico-americana, decidiu estabelecer um governo capitalista, caracterizado por uma mesma unidade monetária, o que levou os soviéticos a criarem um governo socialista (nos moldes soviéticos) na sua zona de ocupação.

Surge, dessa forma, do lado ocidental, a **capitalista República Federal da Alemanha (RFA)** e, do lado oriental, a **socialista República Democrática da Alemanha (RDA)**. Diante dessa fragmentação do país, a parte ocidental de Berlim, que estava sob ocupação franco-britânico-americana, ficou isolada dentro da ocupação socialista. Entre 1948 e 1949, os ocidentais foram obri-

gados a estabelecer uma ponte aérea para abastecer Berlim Ocidental, até que se assinasse um acordo sobre a circulação entre a cidade e o restante da RFA.

Mesmo com o estabelecimento de tratados, muitos alemães habitantes da porção oriental, insatisfeitos com o sistema socialista, passaram a fugir para o lado ocidental, o que provocou uma sangria de mão de obra. Nesse contexto, o governo oriental socialista construiu um muro em torno da cidade, em 1961. Isso marcou profundamente a vida da Alemanha e especialmente a de Berlim, até que o muro caísse, em novembro de 1989.

Durante as décadas de 1960 a 1980, houve algumas tentativas, por iniciativa dos governos da RFA, de se estabelecerem acordos com o lado oriental. Elas esbarravam, contudo, na intransigência socialista. Ao mesmo tempo, o mundo assistia ao renascimento da economia alemã, destruída pela Segunda Guerra. A partir de então, a Alemanha passava a ser uma das nações mais desenvolvidas da Europa tanto ocidental quanto oriental. Isso se deveu à reorganização e ao esforço dos alemães, mas também à injeção de capitais americanos e soviéticos no país europeu – EUA e URSS usavam as duas porções dele como um exemplo de sucesso dos seus respectivos modelos político-econômicos.

A oportunidade da reunificação da Alemanha começa a surgir em 1985, quando o líder soviético Mikhail Gorbachev passou a impor mudanças na política interna da URSS que se refletiriam na Alemanha Oriental. O esgotamento do modelo socialista soviético e a tentativa de sua reestruturação fizeram com que os recursos da URSS se tornassem escassos para manter governos de países aliados. Assim, a frágil sustentação do governo socialista da Alemanha Oriental começou a ser sentida pela população da Alemanha. Além de numerosas fugas de alemães orientais para a Alemanha Ocidental por meio do cruzamento de fronteiras de países vizinhos, várias manifestações foram feitas contra o governo socialista, o que contribuiu para a sua queda, em 1989. Os governos subsequentes desistiram do socialismo. O muro deixou de ter sentido e foi destruído em novembro de 1989. Estabeleceu-se um governo de transição da Alemanha Oriental (eleito livremente) que negociou a unificação do país.

Em 3 de outubro de 1990, o país foi reunificado, o que levou ao término de um longo período de sofrimento de sua população e ao estabelecimento de um novo desafio: fazer com que o lado oriental da Alemanha alcançasse nível de desenvolvimento semelhante ao do lado ocidental.

A **Alemanha** é o país mais industrializado da Europa e o quarto mais industrializado do mundo. O grande eixo da economia industrial alemã é o Vale do Rio Reno, ao longo do qual estão grandes centros industriais, como Colônia, Düsseldorf, Essen e Dortmund.

No Vale do Rio Ruhr, concentram-se as indústrias siderúrgica, metalúrgica e mecânica. O setor químico é encontrado no Vale do Rio Reno. A indústria automobilística destaca-se em Colônia, Frankfurt (Vale do Rio Reno), Munique e Stuttgart. Frankfurt é o coração financeiro da Alemanha, onde se localiza a principal Bolsa de Valores.

No sul da Alemanha, que compreende o Baden e a Baviera, ocorre grande crescimento econômico, destacando-se indústrias de alta tecnologia como o “Municon Valley” (Vale do Silício de Munique).

EVOLUÇÃO DA ALEMANHA



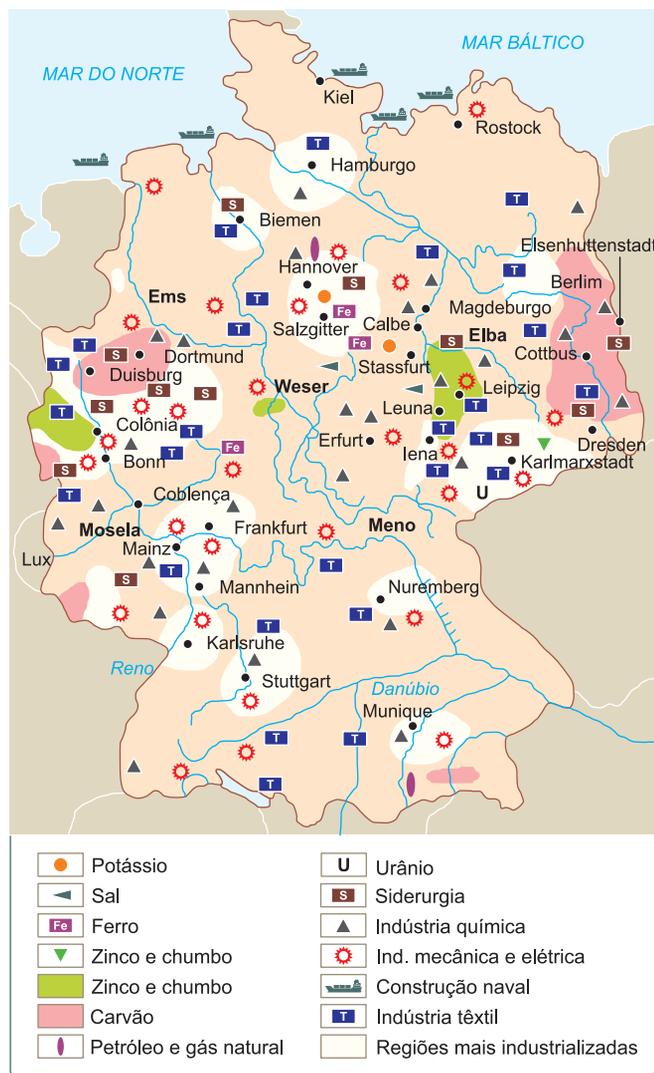
1945 – a divisão da Alemanha



1949-1990 – as duas Alemanhas



3 out. 1990 – a atual Alemanha



Alemanha cresce 0,1% e escapa da recessão

Após contração de 0,2% no trimestre anterior, PIB alemão surpreende e avança ligeiramente entre julho e setembro de 2019. Governo pondera que indicadores continuam fracos e que ainda não há indícios de recuperação.

O Produto Interno Bruto (PIB) alemão cresceu 0,1% no terceiro trimestre de 2019 em relação aos três meses anteriores, evitando uma recessão técnica após uma contração de 0,2% no trimestre anterior, informou o Departamento Federal de Estatísticas (Destatis).

Os economistas falam de uma “recessão técnica” quando o PIB se contrai por dois trimestres consecutivos. A última recessão técnica na Alemanha ocorreu no final de 2012.

No primeiro trimestre de 2019, o PIB alemão cresceu 0,5%. No segundo trimestre, inicialmente havia sido divulgada uma contração da economia de 0,1%, que o Destatis agora corrigiu para 0,2%.

O crescimento econômico surpreendeu especialistas, que esperavam uma segunda retração em série.

O Ministério da Economia alemão ponderou nesta quinta-feira que os números da economia permaneceram fracos no terceiro trimestre e ressaltou que não há sinais de recuperação, acrescentando que as empresas alemãs não esperam um aumento nas exportações nos próximos meses.

A maioria dos analistas não espera uma recessão no futuro próximo, apesar da desaceleração do crescimento. O que se espera é que neste ano o crescimento fique

claramente abaixo do de 2018, quando o PIB teve um aumento de 1,5%. O prognóstico é que o crescimento neste ano seja de 0,5%.

A desaceleração é atribuída sobretudo ao conflito comercial entre China e Estados Unidos e à incerteza gerada pelo Brexit, que prejudicam cadeias de abastecimento e a confiança de investidores, respingando nas exportações de setores-chave da economia alemã.

A indústria automotiva, pilar econômico alemão, atravessa um período de demanda decrescente, enquanto tenta acelerar a cara transição para abandonar os motores a diesel.

Apesar da conjuntura, em setembro o país registrou um aumento nas exportações de 4,6%. Ao longo do ano, o crescimento acumulado das exportações é de 1%.

Atualmente, o consumo privado é considerado o principal fator de crescimento na Alemanha, devido em grande parte à baixa taxa de desemprego. No entanto, a desaceleração econômica pode afetar negativamente o ânimo dos consumidores.

(Deutsche Welle.

Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/alemanha-cresce-01-e-escapa-da-recess%C3%A3o/a-51235282>>. Adaptado.)

Parlamentarismo com presidente simbólico

O sistema político alemão difere de outros regimes parlamentaristas. O presidente tem poderes mais simbólicos, embora seja chefe de Estado. O chanceler federal é o chefe de governo e os estados possuem grande autonomia.

A Alemanha é uma república federativa, com sistema de governo parlamentarista e capital em Berlim. O Poder Executivo é encabeçado pelo chanceler federal (Bundeskanzler), como chefe de governo, equivalendo ao cargo do primeiro-ministro de outros regimes parlamentaristas.

O presidente federal (Bundespräsident) exerce a função de chefe de Estado. O Poder Legislativo federal possui duas casas: o Bundestag (câmara baixa) e o Bundesrat (câmara alta). O Poder Judiciário tem como instância máxima o Tribunal Constitucional Federal (Bundesverfassungsgericht).

A Presidência

Apesar de, como chefe de Estado, o presidente possuir algumas atribuições executivas, seu papel é quase apenas simbólico. A Lei Fundamental (Grundgesetz) lhe garante a competência de assinar acordos e tratados internacionais, mas a política externa cabe ao governo, chefiado pelo chanceler federal.

Da mesma forma, o presidente oficialmente nomeia e destitui ministros. No entanto, ele o faz sempre a pedido do chanceler federal, o qual também é indicado pelo presidente, porém sempre respeitando o desejo da

maioria parlamentar. Seus atos executivos são, na prática, o cumprimento formal de decisões tomadas pelo Parlamento ou pelo governo.

Também cabe ao presidente a nomeação e exoneração de juízes federais, servidores públicos federais, oficiais e suboficiais das Forças Armadas (Bundeswehr). Ele igualmente decide a concessão de indulto a presidiários e sanciona as novas leis federais. Como chefe de Estado, recebe e credencia embaixadores.

O presidente não é eleito diretamente, mas por um colégio eleitoral, a Assembleia Nacional (Bundesversammlung), que se reúne exclusivamente para este fim. Metade dela é formada pelos deputados federais e a outra, por delegados escolhidos pelas assembleias legislativas dos 16 estados. O mandato presidencial é de cinco anos, sendo permitida uma única reeleição.

O Governo Federal

No regime parlamentarista alemão, o poder Executivo convive diretamente com o Legislativo, pois o chanceler federal e seus ministros são, em geral, igualmente deputados e frequentam quase que diariamente as sessões plenárias.

Desde a fundação da República Federal da Alemanha, em 1949, o governo federal sempre foi composto por coalizões, devido à dificuldade de um único partido obter maioria absoluta no Parlamento. O costume é a agremiação política de maior bancada buscar um parceiro para formar maioria, eleger o chanceler federal e compor o gabinete de governo.

Conforme a Lei Fundamental, de 1949, um chanceler federal e seu gabinete só podem ser derrubados pelo Parlamento se já houver uma alternativa de governo. O mecanismo, batizado de “moção construtiva de desconfiança”, foi criado devido à experiência da fracassada República de Weimar, instaurada em 1919, na qual os partidos não conseguiam se entender e os governos eram muitíssimo breves. O caos acabou favorecendo a ascensão do autoritarismo nazista, como alternativa a uma democracia instável, e sua chegada ao poder em 1933.

Desde o pós-guerra, a “moção construtiva de desconfiança” foi usada três vezes, em 1972, 1982 e em 2005. Na primeira delas, a oposição tentou sem sucesso derrubar o chanceler federal Willy Brandt. Depois que alguns deputados social-democratas e liberais passaram para a oposição, Brandt perdeu a maioria no Parlamento, pediu uma moção de confiança (que lhe foi negada), mas o SPD e o Partido Liberal venceram as eleições de 19 de novembro do mesmo ano e, assim, continuaram no governo.

Em 1982, o Partido Liberal deixou a coalizão com o Partido Social Democrata, do chanceler federal Helmut Schmidt, para se recompor com a União Democrata

Cristã, derrubar Schmidt e eleger Helmut Kohl como novo chanceler. No dia 17 de dezembro, Kohl submeteu-se ao voto de confiança do Parlamento, com a intenção declarada de colher “desconfiança”. Ele “perdeu” por 218 a oito votos, porque 248 deputados da CDU, CSU e do Partido Liberal se abstiveram. Desta forma, foram convocadas novas eleições. Certa da vitória no pleito, a coalizão formada por CDU, CSU e liberais queria apenas ser legitimada pelo voto popular, o que se concretizou nas urnas em 6 de março de 1983.

No terceiro caso, devido à derrota arrasadora da coalizão de governo entre social-democratas e verdes na eleição estadual da Renânia do Norte-Vestfália em maio de 2005, o chefe de governo Gerhard Schröder apresentou a moção de confiança ao Parlamento e perdeu a votação, abrindo caminho para a dissolução da câmara e a convocação de eleições legislativas antecipadas, para setembro de 2005.

O Poder Legislativo

A câmara baixa do Parlamento alemão chama-se Bundestag. Seus deputados são eleitos de quatro em quatro anos. Os eleitores alemães, que não têm a obrigação de comparecer às urnas, votam através de um sistema distrital misto. Na hora de votar, os eleitores dão dois votos. No primeiro, escolhem um candidato distrital. Cada partido tem direito a lançar um nome por distrito ou zona eleitoral. No segundo, votam num partido (voto de legenda).

Para que um partido possa formar uma bancada no Parlamento, ele precisa obter no mínimo 5% dos votos válidos em todo o país. Caso ele não cumpra este requisito, mas consiga eleger algum deputado diretamente pelo voto distrital, este assume seu mandato, porém sem formar uma bancada e, portanto, sem os direitos exclusivos destas.

Em casos excepcionais, o Bundestag pode ser dissolvido antecipadamente pelo presidente, com a convocação imediata de novas eleições. Por exemplo, caso nenhum partido consiga aliar-se com outro(s) para obter maioria e formar um governo.

As leis alemãs são aprovadas por maioria simples no Parlamento e somente as que dizem respeito a assuntos de competência dos estados seguem para o Bundesrat ou Conselho Federal, a câmara alta do Legislativo alemão. Os membros do Bundesrat não são eleitos por voto popular. Somente os próprios governadores e seus secretários podem representar seus estados nas reuniões e votações do Conselho Federal. Conforme a população, cada unidade da federação possui de três a seis votos no Bundesrat.

Estados e municípios

Quanto à organização política dos estados e municípios alemães, cabe ressaltar que ela repete, nestas

esferas, o sistema parlamentarista. Ou seja, em sua maioria, governadores e prefeitos são eleitos, respectivamente, pelas assembleias legislativas e pelas câmaras municipais, e não pelo voto direto dos eleitores. Somente na década de 1990, algumas cidades começaram a experimentar o voto direto para prefeito; Colônia é uma delas.

No sistema político alemão, também não se deve confundir o Senat das cidades-estado com, por exemplo, o Senado Federal brasileiro. No caso alemão, o termo Senat se refere aos parlamentos das três cidades com status de estado (Berlim, Bremen e Hamburgo) e Senator equivale ao secretário na esfera estadual no Brasil. Também as duas turmas do Tribunal Constitucional Federal (Bundesverfassungsgericht) são, em alemão, chamadas de Senat.

(Deutsche Welle.

(Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/parlamentarismo-com-presidente-simb%C3%B3lico/a-900686>>. Adaptado.)

8. França

A França é uma das grandes potências do mundo. Do seu parque industrial destacam-se os setores:

- automobilístico (Renault, Citroën, Peugeot);
- químico (Rhodia, Saint-Gobain, Pechiney);
- de telecomunicações (Alcatel Alsthom).



A União Europeia e o turismo				
Chegadas de turistas em nível mundial por região de proveniência				
Região de origem	2020 (milhões)	Variação % média anual 1995/2020	Distribuição dos fluxos (%)	
			1995	2020
Europa	775	+3,5	58,6	49,6
Ásia Oriental / Pacífico	425	+6,5	15,7	27,2
América	243	+3,1	20,5	15,6
África	65	+6,1	2,7	4,2
Oriente Médio	36	+5,5	1,8	2,3
Ásia Meridional	17	+5,5	0,7	1,1
Total	1561	+4,1	100,0	100,0

(OMT.)

França: situação de refugiados em Paris é crítica

Em 27 de julho de 2017, o presidente francês, Emmanuel Macron, se comprometeu a garantir que os que aguardam asilo na França fossem alojados. Ele disse que não queria ver homens ou mulheres nas ruas até o final do ano.

No entanto, à medida que as temperaturas caem e o inverno se aproxima cerca de mil refugiados e migrantes ainda dormem nas ruas de Paris hoje, segundo as organizações Médicos do Mundo (MDM) e Médicos Sem Fronteiras (MSF). Eles estão espalhados pelo nordeste da cidade e pelo bairro de Seine-Saint-Denis.

Refugiados e migrantes tentam encontrar abrigo em locais escondidos das autoridades, mas também próximo ao Centro de Recepção para Migrantes (“Centre de Premier Accueil”) na Porte de la Chapelle, em Paris. No Centro de Recepção, os migrantes podem iniciar sua solicitação de asilo e as organizações que prestam apoio aos migrantes estão próximo a esse local.

A situação se tornou especialmente mais difícil para os migrantes em Paris desde a destruição dos acampamentos, no dia 18 de agosto de 2017, onde mais de 2.700 pessoas viviam em torno de Porte de la Chapelle. Desde então, os migrantes são constantemente deslocados e incomodados à noite pelas autoridades. Para dormir, refugiados e migrantes são forçados a se esconder e muitas vezes ficam sem edredom ou nenhum tipo de cobertor ou barraca.

Invisíveis para a população local e isolados nas ruas de Paris, refugiados e migrantes têm cada vez mais dificuldades no acesso a cuidados básicos de saúde e

outros serviços. Todos os dias, em nossas clínicas e através de avaliações nas ruas, nossas equipes médicas vêem a saúde dos migrantes piorar. Isso é especialmente perigoso agora que o inverno se aproxima e os migrantes têm pouca chance de acesso a um abrigo adequado ou a serviços básicos.

A política de dificultar para os migrantes a solicitação de asilo, obrigando-os a constantemente mudarem de lugar, se soma a uma grave falta de informação. Isso faz com que pessoas que já estão frágeis, frequentemente tendo passado por jornadas traumáticas até chegar a Paris, se tornem ainda mais vulneráveis. O Estado francês está tentando negar aos refugiados e migrantes suas necessidades básicas em vez de criar um ambiente onde eles são recebidos com dignidade e respeito, como seres humanos.

(Médicos Sem Fronteira.)

Disponível em: <<https://www.msf.org.br/noticias/franca-situacao-de-refugiados-em-paris-e-critica>>. Adaptado.)

França tem dia de greve geral contra reforma da Previdência

A França durante 2019 viveu vários dias de greve geral contra o projeto de reforma da Previdência defendido pelo presidente Emmanuel Macron, que afeta vários serviços no país, incluindo trens, aviões, escolas e hospitais.

Quase 90% das viagens dos trens de alta velocidade foram canceladas em 12 de maio de 2019, 10 das 16 linhas de metrô de Paris estavam fechadas, centenas de voos foram cancelados e muitas escolas não abriram as portas.

Para evitar o caos nos transportes, muitos franceses optaram por trabalhar de casa.

“Pedi para trabalhar de casa hoje, mas espero que a greve não dure muito porque não posso fazer isto por muito tempo”, declarou à AFP Diana Silavong, executiva em uma empresa farmacêutica.

Muitas pessoas decidiram caminhar de suas casas até o local de trabalho.

A paralisação de parte dos controladores aéreos obrigou a Air France a cancelar 30% dos voos domésticos e 15% dos voos europeus. A empresa informou, no entanto, que todos os voos de longa distância serão mantidos.

A companhia britânica de baixo custo EasyJet cancelou 223 voos nacionais e internacionais de curta distância e advertiu que outras viagens podem sofrer atrasos.

Muitas escolas do país permaneceram fechadas.

“Quase 70% dos professores do ensino básico estão

em greve. Os números do ensino médio são similares. Nunca havia visto algo semelhante”, disse à AFP Bernadette Groison, secretária-geral do FSU, o principal sindicato dos trabalhadores do setor de ensino.

Policiais, garis, advogados, aposentados e motoristas de transportadoras, assim como os “coletes amarelos”, o influente movimento social surgido em novembro de 2018 na França, aderiram à greve.

O movimento de protesto também recebeu o apoio de 182 artistas e intelectuais, entre eles o economista Thomas Piketty, autor de um 'best-seller' sobre a desigualdade, assim como dos partidos de esquerda.

Quase 250 comícios estão previstos em dezenas de cidades. Em Paris, as autoridades anunciaram a mobilização 6.000 policiais para evitar distúrbios durante uma passeata prevista para a tarde.

A indignação popular foi motivada pela reforma da Previdência preparada pelo governo de Macron, uma promessa de campanha que tem como objetivo eliminar os 42 regimes especiais que existem atualmente e que concedem privilégios a determinadas categorias profissionais.

O governo pretende estabelecer um sistema único, no qual todos os trabalhadores terão os mesmos direitos no momento de receber a aposentadoria.

Para o governo, este é um sistema mais justo e mais simples, no qual “cada euro cotado dará a todos os mesmos direitos”. Porém, os sindicatos temem que o novo sistema adie a aposentadoria, atualmente aos 62 anos, e diminua o nível das pensões.

(AFP. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2019/12/05/interna_internacional,1105988/franca-tem-dia-de-greve-geral-contra-reforma-da-previdencia.shtml>.

Adaptado)

9. Reino Unido

O **thatcherismo** nasceu no Reino Unido, em 1979, quando **Margaret Thatcher** assumiu o posto de **primeira-ministra**. Revelou-se como reação ao “Estado previdenciário” britânico, cujo inimigo, de acordo com a ideologia conservadora, eram as políticas públicas de auxílio aos desempregados e aos pobres, a legislação trabalhista generosa e o poder sindical que sustentava tudo isso. Entre 1984 e 1985, a então primeira-ministra britânica enfrentou e derrotou uma greve nacional nas minas de carvão do Reino Unido, quebrando a espinha dorsal de suas centrais sindicais.

“Mas o que é sociedade? Não existe tal coisa”. Essa célebre frase de Thatcher faz parte da resposta da primeira-ministra recém-empossada à pergunta de uma jornalista e exprime, de forma propositalmente exagerada, o ponto focal da **revolução conservadora**. De acordo com essa visão, o que existem são indivíduos; a função do Estado democrático é assegurar o pleno exercício da liberdade de iniciativa, mola da riqueza. O “Estado previdenciário”, para os conservadores, desvia a riqueza gerada pelos indivíduos para servir a corporações e congelar privilégios, o que empobrece a nação.

Essas ideias, aplicadas inflexivelmente por Thatcher durante seu mandato de primeira-ministra, transformaram a economia britânica. Elas podem ser responsabilizadas pelo aumento da desigualdade entre ricos e pobres, uma das maiores da Europa, ou louvadas pelo controle da inflação e valorização da moeda.

De 1997 a 2007, **Tony Blair** ocupou o cargo de primeiro-ministro do Reino Unido. Autoproclamado líder de uma **terceira via** entre a **social-democracia** e o **liberalismo**, Blair reduziu gastos sociais e, em 1998, sustentar cortes na Previdência.

Social-democracia: qualquer dos movimentos ou partidos políticos de índole reformista, a favor de uma transição pacífica e gradativa do capitalismo para o socialismo, por via democrática, através do voto, ou que apenas visam à melhoria das condições de vida dos trabalhadores dentro da ordem capitalista, sem alterar o sistema [Essas correntes estão muito presentes na Alemanha dos pós-guerra, na França, na Espanha e nos países escandinavos, onde por vezes têm estado no poder.

Liberalismo: doutrina baseada na defesa da liberdade individual, nos campos econômico, político, religioso e intelectual, contra as ingerências e atitudes coercitivas do poder estatal.

No que diz respeito à política de imigração, o governo Blair instituiu, em fevereiro de 2001, uma nova legislação, que prevê multas para quem trazer imigrantes ilegais pelo túnel sob o Canal da Mancha. Nesse contexto, diversas cidades do norte da Inglaterra foram sacudidas, em 2001, por confrontos raciais estimulados pela extrema direita. Os distúrbios envolveram imigrantes asiáticos, que se queixaram do desemprego e da discriminação racial. Em 2002, o

governo reduziu benefícios e impôs novas normas para recepção de refugiados, numa tentativa de reduzir o fluxo de imigrantes.

No Reino Unido, o petróleo vem substituindo o carvão mineral como fonte de energia, devido ao esgotamento e desativação de muitas minas carboníferas, especialmente as do País de Gales.

Os setores industriais mais importantes do Reino Unido são o químico, o alimentício e o fonográfico.

Os governos britânico e escocês chegaram, em 2012, a um acordo para a realização de um referendo sobre a independência da **Escócia**.

Nos últimos anos, o Reino Unido endureceu as leis de imigração e reduziu a emissão de vistos de permanência de estrangeiros, visando à redução do fluxo migratório.

VITÓRIA DO PARTIDO CONSERVADOR E OS PASSOS DO BREXIT

O premiê britânico, Boris Johnson foi reconduzido ao cargo de primeiro ministro britânico e passou a governar o Reino Unido com maioria absoluta. Isso porque o seu partido conquistou a maioria absoluta do parlamento, ultrapassando os 326 lugares necessários para ter a maioria na Câmara dos Comuns. O resultado das eleições representou uma expressiva vitória dos conservadores e uma derrota histórica dos trabalhistas. Com isso, Johnson garantiu a saída do Reino Unido da União Europeia que fora concretizada em 31 de janeiro 2020.

O candidato do Partido Conservador, o primeiro-ministro Boris Johnson, é uma personalidade controversa. Sucedeu a Theresa May na missão de concretizar o Brexit. No discurso de vitória, o primeiro-ministro agradeceu ao povo do Reino Unido e prometeu “levar o país para a frente”. Johnson disse ainda que: “Parece que ao governo conservador foi outorgado novo e poderoso mandato para fazer o Brexit, e não só fazer o Brexit mas unir o país, levá-lo para a frente e focar nas prioridades”, disse.

O acordo foi aprovado com 358 votos a favor e 234 contra – uma maioria folgada de 124 deputados. Em seguida, a lei passou pela Casa dos Lordes e também por comissões legislativas, recebendo emendas, antes da aprovação definitiva.

Durante essa passagem, o Reino Unido permaneceu no mercado comum e na união aduaneira europeia, mas esta negociando os termos de um acordo comercial com a UE. O prazo para a conclusão da negociação – **a saída definitiva** – é dezembro de **2020**. Johnson rejeita qualquer possibilidade de pedir uma nova extensão do prazo.

Após obter uma maioria ampla na eleição em novembro 2019, e contando com os votos de sua nova bancada, o primeiro-ministro Boris Johnson aprovou no **Parlamento britânico** seu acordo com a União Europeia. O texto é a base da saída do Reino Unido do bloco e garantiu que o país se retire em 31 de janeiro.

O acordo do **Brexit** havia sido rejeitado pelos deputados britânicos três vezes durante o governo de Theresa May. O novo acordo proposto por Johnson é quase idêntico. A única diferença é um protocolo sobre a Irlanda do Norte que substitui o mecanismo do “*backstop*”, criado por May, para evitar o restabelecimento de uma fronteira física entre as duas Irlandas.

No acordo de Johnson, a Irlanda do Norte permanecerá alinhada com as leis, impostos e regras da UE após o Brexit por um período de quatro anos – renováveis segundo decisão da Assembléia local.

O arranjo – tanto de May quanto de Johnson – é criticado pelos unionistas, que defendem a ligação da Irlanda do Norte com o Reino Unido. Eles consideram Johnson um traidor por ter firmado um acordo com Bruxelas que coloca a Irlanda do Norte em um regime comercial diferente do restante do Reino Unido.

A questão da Irlanda do Norte parece não ter solução. Após 30 anos de violência entre católicos e protestantes, que deixou mais de 3 mil mortos, o território foi finalmente pacificado pelo Acordo de Sexta-Feira Santa, de 1998, pelo qual os britânicos concordaram em desmontar os postos de checagem na fronteira.

Mas o que foi a solução para a violência durante a integração se tornou uma ameaça com o Brexit. Sob as regras do mercado comum europeu, as economias das duas Irlandas ficaram integradas. Hoje, ninguém mais aceita a volta da fronteira física entre os dois territórios, o que significa, na prática, uma Irlanda unificada.

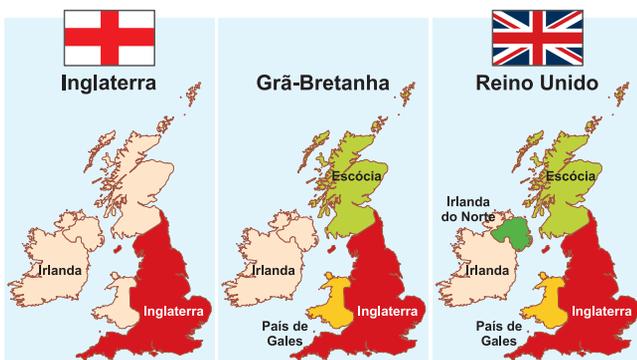
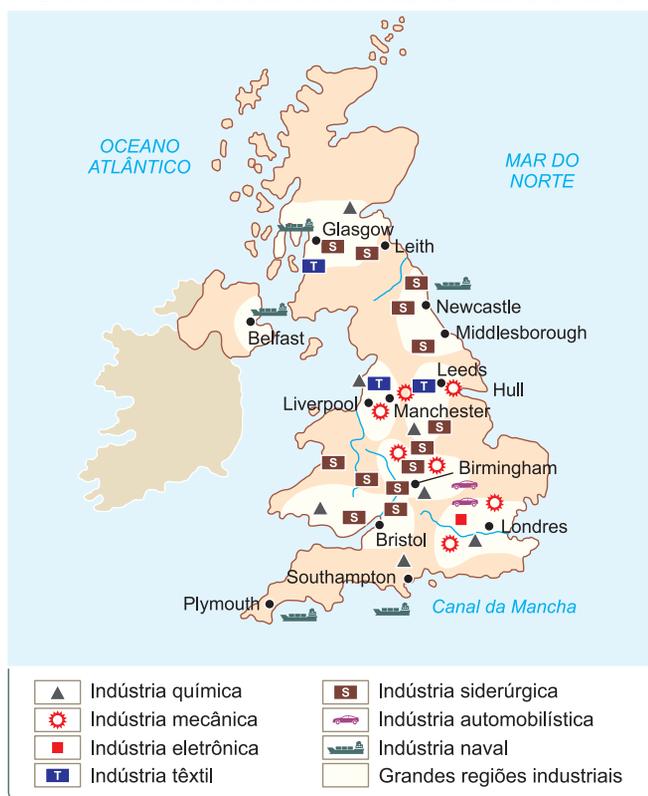
Para a nova geração, que não viveu o período turbulento entre 1968 e 1998, a divisão já não faz tanto sentido. No plebiscito do Brexit, em 2016, 55,8% dos norte-irlandeses votaram em favor de permanecer na UE. Nas eleições da semana passada, os partidos pró-Europa elegeram a maioria dos deputados.

Com esses números, é pouco provável que os norte-irlandeses votem para deixar o mercado comum europeu em um futuro próximo – e quanto mais interdependente as economias das Irlandas ficam, mais difícil será o Reino Unido voltar ao que era antes.

Passos do BREXIT

- 7 janeiro de 2020 – Parlamento britânico volta ao trabalho, e acordo foi debatido nas comissões da Câmara dos Comuns e passa por uma segunda votação no plenário
- 13 janeiro de 2020 – Acordo seguiu para a Câmara dos Lordes, que tem duas semanas para debatê-lo
- 27 janeiro de 2020 – Texto recebe a bênção da rainha Elizabeth 2ª
- 29 janeiro de 2020 – Data de aprovação no Parlamento europeu, a última fase necessária para ele entrar em vigor
- 31 janeiro – Exatamente às 23h do horário de Londres (20h de Brasília), o Reino Unido deixa formalmente a União Europeia; tem início o período de transição
- 25 fevereiro – Por volta deste dia, representantes Reino Unido e da União Europeia retomam as negociações
- 1 julho – Data máxima para o governo britânico pedir a extensão do período de transição até o fim de 2021 ou de 2022
- 31 dezembro de 2020 – Fim período de transição, caso ele não seja prorrogado.

GRANDES REGIÕES INDUSTRIAIS DO REINO UNIDO



10. A questão da Irlanda do Norte

A Irlanda, localizada a oeste da Grã-Bretanha, é uma ilha relativamente extensa para os padrões europeus. Seus antigos habitantes eram de etnia **celta**, como os gauleses (habitantes da Gália – França atual), os bretões (habitantes da Britânia – atual Inglaterra), os galeses (habitantes do País de Gales) e os escoceses.

Cristianizados a partir do século V, **os irlandeses jamais tiveram unidade política**, ou seja, o conjunto dos povos que ocupam a ilha da Irlanda nunca puderam ser todos arregimentados sob o regime de um Estado. Divididos em clãs rivais, chegaram a formar, no máximo, quatro reinos independentes, mas fracos. Nesse contexto, e depois de ter sido invadida por outros povos, em 1171, **a ilha começou a ser conquistada pelos reis de um dos países vizinhos: Inglaterra.**

REINO UNIDO

IRLANDA DO NORTE: um dos países que formam o Reino Unido.

REPÚBLICA DA IRLANDA, ou **EIRE:** região que se tornou independente do Reino Unido em 1922, quando foi designada Estado Livre Irlandês. Apenas em 1949, quando é assinado o Ato da República da Irlanda (que a determina não mais como monarquia constitucional, mas como república), assume a atual designação.



Durante o período da Grande Fome (1845-1849), estima-se que 2 milhões de irlandeses morreram ou emigraram. No intervalo 1841-1851, a população da Irlanda passou de 8.200 para 6.514 milhões de habitantes. Entre 1853 e 1900, 3 milhões de pessoas deixaram o país.

Em 1900, a população irlandesa era de 4 milhões. Nesse momento da história da Irlanda, 750 proprietários protestantes controlavam mais de 50% das terras cultiváveis do país. Os católicos possuíam apenas 14% das terras cultiváveis, geralmente na forma de pequenas propriedades.

Em 1905, um grupo de **nacionalistas irlandeses** fundou o **Sinn Féin** (“Nós Sozinhos”), **partido político separatista que passaria a lutar pela independência da Irlanda** em relação à Inglaterra utilizando meios legais. Em contrapartida, os **protestantes (unionistas)** afiaram a **Força de Voluntários do Ulster, formação paramilitar destinada a apoiar as tropas britânicas na Irlanda.**

É importante considerar que, a essa altura, o Ulster já era uma região industrializada onde os protestantes haviam se tornado maioria, graças à forte imigração de operários ingleses, escoceses e galeses.

Em 1921, foi firmado um acordo preliminar de independência que, no ano seguinte, resultou no reconhecimento, pelo governo britânico, do **Estado Livre da Irlanda (Irlanda do Sul)**, cuja área corresponde a 3/4 da ilha. Mas o **Ulster**, oficialmente denominado **Irlanda do Norte**, permaneceu vinculado ao Reino Unido da Grã-Bretanha.

Em 1949, a Irlanda do Sul desligou-se da *Commonwealth* e proclamou sua independência total, com o nome de **República da Irlanda**, ou **Eire** (seu nome céltico original).

Commonwealth of Nations, ou **Comunidade das Nações**: organização governamental cujos 53 Estados-Membros, com exceção de Moçambique, Ruanda e Namíbia, fizeram parte do Império Britânico.

O Eire era, nesse momento, um país agrário, com possibilidades econômicas limitadas e uma taxa de crescimento demográfico elevada para os padrões da Europa Ocidental. Por essa razão, muitos católicos do Sul acabaram migrando para a Irlanda do Norte, em busca de trabalho. Neste final de década de 2010, constituem quase 40% da população local, mas sofrem forte discriminação por parte da maioria protestante.

Em 1956, surgiu na Irlanda do Norte, com o objetivo de anexá-la ao Eire, a organização terrorista **Irish Republican Army (IRA)**, ou **Exército Republicano Irlandês**. A partir de então, essa entidade passou a praticar atentados contra autoridades britânicas e membros da comunidade protestante da Irlanda do Norte, com frequência e intensidade variadas.

Em 2005, após praticar ações violentas durante décadas, o IRA destruiu suas armas e decidiu que só manteria a campanha pelo fim do domínio britânico por meio da via política.

Em 2007, a Irlanda do Norte voltou a ganhar autonomia diante da posse de um governo de coalizão (união) entre protestantes e católicos.

A questão da Irlanda do Norte

• Separatistas (católicos)

Querem separar a Irlanda do Norte do Reino Unido e uni-la à República da Irlanda (ou Eire), de religião católica. Sua ala terrorista é o **Irish Republican Army (IRA)**, ou Exército Republicano Irlandês.

• Unionistas (protestantes)

São descendentes dos colonos ingleses instalados na Irlanda no século XVI. Querem que a região continue uma província do Reino Unido. Abrigam vários grupos terroristas, tão violentos quanto o IRA.

• Reino Unido

Está disposto a abrir mão da Irlanda do Norte, que lhe custa 4,5 bilhões de dólares por ano, mas está preso ao compromisso com os protestantes, majoritários na província.

• República da Irlanda (ou Eire)

Reivindica, a princípio, a soberania sobre a Irlanda do Norte, por considerá-la parte de seu território. Agora aposta em algum tipo de soberania compartilhada, como solução intermediária.

O conflito histórico com a Irlanda que ameaça acordo do Brexit

Atualmente não há uma fronteira rígida, com controle de mercadorias e passaportes, na fronteira entre Irlanda do Norte e República da Irlanda

Um dos principais pontos das negociações do Brexit, a saída do Reino Unido da União Europeia, é a fronteira que separa a Irlanda do Norte e a Irlanda.

A Irlanda do Norte é um território britânico e forma — junto com Inglaterra, País de Gales e Escócia — o Reino Unido. Já a República da Irlanda é um país independente.

A questão da fronteira entre os países voltou a ficar em evidência nesta quinta-feira (17/10), quando o primeiro-ministro do Reino Unido, Boris Johnson, e o presidente da Comissão Europeia, Jean-Claude Juncker, anunciaram ter chegado a um acordo sobre o Brexit. O texto precisa ser votado no Parlamento britânico.

O partido norte-irlandês DUP — que tem sido um dos principais entraves para a aprovação do Brexit —, porém, divulgou comunicado manifestando oposição ao acordo, sob a alegação, entre outros pontos, de que os acertos alfandegários propostos por Johnson prejudicariam comercialmente o país.

Atualmente, essa fronteira, que se estende por cerca de 500 km (um pouco mais do que a distância entre Rio de Janeiro e São Paulo), é uma "fronteira aberta", ou seja, bens, serviços, capitais e pessoas podem circular quase que livremente de um lado para o outro.

Mas depois do Brexit, tudo pode mudar — Irlanda do Norte e Irlanda poderiam ficar sob regimes alfandegários e regulatórios diferentes.

Em termos práticos, caminhões vindos da Irlanda do Norte rumo à União Europeia, por exemplo, teriam de parar na fronteira para checagem de documentos e inspeção de produtos.

Depois de incidentes como o surto de febre aftosa e o escândalo da vaca louca, autoridades europeias passaram a ficar mais rigorosas com essas exigências.

A fronteira passaria a ser controlada e protegida por agentes de imigração, polícia ou militares. Poderia haver câmeras ou barreiras. Indivíduos teriam de mostrar seus passaportes e veículos seriam inspecionados.

A preocupação dos norte-irlandeses e do DUP é que as viagens, hoje rápidas e fáceis, se tornariam mais longas e trabalhosas.

Assim, a fronteira irlandesa, a única terrestre entre Reino Unido e União Europeia, se tornaria uma "hard border", ou uma "fronteira dura".



Mas o problema está longe de envolver apenas questões logísticas. Por quê?

Paz sob risco

A fronteira entre as Irlandas é um assunto de extrema sensibilidade política, diplomática e de segurança.

A maior preocupação é que a reinstauração de uma "fronteira dura" poderia colocar em risco o Acordo de Belfast (também conhecido como Acordo da Sexta-Feira Santa) de 1999, que ajudou a pôr fim ao período de violência na Irlanda do Norte conhecido como The Troubles.

Por causa disso, negociadores do Reino Unido e da União Europeia costuraram uma solução, conhecida como "backstop irlandês", que visava a garantir que a fronteira fosse mantida aberta em qualquer cenário de Brexit.

Por esse arranjo, Reino Unido e União Europeia manteriam uma relação muito próxima por um prazo indeterminado até que ambas as partes chegassem a um acordo sobre a fronteira. Já a Irlanda do Norte permaneceria ainda mais intimamente ligada às regras do mercado único europeu.

Isso evitaria, portanto, a necessidade de inspeções na fronteira.

No entanto, esse arranjo proposto pela ex-primeira-ministra britânica Theresa May desagradou parlamentares conservadores. Eles temem que o Reino Unido fique preso ao bloco europeu por prazo indefinido, ou seja, sem a possibilidade de costurar acordos comerciais com outros países.

Essa oposição acabou levando a ex-premiê a renunciar ao cargo, em maio de 2019.

Em 2019, o "backstop irlandês" voltou ao centro das discussões, quando Boris Johnson e o presidente da Comissão Europeia anunciaram o seu acordo. A principal proposta de Johnson para concretizar a saída se baseava em abolir o mecanismo relativo à fronteira irlandesa.

Primeiro-ministro Boris Johnson disse ter chegado a um 'ótimo novo acordo' sobre o Brexit

Ao remover esse expediente, Johnson esperava obter apoio de seu próprio partido e do DUP — que pode ser fundamental para aprovar o acordo no Parlamento.

Horas depois do anúncio, porém, o DUP anunciou não apoiar o acordo, afirmando que as mudanças não seriam "benéficas ao bem estar econômico da Irlanda do Norte" e dizendo que "vão fragilizar a integridade da União".

O DUP afirmou que, pelo acordo anunciado, sua principal rota comercial seguirá sujeita às regras alfandegárias da União Europeia, embora a Irlanda do Norte vá continuar sendo parte do território alfandegário do Reino Unido — um acerto do qual discorda.

"Todas as mercadorias seriam sujeitas a um regime de checagem alfandegária independentemente de seu

destino final", diz o comunicado. Um comitê formado pela UE e pelo Reino Unido daria aos europeus o poder de decidir quais mercadorias ficariam isentas de tarifas.

"Isso não é aceitável nas fronteiras internas do Reino Unido", diz o DUP.

(BBC. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-50091640>>. Adaptado.)

Pelo 3.º ano consecutivo, economia da Irlanda bate recorde de crescimento na UE

Enquanto o crescimento médio entre os países da União Europeia gira em torno de 1,7%, a Irlanda divulgou dados que surpreenderam o bloco nesta semana. Pelo terceiro ano consecutivo, o país registrou uma alta de seu Produto Interno Bruto (PIB), de 5,2%, muito acima das previsões do próprio governo irlandês e de Bruxelas.

A Irlanda parecer ter definitivamente virado a página da grave crise política e da austeridade que enfrentou a partir de 2008. O país, que foi obrigado a recorrer a um plano de ajuda europeu de € 85 bilhões em 2011, teve um crescimento de 5,2% em 2016.

Desta forma, o país se sagrou, pelo terceiro ano seguido, como o campeão de crescimento da União Europeia. A economia do país decolou no final do ano passado, especialmente devido à expansão do setor da construção, uma performance que não era registrada desde o final dos anos 1990, quando o país ficou conhecido como o "Tigre Celta".

Aumento do consumo turbinou economia irlandesa

No entanto, para o governo, é especialmente o aumento do consumo o principal motor do crescimento da economia irlandesa. Com um índice de desemprego relativamente baixo — inferior a 7% —, a população pôde voltar a consumir. Por isso os setores do comércio e da prestação de serviços também registraram altas importantes. O desemprego chegou aos 15% em 2012.

O que também favoreceu a boa performance foi a atraente regulamentação fiscal do país para as multinacionais. As autoridades investiram em instrumentos de medidas menos exigentes às empresas estrangeiras que desejassem se instalar no país, contribuindo para turbinar o PIB da Irlanda.

Resta saber se, com o Brexit, Dublin conseguirá manter o ritmo de crescimento. O governo prevê um impacto importante na economia do país, que é o primeiro parceiro comercial do Reino Unido.

(RFI. Disponível em: <<http://www.rfi.fr/br/europa/20170310-pelo-3-ano-consecutivo-economia-da-irlanda-bate-recorde-de-crescimento-na-ue>>.)

11. Itália

Tradicionalmente, a **Itália** era dividida em duas: o norte rico e o sul pobre. Mas já se fala em “três Itálias”:

- **do Norte:** compreende o Piemonte, Vale de Aosta, Lombardia, Trentino, Friul-Veneza-Júlia, Vêneto e Ligúria. O maior eixo econômico do país, formado pelo triângulo Milão-Turim-Gênova, está localizado na chamada Itália do Norte, especificamente na formosa planície do Rio Pó, e concentra 60% do setor industrial italiano.

- **Central:** eixo que compreende desde Roma até Florença e Veneza. Sua expansão econômica se deve ao setor de turismo, alimentado pela importância histórica dessa região compreende Lácio, Úmbria, Molise, Abruzzo, Marche, Toscana, Emília-Romana e Veneza.

- **do Sul,** ou *Mezzogiorno italiano*: abrange a região da Campânia, Apúlia, Basilicata, Calábria, Sicília e Sardenha.

O *Mezzogiorno* apresenta características de subdesenvolvimento, apesar das medidas do governo para favorecer seu progresso – tais medidas envolvem a implementação de políticas industriais que estão atraindo grandes multinacionais para as cidades de Nápoles, Bari, Tarento, Palermo e Siracusa.



Itália volta a mergulhar na incerteza política com avanço de Salvini e renúncia de premiê

Primeiro-ministro italiano, Giuseppe Conte, renunciou ao poder em agosto de **2019**.

A crise política italiana, que culminou na renúncia do primeiro-ministro Giuseppe Conte, mantém atual uma famosa frase atribuída ao ditador fascista Benito Mussolini, para quem governar a Itália não era difícil, era simplesmente inútil.

Desde o fim da Segunda Guerra Mundial (1939-45), o país já teve 65 governos, de longe o mais instável da Europa. Agora, em meio à conflagração política e a incertezas econômicas, começará as tratativas para a formação do 66°.

O governo que se encerrou, uma aliança entre o movimento populista 5 Estrelas, contra o sistema político, e a Liga, partido radical de direita, terminou após 14 meses graças a um de seus integrantes.

Era um ineditismo: pela primeira vez na história da República italiana, um partido da maioria apresentava um voto de censura contra o chefe do governo.

Advogado independente, com um ar professoral, Conte assumiu o posto de primeiro-ministro após um acordo entre a Liga e o 5 Estrelas - formalizado em junho de 2018, o contrato de formação da aliança chegou a ser reconhecido em cartório.

Reflexos da UE

O combustível da crise foi o resultado das eleições do Parlamento europeu, que consolidou Salvini como o político mais popular da Itália - sua Liga obteve 34% dos votos.

O Movimento 5 Estrelas, que tinha sido o mais votado na eleição nacional de março de 2018, caiu no pleito europeu para 17%, ficando atrás do Partido Democrático, de centro-esquerda e em forte crise de identidade.

Contrário à imigração, ele determinou o fechamento dos portos para embarcações que resgatam imigrantes no mar Mediterrâneo e transformou ONG em inimigas do Estado nos seus discursos.

Agressivo com críticos e adversários, especialmente os da esquerda, Salvini também passou a explorar símbolos religiosos em seus eventos políticos - beijando um rosário, por exemplo - e critica frequentemente figuras como o papa Francisco, defensor do acolhimento aos imigrantes, e líderes europeus como a alemã Angela Merkel e o francês Emmanuel Macron.

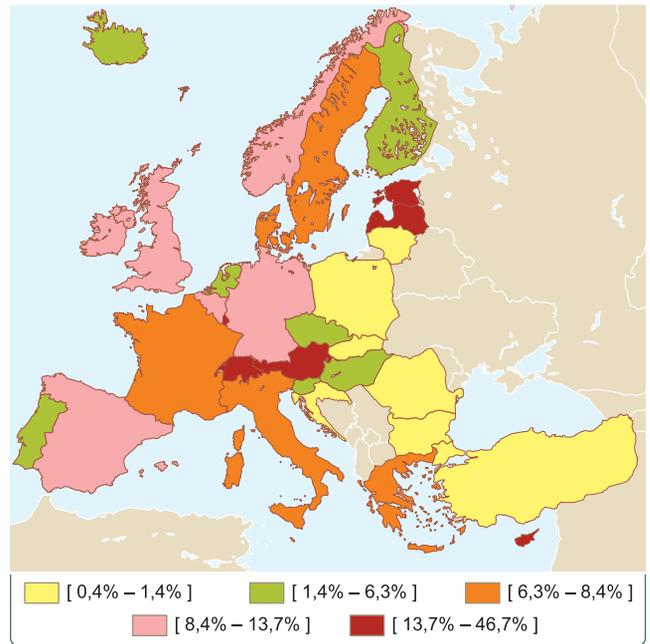
Eleições do Parlamento europeu consolidaram Salvini como o político mais popular da Itália: seu partido, a Liga, obteve 34% dos votos⁶

A deterioração econômica é outro problema no horizonte do país - tema que ganhou novas proporções após a notícia de que a Alemanha, maior economia do euro, entrou em recessão.

(BBC. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-49413502>>. Adaptado.)



PORCENTAGEM DE ESTRANGEIROS NO TOTAL DA POPULAÇÃO RESIDENTE EM CADA PAÍS EUROPEU* (em 1.º de janeiro de 2016)



*Inclui países da UE28, Listenstaine, Islândia, Noruega, Suíça e Turquia.

Novo governo da Itália revoga lei regional contra imigrantes

Medida irritou governador da região de Friuli Veneza Giulia, integrante da Liga, partido de extrema direita liderado por Matteo Salvini.

ROMA – Em sua primeira reunião sem Matteo Salvini, o novo Conselho dos Ministros da Itália, presidido pelo premier Giuseppe Conte, revogou nesta quinta-feira uma lei anti-imigrantes instituída por uma das regiões do Norte do país governada pelo partido ultranacionalista Liga.

A decisão mostra a disposição do novo governo italiano, fruto de uma aliança entre o populista Movimento Cinco Estrelas (M5S) e o centro-esquerdista Partido Democrático (PD), de comprar briga com a legenda de Salvini em relação a dois de seus principais cavalos de batalha: os fluxos migratórios e a autonomia regional.

A lei em questão havia sido aprovada pela região norte-oriental de Friuli Veneza Giulia, governada por Massimiliano Fedriga, e previa a transferência de recursos anteriormente destinados a políticas de acolhimento para a repatriação forçada de migrantes que recebem ordem de expulsão.

Essa atividade, no entanto, é de competência do governo nacional, embora Friuli Veneza Giulia seja uma das regiões italianas de estatuto especial, ou seja, com mais autonomia do que outras para gerir seus recursos.

Outro artigo da lei determinava a destinação de incentivos ao emprego apenas para quem contratasse pessoas residentes há cinco anos ou mais em Friuli Veneza Giulia. Para o novo governo, esse item é discriminatório contra imigrantes e até contra italianos provenientes de outras regiões.

Segundo o governo PD-M5S, não podemos usar o dinheiro dos cidadãos desta região para ajudar os cidadãos desta região, mas devemos ajudar os imigrantes. Já é o governo da imigração selvagem — rebateu Fedriga.

Além disso, ele alega que Friuli Veneza Giulia sofreu um “feroz ataque contra sua autonomia”. Já o Conselho dos Ministros afirmou em sua decisão que a lei excede as competências regionais e os próprios limites da Constituição.

Era bastante evidente que toda a lei tinha claros problemas de legitimidade constitucional. A obsessão com os migrantes leva Fedriga a instrumentalizar essa decisão. Prometi não cair em provocações e não vou fazê-lo — disse o ministro das Relações Regionais, Francesco Boccia (PD), que levou ao governo a proposta de revogar o projeto de Fedriga.

Autonomia

A questão da autonomia regional sempre foi tema de embate na antiga aliança entre o M5S e a Liga. Salvini passou seu período de um ano e três meses como ministro do Interior e vice-premier pressionando o movimento populista a aprovar um projeto para aumentar as prerrogativas administrativas e fiscais das regiões.

O M5S, no entanto, sempre resistiu ao projeto, temendo o aumento do abismo econômico entre o rico norte da Itália e o sul do país, onde fica sua maior base eleitoral. Em outubro de 2017, duas regiões governadas pela Liga — Vêneto e Lombardia — realizaram plebiscitos para pedir mais autonomia.

Na ocasião, 98% e 96% dos eleitores, respectivamente, apoiaram a causa. Mais tarde, a Emília-Romana, comandada pela centro-esquerda, se juntou ao pleito, e as três regiões abriram negociações com o governo italiano.

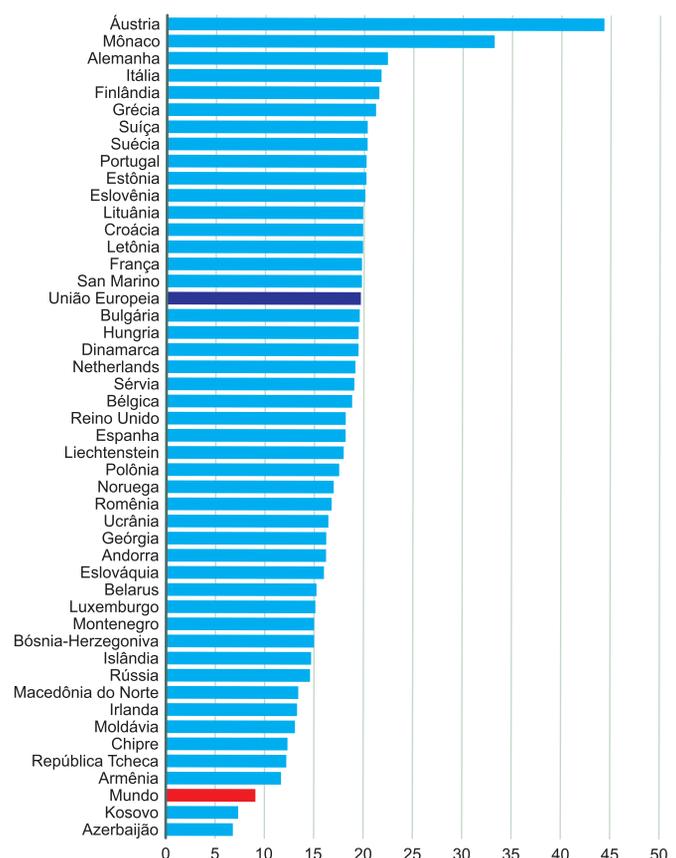
Outras regiões, como Toscana, Lazio e Piemonte, também demonstraram intenção de ampliar sua autonomia. A Constituição da Itália já permite que regiões com as contas em ordem peçam maiores competências do que as previstas habitualmente, como a gestão do sistema de ensino, que é responsabilidade do Ministério da Educação.

Essas concessões, no entanto, precisam ser aprovadas pelo Parlamento. Atualmente, cinco regiões — Friuli Veneza Giulia, Sardenha, Sicília, Trentino-Alto Ádige e Vale de Aosta (as ilhas e aquelas com minorias linguísticas) — já contam com mais autonomia que as outras 15.

(O GLOBO.

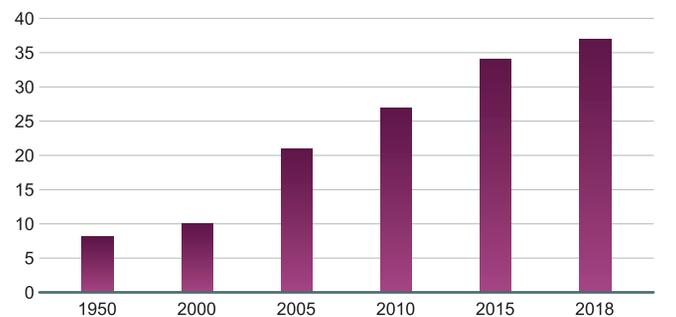
Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/novo-governo-da-italia-revoga-lei-regional-contr-imigrantes-23932681>>. Adaptado.)

PERCENTUAL DE POPULAÇÃO IDOSA, COM IDADE IGUAL OU SUPERIOR A 65 ANOS (2018)



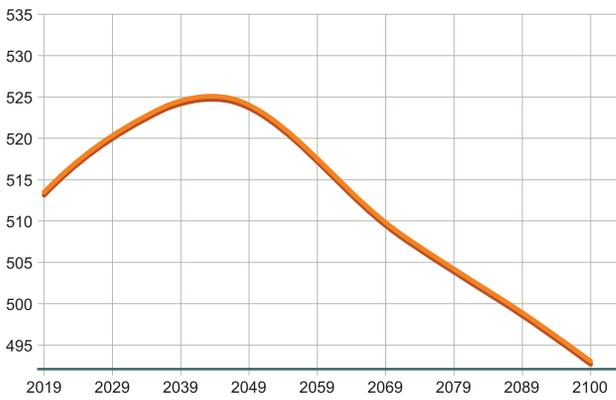
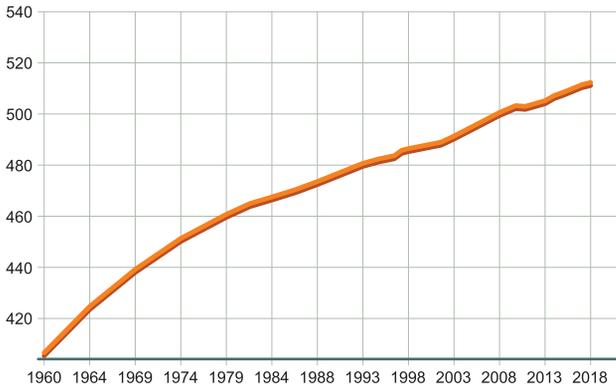
(Cia Factbook.)

PROPORÇÃO DE POPULAÇÃO COM MAIS DE 65 ANOS EM RELAÇÃO À PARCELA COM IDADE INFERIOR A 14 ANOS (2018)



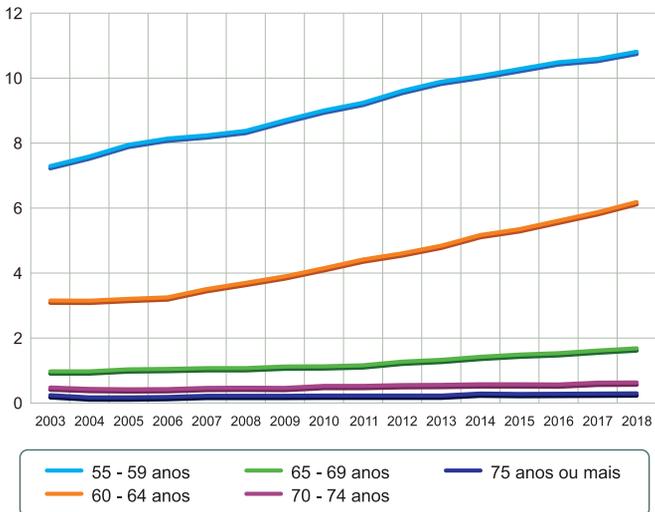
(Eurostat.)

EVOLUÇÃO E PROJEÇÃO DA POPULAÇÃO EUROPEIA
(em milhões de habitantes)



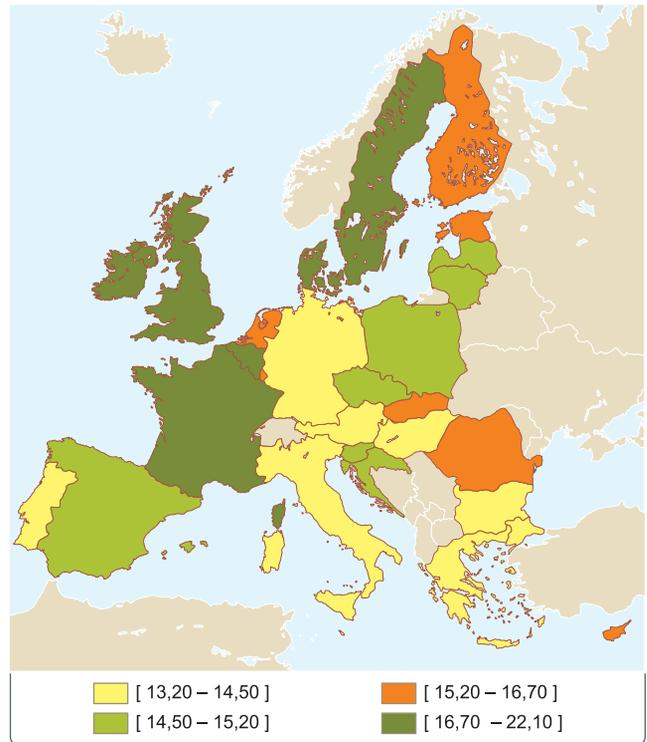
(Eurostat.)

PERCENTUAL DE IDOSOS EMPREGADOS POR CLASSES DE IDADE NA UNIÃO EUROPEIA
(2003-2018)



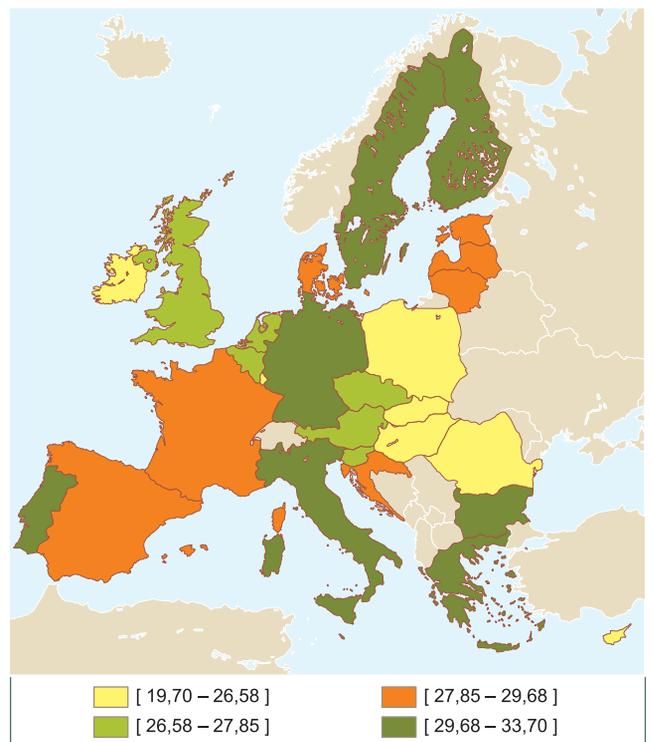
(Eurostat.)

PORCENTAGEM DA POPULAÇÃO COM MENOS DE 15 ANOS DE IDADE EM 2015



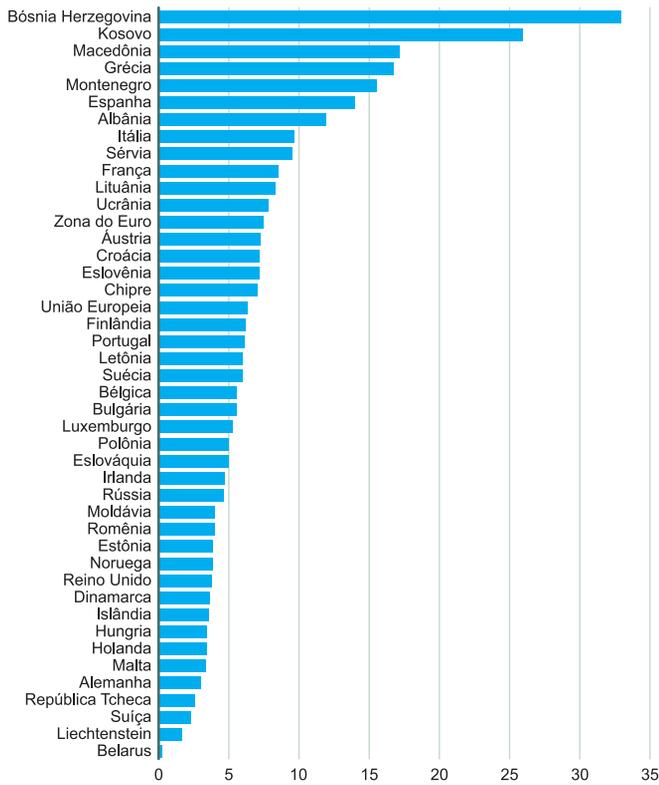
(Eurostat – sistematização, cálculo e tratamento gráfico da equipe do OM.)

RAZÃO DE DEPENDÊNCIA DAS PESSOAS IDOSAS EM 2015



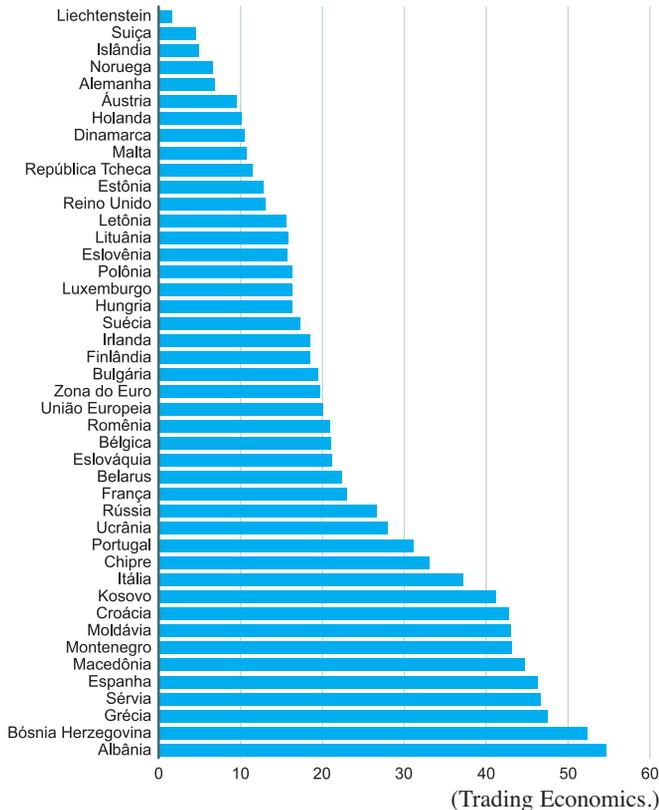
(Eurostat – sistematização, cálculo e tratamento gráfico da equipe do OM.)

TAXA DE DESEMPREGO NO CONTINENTE EUROPEU
(2018)



(Trading Economics.)

TAXA DE DESEMPREGO ENTRE TRABALHADORES
DOS 15 AOS 24 ANOS
(2018)

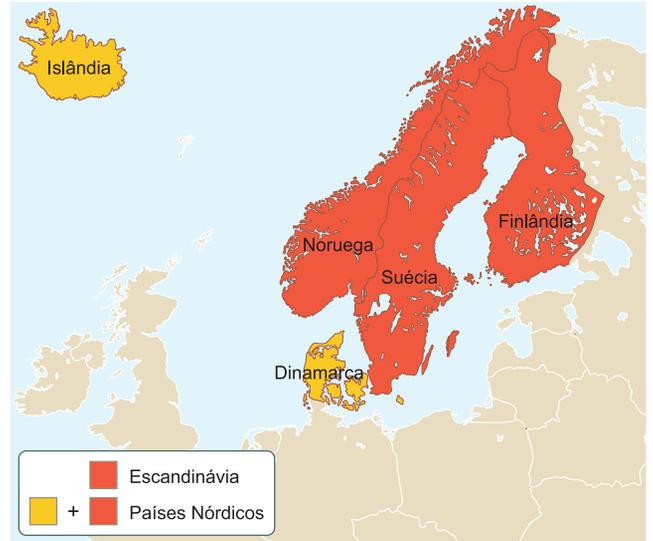


(Trading Economics.)

12. Países nórdicos

Os **países nórdicos** da Europa são cinco: Dinamarca, Islândia, Noruega, Suécia e Finlândia.

Os **países escandinavos** são os localizados na península da Escandinávia: Noruega, Suécia e Finlândia. Neles, a qualidade de vida é excelente.



Suécia

A Suécia destaca-se pelo seu parque industrial favorecido pela abundância de minério de ferro da Lapônia. Dele sobressaem os setores siderúrgico, automobilístico, metalúrgico, mecânico e de telecomunicações. Os maiores centros industriais suecos estão em Estocolmo, Gotemburgo e Malmo.

*Apesar de 12 chefes de Estado terem confirmado presença na cúpula da Governança Progressista, como ficou conhecido o movimento da **Terceira Via**, o encontro recebeu pouco ou nenhum destaque em Estocolmo (Suécia), local do encontro.*

Terceira Via – uma tentativa de conjugar a economia de mercado com os benefícios do estado de bem-estar social.

(Folha de S.Paulo, 22 fev. 2002.)

Suécia: País modelo ou nação em processo de falência?

Há décadas o mundo tenta entender o segredo por trás do sucesso da Suécia em áreas como transparência, inovação, saúde, bem-estar social e igualdade de gênero. Durante a crise de imigração na Europa em 2015, a Suécia foi um dos países da UE que mais receberam refugiados. Ela acolheu, per capita, mais migrantes do que a Alemanha, por exemplo.

Segundo a Eurostat, agência que coleta dados estatísticos dos países-membros, foram mais de 162 mil pedidos de refúgio em 2015. Ou seja, 1.667 pedidos de refúgio para cada 100 mil suecos.

Para entendermos a origem da imagem da Suécia como um país de progressistas e liberais, é preciso voltarmos a meados do século 20. Nesse período, a política sueca era dominada pelo Partido Social Democrata, com raízes no movimento trabalhista. Usando um modelo ousado que combinava socialismo e liberalismo, o partido parecia estar alcançando grandes resultados.

Para o resto do mundo, os suecos eram o povo mais rico do planeta. Tinham o padrão de vida mais alto e um Estado de bem-estar social que havia abolido a pobreza e eliminado as greves.

O preço da globalização

Hoje, a Suécia ainda chega perto do topo nos rankings internacionais que medem felicidade e prosperidade.

No entanto, o país gasta menos do que gastava em bem-estar social e serviços públicos. As discrepâncias entre a Suécia do imaginário e a Suécia real são cada vez maiores.

Analistas apontam que os anos dourados do socialismo liberal na Suécia se foram. Antigas indústrias morreram. Outras tomaram seu lugar. A transição para uma economia mais globalizada – e uma mão de obra mais educada – foi boa para alguns, mas não para todos. A economia globalizada produziu uma Suécia menos igualitária – e menos homogênea, dizem.

Uma pesquisa publicada no ano passado classificou a Suécia como o melhor país do mundo para se viver se você é um refugiado. Essa é uma imagem da Suécia que há décadas vem sendo reforçada por políticos e pela mídia do país.

Muitos veem a Suécia como uma estrela guia em um mundo polarizado. E visitam o país em busca de uma confirmação daquela antiga imagem, do país mais bem resolvido do mundo. A moral desta história é que é tudo mais complexo – e que é preciso ter cuidado com narrativas simplistas.

(BBC. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-45506847>>. Adaptado).

Noruega

A **Noruega** destaca-se pela enorme produção de petróleo e gás natural na plataforma continental do Mar do Norte. A pesca do bacalhau e do salmão também tem

grande destaque no país. Da indústria norueguesa, destacam-se o alumínio, a produção de celulose e o setor naval.

Em 1994, os noruegueses reprovaram em referendo a adesão à União Europeia (UE). A rejeição partiu de agricultores e pescadores, que temiam a competição com os países vizinhos.

Gestão a longo prazo dos recursos naturais abundantes

A economia norueguesa tem sido baseada na exploração de recursos naturais, como a energia hidroelétrica, minerais e peixe. Os anos 60 assistiram ao surgimento da indústria norueguesa de petróleo e gás. Atualmente, a Noruega é o terceiro maior exportador mundial de gás. Está também entre os principais produtores e exportadores de peixe e marisco do mundo. A Noruega tem uma economia aberta, baseada no comércio extensivo.

As autoridades norueguesas gerem as receitas de petróleo e gás da Noruega em benefício da sociedade como um todo. Uma grande parte dessas receitas é canalizada para o fundo soberano da Noruega, o Government Pension Fund Global. Quando o petróleo acabar, os rendimentos do Fundo continuarão a fornecer receitas substanciais que podem ser utilizadas para beneficiar a população.

A mudança climática global torna necessário a adaptação dos países de todo o mundo, incluindo a Noruega. A Noruega assinou e ratificou o Acordo de Paris e assumimos o compromisso de reduzir as emissões de gases de efeito estufa em 40% até 2030.

(Ministério das Relações Exteriores da Noruega – Embaixada Real da Noruega em Brasília.

Disponível em: <<https://www.norway.no/pt/brasil/>>. Adaptado).

Produção de petróleo na Noruega

Os primeiros campos de petróleo na costa da Noruega foram descobertos em 1971. A Noruega é um dos maiores exportadores de óleo e gás natural do mundo. Os lucros provenientes do negócio representam 20% do PIB norueguês. A exploração começou no Mar do Norte e se estendeu, nos últimos anos, ao Mar de Barents.

O campo de exploração de gás natural no Mar de Barents, localizado no norte do país, começou a operar em

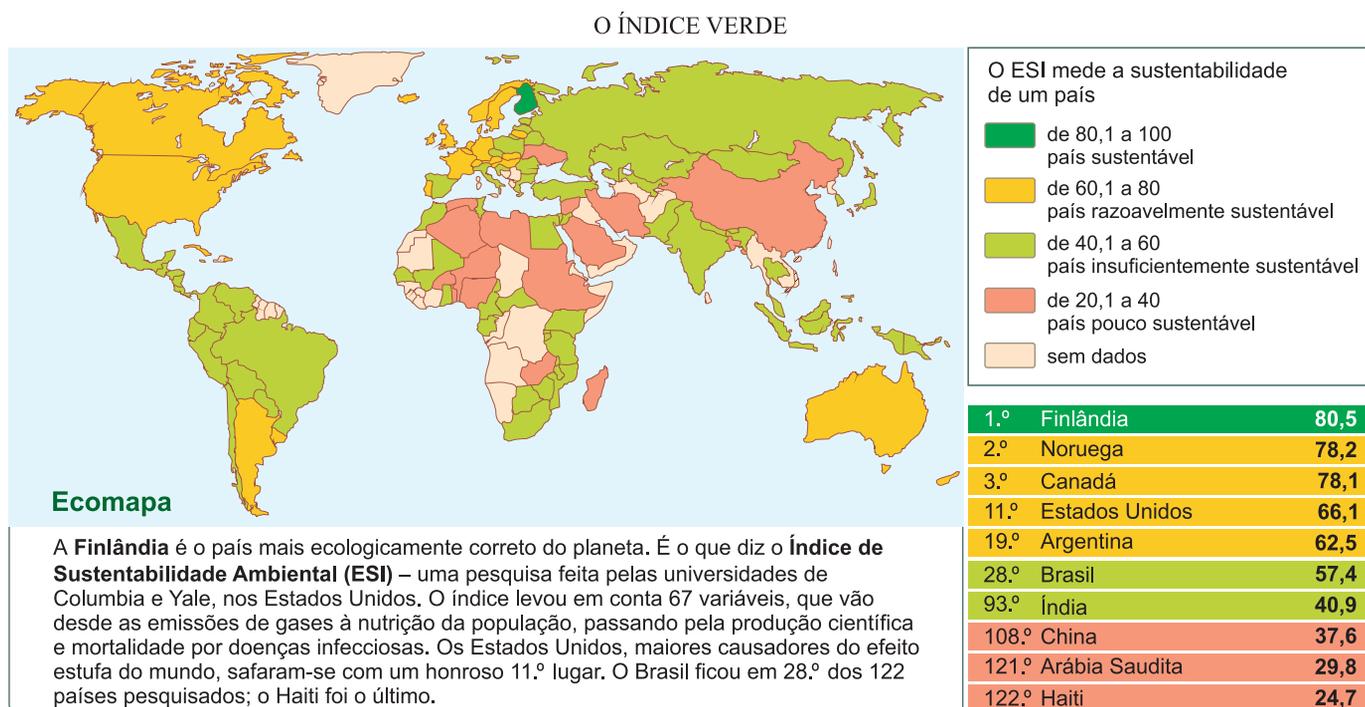
2007. A obra foi a primeira na região ártica dedicada à extração de petróleo e gás em águas com profundidade superior a 300 metros. Ambientalistas criticam a perfuração no Círculo Polar Ártico e alegam que, em razão da extensa profundidade em que se encontram as reservas energéticas o risco de vazamento de óleo é muito grande e pode acabar com algumas espécies de plantas e animais.

Petrolíferas já perfuraram mais de 60 poços no Mar de Barents. Segundo o órgão de pesquisas geológicas americano United States Geological Survey (Levantamento Geológico dos Estados Unidos), um quarto das reservas de petróleo e gás natural do mundo (90 bilhões de barris) está na latitude do Círculo Polar Ártico.

Em parceria com a ONU, a Noruega inaugurou o Cofre do Fim do Mundo, na ilha de Svalbard, em fevereiro de 2008. O depósito contém sementes de todas as variedades de plantas alimentícias do mundo.

Finlândia

A **Finlândia** é tradicional produtora e exportadora de papel e celulose, mas alcançou notável desenvolvimento em setores de alta tecnologia, como as telecomunicações e celulares.



(*Superinteressante*, ago. 2001.)

As razões que fizeram da Finlândia o lugar mais feliz do mundo

Se alguns países se gabam dos seus feitos esportivos, na Finlândia isso poderia se aplicar ao âmbito social, econômico, político e educativo. E os finlandeses de fato ostentam isso com orgulho: a página do instituto finlandês de estatística contém uma seção chamada Finlândia, entre os melhores do mundo, que reúne dezenas de estudos internacionais em que esse país nórdico ocupa as primeiras colocações.

Top 10 do ranking mundial de felicidade da ONU de 2018: Finlândia, Noruega, Dinamarca, Islândia, Suíça, Países Baixos, Canadá, Nova Zelândia, Suécia e Austrália. De esquerda para a direita, as barras coloridas representam: PIB per capita, ajudas sociais, expectativa de vida, liberdade para tomar decisões, generosidade, percepção da corrupção e diferença em relação aos valores mais baixos da tabela.

O relatório de 2018 se debruçou especialmente sobre a felicidade dos imigrantes dos 117 países estudados e concluiu que eles alcançam o nível de felicidade do país para onde se mudam. Não só os finlandeses são os mais felizes, segundo o estudo, como também seus imigrantes o são.

Uma sociedade sem grandes desigualdades

A Finlândia é um dos três países com menor disparidade de gênero no mundo, segundo o Fórum Econômico Mundial. Além disso, assim como ocorre na maioria dos países nórdicos, conta com um longo período de licença-paternidade, que pode se estender por até seis meses.

Topo do ranking de países com menor disparidade salarial entre os gêneros, segundo o relatório do Fórum Econômico Mundial. Para elaborar o estudo, foram levados em conta quatro fatores: participação econômica e oportunidade da mulher no mundo trabalhista, nível educacional, saúde e expectativa de vida e poder político.

No âmbito econômico, segundo o UNICEF (órgão da ONU para a infância), a Finlândia é o segundo país do mundo com menor desigualdade infantil. Foram os finlandeses os inventores, na década de trinta, da popular caixa-berço com roupa, fraldas e acessórios que o Governo oferece às famílias com recém-nascidos, e que atualmente muitos países estão importando. Além disso, esse país tem o quarto menor índice de pobreza do planeta.

(El País)

Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/14/internacional/1521026096_399451.html>. Adaptado.)

13. Islândia

10 anos depois da crise lança fundo soberano de dois bilhões

A **Islândia** vai criar um fundo soberano dotado de mais de 2 bilhões de euros. A criação de um fundo soberano está nos planos do país há muitos anos, mesmo antes de crise de 2008 que deixou a economia à beira da falência, mas só agora vai avançar.

Há 10 anos a **Islândia** estava mergulhada numa crise financeira sem precedentes. A recuperação foi rápida e a discussão sobre a criação de um fundo soberano voltou a ganhar lastro. Em setembro de 2018, o governo anunciou que ia avançar com esta medida. O fundo será criado com 300 mil milhões de coroas islandesas, o equivalente a 2,2 bilhões de euros, ou mais de seis mil euros por islandês.

A dotação do fundo equivale a praticamente 10% do produto interno bruto (PIB) desta pequena economia, uma vez que os dados disponíveis revelam que o PIB islandês ascendeu a 23,9 bilhões de dólares, em 2017.

As contribuições iniciais proveem dos dividendos pagos ao Estado por empresas como a National Power, explicou recentemente o CEO desta empresa, Hordur

Arnarson. O responsável explicou que os dividendos vão aumentar de forma considerável nos próximos anos, podendo ascender a 10-20 bilhões de coroas por ano.

Esta medida é uma prova do sucesso da recuperação da Islândia que, em 2008, foi assolada por uma crise sem precedentes. A crise financeira de 2008 resultou da falência dos três maiores bancos islandeses (Glitnir, Landsbanki e Kaupthing), que tinham ativos 10 vezes superiores à economia do país.

(Jornal de Negócios – Portugal.)

Disponível em: <<https://www.jornaldenegocios.pt/economia/europa/detalhe/islandia-10-anos-depois-da-crise-lanca-fundo-soberano-de-dois-mil-milhoes>>. Adaptado.)

14. Dinamarca

Copenhague luta por recorde na neutralidade de emissões poluentes

Copenhague quer ser exemplar na sustentabilidade ambiental e as autoridades dinamarquesas pretendem torná-la a primeira capital do mundo a alcançar a neutralidade nas emissões de carbono, já em 2025.

Um plano lançado há 17 anos, com um orçamento superior a 26 mil milhões de euros, criou novos bairros ecológicos.

Plantas e água da chuva são usadas para melhorar a performance energética dos edifícios, concebidos para serem multifuncionais.

A importância da energia de fonte renovável e dos transportes.

A produção de energia a partir de fontes renováveis, como a eólica, é um fator central no projeto. Quando o atual parque eólico da cidade foi construído em 2000, era o maior do mundo e ainda fornece eletricidade a 60 mil famílias.

Copenhague é conhecida pelo fato de 75% dos deslocamentos dos cidadãos serem feitas a pé, de bicicleta ou de transportes públicos.

Em setembro abriu uma nova linha na rede de metro, para reduzir o tráfego e reduzir as emissões de CO₂.

“Quando um passageiro usa o metro, tal representa uma emissão de 7g de CO₂ por cada km percorrido. Se fizermos a comparação com um automóvel comum, que usa um combustível fóssil tradicional, as emissões são de 130g por km”, disse Henrik Plougmann-Olsen, presidente-executivo do Metro de Copenhague.

Atualmente, a rede de metro efetua cerca de 65 milhões de viagens por ano. As autoridades querem que sejam efetuadas 120 milhões no próximo ano.

(Euronews. Disponível em: <<https://pt.euronews.com/2019/12/09/copenhaga-luta-por-recorde-na-neutralidade-de-emissoes-poluentes>>. Adaptado.)

15. Benelux

Benelux é um bloco formado por Bélgica, Holanda (os Países Baixos) e Luxemburgo. O Tratado de sua criação foi firmado em 1944.

Na **Bélgica**, destacam-se o setor de serviços (principal atividade econômica do país) da capital Bruxelas, sede da UE e da OTAN, e a cidade portuária e industrial da Antuérpia, ambas na **região de Flandres**.

É importante salientar a atividade turística de Bruxelas e da cidade medieval de Bruges.

A riqueza em carvão mineral da **Valônia**, no sul da Bélgica, fez com que a região desenvolvesse forte parque siderúrgico.

Os setores alimentício (laticínios), petroquímico (Shell), eletrônico (Phillips) e turístico são importantes na economia da **Holanda**.

O elevado nível de vida de **Luxemburgo** está associado ao seu grande parque industrial, possibilitado pela força do setor siderúrgico e do movimentado entroncamento rodoferroviário do país.

Bélgica: flamengos e valões

Uma vasta planície cortada por diversos canais domina a região de Flandres, porção norte do território da Bélgica. Nessa região, a mais próspera do país, onde estão as maiores e mais ricas cidades, vivem comunidades flamengas. No sul, localiza-se a região da Valônia, onde estão situadas as Montanhas Ardenas, habitada pelos valões, de língua francesa. Uma pequena parte da população valonesa, no leste, fala alemão, e Bruxelas ocupa uma região à parte, bilíngue. Esse pluralismo linguístico-cultural constitui fonte de tensão étnica e inter-regional, que ameaça a unidade do país, historicamente determinada.

Nem mesmo o longo processo de federalização da Bélgica, iniciado há mais de 25 anos, foi capaz de pôr fim às diferenças nos campos cultural, linguístico, político e econômico.

As divergências entre flamengos e valões atingiram o ápice em 2007 e causaram a maior crise política já enfrentada pela Bélgica. Vitorioso nas eleições parlamentares de junho, o Partido Democrata-Cristão e Flamengo (CD&V), com o apoio dos demais partidos flamengos, defendeu a criação de um sistema que garantisse mais autonomia para Flandres e Valônia. Isso porque os nacionalistas flamengos se queixavam do fato de Flandres, mais rica e próspera, subsidiar economicamente a Valônia, que, com a reforma, passaria a ser responsável pelas próprias finanças. Temendo que essa

região perdesse repasses anuais de 10 bilhões de euros, os partidos valões foram radicalmente contra a proposta.

Em março de 2008, uma frágil coalizão envolvendo os cinco partidos do país encerrou o impasse político envolvendo Flandres e Valônia, mas as diferenças entre as duas regiões ainda estão longe de ser resolvidas.

Em 2019, essas duas regiões belgas ainda manifestavam a ideia separatista.

Comércio e economia

Em 2018, os principais setores da economia belga foram a administração pública, a defesa, a educação, a saúde e os serviços sociais (22,1 %), o comércio grossista e retalhista, os transportes, os serviços de alojamento e restauração (19,4 %), e a indústria transformadora (16,7 %).

73 % das exportações belgas destinam-se a outros países da UE (Alemanha – 18 %, França – 14 %, Países Baixos – 12 %). Das exportações para o exterior da UE, 5 % destinam-se aos Estados Unidos e 2 % à China e à Índia.

No que respeita às importações, 64 % provêm de países da UE (Países Baixos – 18 %, Alemanha – 13 %, França – 9 %). Das que provêm de países terceiros, destacam-se as importações provenientes dos Estados Unidos (7 %) e as da China (4 %).

(União Europeia. Disponível em: <https://europa.eu/european-union/about-eu/countries/member-countries/belgium_pt>. Adaptado.)

16. Suíça



Em 2002, a Suíça tornou-se o 190.o membro das Nações Unidas. No país, que tem quatro idiomas oficiais (alemão, francês, italiano e reto-romano), o monolingüismo é incomum.

Como a Suíça possui um subsolo pobre, especializou-se em indústrias que utilizam pequeno volume de matéria-prima e necessitam de mão de obra altamente qualificada (química, farmacêutica, relojoaria e alimentícia). Destacam-se as cidades de Zurique, Genebra, Basileia e Lausanne.

• **Fórum Econômico Mundial** (informalmente, **Fórum Econômico de Davos**): encontro realizado na **Suíça**. Reúne o mundo econômico e empresarial. Nele, líderes mundiais discutem temas caros ao progresso social, como a segurança global, a redução da desigualdade mundial, o crescimento global e a administração de novos riscos.

• **Fórum Social Mundial**: de 2001 a 2003, ocorreu em Porto Alegre (RS). Trata-se de um encontro da sociedade civil (ONGs) que se contrapõe à globalização neoliberal. Em 2004, o FSM realizou-se na cidade de Mumbai (Índia). Na edição desse ano, o grande debate foi sobre a problemática da globalização e o pedido do fim da OMC, do FMI e do Banco Mundial. Em 2006, o FSM foi realizado em Caracas (Venezuela).

Desde janeiro de 2001, são realizados os **fóruns globais** que unem economia e sociedade:

Em março de 2003, foram realizados, simultaneamente, quatro **Fóruns Sociais da Água**, em Cotia (SP), Nova Iorque (EUA), Florença (Itália) e África, além do **Fórum Mundial da Água**, em Kyoto, no Japão.

FMI aumenta previsão de crescimento econômico da Suíça

A economia suíça tende a crescer 3% até o final de 2019, segundo o Fundo Monetário Internacional (FMI). Enquanto isso, a previsão para o crescimento econômico global foi diminuída de 3,9% para 3,7% para o período 2018-2019. A razão para o sentimento menos positivo é a contínua ameaça de guerras comerciais envolvendo os Estados Unidos, a possibilidade de um Brexit sem acordo com a União Europeia, um crescimento mais lento do que o esperado na UE e a volatilidade em algumas economias emergentes.

A Suíça mantém sua tendência graças à sua relativa estabilidade e melhores condições comerciais entre as empresas. No mês passado, o governo suíço anunciou que o PIB (Produto Interno Bruto) previsto para 2018 subiu para 2,9%, contra a previsão anterior de 2,4%. O Instituto Econômico Suíço (KOF) também publicou uma estimativa mais positiva nos últimos dias.

Mas a precária relação política da Suíça com a União Europeia, além de vários outros focos de tensão globais envolvendo outros países, impediu que os futurologistas econômicos abrissem garrafas de champanhe.

O FMI também acha que a economia suíça pode desacelerar a partir de 2020, seguindo uma queda no crescimento do PIB global. A previsão para 2019 caiu de 2% para 1,8%, e estima-se um crescimento médio de 1,7% até 2023.

(Swissinfo

Disponível em: <<https://www.swissinfo.ch/>>. Adaptado).

17. Países ibéricos

A entrada de Portugal, da Espanha e da Grécia na União Europeia, na década de 1980, desencadeou um significativo processo de modernização desses países, que passaram a receber vultosos investimentos de outros países da UE.



A prosperidade da Espanha

A **Espanha** com 47 milhões de habitantes destaca-se como importante potência econômica europeia e mundial. Tem como principal eixo de desenvolvimento o turismo. É formada por diferentes regiões geoeconômicas:

Andaluzia, com 8.500.000 de habitantes, onde estão localizadas as cidades de Sevilha, Córdoba e Granada (nelas é forte a influência arquitetônica árabe);

Catalunha, com 7.500.000 de habitantes, cuja capital, **Barcelona**, é a segunda maior metrópole da Espanha;

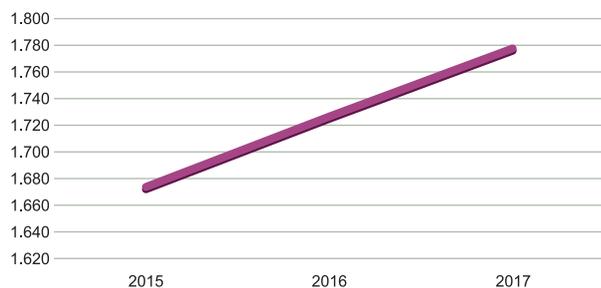
Valência, com 5.000.000 de habitantes, onde se encontram famosos balneários do Mediterrâneo;

País Basco, com 2.200.000 de habitantes, na costa do Atlântico, onde estão as áreas espanholas mais industrializadas (Bilbao e San Sebastián);

Galícia, com 2.800.000 de habitantes, no noroeste da Espanha, onde se destacam a cidade portuária de **La Coruña** e a famosa cidade religiosa (católica) **Santiago de Compostela**;

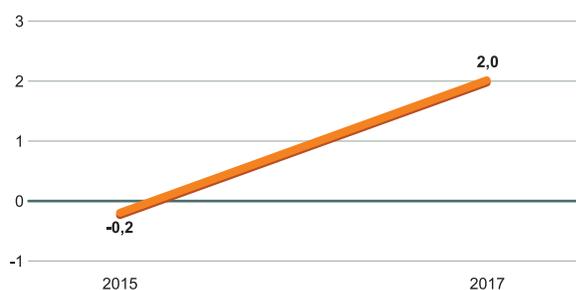
Castela, no centro espanhol, próxima a moderna capital espanhola, Madri, que possui 7.000.000 de habitantes.

EVOLUÇÃO DO PRODUTO INTERNO BRUTO
(em US\$ trilhões) (2015-2017)



(Cia Factbook.)

TAXA DE INFLAÇÃO
(2016-2017)



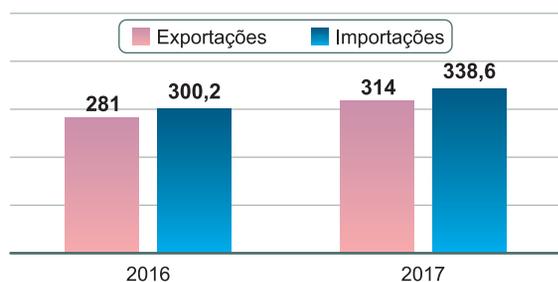
(Cia Factbook.)

EVOLUÇÃO DA TAXA DE DESEMPREGO
(2016-2017)



(Cia Factbook.)

BALANÇA COMERCIAL – EXPORTAÇÕES - IMPORTAÇÕES
(em US\$ trilhões)



(Cia Factbook.)

Extremadura com 1.100.000 habitantes, **Múrcia** com 1.500.000 de habitantes, **Astúrias** com 1.100.000 de habitantes, **Leão** com 2.500.000 de habitantes e **Aragão** com 1.400.000 de habitantes.

As principais cidades da Espanha são Madri, Barcelona, Valência, Sevilha, Zaragoza e Múrcia.

Dados divulgados pelo governo espanhol, em 2006, indicam que os 4,5 milhões de imigrantes que então viviam na Espanha foram responsáveis por 38,7% do crescimento do PIB espanhol entre 2001 e 2005.

Em 2008, de cada 10 habitantes da Espanha, 1 era imigrante. A maioria dos estrangeiros do país é originária do Marrocos e entrou na Espanha de maneira legal. Nesse ano, o governo criou um programa para oferecer benefício aos imigrantes que desejassem retornar ao país de origem. Até 2009, apenas cerca de 9 mil imigrantes haviam aceitado o benefício. Com o aumento do desemprego nesse ano, o trabalho em áreas de baixa qualificação ocupadas pelos imigrantes passou a ser disputado pelos espanhóis, e cresceu a hostilidade em relação aos imigrantes.

Como estratégia para conter a imigração ilegal, o governo espanhol lançou, também em 2009, um programa de recrutamento de trabalhadores temporários africanos. No mesmo ano, em setembro, começou uma campanha publicitária para desestimular a entrada ilegal no país. Ela contou com o uso de vídeos que alertam para o perigo da travessia clandestina entre a África e a Espanha.

Depois de 16 anos de contínua expansão, a economia espanhola entrou em recessão em janeiro de 2009. Sofreram forte retração os setores da construção civil e do turismo.

Uma das mais graves consequências da crise financeira mundial de 2008 e 2009 foi o aumento do desemprego, que saltou de 7,6%, em 2007, para 19,3%, em 2009, o dobro da média da União Europeia.

País Basco

O País Basco é a região histórico-cultural situada entre o nor-nordeste da Espanha, país que concentra 90% do território basco, e o sudoeste da França. A cultura desenvolvida na região é bastante diferente daquelas encontradas nos dois países vizinhos, que não reconhecem direito legal à independência política do povo basco. Assim, apesar da designação, **o País Basco não existe como unidade política** (isto é, não está sob a égide de uma estrutura governamental politicamente organizada, de um Estado).

Os bascos têm língua própria, o euscará, e esse é um dos fatores que sustentam a distância cultural entre o povo basco e os povos dos países europeus que o circundam. O desejo de independência política está diretamente associado ao sentimento de unidade cultural.

Desde fins do século XIX, o povo basco sustenta um movimento nacionalista. A campanha pela independência basca cresceu com a fundação do ETA, em 1959, em plena ditadura de Francisco Franco (1939-1975).

Em 1968, o País Basco conquistou alto grau de autonomia. A região tem parlamento e força policial próprios, controla seu sistema educacional e coleta impostos locais.

Em 2017, a população basca correspondia a cerca de milhões de pessoas. O País Basco conta com destacável setor siderúrgico e grandes estaleiros.

O grupo separatista ETA (sigla para a expressão em euskara “*Euskadi Ta Askatasuna*”, que significa, em português, “Pátria Basca e Liberdade”) luta pela independência do País Basco.

O sonho de conquistar a *Euskal Herria* (“terra do euskara”) é comum à Comunidade Autônoma do País Basco, à Comunidade Foral de Navarra e às três províncias francesas que formam o Estado Basco Francês, região onde hoje mal se fala o basco.

A Comunidade Autônoma do País Basco tem direito a arrecadar impostos, ensinar a língua basca nas escolas, eleger parlamento e presidente próprios. Isso é mais que suficiente para a maioria de seus habitantes.

A TERRA DOS BASCOS
2,5 milhões de bascos vivem em região localizada
no norte da Espanha e sudeste da França



Em março de 2006, o ETA declarou cessar-fogo permanente e criou partidos legais. No entanto, alguns remanescentes do grupo decidiram continuar lutando pela independência completa. Em 2007, o ETA declarou o fim da trégua.

O governo autônomo basco anunciou a realização, em 2008, de um referendo sobre o futuro da região.

As prisões de três chefes militares, entre 2008 e 2009, desarticularam ainda mais o ETA, que continua a promover atentados como demonstração de força.

Catalunha

A Catalunha, cuja capital é Barcelona, é a mais rica e industrializada das regiões autônomas da Espanha. O idioma catalão é falado por cerca de 7 milhões de pessoas.

O Parlamento da Catalunha aprovou, em 2005, o Estatuto de Autonomia. O texto concedeu à região amplos poderes fiscais e judiciários e tornou obrigatório o uso do idioma catalão nas repartições públicas regionais.

Espanha reduz previsões de crescimento para 2020 e 2021

O governo da Espanha prevê que a desaceleração do crescimento econômico do país seja mais acentuada do que esperava em janeiro deste ano e, embora mantenha a expectativa de aumento do Produto Interno Bruto (PIB) em 2,2% para 2019, reduziu em três décimos percentuais as estimativas para 2020 e 2021, para 1,9% e 1,8%, respectivamente.

Para 2022, a expectativa é de que o crescimento econômico se mantenha em 1,8%, conforme consta na atualização do Programa de Estabilidade para o quadriênio 2019-2022 enviada nesta terça-feira à União Europeia (UE).

Apesar da piora na perspectiva de crescimento, o governo espanhol melhorou a previsão de desemprego para 2019, reduzindo a taxa média de 14% para 13,8%. Para 2020, o governo prevê que o índice de desemprego caia para 12,3%, e para os anos seguintes aponta que a melhora do quadro se intensificará: 11% em 2021 e 9,9% em 2022.

O governo espanhol atribui a perspectiva de um crescimento menor da economia, "em grande parte, ao gradual amadurecimento do ciclo econômico", além da progressiva desaceleração da atividade global, em um contexto internacional caracterizado por elevadas incertezas.

A demanda nacional (consumo e investimento) continuará a ser o motor do crescimento, embora com contribuições decrescentes, enquanto a contribuição da demanda externa diminuirá um décimo percentual em 2019 e será neutra no resto do período.

Em relação ao setor externo, as exportações reais de bens e serviços crescerão por volta de 3%, acima do número de 2018 (2,3%), e as importações terão elevação em patamar similar ao das exportações.

(EFE. Disponível em: <<https://www.efc.com/efe/brasil/economia/espanha-reduz-previs-es-de-crescimento-para-2020-e-2021/50000240-3965618>>

Independentistas catalães bloqueiam principais vias de acesso a Barcelona

Independentistas catalães, em 2019 bloquearam o tráfego em três das principais vias de acesso a Barcelona, assim como a rodovia AP-7, na província de Girona, na fronteira com a França.

Os bloqueios afetaram a passagem de veículos em partes das avenidas Diagonal e Meridiana, além da Gran Via, o que fez a guarda municipal desviar o trânsito para ruas adjacentes.

Além disso, dezenas de automóveis com bandeiras da região autônoma da Catalunha trafegaram lentamente para travar o trânsito na rodovia AP-8 na cidade de Irún, no País Basco.

Convocados pelas organizações radicais Tsunami Democrático e Comitês de Defesa da República, os manifestantes protestam contra a prisão de nove líderes separatistas catalães que foram condenados em 14 de outubro de 2019 por participarem da organização do referendo de autodeterminação da Catalunha em 2017.

Diversas plataformas independentistas incentivaram nas redes sociais que manifestantes bloqueassem o tráfego em outras partes da Catalunha após a polícia retirar os que haviam fechado a AP-7 no município de La Jonquera.

(EFE. Disponível em: <<https://www.efc.com/efe/brasil/mundo/independentistas-catal-es-bloqueiam-principais-vias-de-acesso-a-barcelona/50000243-4109737>>. Adaptado.)

18. Portugal

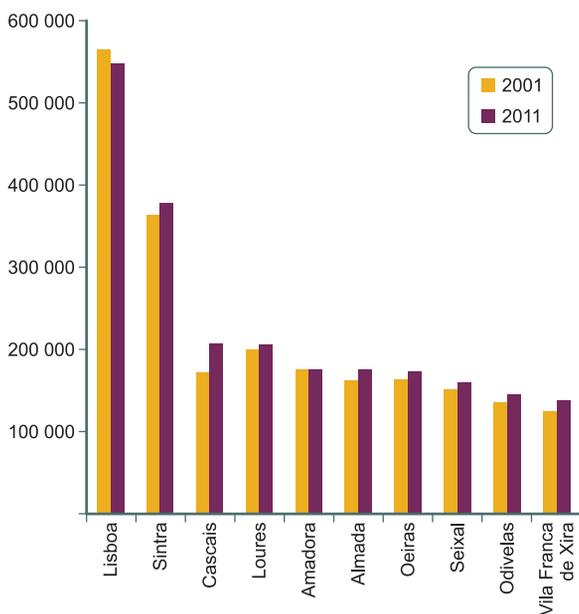


Em 2001, Portugal viveu uma situação inusitada. O país chegou à marca de 10.356.117 habitantes e, com isso, atingiu a maior população de sua história. Em 2011, essa população subiu para 10.562.178.

No mesmo período, a vizinha Espanha viveu fenômeno similar. O censo de 2000 mostrou que a população da Espanha chegou a 41,1 milhões de habitantes, depois de uma década de estagnação. Em 2015, a população espanhola era de 46.439.900 habitantes.

O que isso tem de mais surpreendente é o fato de que, em ambos os países, o **aumento demográfico decorre do fluxo de imigrantes**. A taxa de natalidade em Portugal e na Espanha é tão baixa que, se a tarefa de procriar fosse deixada exclusivamente a seus habitantes, dentro de cinquenta anos, teriam população 22% menor que a atual. Outros países europeus, como Itália, Alemanha, Bélgica e Rússia, estão igualmente próximos de sofrer redução ainda maior do crescimento populacional. Na Itália, há mais idosos acima de 60 anos que jovens com menos de 15.

PORTUGAL – POPULAÇÃO RESIDENTE
NOS 10 MUNICÍPIOS COM MAIS POPULAÇÃO, 2011



De acordo com os Censos 2011, a população residente na região de Lisboa é de 2.821.876, o que representa 26,7% da população do país. Na sua maioria são mulheres, 1.487.271, sendo a população masculina de 1.334.605 pessoas.

Na última década a população da região de Lisboa aumentou em cerca de 6%, em 2001 era de 2.661.850.

As principais regiões de Portugal são:

- **Norte:** 3.600.000 habitantes
- **Centro:** 2.300.000 habitantes
- **Alentejo:** 800.000 habitantes
- **Algarve:** 500.000 habitantes
- **Área metropolitana de Lisboa:** 2.900.000 habitantes

“Virando a página da austeridade”

No poder desde 2015, o socialista Antonio Costa, prometeu com seus aliados da esquerda radical “virar a página da austeridade”, em um país onde o desemprego atingiu um pico de 17% em 2013.

Costa aproveitou o renascimento iniciado sob o governo de direita e os efeitos das reformas impostas pela troika (UE, FMI e Banco Central Europeu) e consolidou a recuperação econômica, adotando medidas como aumento dos salários dos serviços públicos ou aposentadorias, que sofreram fortes cortes.

O resultado dessa política foi um crescimento de 3,5% em 2017 e 2,4% em 2018. Já o desemprego caiu pela metade e voltou ao seu nível anterior à crise (6,4% em julho).

Assim, o déficit, que atingiu 11,4% do PIB em 2010

e ainda era de 4,4% em 2015, seria de apenas 0,2% neste ano, algo nunca visto desde o retorno da democracia, em 1974.

Meio milhão de “exilados”

Em Coimbra, a universidade fundada no século XIII contratou cerca de 30 professores, para o ano letivo de 2019-2020.

Cerca de 50.000 portugueses deixaram Portugal durante a crise. Segundo estimativas oficiais, cerca de dois terços já retornaram.

Antonio Costa não deixa de celebrar o fato de que em 2017 “o saldo migratório foi positivo pela primeira vez desde a crise”, o que constitui um sinal da boa saúde econômica do país em sua opinião.

O número de imigrantes que vivem em Portugal aumentou 21% em 2017, de acordo com estatísticas da OCDE citadas esta semana pelo governo.

(Exame. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/economia/para-muitos-portugueses-crise-economica-ja-e-uma-lembranca-distante/>>. Adaptado.)

Comunidade dos Países da Língua Portuguesa (CPLP)

De acordo com matéria produzida pela RTP, rede de televisão portuguesa, em 2016 os falantes de língua portuguesa eram 261 milhões, o que tornava o idioma o quarto mais falado do mundo.

Com mais sete nações – Brasil, Timor-Leste (localizado na Ásia), Cabo Verde, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau e Angola (localizados na África) –, Portugal integra, a **Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP)**.

Além dos países acima citados, o português é utilizado em outros locais dominados no passado por Portugal, como Macau (China), Goa, Damão e Diu (Índia) e Malaca (Malásia). Na região da Galícia (noroeste da Espanha), pratica-se um português um pouco alterado, chamado de galego-português, que, assim como o castelhano, é língua oficial na região.

Fundada em 1996, a CPLP busca se apoiar na identidade linguística para aprofundar os laços culturais, políticos e econômicos entre os países lusófonos. Um assunto de visibilidade na CPLP desde a década de 1990 é a unificação ortográfica do português, que envolve a padronização da acentuação e o uso do hífen.

Submetida a múltiplas influências, a língua passa por alterações no tempo e no espaço. Os modos diversos de falar vão levando a diferentes formas de grafia e acentuação. Com o objetivo de aumentar o prestígio

internacional da língua portuguesa, em 1990, os então países-membros da CPLP assinaram um acordo para unificar a escrita da língua. A proposta de padronização foi aderida pelo Timor-Leste em 2004, quando o país se tornou independente.

Não foi definida data única para a ratificação do Acordo pelos países signatários e para a sua promulgação neles. No Brasil, o Acordo Ortográfico foi ratificado em setembro de 2008 e seu cumprimento obrigatório foi definido para 1º de janeiro de 2016. Em Portugal, porém, um movimento contrário ao acordo tentou impedir que as mudanças ortográficas entrassem em vigor no país. Em fevereiro de 2018, proposta do Partido Comunista de Portugal (PCP) que “recomenda o recesso de Portugal do Acordo Ortográfico de 1990” foi rejeitada no Parlamento.

19. Grécia

O milagre grego a partir de **2000** foi realizado por um governo supraustero, que cortou gastos públicos e reduziu o déficit da Grécia até o nível exigido pelos países da União Europeia – 3% do PIB. A Grécia passou por uma onda de privatizações e de desregulamentação da economia. Uma infinidade de novos pequenos negócios brotaram na península grega nesse período, e as fabriquetas de calçados, roupas e queijos já ocupam 19% dos trabalhadores gregos. O consumo de energia cresceu mais de 40% as indústrias têxtil, de alimentação, produtos químicos, material de construção e de equipamentos de transporte já são responsáveis por quase 18% do PIB do país – observe-se que a metade dos produtos manufaturados é exportada. O turismo estava em rápido crescimento até sofrer o impacto da crise econômica de 2009.

Em **2008**, a Grécia enfrentou greve geral e manifestações contra a proposta do governo de privatização de universidades.

Em 2008, com a redução do fluxo migratório para Espanha e Itália, a **Grécia** surge como nova porta de entrada da Europa para imigrantes da África e do Oriente Médio. As imigrações ilegais saltaram de 45 mil, em 2004, para 146 mil, em 2008.

Em abril de 2008, o Alto Comando da ONU acusou a Grécia de desrespeitar as leis dos refugiados que chegam à Europa pelo território grego.

A situação do país mudou a partir de **2009**, e uma grave crise financeira abateu a Grécia, em meio a temores de que o país não tivesse recursos para saldar suas dívidas. O país tornou-se o epicentro da crise

econômica europeia entre 2010 e 2012.

Desde o início da **crise de 2008**, o PIB grego encolheu quase 20%. A dívida pública subiu de 113% para 170% do PIB, e o déficit orçamentário chegou a 9,1% do PIB, três vezes o limite imposto aos países da UE. Como consequência das políticas de austeridade, o desemprego saltou de 8% para 25,4%.

A fragilidade econômica da Grécia tem origem em pesados empréstimos contraídos pelo país nos últimos anos, para elevar seus níveis sociais e econômicos aos padrões da Zona do Euro. A economia grega cresce, mas o endividamento também. Com o estouro da crise, em 2008, o governo elevou ainda mais as despesas para estimular a atividade econômica, sem obter sucesso. A medida fez aumentar o endividamento e, consequentemente, a desconfiança do mercado, o que impediu o governo de conseguir mais empréstimos.

A UE e o Fundo Monetário Internacional (FMI) anunciaram, em maio de **2010**, a concessão de um pacote de ajuda à Grécia no valor de 110 bilhões de euros – o primeiro empréstimo do plano de ajuda, no valor de 20 bilhões de euros, foi pago dias depois do anúncio. A soma equivale a quase metade do PIB grego e representa o maior plano de resgate já concedido a um país. A contrapartida, porém, foi pesada: a nação deveria economizar 30 bilhões de euros até **2013** e reduzir o déficit público de 15,6% para menos de 3% até **2014**. O governo aumentou impostos, demitiu servidores e cortou benefícios trabalhistas para tentar atingir as metas. Insatisfeita com as medidas de austeridade, a população passou a protestar em Atenas.

Em maio de **2016**, o governo aprovou a reforma da previdência. Em novembro, greves contra a reforma, as privatizações e os altos impostos paralisaram o país.

Mitsotakis assume poder na Grécia prometendo acabar com 10 anos de crise

O conservador Kyriakos Mitsotakis assumiu o cargo de primeiro-ministro da Grécia, em julho de **2019**, com a promessa de reavivar a economia do país mais endividado da União Europeia depois de uma longa década de crise.

A chegada dos conservadores ao poder em Atenas encerra quatro anos e meio de governo do Syriza, o partido de esquerda radical liderado pelo primeiro-ministro, **Alexis Tsipras**, que prometeu permanecer "ativo na oposição", com seus 86 deputados. Tsipras chegou ao poder em **2015** com a esperança de acabar com as políticas de austeridade, impostas ao país pelos sócios europeus e pelo Fundo Monetário Internacional (FMI) como remédio a uma crise da dívida pública que

acabou contagiando toda a economia e destruiu 25% do PIB nacional.

Mas a economia do país permanece sob vigilância dos sócios e credores. E os números não são muito promissores: o nível de desemprego continua sendo o maior da Eurozona (19,2% no primeiro trimestre) e a dívida alcança 180% do PIB, mas com uma previsão de cair este ano a 167,8%.

Mitsotakis também se mostrou otimista quanto à possibilidade de convencer os credores europeus da Grécia sobre a conveniência de reduzir as exigências fiscais, em troca de um "pacote completo de reformas".

(AFP. Disponível em:

<<https://economia.uol.com.br/noticias/afp/2019/07/08/mitsotakis-assume-poder-na-grecia-prometendo-acabar-com-10-anos-de-crise.htm>>. Adaptado.)

20. Europa Oriental

A **Polônia** é um país católico (90%) que, durante a década de 1980, viveu a oposição do Sindicato Solidarieidade, liderado por Lech Walesa, ao governo socialista ditatorial. Com a queda do socialismo, Lech Walesa foi eleito presidente, a dívida externa da Polônia foi perdoada e, na década de 1990, o país recebeu vultosos investimentos dos Estados Unidos e de países europeus.

Em 1999, a Polônia ingressou na OTAN e, em 2004, passou a integrar a UE.

O maior aporte industrial do país vem da siderurgia, que está associada à presença de grandes áreas de carvão mineral na Silésia.

A indústria naval de Gdansk, a têxtil de Lodz e o setor químico de Varsóvia apresentam grande destaque.

A **Hungria** foi o primeiro país do antigo bloco socialista do Leste Europeu a adotar a economia de mercado, nos anos 1990, e, com isso, rapidamente sua economia se transferiu para o setor privado. Ela tem atraído grande parte dos investimentos estrangeiros destinados ao Leste Europeu.

O país precisa resolver problemas como poluição, discriminação contra minorias, crime organizado e corrupção. Sua produção industrial de material ferroviário, motores, turbinas, máquinas industriais e produtos petroquímicos é destacável. O turismo tem apresentado grande aumento.

A **Romênia**, país latino, ficou de 1965 a 1989 sob a ditadura familiar do socialista Nicolae Ceausescu, que adotava a política Securitate.

Após a queda do socialismo, a tarefa do governo foi recuperar a economia do país, que apresentava grande

dívida externa e elevado índice de desemprego, o que provocou forte emigração dos romenos.

A **Romênia** destaca-se pela indústria petroquímica, situada na região do Mar Negro, onde está o centro portuário de Constança.

A **Bulgária** passou a viver grave crise financeira a partir do momento em que deixou o socialismo para adotar a economia de mercado. O país teme problemas com as diferentes etnias que nele vivem, especialmente os turcos, de religião islâmica, intransigentes à política de valorização da língua e da religião ortodoxa búlgara.

A **Albânia** esteve mais de 40 anos sob domínio socialista e, na década de 1990, foi considerada um dos mais pobres países da Europa, caracterizada por indicadores sociais desfavoráveis, baixa renda *per capita* e taxa de analfabetos tida como alta se comparada aos padrões europeus de alfabetização.

No país, a década de 1990 foi marcada por revoltas populares, várias mudanças de governo e grave crise econômica, o que levou à forte emigração dos albaneses.

O problema das minorias albanesas que habitam a Macedônia e o Kosovo (na antiga Iugoslávia) tem provocado na Albânia a necessidade de abrigar refugiados, o que abalou a frágil economia do país.

21. A dissolução da antiga Tchecoslováquia (1993)

A queda do socialismo nos países do Leste Europeu se deu de várias maneiras, às vezes violentamente, às vezes pacificamente. Na antiga Tchecoslováquia, em dezembro de 1989, o declínio do socialismo foi denominado **Revolução de Veludo**, uma vez que ocorreu sem violência. Estabeleceu-se, no país, um governo parlamentar liderado pelo dramaturgo Václav Havel, um dos condutores da revolução. Entretanto, no curto espaço de 2 anos (de 1990 a 1992), ficaram nítidas as diferenças entre a **República Tcheca** e a **Eslováquia**. A República Tcheca, a oeste, é mais industrializada, mais desenvolvida e responsável por abrigar dois terços da população da antiga Tchecoslováquia. A Eslováquia, a leste, é mais rural.

As eleições parlamentares ocorridas nesse período deixaram claras as diferenças entre as duas repúblicas. Assim, em meados de 1992, o parlamento da antiga Tchecoslováquia decidiu pela divisão do país, que se efetivou em 1º de janeiro de 1993, findando 74 anos de união.

A **República Tcheca** é um país industrializado que se destaca pelos setores siderúrgico, automobilístico, de cristal, cerâmica, tecido e cerveja. As suas principais regiões econômicas são a Boêmia e a Morávia.

A **Eslováquia** tem implementado mudanças econô-

micas para diminuir as dificuldades com que atravessou a década de 1990. A cidade de Kosice é um polo industrial em expansão na Eslováquia.

A DISSOLUÇÃO DA TCHECOSLOVÁQUIA



República Tcheca

Área: 78.864 km²

Composição étnica: tchecos (94,0%), eslovacos (4,1%), húngaros (0,2%), outros (1,7%)

Primeiro-ministro: Václav Klaus

Principais partidos: Cívico Democrático (liberal, no poder), Social-Democrata, Comunista, Aliança Cívica Democrática (centrista).

Taxa de desemprego: 9,0% (2011)

PIB per capita: US\$ 27.400 (2011)

República Eslovaca

Área: 49.035 km²

Composição étnica: eslovacos (86,6%), húngaros (10,9%), tchecos (1,2%), outros (1,3%)

Primeiro-ministro: Vladimír Mečiar

Principais partidos: Movimento por uma Eslováquia Democrática (nacionalista, no poder), Cristão Democrata, Eslovaco Nacional (nacionalista radical), Social-Democrata

Taxa de desemprego: 14% (2011)

PIB per capita: US\$ 23.600 (2011)

22. O fim da antiga Iugoslávia

A antiga Iugoslávia surgiu com a união de três povos em 1918: eslovenos, croatas e sérvios. Passou a usar esse nome a partir de 1929. Durante a Segunda Guerra Mundial, foi invadida pela Alemanha nazista, mas os guerrilheiros resistentes expulsaram os alemães em 1944 e, em 1945, o país tornou-se socialista.

Para aplacar o nacionalismo latente entre as diversas etnias da antiga Iugoslávia, Josip Broz Tito dividiu o país em **seis repúblicas federadas** (Eslovênia, Croácia, Bósnia-Herzegovina, Sérvia, Montenegro e Macedônia), mas com predomínio sérvio no governo federal. Também

faziam parte da Iugoslávia as regiões do **Kosovo** (com 90% de albaneses) e da **Voivódina** (com 66% de húngaros), uma vez que **permaneceram integradas à Sérvia**. A partir de 1974, suas etnias ganharam uma considerável autonomia.

Nos anos que se seguiram à Segunda Guerra Mundial, o governo socialista do Marechal Tito guardou certo distanciamento de Moscou e optou por não participar do Conselho para Assistência Econômica Mútua – COMECON e do Pacto de Varsóvia, alianças, respectivamente, econômica e militar do bloco socialista) e criou um governo rotativo colegiado, em que representantes de cada república se revezavam no poder.

A desintegração da antiga Iugoslávia (1991-2006)

A morte de Tito, em 1980, criou um vácuo de poder na antiga Iugoslávia. Os nacionalismos voltaram a se manifestar, evoluindo rapidamente para o separatismo. A crise econômica que devastou os países socialistas nessa mesma década contribuiu para agravar a situação.

Os sérvios, sob a liderança de Slobodan Milošević (1941-2006) – que assumiu o poder, em 1987, por meio de um golpe de Estado –, tentaram a todo custo manter uma união que os beneficiava.

Em 1989, Milošević revogou a autonomia que Tito concedera aos albaneses de Kosovo e aos húngaros da Voivódina. Estes não reagiram, mas, em Kosovo, ocorreram manifestações de protesto, e elas foram reprimidas duramente pela polícia e exército sérvios.

Com o desmoronamento da URSS (1991) e do bloco socialista europeu em 1989/1990, a Liga dos Comunistas da Iugoslávia (Partido Comunista) foi substituída pelo Partido Socialista Sérvio, controlado por Slobodan Milošević.

Nesse contexto, algumas repúblicas iugoslavas, como a Eslovênia e a Croácia, passam a almejar sua independência. Motivo: apesar de terem população pequena, essas duas repúblicas respondiam por grande parte das exportações da antiga Iugoslávia.

Em 1991, a Eslovênia, a Croácia e a Macedônia proclamaram sua independência; em 1992, a Bósnia-Herzegovina imitou-as. A ONU reconheceu os novos Estados e a Iugoslávia se viu reduzida à união entre a Sérvia (que inclui Kosovo e a Voivódina) e Montenegro. **Essa nova Iugoslávia foi reestruturada em 1992**, formando uma federação em que Montenegro apresentava um governo quase independente, no qual a Sérvia não tinha o direito de intervir. Em 2006, Montenegro torna-se país independente.

PAÍSES FORMADOS APÓS A DISSOLUÇÃO DA ANTIGA IUGOSLÁVIA (1991/1992)



A emancipação da Macedônia, a mais pobre das antigas repúblicas da antiga Iugoslávia, se fez sem traumas. Na Eslovênia, os sérvios recuaram após uma curta guerra, mas, na Croácia e na Bósnia, onde existiam importantes minorias sérvias, o conflito foi mais sério.

	Área (km ²)	Pop. (hab.)
Eslovênia	20.251	2.000.000
Croácia	50.538	4.701.000
Bósnia-Herzegovina	51.129	4.124.000
Sérvia	55.968	7.276.000
Montenegro	13.812	684.000
Macedônia do Norte	25.713	2.000.000
Kosovo	10.887	2.000.000
Voivódina	21.506	2.035.000

A Guerra da Bósnia (1992-1995)

Na Bósnia-Herzegovina houve, entre 1992 e 1995, uma guerra terrível motivada pelo desejo da maioria muçulmana de tornar o país independente da Iugoslávia. Os **sérvios** locais (que são **cristãos ortodoxos** e compõem 31% da população bósnia), comandados por ex-oficiais do exército iugoslavo, organizaram-se em poderosas milícias, equipadas com armamento fornecido pela antiga Iugoslávia, e deram início a uma ação de “limpeza étnica”, expulsando os moradores bósnios e

também croatas (11% da população da Bósnia). As violências praticadas contra os bósnios foram particularmente atroz; ocorreram dezenas de milhares de estupros e outros tantos fuzilamentos de civis.

Nesse contexto de conflito civil, a ONU interveio na Bósnia com uma “força de paz” que se mostrou incapaz de conter as agressões dos sérvios. A OTAN enviou ao país algumas tropas em 1995, mas sua atuação efetiva limitou-se à realização de alguns bombardeios aéreos contra alvos sérvios na Bósnia.

O fator decisivo para pôr fim ao conflito foi o embargo comercial imposto pela Assembleia Geral da ONU à antiga Iugoslávia em 1992. O agravamento da crise econômica em seu país fez com que o então presidente iugoslavo Milosevic interrompesse o fornecimento de suprimentos aos sérvios da Bósnia. Estes, sentindo-se enfraquecidos, aceitaram negociações intermediadas pelo ex-presidente norte-americano Bill Clinton.



Principais pontos do Acordo de Dayton (1995)

- A Bósnia foi dividida internamente em duas porções: **Federação Bósnio-Croata** (ou **Muçulmano-Croata**), que abrange 51% do território bósnio, e **República Sérvia**, que corresponde aos 49% restantes do território
- Definiu-se um governo central, com presidente e Parlamento nacional. A moeda passou a ser única.
- Acusados de crimes de guerra ficaram de fora nas eleições de 1996.
- Os refugiados, cerca de 2 milhões de pessoas, puderam voltar para casa.
- Força internacional com 60.000 soldados supervisionou o Acordo.
- Sarajevo não foi dividida.
- Uma faixa de 5 quilômetros de largura — o Corredor de Posavina — passou a ligar áreas sérvias.
- Um corredor foi criado para ligar o enclave muçulmano de Gorazde com a Federação Muçulmano-Croata.

Finalmente, em dezembro de 1995, um acordo de paz assinado em Dayton, nos Estados Unidos, transfor-

mou a Bósnia-Herzegóvina em um Estado estruturalmente semelhante à antiga Iugoslávia de 1995: 51% do território passaram a formar a Federação Muçulmano-Croata e os 49% restantes constituíram a República Sérvia da Bósnia – embora estivessem subordinadas ao Governo Federal, concedeu-se a ambas significativa autonomia.

O conflito de Kosovo (1999)

O regime sérvio endureceu a partir de 1989. O presidente Slobodan Milosevic, eleito naquele ano, fez do nacionalismo sua bandeira e, com isso, conseguiu reduzir consideravelmente a oposição interna. De qualquer forma, as eleições que têm sido realizadas são manipuladas pelo governo.

Em 1997, a Albânia sofreu uma seriíssima crise financeira que, entre outras consequências, provocou a queda do governo e a abertura do país aos contatos com o exterior. A partir de então, os **kosovares (albaneses que habitam Kosovo)** puderam receber armas por meio da fronteira albanesa, o que lhes permitiu pôr em operação o **Exército de Libertação de Kosovo (ELK)**, com o objetivo de emancipar a região e, depois, provavelmente anexá-la à Albânia.

A Sérvia (que ainda formava com Kosovo um único país) reagiu com violência à atuação do ELK, utilizando forças policiais e militares. Os guerrilheiros kosovares separatistas tentaram resistir, valendo-se do terreno parcialmente montanhoso e do apoio da população de etnia albanesa. Em face da resistência encontrada, as tropas sérvias passaram a empregar, em Kosovo, os mesmos processos de “limpeza étnica” utilizados na Bósnia entre 1992 e 1995: incêndios, massacres, estupros e expulsões em massa.

A brutalidade dos sérvios causou forte impacto na opinião pública europeia. Alguns governos ocidentais, liderados pelo presidente Clinton, decidiram intervir na questão, com pretextos humanitários. Mas a intransigência do presidente iugoslavo Milosevic fez fracassarem todas as tentativas pacíficas de conceder autonomia aos kosovares. Assim, em 24 de março de 1999, a OTAN decidiu atuar militarmente contra a Iugoslávia, realizando ataques com aviões de bombardeio e mísseis disparados por navios estacionados no Mar Adriático.

Em resposta aos bombardeios da OTAN em Kosovo, a polícia e o exército sérvios desencadearam uma onda de violência sem precedentes, incendiando aldeias, cometendo assassinios em massa e expulsando de suas casas mais de meio milhão de pessoas. Os refugiados procuraram abrigo nos países vizinhos, especialmente na

Albânia e na Macedônia, onde a maioria foi instalada em campos montados pelo **Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR)** e por organizações humanitárias internacionais.

Embora ainda pertencesse formalmente a Sérvia e Montenegro (Estado dissolvido em 2006), a província de Kosovo tornou-se um protetorado internacional após o acordo de paz assinado em junho de **1999**. Uma força de paz liderada pela OTAN, a Força do Kosovo (KFOR), assumiu o controle militar. A administração da província está a cargo da Missão de Administração Interina das Nações Unidas no Kosovo (UNMIK), que tem a tarefa de reduzir a tensão entre sérvios e albaneses étnicos, garantir o retorno dos refugiados e propiciar um clima favorável à restauração das instituições democráticas.

Apesar da crescente pressão interna pela definição do *status* político de Kosovo, as discussões sobre o futuro da região não avançaram. Enquanto Belgrado reivindicava a retomada da soberania plena sobre a área, os albaneses étnicos se dividiam em torno das propostas de autonomia ou independência.

Para a UNMIK, os kosovares precisavam respeitar as normas internacionais de tolerância étnica e combater o contrabando antes de pretender a emancipação.

A independência de Kosovo (2008)

O Parlamento da então província sérvia do Kosovo aprovou, em 17 de fevereiro de **2008**, uma declaração unilateral de independência. No documento, o Kosovo apresentou-se como país soberano, separado da Sérvia, e afirmou a intenção de vincular-se à União Europeia (UE). Essa posição foi reconhecida rapidamente pelos Estados Unidos – cujo governo foi o principal incentivador da independência do Kosovo – e pela maioria dos países da UE; enfrentou, no entanto, **forte oposição da própria Sérvia e de sua tradicional aliada, a Federação Russa**.

A UE deixa a decisão de reconhecer a independência de um país a cargo de cada Estado-Membro. Espanha e Chipre, por exemplo, opõem-se ao reconhecimento do Kosovo como país soberano.

Em dezembro de 2009, a Corte Internacional de Justiça (CIJ) da ONU iniciou audiências para discutir a independência do Kosovo. Em julho de **2010**, a CIJ declarou que a proclamação da independência de Kosovo não viola a lei internacional.

De acordo com o Ministério de Relações Exteriores da República do Kosovo, em 2017, 111 dos 193 paí-

ses-membros da ONU reconheciam a independência kosovar.

Para se tornar membro da ONU, o Kosovo precisa da aprovação de dois terços da Assembleia Geral. Mas a admissão na organização não passaria no Conselho de Segurança, em que a Rússia (contrária à independência do Kosovo) detém poder de veto, por ser dele membro permanente.

Um dos grandes problemas enfrentados pelo Kosovo é a fragilidade da economia local. Dados apresentados pelo governo kosovar em julho de 2010 indicavam elevada taxa de desemprego (que atinge 45% da população economicamente ativa) e de pobreza (associa-se a 37% dos habitantes). Analistas chamam a atenção para o alto grau de corrupção nos meios oficiais e para a existência de vínculos entre estes, o crime organizado e o narcotráfico.

Em 2003, Iugoslávia deixa de existir

A Iugoslávia foi, em 2003, oficialmente extinta. No lugar do que sobrou da federação, depois de uma década de guerras nos Bálcãs, foi formada uma união frágil entre Sérvia e Montenegro. A Assembleia Federal iugoslava aprovou a Carta de fundação do novo país por maioria absoluta nas duas câmaras.

“Declaro a adoção da Carta de Sérvia e Montenegro”, disse o presidente da Assembleia, Dragoljub Micunovic, numa histórica sessão conjunta das duas Casas, que votaram a abolição da Iugoslávia separadamente. A Carta entrou em vigor no mesmo instante.

A formação do novo país culminou com um ano de negociações entre Sérvia, que sempre dominou a Iugoslávia, e Montenegro, que também ameaçava se separar.

Nasce o país Montenegro

Em 2006, Sérvia e Montenegro separaram-se, tornando-se países independentes. A população de Montenegro confirma a independência com um plebiscito.

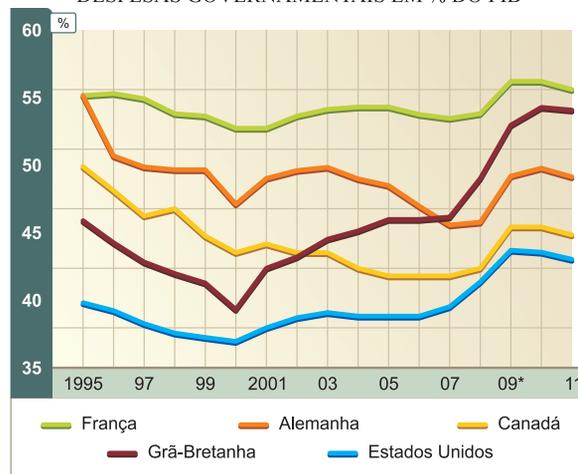
Capitalismo de Estado molda a segunda etapa da globalização

Nos Estados Unidos, na Europa e na maior parte do resto do mundo desenvolvido, a onda recente [2008-2009], de intervencionismo estatal busca aliviar as dores da atual recessão global e restaurar a saúde das

economias enfermas. Na sua maior parte, os governos do mundo desenvolvido não pretendem administrar as economias indefinidamente. Contudo, uma intenção oposta oculta-se atrás de intervenções similares no mundo em desenvolvimento: nele, a pesada mão do Estado na economia sinaliza uma rejeição estratégica da doutrina de livre mercado. (...) Tais tendências estão reconfigurando a política internacional e a economia global (...). Elas estão nutrindo o vasto e complexo fenômeno do capitalismo de Estado.

(Ian Bremmer. State Capitalism comes of age. *Foreign Affairs*, maio/jun. 2009, p. 40. Adaptado.)

DESPESAS GOVERNAMENTAIS EM % DO PIB



*estimativa

(Mundo, mar. 2010.)

Macedônia passará a se chamar Macedônia do Norte

Intenção da mudança é eliminar qualquer possível com relação com a região homônima no norte da Grécia e seus habitantes.

Atenas, Skopje, – A ex-república iugoslava da Macedônia passará a se chamar Macedônia do Norte, conforme definiram nesta terça-feira o primeiro-ministro, Zoran Zaev, e o colega grego, Alexis Tsipras, em uma conversa por telefone.

De acordo com o governo grego, o nome será traduzido aos idiomas dos respectivos países, exceto na Grécia, onde será utilizada a forma em eslavo, Severna Makedonja. O mesmo ocorrerá com a nacionalidade, que será a da Macedônia do Norte, salvo na Grécia, onde se utilizará sempre o nome eslavo.

O idioma será o macedônio, mas com a observação que se trata de uma língua dos eslavos do sul. Com esses

esclarecimentos, a intenção é eliminar qualquer possível com relação com a região homônima no norte da Grécia e seus habitantes.

O acordo pretende colocar ponto final a um litígio que se prolongou durante 27 anos e que levou a Grécia a vetar a entrada da Macedônia na Otan e na União Europeia. No entanto, o acordo ainda tem um longo caminho a ser percorrido até a ratificação definitiva.

O primeiro-ministro macedônio afirmou que o acordo entrará em vigor se os dois Parlamentos o ratificarem e os cidadãos da Macedônia do Norte o aprovarem em um referendo.

(Exame. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/mundo/>>. Adaptado).



EXERCÍCIOS RESOLVIDOS

1. **(FUVEST)** – Entre os cinco países europeus relacionados a seguir, assinale aquele cujas características são apresentadas de forma correta.
- Polônia – país da Europa Central, de clima frio, grande exportador de minérios de ferro e manganês.
 - Bélgica – país altamente industrializado, caracterizado por clima frio continental.
 - Suíça – país de relevo montanhoso e economia baseada na monocultura de exportação.
 - Dinamarca – país escandinavo, de clima temperado, importante exportador de trigo.
 - Espanha – país planáltico banhado pelo Mediterrâneo, com forte participação do turismo na economia.

Resolução:

- a Polônia exporta carvão mineral.
- o clima da Bélgica é temperado oceânico.
- a Suíça é um país industrializado.
- a Dinamarca é um grande produtor de leite.

Resposta: E

2. **(MODELO ENEM)** – Correspondem a um grupo de países com excelente nível socioeconômico. Por muito tempo foram exemplo do ideal social-democrata, com um capitalismo muito influenciado pelo Estado. Suas desigualdades sociais, típicas do capitalismo, foram amenizadas com políticas de amparo social. O mais industrializado desses países se destaca pela indústria siderúrgica, metalúrgica e de papel, alimentada pela vegetação de coníferas, típica da região.

O texto se refere a quais países?

- Alemanha e Itália.
- Inglaterra e Áustria.
- Suécia e Noruega.
- Finlândia e Espanha.
- Bélgica e Portugal.

Resolução:

São os chamados países nórdicos. A Noruega tem destaque na indústria da pesca, a Suécia possui maior número de indústrias pesadas.

Resposta: C

3. **(MODELO ENEM)** – *As águas de Gibraltar não podem se transformar num novo Muro de Berlim, nem a Cortina de Ouro da União Europeia num sucedâneo da extinta Cortina de Ferro.*

(Juan Goytisolo. *Folha de S.Paulo*, 20 dez. 1992, Suplemento *World Media*, p. 6. Adaptado.)

O texto refere-se

- às crescentes manifestações e aos ataques neonazistas contra a população residente no Leste Europeu e no norte da Ásia.
- ao ressurgimento de movimentos nacionalistas na Europa Central, contrários à unificação do mercado europeu.
- às medidas repressivas, tomadas por governos europeus, para conter o fluxo de imigrantes dos países não desenvolvidos.
- ao processo acelerado de globalização econômica, que vem enriquecendo os países europeus, em detrimento dos demais.
- aos conflitos étnicos e às guerras civis que foram desencadeadas na região dos Urais, com o fim do bloco socialista.

Resolução:

Construiu-se em torno do rochedo de Gibraltar um muro para impedir a entrada de imigrantes africanos que atravessam o estreito que separa a Europa da Ásia.

Resposta: C

4. **(FUVEST)** – A Itália é um dos países mais industrializados da União Europeia. Em seu território, a região que concentra maior atividade fabril é
- o Vale do Ádige, próximo a Verona e Veneza.
 - o Vale do Tibre, na região de Roma.
 - a Sicília, em Messina e Catânia.
 - o Vale do Pó, principalmente entre Turim e Milão.
 - a Campânia, em torno de Nápoles e Salerno.

Resolução:

O Rio Pó atravessa a porção norte da Itália. Além de revelar elevada concentração industrial, é utilizado para a produção de energia, navegação e irrigação.

Resposta: D

5. **(UNIP – Adaptado.)** – A Europa é o continente que apresenta o maior número de países desenvolvidos. Sua população tem elevado padrão de vida e de consumo. Foi berço da cultura ocidental, do capitalismo, do socialismo, da revolução industrial e palco das duas grandes guerras mundiais. Conta com o mais consolidado e bem-sucedido bloco econômico regional do planeta (UE), em que se destacam quatro dos sete países mais ricos e industrializados do mundo (G7). O continente conta com três dos cinco membros do Conselho de Segurança da ONU e alguns de seus países participam da maior aliança militar existente: a OTAN.

Assinale a alternativa que apresenta dois países europeus integrantes, ao mesmo tempo, da UE, do G7, da OTAN e do Conselho de Segurança da ONU.

- a) Rússia e França.
- b) Inglaterra e Alemanha.
- c) Alemanha e França.
- d) Inglaterra e Rússia.
- e) França e Inglaterra.

6. **(UFTM)** – Com um atraso de meio século, os habitantes decidiram, mediante um plebiscito, filiar-se à Organização das Nações Unidas, tornando-se o 190.º Estado-membro da ONU. O “sim” triunfou, mas por pouco. A maioria foi atingida: 54,6% dos eleitores aprovaram a filiação à ONU. O “sim” venceu em 12 dos 23 cantões do país.

Apesar disso, essa vitória tem muito sentido, porque contradiz um dos dogmas mais enraizados do país – sua legendária neutralidade.

(O Estado de S. Paulo, 5 mar. 2002.)

O texto refere-se ao país:

- a) Rússia.
- b) China.
- c) Taiwan
- d) Islândia.
- e) Suíça.

7. **(FGV)** – Na década de **1990**, a área assinalada no mapa foi palco de sangrenta guerra civil.



Indique a alternativa que exprime as causas dessa guerra e o país ao qual pertenciam estas porções territoriais.

- a) Ideal sérvio de construir a “Grande Sérvia” independente da Tchecoslováquia.
- b) Rivalidades étnicas, religiosas, históricas, culturais e territoriais entre os povos da antiga Iugoslávia.
- c) Antiga oposição política entre sérvios e croatas na Romênia.
- d) Ideias separatistas reforçadas pela *glasnost* e pela *perestroika* entre os povos das repúblicas componentes da antiga União Soviética.
- e) Dominação estrangeira entre os búlgaros da antiga Iugoslávia.

8. **(UNIP)** – País com características climáticas marcadas pela continentalidade. Tem como destaque agrícola o cultivo de produtos de climas mais frios, como o trigo. Corresponde a uma das maiores economias do mundo. Destaca-se pela indústria diversificada.

Trata-se de

- a) França.
- b) Espanha.
- c) Alemanha.
- d) Suécia.
- e) Holanda.

9. **(UNIP – Adaptado.)** – Países como França e Alemanha têm como característica comum

- a) constituírem a Europa Ocidental.
- b) serem membros do COMECON.
- c) terem as menores populações do continente.
- d) estarem em processo de adaptação quanto à economia, pois eram socialistas na década de 1980.
- e) apresentarem grandes concentrações humanas nas áreas de maior produção industrial.

10. **(UNIP)** – Sobre a Itália, é correto afirmar que

- a) apresenta homogeneidade nas formas de ocupação do seu território.
- b) apresenta disparidade socioeconômica entre sua porção meridional e a setentrional.
- c) é um país desenvolvido que não atrai imigrantes, devido ao clima.
- d) tem como área desenvolvida o Vale do Rio Ruhr.
- e) utiliza o Rio Tâmis para o escoamento de sua produção agrícola.

11. **(UNIMEP)** – Os países da Europa Ocidental apresentam diferenças internas muito acentuadas, a maioria resultante da Revolução Industrial, porque os países que se industrializaram primeiro constituem hoje os Estados-Nações europeus capitalistas altamente industrializados. Há ainda um segundo grupo, formado por países cujo nível industrial é grande, mas bem inferior ao apresentado pelo grupo anterior. Por fim, pode-se reconhecer um terceiro grupo, formado por aqueles países em que o setor primário exerce um papel muito importante no conjunto de suas economias.

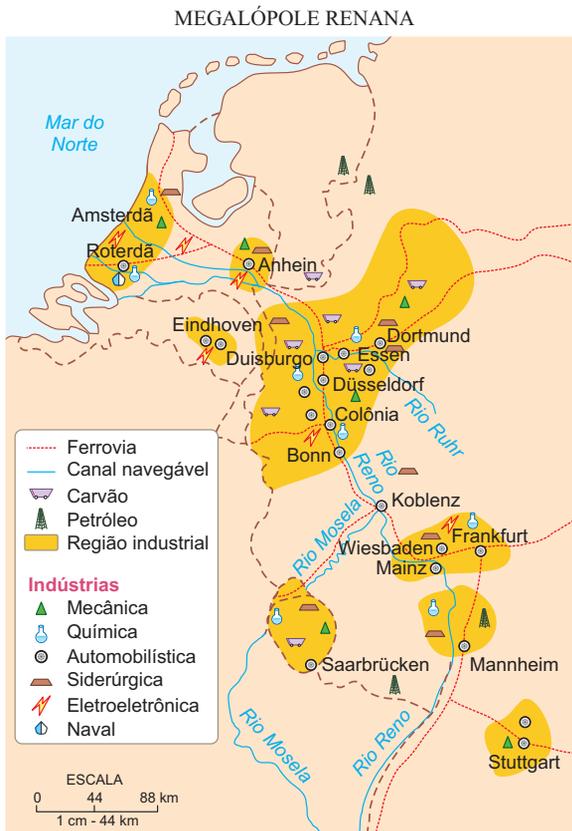
São representantes do 1.º, 2.º e 3.º grupos, respectivamente:

- a) a Dinamarca, a Espanha e a Itália.
- b) a Grécia, a Grã-Bretanha e a Irlanda.
- c) a Itália, a Grécia e a Islândia.
- d) a Alemanha, Portugal e a Irlanda.
- e) a França, a Noruega e Portugal.

12. (UNIP) – Se durante o século XIX se assistiu a um enorme fluxo migratório que partia da Europa em direção a outros continentes, nas últimas décadas do século XX, observou-se o inverso: os fluxos passaram a se direcionar para o continente europeu. O colonizado invade o antigo colonizador. Muitos imigrantes chegam famintos e despreparados, concentrando-se em trabalhos pouco rentáveis (mas que, certamente, lhes rendem mais que o trabalho em seus países de origem). Muitos são, entretanto, trabalhadores especializados, que buscam nos países europeus os recursos para desenvolver seus projetos de pesquisa; constituem pensadores que deixaram nações em desenvolvimento, criando uma verdadeira sangria de investimento no seu preparo. Muitos países os recebem, entre os quais se destaca

- Polônia.
- Grécia.
- Portugal.
- Alemanha.
- Irlanda.

13. (UVRS) – Junto ao Vale do Reno, a megalópole renana reúne cerca de 33 milhões de habitantes. Inclui várias metrópoles como Amsterdã, Düsseldorf, Colônia, Bonn e Stuttgart.



(Atlas Geographique Erasme. Erasme, 1991.)

Localizada na Europa Ocidental, compreende territórios dos seguintes países:

- Bélgica e França.
- Alemanha e Suíça.
- França e Holanda.
- Luxemburgo e Bélgica.
- Alemanha e Países Baixos.

14. (MODELO ENEM) – Considere o quadro abaixo sobre a agricultura europeia:

Cultivo trienal na Europa			
	Campo 1	Campo 2	Campo 3
1º ano	Trigo e beterraba	Centeio e batata	Forrageira
2º ano	Centeio e girassol	Forrageira	Trigo e beterraba
3º ano	Forrageira	Trigo e beterraba	Centeio e batata

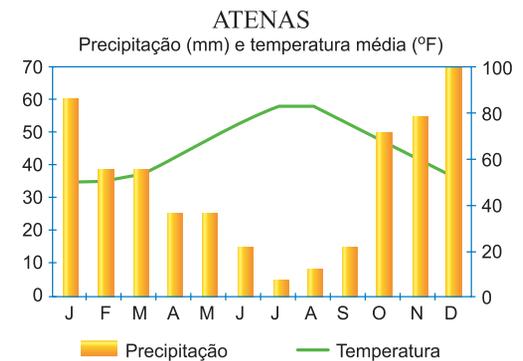
A análise do quadro permite concluir que a prática agrícola, realizada na Europa, pode ser chamada de

- rotação de culturas com pousio.
- cultura itinerante.
- rotação de culturas.
- cultivo de jardinagem.
- rotação de terras com pousio.

15. (UFJR) – Definida como sede dos Jogos Olímpicos de 2004, Atenas, capital da Grécia, estaria trabalhando intensamente para proporcionar aos atletas e visitantes saúde e qualidade de vida. De acordo com a líder da candidatura, Gianna Angelopoulos, a construção de um novo metrô reduziria a poluição do ar e acabaria com o tráfego pesado.

O número de carros nas ruas, prometeram os líderes atenienses, foi a 250 mil por dia, e a qualidade do ar, aumentada 35%.

(Folha de S.Paulo, 7 set. 1997.)



Marque a alternativa **incorreta**.

- A queima de combustíveis fósseis pelas atividades industriais e por automóveis parece constituir a principal causa da elevação das concentrações de CO₂ na atmosfera.
- Os aspectos mais importantes dos metrô são representados pelo fato de apresentarem grande capacidade de transporte, não provocarem ruídos ou poluição atmosférica, além de reduzir o número de acidentes.
- Havendo melhoria na qualidade do ar, há maior diferença entre a temperatura da superfície urbana e da atmosfera imediatamente superior, o que promove melhor circulação do ar.
- Os Jogos Olímpicos foram realizados no verão, o que poderia causar transtornos devido ao maior índice pluviométrico da cidade de Atenas ocorrer nessa estação.
- A Grécia faz parte do Mercado Comum Europeu desde a década de 1980.

16. (UNOPAR) – Considere o mapa apresentado abaixo.



O país assinalado no mapa corresponde à

- França, que vem sofrendo as consequências de uma grave crise econômica.
- Alemanha, que em 1990 passou por um processo de reunificação.
- Itália, que apresenta grandes desigualdades sociais internas.
- Espanha, que passa atualmente por acelerado crescimento econômico.
- Polônia, que foi aceita como membro da União Europeia, juntamente com outros países do leste europeu.

17. (UNAERP) – Reflita sobre as afirmações:

- É o país mais industrializado da região e as maiores concentrações industriais ocorrem junto aos principais centros urbanos (Estocolmo, Gotemburgo e Malmo).
- A robotização tem um papel decisivo na reforma ambiental do trabalho, que transfigurou as fábricas deste país.
- Este país é governado por uma monarquia que tem muitos séculos.

O país em questão é:

- Noruega.
- Finlândia.
- Suécia.
- Dinamarca.
- Luxemburgo.

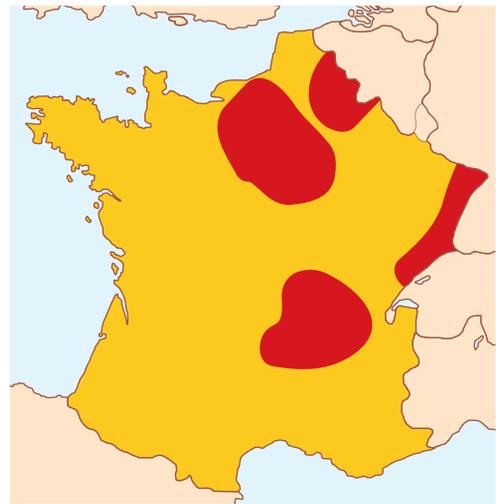
18. (MODELO ENEM) – Considere os textos sobre países da União Europeia.

- Embora conte com os maiores recursos energéticos do bloco europeu, desde a década de 1970, este país tem apresentado alguns setores industriais em decadência.
- Este país representa a maior força industrial do bloco europeu tanto pelo dinamismo de sua indústria como pelo avanço tecnológico.

Os textos I e II referem-se, respectivamente, aos seguintes países:

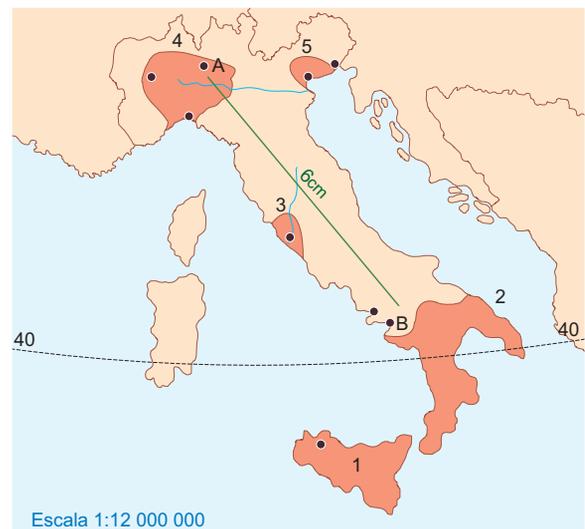
- Reino Unido e Alemanha.
- Itália e Bélgica.
- Suécia e Dinamarca.
- Irlanda do Norte e França.
- Espanha e Países Baixos.

19. (MACKENZIE) – No mapa da França, as áreas destacadas correspondem às



- regiões vinícolas.
- bacias petrolíferas.
- regiões industriais.
- áreas agrícolas.
- bacias leiteiras.

Responda às questões 20 e 21 com base no mapa da Itália.



20. (FGV) – Parte bastante significativa das indústrias italianas está concentrada nas zonas assinaladas pelos números:

- 1 e 2, áreas do sul da Itália, respectivamente, correspondendo à Sicília e à Calábria.
- 5 e 3, no norte e centro da Itália, áreas drenadas, respectivamente, pelos Rios Tibre e Pó.
- 2 e 3, centro-sul da Itália, nos arredores das cidades de Roma e Veneza, respectivamente.
- 4 e 5, áreas do norte da Itália, drenadas pelos Rios Pó e Ádige.
- 4 e 2, áreas especialmente opostas, mas identificadas pelas polarizações urbanas de Milão-Gênova e Salerno, respectivamente.

21. (FGV) – De acordo com o mapa da Itália, a distância em linha reta entre os pontos A e B é de:

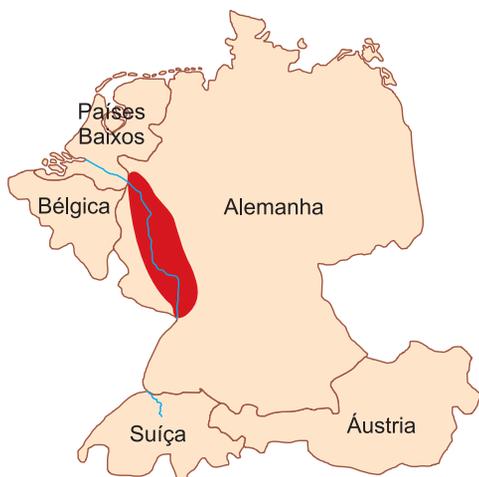
- 72 km
- 200 km
- 720 km
- 2.000 km
- 7.200 km

22. (USF) – A análise do mapa e os conhecimentos sobre localização e população da Europa Ocidental permitem afirmar:

EUROPA OCIDENTAL



- a) A Europa Ocidental está totalmente localizada no hemisfério oriental.
- b) O clima e a navegação da região são bastante influenciados pela presença de penínsulas e de mares interiores e pela sua posição geográfica.
- c) Os países mais populosos da Europa Ocidental estão localizados na porção meridional.
- d) Os países mais industrializados da região estão no Sul, porque aí se processou a Revolução Industrial.
- e) A maior parte da população ocupada no setor primário se concentra na Europa Ocidental.
23. (FMTM) – O mapa destaca uma das regiões mais industrializadas da Europa.



Assinale a alternativa que contém o nome desta região:

- a) Gasconha.
- b) Andaluzia.
- c) Renânia.
- d) Baviera.
- e) Bretanha.

24. (UNIRP) – Os países da Europa Setentrional ou Nórdica têm em comum:

- I. Baixa população absoluta.
- II. Altíssimo padrão de vida.
- III. Ampla assistência do Estado à população.
- IV. Agricultura desenvolvida pela excelente qualidade de seus solos.
- V. Pequena produção de energia hidrelétrica pelos países escandinavos, que dispõem de combustíveis minerais.

Assinale:

- a) se as opções I, III e V são verdadeiras.
- b) se as opções I, II e III são verdadeiras.
- c) se as opções II, IV e V são verdadeiras.
- d) se as opções II, III e IV são verdadeiras.
- e) se as opções III, IV e V são verdadeiras.

25. (UNIFOA – Adaptado.) – A área da Itália conhecida como *Mezzogiorno* é identificada como

- a) “o triângulo industrial” (Milão, Gênova e Turim).
- b) o centro (Roma-Nápoles), devido aos grandes problemas urbanos decorrentes de seu crescimento desordenado.
- c) a planície do Pó, pois é responsável por mais da metade da produção de cereais do país.
- d) o Sul; apresenta escassez de recursos minerais devido ao predomínio agrícola e à alta densidade demográfica.
- e) veneza, pois, desde a Idade Média, é o centro comercial de toda a Itália.

26. (MODELO ENEM) – Enquanto a indústria foi movida a carvão, o país encontrou barreiras quase intransponíveis para viabilizá-la. Entretanto, com a Segunda Revolução Industrial e a consequente utilização da energia elétrica, o país pôde finalmente deslanchar. Nesse aspecto, sua porção norte levou vantagem por dispor de um considerável potencial elétrico.

O texto refere-se

- a) à França.
- b) ao Reino Unido.
- c) à Alemanha.
- d) à Itália.
- e) ao Japão.

27. (FGV) – Mais de três décadas após a queda do Muro de Berlim em 1989, novas fronteiras político-estratégicas e econômicas vêm sendo delineadas na Europa.

As afirmações abaixo revelam o movimento atual dessas fronteiras, **exceto**

- a) que a extinção da fronteira estratégica da Cortina de Ferro tem permitido a expansão de estruturas do bloco ocidental para os territórios do antigo bloco soviético.
- b) que o alargamento do bloco ocidental europeu significa, por sua vez, o aprofundamento da influência estratégica norte-americana na Europa.
- c) que Ucrânia e Belarus, integrantes da Comunidade dos Estados Independentes, funcionam como uma faixa estratégica entre o bloco ocidental e a Rússia.

- a) Irlanda – na Irlanda do Norte, luta-se pela emancipação do Reino Unido.
- b) Espanha – no norte, os bascos buscam a independência do invasor francês.
- c) Rússia – a Chechênia, a sudoeste, quer a independência do Azerbaijão.
- d) Chipre – os turcos cipriotas declararam a independência dos gregos do sul, mas não são reconhecidos.
- e) Espanha – no sul, existe a questão da autonomia da Catalunha de Andorra.

34. (FGV) – Derrotada nas duas guerras mundiais, a Alemanha esteve dividida por quarenta anos. A respeito das mudanças nas fronteiras alemãs, é correto afirmar que

- a) os acordos de Potsdam, no final da Segunda Guerra Mundial, dividiram o território alemão em três zonas de ocupação: norte-americana, germânica e russa.
- b) a cidade de Berlim, localizada na antiga República Democrática Alemã – de regime socialista – foi dividida em dois setores: o ocidental capitalista, de economia de mercado, e o oriental socialista, de economia estatal.
- c) a queda do Muro de Berlim em 1989 possibilitou a reunificação da Alemanha, mas, ao contrário do que se previa, tal fato enfraqueceu sua condição de potência mundial, devido à xenofobia e à ação de grupos neonazistas.
- d) a Alemanha Ocidental comandou o processo de reunificação do território germânico no final da década de 1980, sem altos custos, pois a Alemanha Oriental figurava entre os países europeus mais industrializados e de elevada renda *per capita*.
- e) a antiga República Federal Alemã e a antiga República Democrática Alemã constituíram o centro do conflito entre os EUA e antiga URSS durante a Guerra Fria, sendo a primeira ligada ao Pacto de Varsóvia e a segunda, à Otan.

35. (FIT) – São algumas das razões que explicam a concentração na região do Ruhr da maioria das usinas siderúrgicas na Alemanha:

- I. grandes jazidas de petróleo e maior proximidade do mercado russo.
- II. grandes jazidas de carvão e maior proximidade da Europa Ocidental.
- III. maior possibilidade de circulação pelas autoestradas e pelo Rio Reno.

Assinale a alternativa correta.

- a) Apenas a afirmativa I é verdadeira.
- b) Apenas a afirmativa III é verdadeira.
- c) Apenas as afirmativas I e II são verdadeiras.
- d) Apenas as afirmativas II e III são verdadeiras.
- e) Apenas as afirmativas I e III são verdadeiras.

36. (FEVIT – Adaptado.) – Leia atentamente as afirmativas abaixo:

- I. As chamadas novas periferias referem-se aos países que conseguiram superar a dependência econômica e tecnológica, diferenciando-se do grupo formado pelos “países descartáveis”.
- II. A Organização Mundial do Comércio (OMC), criada em 1995, está acabando com as barreiras protecionistas dos países desenvolvidos e com isso facilitando o aumento das exportações dos países subdesenvolvidos.

- III. Os denominados “mercados emergentes” são aqueles países que oferecem rentabilidade ao capital internacional, mas ainda não conseguiram superar o subdesenvolvimento.
- IV. A adoção do euro, em 1º de janeiro de 2002, pode ser considerada uma tentativa da União Europeia de rivalizar com a moeda norte-americana no mercado internacional.
- V. Nas décadas de 1980 e 1990, a economia brasileira cresceu menos do que na década de 1970, sobretudo pela adoção do modelo neoliberal.

Assinale a alternativa que contenha o conjunto de afirmativas corretas:

- a) I, IV e V.
- b) II, III e V.
- c) III, IV e V.
- d) I, II e IV.
- e) Todas as afirmativas estão corretas.

37. (UFSM) – Uma das manchetes a seguir **não** poderia ocorrer, devido ao absurdo da afirmação feita. Assinale-a.

a)	Tensão! Fortes abalos sísmicos, vinculados à movimentação entre placas tectônicas, poderão devastar novamente a cidade da Guatemala.
b)	Perigo! Ventos com até 300 km/h poderão atingir a região do Caribe. Teme-se que o furacão tropical possa provocar grandes destruições.
c)	Violência! Aos gritos de “Pátria Basca e Liberdade!”, terroristas do IRA, contrariando acordo de paz, atacam grupo de protestantes em Belfast, capital da Irlanda do Norte.
d)	Catástrofe! Monções de verão provocam fortes inundações na península da Indochina, deixando milhares de desabrigados.
e)	Tragédia! Tentativa fracassada de independência da Chechênia, ponto estratégico no transporte de petróleo na região do Cáucaso, deixa milhares de vítimas.

38. (UAM) – O povo basco ocupa a região de fronteira entre a Espanha e a França, e criou em 1959 um grupo para a preservação da língua, costumes e tradições populares. Mas, desde 1966, partiu para a luta armada por um Estado independente.

Trata-se do(a)

- a) IRA.
- b) ETA.
- c) OTAN.
- d) MRU.
- e) AELC.

39. (USU) – Somos o único país da Terra cujas fronteiras não são divisões geográficas nem políticas, mas vogais e consoantes. Nosso país começa onde se fala basco e termina onde não se fala mais. Uma vez que o basco não tem relação com qualquer língua conhecida, isso cria fronteiras melhores do que as impostas pelo governo.

(Dito por um pescador a um jornalista)

O país basco situa-se

- a) na Grã-Bretanha, entre as Irlandas do Norte e do Sul.
- b) entre Portugal e Espanha, no Mediterrâneo.
- c) entre a França e a Espanha e corresponde a quatro províncias espanholas e três francesas.
- d) nos Alpes franceses, na fronteira com a Itália.
- e) nos Montes Urais, entre a Ásia e Europa.

40. **(MODELO ENEM)** – Encontre a alternativa que relaciona corretamente movimento separatista e suas características.

	Lugar	Grupo atuante	Forma de atuação
a)	Caxemira, norte da Índia e do Paquistão	Muçulmanos xiitas e fundamentalistas	Manifestações pacíficas e atentados terroristas
b)	Irlanda do Norte, Reino Unido	IRA – Exército Republicano Irlandês	Atentados apoiados pelos protestantes
c)	Região curda, oeste do Paquistão	Partido curdo	Atentados terroristas
d)	Territórios árabes ocupados, Israel	Palestinos	Implantação bem-sucedida de tratado de paz
e)	País Basco, Espanha	ETA – Pátria Basca e Liberdade	Atentados terroristas

41. **(UNICENTRO)** – A Europa, muito conhecida pelo seu desenvolvimento e riqueza histórica, recebeu forte influência cultural da Ásia, à qual está ligada espacialmente.

Com relação ao Continente Europeu, considere as assertivas:

- (01) A Europa tem grande destaque no turismo, em razão do seu rico patrimônio histórico e artístico, porém os países ibéricos são prejudicados pelo frio seco do verão.
- (02) A Europa é um continente populoso e povoado, havendo grandes densidades demográficas às margens dos Rios Reno, Sena, Tâmis e Pó, entre outros.
- (04) A atividade industrial é importante em todos os países da Europa, embora tenha mais destaque nos países mediterrâneos.
- (08) A Suíça e a Áustria são países altamente desenvolvidos da Europa Central, sendo a maioria dos cidadãos austríacos de origem francesa e italiana.
- (16) A Federação Russa agrega, em seu território, muitas etnias, responsáveis por muitos conflitos, entre os quais se destacou o da Chechênia.

A soma dos valores correspondentes às assertivas corretas é:

- a) 06 b) 15 c) 18 d) 23 e) 27

42. **(MACKENZIE)** – Na “Questão Irlandesa”, um dos principais fatores agravantes do conflito é o religioso, porque
- a) a população islâmica radical se recusa a conviver com a maioria católica.
- b) a maioria da população é católica e domina a economia e os principais cargos públicos.
- c) a minoria protestante detém o poder político-econômico.
- d) a maioria da população é protestante e rejeita a ideia da unificação com o Eire.
- e) os católicos e protestantes se unem contra a maioria islâmica.

43. **(UNIFENAS – Adaptado.)**

Acordo extingue a Iugoslávia

A Federação Iugoslava dará lugar a uma nova entidade que vai abrigar dois Estados semi-independentes (...).

(O Estado de S. Paulo, 15 mar. 2002.)

Acordo entre repúblicas põe fim à Iugoslávia

Sob forte pressão da UE, o presidente de Montenegro, Milo Djukanovic, concordou em adiar em três anos o referendo sobre a independência da república, que pretendia realizar em breve. (...).

(Folha de S.Paulo, 15 mar. 2002. Adaptado.)

Sobre o fato expresso acima e em relação à ordem geopolítica interna presente na década passada na Iugoslávia, é correto afirmar:

- a) O compromisso assumido é o Acordo de Minsk, que assinala definitivamente o fim da Federação Iugoslava.
- b) Até o início da década de 1990, a Iugoslávia era composta de seis repúblicas. Cinco delas tornaram-se independentes com o fim da URSS: Bósnia-Herzegovina, Croácia, Montenegro, Macedônia e Eslovênia.
- c) O novo acordo sufoca toda e qualquer tentativa dos albaneses de Kosovo a avançarem na luta pela autonomia, já que esta república, na guerra civil de 1999, conquistara quase integralmente sua independência.
- d) Por este acordo, a Federação Iugoslava dará lugar a uma nova entidade nos Bálcãs semi-independentes, integrada à UE como países-membros.
- e) Embora provisório, o acordo de 2002 extingue a Iugoslávia e reorganiza o país, que passa a constituir uma união chamada Sérvia e Montenegro. Em junho de 2006, Montenegro e Sérvia declaram sua independência definitiva.

44. **(USF)**

Corte internacional da ONU apresenta ordem de prisão de Slobodan Milosevic

O Tribunal das Nações Unidas para Crimes na antiga Iugoslávia, em Haia (Holanda), apresentou ontem às autoridades da Sérvia uma ordem para a prisão de Slobodan Milosevic.

(Folha de S.Paulo, 6 abr. 2001.)

A prisão do ex-ditador Slobodan Milosevic se refere principalmente à acusação de

- a) limpeza étnica contra os albaneses da região de Kosovo.
- b) levar a Iugoslávia a uma guerra contra EUA e Rússia, graças à invasão Iugoslava dos campos petrolíferos da Grécia.
- c) corrupção em seu governo, que levou a uma séria crise financeira na Europa, em 1998.
- d) limpeza étnica contra a população muçulmana da região da Eslovênia.

45. **(FACI – Adaptado.)** – Sob a liderança norte-americana, a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) lança uma ampla ofensiva aérea na região deste conflito entre março e junho de 1999. Os bombardeios interrompem o massacre, praticado pelos sérvios, dos separatistas albaneses da província sérvia de Kosovo, que passa ao controle de um governo provisório da Organização das Nações Unidas (ONU). A guerra em Kosovo é mais um capítulo do violento processo de dissolução de um país que já chegou a ocupar boa parte da Península Balcânica.

Assinale a alternativa que contenha o nome correto desse país.

- a) Sérvia. b) Bósnia-Herzegovina. c) Iugoslávia.
d) Rússia. e) Palestina.

46. (UNIRP) – Analise as frases relativas ao conflito de Kosovo, assinalando a alternativa que corresponde à verdade.

- I. A retirada, por parte do governo de Slobodan Milosevic em 1989, da relativa autonomia que gozava Kosovo, que possuía polícia e ensino em língua própria, foi um dos motivos do conflito.
 - II. A maioria da população de Kosovo é de origem albanesa e cristã ortodoxa, diferentemente da minoria sérvia, muçulmana.
 - III. As origens do conflito podem ser encontradas há vários séculos, quando a região fora conquistada pelos turcos otomanos dos sérvios.
 - IV. Kosovo fora um estado independente, até ser anexado à Sérvia por Slobodan Milosevic, processo análogo ao ocorrido na Bósnia-Herzegóvina, que também ocasionou violentos conflitos.
 - V. A participação da Otan, liderada pelos Estados Unidos, no conflito deu-se pela preocupação, declarada, com a segurança da minoria de origem albanesa vitimada pelo processo de “limpeza étnica” comandada pelos sérvios.
- a) Apenas as alternativas I, III e V são corretas.
 - b) Estão corretas apenas as alternativas I e III.
 - c) Estão corretas as alternativas III, IV e V.
 - d) Apenas a alternativa I é incorreta.
 - e) Estão corretas todas as alternativas.

47. (UCMG) – Sobre a questão dos Balcãs, todas as afirmativas são verdadeiras, **exceto**:

- a) Sua homogeneidade étnica e cultural decorre de sua estratégica localização geográfica, entre Oriente e Ocidente, e às múltiplas influências adquiridas por constantes incursões de povos diversos.
- b) A eclosão das crises nos Balcãs coincide com o colapso do comunismo na Europa Oriental. A crise segregacional tem gerado expressivos contingentes migratórios para os países da Europa Ocidental.
- c) A debilidade da economia regional, que apresenta baixos índices de crescimento econômico, tem estimulado a competição entre diferentes setores sociais, potencializando os conflitos étnicos.
- d) A Sérvia, a república mais importante da antiga Iugoslávia, possui pretensões hegemônicas regionais e tenta impor-se militarmente às demais nações.

48. A região dos Balcãs viveu, na década de 1990, momentos de intensa luta civil de inspiração étnico-separatista. Nessa época, assistiu-se a uma guerra civil que tinha, de um lado, o governo sérvio de Slobodan Milosevic e, de outro, a maioria do povo de Kosovo buscando a independência.

Assinale a alternativa correta com relação ao fato descrito:

- a) A maior parte dos habitantes de Kosovo são albaneses e muçulmanos e desejam a independência da Sérvia, entre outros fatores, para não serem vitimados pelo que se convencionou chamar de “limpeza étnica”.
- b) O Leste Europeu passa por um período de grandes dificuldades, mas os Balcãs não se inserem nesse contexto, uma vez que a transição de uma economia planificada para a de mercado foi amplamente facilitada pela grande quantidade de recursos minerais.

- c) Apesar de possuir uma base industrial bastante frágil, Kosovo desenvolveu técnicas agropecuárias bastante sofisticadas e possui petróleo em abundância, o que justifica sua tentativa de independência da Sérvia.
- d) Na antiga Iugoslávia, os conflitos étnico-separatistas já eram comuns no período de governo do Partido Comunista e se intensificaram durante o comando do Marechal Tito.
- e) O acordo de Dayton, que selou o fim da guerra na Bósnia-Herzegóvina, já previa que Kosovo deveria ser independente. Porém, os sérvios, sob o comando de Milosevic, não aceitam essa decisão.

49. (FGV)



- | | | |
|----------------|---------------|------------------------|
| 1 - Eslovênia | 2 - Croácia | 3 - Bósnia-Herzegóvina |
| 4 - Montenegro | 5 - Voivódina | 6 - Sérvia |
| 7 - Kosovo | 8 - Macedônia | |

Os “nacionalismos” explodem na Europa Oriental, radicalizam-se na Europa Ocidental e aumentam suas lutas ancestrais e cruéis no Oriente Médio e na Ásia do sudeste.

Assinale a única opção que **não** caracteriza a antiga Iugoslávia, palco de uma crise que tem fundamentos históricos e geográficos:

- a) É uma nação da Europa Oriental que apresenta um amplo litoral para o Mar Adriático, defrontando-se com a Itália.
- b) Nação formada após a Primeira Guerra Mundial, teve a Sérvia como um dos seus pivôs; foi invadida, na Segunda Guerra, pelos nazistas, que encontraram amplo apoio na Croácia.
- c) Libertou-se dos nazistas por seus próprios esforços; embora possuísse um sistema socialista, rompeu com a URSS em 1948, seguindo uma política externa de não alinhamento.
- d) Sua economia é agrícola graças a férteis terrenos vulcânicos. O país quase não tem indústrias e conta com escassos recursos minerais.
- e) Várias etnias, diversas línguas, religiões e até alfabetos tornam a Iugoslávia uma verdadeira colcha de retalhos.

50. (UES-Adaptado) – Em 1999, a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) promoveu intenso bombardeio contra as forças sérvias, que estavam realizando constantes massacres na província do Kosovo (parte integrante da Iugoslávia), assim como na própria Sérvia. A opinião pública mundial tendeu a apoiar a ação da OTAN, diante das imagens transmitidas pelos canais de televisão ocidentais, que mostravam o sofrimento da população kosovar. No entanto, alguns países se opuseram fortemente,

embora pelas vias diplomáticas, à ação da OTAN. Relativamente a esse episódio, podemos afirmar:

- I. Os principais países que se opuseram à ação da OTAN foram a China e a Rússia. A base de suas alegações foi a de que o princípio da soberania estava sendo desrespeitado. Segundo esse princípio, os assuntos internos de qualquer país, no caso a Iugoslávia, devem ser resolvidos pelo próprio país, sem a interferência externa. Ambos defenderam que o único organismo internacional que poderia ter ingerência no assunto é a ONU, da qual fazem parte, como integrantes do Conselho de Segurança, e onde têm poder de veto.
- II. Exatamente porque China e Rússia têm poder de veto é que a ONU não tomou nenhuma providência e, por pressão da opinião pública norte-americana e europeia, mas também devido aos riscos de instabilidade em toda a região balcânica, a OTAN acabou intervindo.
- III. China, Rússia e Iugoslávia são países comunistas e, apesar de suas diferenças políticas, normalmente são aliados em questões de natureza externa. Foi assim nas guerras balcânicas anteriores, nas duas guerras da Chechênia e na batalha de Taiwan.
- IV. A defesa do princípio da soberania nacional está relacionada, pelo lado da Rússia, ao conflito na Chechênia, que também é uma questão de natureza interna. Concordar com a ação de terceiros países na Iugoslávia significaria que a Rússia teria de aceitar esta mesma interferência durante o ataque à Chechênia. No caso da China, que igualmente enfrenta o separatismo de natureza islâmica, como é o caso do povo uigure, no Xinjiang, e, principalmente, o separatismo de Taiwan, o princípio da soberania igualmente serve como um escudo protetor, caso o país tente resolver estas questões militarmente.

Assinale:

- a) I, II e III estão corretas e a IV está incorreta.
- b) I, II e IV estão corretas e a III está incorreta.
- c) II, III e IV estão corretas e a I está incorreta.
- d) I, III e IV estão corretas e a II está incorreta.
- e) Todas estão corretas.

- 51. (UPOAL)** – Vegetação com cobertura herbácea que constitui os campos limpos em áreas úmidas e semiúmidas das planícies centrais dos EUA também é denominada pradaria. Na Europa Oriental, os campos são cobertos por uma capa de neve no inverno, ressurgindo a vegetação somente no verão. A descrição refere-se a que tipo de vegetação da Europa Oriental?

Assinale a alternativa correta.

- a) Tundra
- b) Estepe
- c) Savanas
- d) Taiga
- e) Plantas orófilas

- 52. (UNA)** – A Irlanda do Norte é cenário de um dos conflitos mais antigos da Europa atual. A região, hoje uma província britânica, tem uma maioria protestante (unionistas). Sua minoria católica deseja a unificação com a República da Irlanda, onde a maior parte da população é católica.

Com base no texto acima e em conhecimentos, a única afirmativa errada é:

- a) Em maio de 1998, ocorreu um acordo de paz entre o governo britânico e a Irlanda do Norte, que daria maior autonomia ao povo irlandês, permitindo-lhes a constituição de uma assembleia que legislará sobre alguns assuntos.

- b) Por estar localizada na mesma ilha onde se encontram a Escócia, a Inglaterra e o País de Gales, a discriminação religiosa aumenta as situações de conflitos.
- c) Protestantes unionistas temem que, havendo maior autonomia para a Irlanda do Norte, possa haver uma reunificação com a Irlanda do Sul, já separada desde a década de 1920 do domínio britânico.
- d) No acordo firmado em maio de 1998, havia um capítulo que previa a concessão de liberdade a presos por ações terroristas, num prazo de dois anos, o que contrariou um grande número de protestantes.

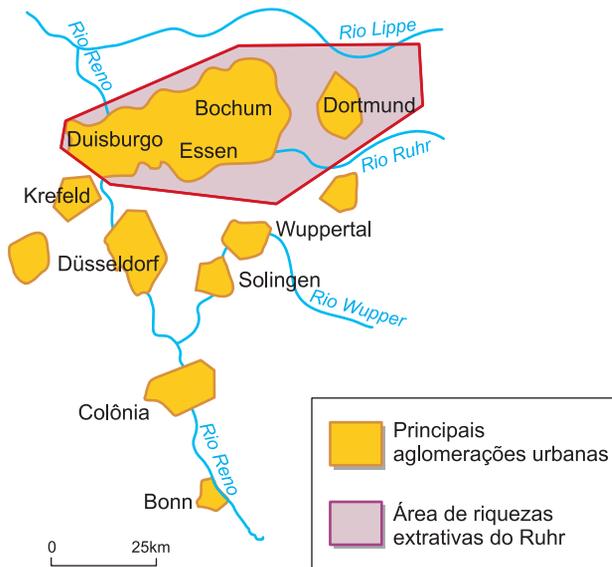
- 53. (UNIP)** – Na década de 1960, o nacionalismo católico irlandês expressou-se em movimentos pacíficos pelos direitos civis. A intervenção britânica, com o envio de tropas e a ocupação militar iniciada em 1969, conduziu o conflito para um novo patamar. O IRA (Exército Republicano Irlandês) deflagrou uma persistente campanha terrorista, patrocinando atentados contra alvos britânicos militares e civis no Ulster e na própria Inglaterra.

A violência política na Irlanda já completou décadas. A partir de 1994, vieram as conversações sigilosas entre os governos britânico e irlandês e representantes do Sinn Féin (o braço político do IRA); a situação começou a se desanuviar. O cessar-fogo declarado pelo IRA permitiu o início de negociações formais entre as partes. Em 1998, as negociações evoluíram, apesar de alguns atentados. Os protestantes, maioria da população regional, sentem-se parte da nação britânica e não aceitam a ideia da separação. Os católicos formam uma minoria regional, mas se consideram parte da maioria católica do conjunto da ilha, que encaram como um único território.

O texto refere-se à(ao)

- a) Escócia.
- b) Irlanda do Norte.
- c) Reino Unido.
- d) País de Gales.
- e) Grã-Bretanha.

- 54. (MACKENZIE)** – O cartograma apresenta o Vale do Reno, onde algumas aglomerações urbanas da Alemanha Ocidental têm sua origem e desenvolvimento ligados ao Ruhr.



Identifique, entre as alternativas abaixo, a que melhor corresponde às atividades econômicas características desta área.

- a) Policultivo intensivo e extração petrolífera.
- b) Monocultura extensiva e indústria pesada.
- c) Pecuária e atividades comerciais.
- d) Agroindústria e mineração de ferro.
- e) Indústria de bens de produção e extração carbonífera.

55. O que são polders?

- a) Alto potencial hidrelétrico da Península Escandinava.
- b) Área de relevo montanhoso.
- c) Bipolarização do mundo em dois blocos.
- d) Áreas conquistadas do mar por meio da construção de diques.
- e) Uniões supranacionais, como Benelux e Mercado Comum Europeu, com a finalidade de ampliar o comércio e a indústria, desenvolvendo as economias regionais.

56. (VEST-RIO) – A posição geográfica leva à fácil percepção que as pessoas possuem dos países, como, por exemplo, um país da Europa denominado a “caixa-d’água”, talvez pela função da distribuição da orientação dos rios europeus.

Esse país é:

- a) Suíça
- b) Polônia
- c) Suécia
- d) Hungria
- e) Espanha

57. (VUNESP) – Apesar de possuir uma parte de seu território no continente europeu, esse país possui uma cultura e uma tradição histórica islâmicas, das quais ele busca se afastar para lograr um ingresso, já algumas vezes negado, na União Europeia.

Trata-se do seguinte Estado-nação:

- a) Grécia
- b) Iraque
- c) Tunísia
- d) Albânia
- e) Turquia

58. (UNICAMP) – A Holanda, desde o século XVIII, tem ampliado o seu território, conquistando novos espaços a partir do mar.

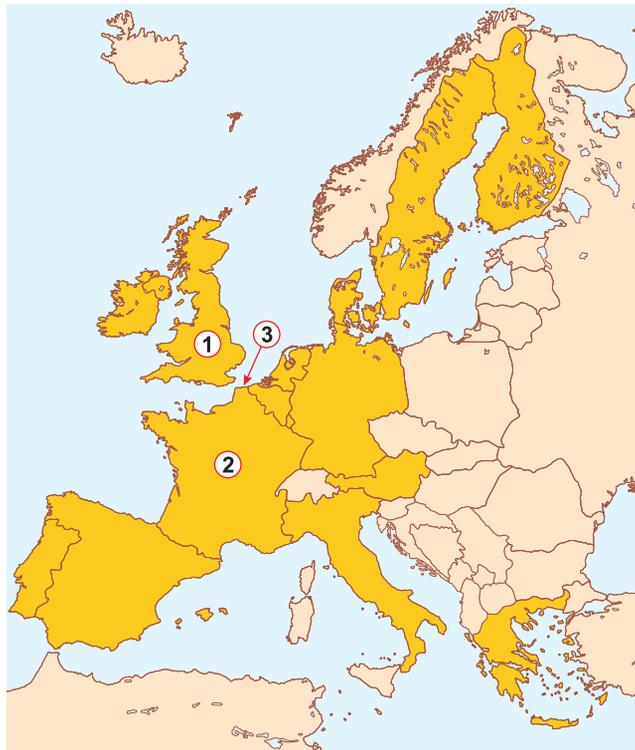
- a) Como se chamam esses espaços?
- b) Por que, para a Holanda, é necessário conquistá-los?

59. (FUVEST) – País peninsular da Europa. Velha potência colonial que não conseguiu uma atividade industrial de destaque ao longo de sua história. Atualmente enfrenta problemas de decréscimo demográfico e carência de fontes de energia. Suas atividades econômicas estão diversificadas, com destaque da produção vinícola, tendo na pesca e no turismo duas outras grandes fontes de renda.

Trata-se de:

- a) Itália
- b) Portugal
- c) Iugoslávia
- d) França
- e) Turquia

60. (UNICAMP)



- a) Observe o cartograma apresentado e identifique os países representados pelos números 1 e 2.
- b) Qual é a ligação construída entre esses dois países, identificada pelo número 3?
- c) Qual a importância dessa ligação no processo de unificação europeia?

61. (FUVEST) – A burca não é um símbolo religioso, é um símbolo da subjugação, da subjugação das mulheres. Quero dizer solenemente que não será bem recebida em nosso território.

(Nicolas Sarkozy, presidente da França.

Estadão.com.br, 22 jun. 2009. Disponível em:

<<http://www.estadao.com.br/noticias/internacional,burcas-nao-tem-lugar-na-franca-diz-sarkozy,391152,0.htm>>.

Acesso em: 10 jun. 2010.)

Deputados que integram a Comissão Parlamentar encarregada de analisar o uso da burca na França propuseram a proibição de todos os tipos de véus islâmicos integrais nos serviços públicos. (...) A resolução prevê a proibição do uso de tais vestimentas nos serviços públicos — hospitais, transportes, escolas públicas e outras instalações do governo.

(Folha Online. Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u684757.shtml>>.

Acesso em: 10 jun. 2010.)

Com base nos textos acima e em seus conhecimentos, assinale a afirmação correta sobre o assunto.

- a) O governo francês proibiu as práticas rituais islâmicas em todo o território nacional.
- b) Apesar de a obrigatoriedade do uso da burca se originar de preocupações morais, o presidente francês a considera um traje religioso.
- c) A maioria dos Estados nacionais do Ocidente, inclusive a França, optou pela adoção de políticas de repressão à diversidade religiosa.
- d) As tensões políticas e culturais na França cresceram a partir de 2000 com o aumento do fluxo migratório de populações islâmicas.
- e) A intolerância religiosa dos franceses, fruto da Revolução de 1789, impede a aceitação do islamismo e do judaísmo na França.

62.



Do ponto de vista geopolítico, a Guerra Fria dividiu a Europa em dois blocos. Essa divisão propiciou a formação de alianças antagônicas de caráter militar, como a OTAN, que aglutinava os países do bloco ocidental, e o Pacto de Varsóvia, que concentrava os do bloco oriental. É importante destacar que, na formação da OTAN, estão presentes, além dos países do oeste europeu, os EUA e o Canadá. Essa divisão histórica atingiu igualmente os âmbitos político e econômico que se refletiam pela opção entre os modelos capitalista e socialista.

Essa divisão europeia ficou conhecida como

- a) Cortina de Ferro.
- b) Muro de Berlim.
- c) União Europeia.
- d) Convenção de Ramsar.
- e) Conferência de Estocolmo.

63.



A formação dos Estados foi certamente distinta na Europa, na América Latina, na África e na Ásia. Os Estados atuais, em especial na América Latina – onde as instituições das populações locais existentes à época da conquista ou foram eliminadas, como no caso do México e do Peru, ou eram frágeis, como no caso do Brasil –, são o resultado, em geral, da evolução do transplante de instituições europeias feito pelas metrópoles para suas colônias. Na África, as colônias tiveram fronteiras arbitrariamente traçadas, separando etnias, idiomas e tradições, que, mais tarde, sobreviveram ao processo de descolonização, dando razão para conflitos que, muitas vezes, têm sua verdadeira origem em disputas pela exploração de recursos naturais. Na Ásia, a colonização europeia se fez de forma mais indireta e encontrou sistemas políticos e administrativos mais sofisticados, aos quais se superpôs. Hoje, aquelas formas anteriores de organização, ou pelo menos seu espírito, sobrevivem nas organizações políticas do Estado asiático.

(S. P. Guimarães. Nação, nacionalismo, Estado. Estudos Avançados. São Paulo: EDUSP, v. 22, n. 62, jan.-abr. 2008. Adaptado.)

Relacionando as informações ao contexto histórico e geográfico por elas evocado, assinale a opção correta acerca do processo de formação socioeconômica dos continentes mencionados no texto.

- a) Devido à falta de recursos naturais a serem explorados no Brasil, conflitos étnicos e culturais como os ocorridos na África estiveram ausentes no período da independência e formação do Estado brasileiro.
- b) A maior distinção entre os processos histórico-formativos dos continentes citados é a que se estabelece entre colonizador e colonizado, ou seja, entre a Europa e os demais.
- c) À época das conquistas, a América Latina, a África e a Ásia tinham sistemas políticos e administrativos muito mais sofisticados que aqueles que lhes foram impostos pelo colonizador.
- d) Comparadas ao México e ao Peru, as instituições brasileiras, por terem sido eliminadas à época da conquista, sofreram mais influência dos modelos institucionais europeus.
- e) O modelo histórico da formação do Estado asiático equiparase ao brasileiro, pois em ambos se manteve o espírito das formas de organização anteriores à conquista.

64



Uma denúncia de agressão a duas crianças brasileiras em uma escola de Madri reacendeu na Espanha a polêmica sobre xenofobia nas instituições de ensino do país.

A empresária paulista Mônica Patusca afirmou que seus filhos, Carlos Henrique, de 12 anos, e Ana Karina, de 9, foram alvo de agressões físicas e xingamentos racistas por parte de outros alunos do colégio pelo fato de serem estrangeiros. O caso ganhou destaque na imprensa espanhola e levou o governo local a reconhecer que estudantes imigrantes são alvo de xenofobia nas escolas do país.

(BBC.)

46% dos alunos espanhóis de ensino fundamental dizem que preferem não fazer trabalhos escolares com colegas latino-americanos.

A notícia acima aborda a xenofobia, ou seja, a aversão aos estrangeiros. Este elemento

- a) dificultou a universalização do Império Romano, pois o direito de cidadania permaneceu restrito àqueles que tivessem nascido em Roma.
- b) não é encontrado em ideologias que contenham um nacionalismo acentuado, a exemplo do fascismo.
- c) esteve presente na cultura espartana e também de outros povos, em determinados momentos históricos.
- d) foi um componente importante da democracia ateniense, que somente aceitava como cidadãos aqueles cujos ancestrais tivessem nascido em Atenas.
- e) vem se manifestando nos países europeus da atualidade, mas sua existência é negada pelas autoridades locais.

Instruções: As informações que seguem referem-se à questão 65.

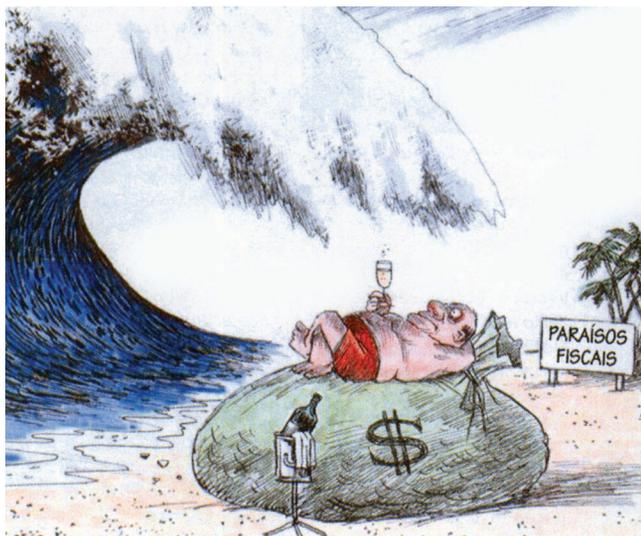
Em cada uma destas questões, são apresentadas três afirmativas (I, II e III). Para responder às questões, use a chave de alternativas a seguir.

- a) Somente a afirmativa I é correta.
- b) Somente as afirmativas I e II são corretas.
- c) Somente as afirmativas I e III são corretas.
- d) Somente as afirmativas II e III são corretas.
- e) As afirmativas I, II e III são corretas.

65.  Nos grandes centros urbanos, observam-se diferenças significativas de temperatura entre as áreas centrais (temperaturas mais altas) e a periferia desses centros (temperaturas mais baixas). Nas regiões metropolitanas brasileiras, essa diferença pode chegar até 10°C. As temperaturas mais altas das áreas centrais formam as chamadas ilhas de calor. Este fenômeno é consequência da alta concentração de construções, ruas asfaltadas, população e veículos nestas áreas. Medidas que contribuem para diminuir a intensidade deste fenômeno são:

- I. Incentivar o uso de transporte coletivo nas áreas centrais e ampliar o índice de vegetação nestas áreas.
- II. Ampliar as áreas verdes na periferia e a verticalização nas áreas centrais.
- III. Preservar as áreas verdes na periferia e implantar, nessa região, corredores para o transporte coletivo.

66.  A charge abaixo, publicada na Revista da Semana, nº 83, nos apresenta o que se convencionou chamar de “paraísos fiscais”.



(Morin, *The Miami Herald*, Miami – Estados Unidos.)

Conforme a charge, podemos afirmar sobre os paraísos fiscais:

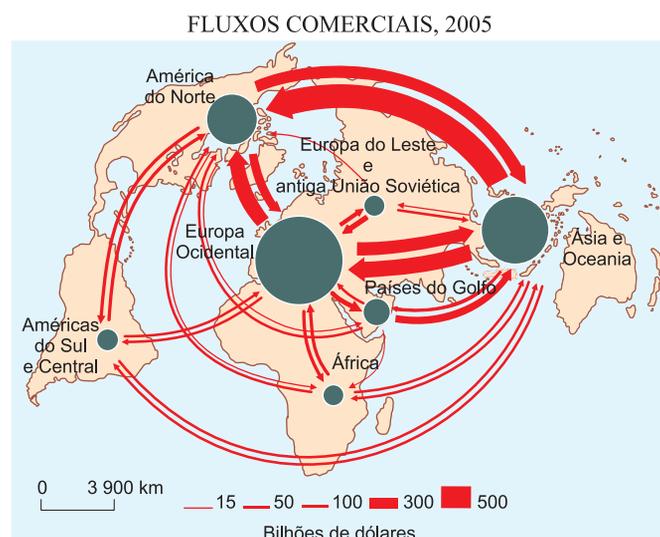
- I. Só existem em áreas livres de controle financeiro da América Central.
- II. Seu advento se relaciona ao excesso de capital que circula pelo mundo de forma muitas vezes ilícita e que busca segurança em países que o admitem sem discutir as procedências.

- III. Algumas nações europeias também são acusadas de montar paraísos fiscais, como a Suíça e Luxemburgo e alguns territórios do Reino Unido.
- IV. Os paraísos fiscais são um advento da década de 1990, quando teve início a globalização econômica.
- V. A “onda” na charge representa a ameaça que os países de maior economia do mundo estão fazendo aos paraísos fiscais de exercerem maior vigilância e restrições sobre suas atividades.

Estão corretas:

- a) I e II.
- b) IV e V.
- c) I, II e III.
- d) II e V.
- e) II, III e V.

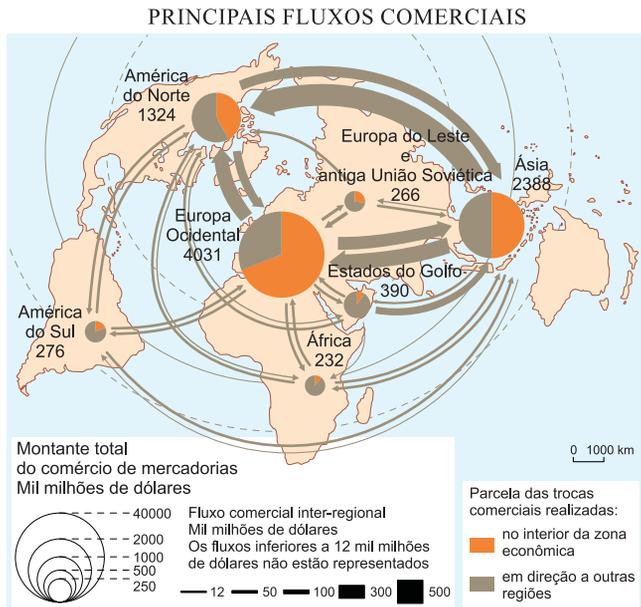
67. (FGV) – Analise o mapa.



(OMC, 2006. Adaptado.)

- Com base no mapa, pode-se afirmar que
- a) a África mantém relações comerciais simétricas com a Europa Ocidental, mas exporta mais à América do Norte do que dela importa.
 - b) a Europa do Leste mantém relações comerciais simétricas com a Europa Ocidental, mas importa mais da Ásia do que para ela exporta.
 - c) a Ásia mantém relações comerciais assimétricas com as Américas do Sul e do Norte, pois a importação é maior que a exportação.
 - d) a Europa Ocidental mantém relações comerciais simétricas com os países do Golfo, mas exporta mais à América do Norte do que dela importa.
 - e) as Américas do Sul e Central mantêm relações comerciais assimétricas com a Europa Ocidental, mas importam mais da América do Norte do que para ela exportam.

68. (UNESP) – Observe o mapa.



(Armand Colin. *L' Atlas Du Monde Diplomatique*, 2006. Adaptado.)

Após a observação dos fluxos comerciais mundiais, representados no mapa, aponte as características que explicam a dinâmica do comércio mundial.

- Os fluxos de mercadorias se repartem igualmente em todo o mundo, os fluxos concentram-se entre as áreas do Norte com o Sul (EUA, UE, Japão, China).
- Os principais fluxos comerciais são realizados entre EUA (América do Norte) e Ásia, entre EUA (América do Norte) e Europa Ocidental e entre Europa Ocidental e Ásia.
- As áreas em desenvolvimento e subdesenvolvidas (Sul) têm expressiva participação no comércio mundial; portanto, não são consideradas marginalizadas.
- Na Europa, a maior parcela do comércio é no interior da zona económica, enquanto nos EUA (América do Norte) o comércio está voltado para outras regiões do mundo.
- Os países do Golfo Pérsico têm predomínio de exportações para fora da região, devido às exportações do petróleo.

Estão corretas apenas as afirmações

- I, II e IV.
- I, III e V.
- I, II, III e V.
- II, IV e V.
- III e IV.

69. (FUVEST) –



naninuma.com. Acessado em ago. de 2012.

Com base nas charges e em seus conhecimentos, assinale a alternativa correta.

- Apesar da grave crise econômica que atingiu alguns países da Zona do Euro, entre os quais a Grécia, outras nações ainda pleiteiam sua entrada nesse Bloco.
- A ajuda financeira dirigida aos países da Zona do Euro e, em especial à Grécia, visou evitar o espalhamento, pelo mundo, dos efeitos da bolha imobiliária grega.
- Por causa de exigências dos credores responsáveis pela ajuda financeira à Zona do Euro, a Grécia foi temporariamente suspensa desse Bloco.
- Com a crise econômica na Zona do Euro, houve uma sensível diminuição dos fluxos turísticos internacionais para a Europa, causando desemprego em massa, sobretudo na Grécia.
- Graças à rápida intervenção dos países membros, a grave crise econômica que atingiu a Zona do Euro restringiu-se à Grécia, França e Reino Unido.

70. (UNESP) – Em um documento rubricado pela Rede Global de Academias de Ciência (IAP), um grupo de pensadores da comunidade científica com sede em Trieste (Itália) que engloba 105 academias de todo o mundo alerta pela primeira vez sobre os riscos do consumo nos países do Primeiro Mundo e a falta de controle demográfico, principalmente nas nações em desenvolvimento. Na declaração da comunidade científica se indica que as pautas de consumo exarcebado do Primeiro Mundo estão se deslocando perigosamente para os países em desenvolvimento: os milhões de telefones celulares e toneladas de “junk food” que invadem os lares pobres são claros indicadores dessa problemática. A ausência nos países pobres de políticas de planejamento familiar ou de prevenção de gravidezes precoces acaba de configurar um sombrio cenário de superpopulação. Trata-se de dois problemas convergentes que pela primeira vez analisamos de forma conjunta”, afirma García Novo.

(Francho Barón. *El País*, 16 jun. 2012. Adaptado.)

Um dos problemas relatados no texto está relacionado com

- a) a supremacia de tendências estatais de controle sobre a economia liberal.
- b) o aumento do nível de pobreza nos países subdesenvolvidos.
- c) a hegemonia do planejamento familiar nos países do Terceiro Mundo.
- d) o declínio dos valores morais e religiosos na era contemporânea.
- e) o irracionalismo das relações de consumo no mundo atual.



RESPOSTAS DOS EXERCÍCIOS-TAREFA

5) E	6) E	7) B	8) C	37) C	38) B	39) C	40) E
9) E	10) B e D	11) E	12) D	41) C	42) D	43) E	44) A
13) E	14) A	15) D	16) B	45) C	46) A	47) A	48) A
17) C	18) A	19) C	20) D	49) D	50) B	51) B	52) B
21) C	22) B	23) C	24) B	53) B	54) E	55) D	56) A
25) D	26) D	27) E	28) C	57) E	59) B	61) D	62) A
29) D	30) E	31) B	32) E	63) B	64) C	65) A	66) E
33) A	34) B	35) D	36) C	67) A	68) D	69) A	70) E

Geografia Geral ORGANIZAÇÕES EUROPEIAS

União Europeia (UE)

Da união econômica à união política

A União Europeia é união econômica e política de características únicas, constituída por 28 países europeus que, em conjunto, abarcam grande parte do continente europeu.

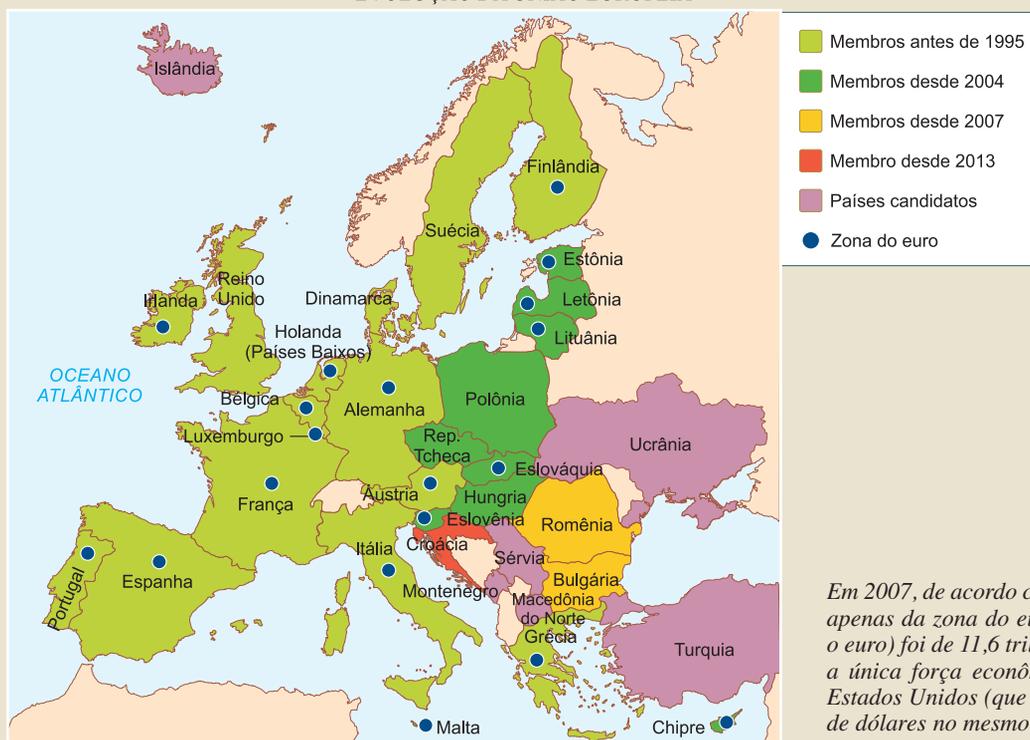
A antecessora da UE foi criada no rescaldo da Segunda Guerra Mundial. Os primeiros passos visavam incentivar a cooperação econômica, partindo do pressuposto de que se os países tivessem relações comerciais entre si se tornariam economicamente dependentes uns dos outros, reduzindo assim os riscos de conflitos.

Foi assim, que, em **1957**, foi criado o **Mercado Comum Europeu**, então constituída por seis países: Alemanha, Bélgica, França, Itália, Luxemburgo e Países Baixos. Desde então, mais 22 países aderiram a esta grande organização, formando um enorme mercado único (também conhecido como ‘mercado interno’) que continua a evoluir para atingir o seu pleno potencial.

O que começou por ser uma união meramente econômica evoluiu para uma organização com uma vasta gama de domínios de intervenção, desde o clima, o ambiente e a saúde até as relações externas e a segurança, passando pela justiça e a migração. **Em 1993, a Comunidade Econômica Europeia (CEE) passou a chamar-se União Europeia (UE), refletindo esta evolução.**”

(Disponível em: https://europa.eu/european-union/about-eu/eu-in-brief_pt. Acesso em: 17 out. 2019.)

EVOLUÇÃO DA UNIÃO EUROPEIA



Em 2007, de acordo com o Banco Mundial, o PIB total apenas da zona do euro (países da UE que adotaram o euro) foi de 11,6 trilhões de dólares, o que faz da UE a única força econômica capaz de rivalizar com os Estados Unidos (que registraram PIB de 13,8 trilhões de dólares no mesmo ano).

No fim de **2009**, a União Europeia iniciou uma nova etapa histórica e finalizou um longo processo de indefinição quanto à política integracionista do bloco ao entrar em vigor o **Tratado de Lisboa**, um acordo organizacional normativo, institucional e político cujo objetivo central é **fortalecer a integração dos países-membros da UE**.

Tratado de Lisboa (2007) substitui projeto da Constituição Europeia (2004)

Um longo processo de entraves e superações, iniciado em 2003, culminou com o fracasso do projeto da Constituição Europeia em 2005. O documento da Constituição foi derrotado em referendos nacionais na França e na Holanda, respectivamente em 29 de maio e 1.º de junho de 2005. Para substituí-lo, as lideranças europeias formularam o Tratado de Lisboa, versão simplificada da proposta de Constituição, aprovada na cúpula da UE realizada em julho de 2007. Como propõe leis comuns a todos os países-membros, o Tratado só poderia ser adotado após aprovação unânime das nações do bloco.

Para tentar garantir que o novo documento não teria o mesmo destino da proposta de Constituição, a ratificação por votação popular foi substituída pela aprovação simples nos parlamentos. O Tratado já tinha sido aprovado em 18 dos então 27 países-membros quando, em julho de 2008, foi rejeitado por 53,4% dos votos dos irlandeses em plebiscito, o que paralisou o processo. Apenas em outubro de 2009, em novo plebiscito, os irlandeses o aprovaram, com 67,1% dos votos. Sua aceitação pelos então presidentes da República Tcheca, Václav Klaus, e da Polônia, Lech Kaczyński, ocorreu no mês seguinte. O Tratado de Lisboa passou a vigorar em 1.º de dezembro de 2009.

Oficialmente, o Tratado de Lisboa passou a ser considerado um acordo de emendas aos Tratados de Maastricht (1992) e de Nice (2000). Para garantir sua aprovação, foram evitados termos como “Constituição”. Além disso, o texto não prevê a existência de hino e bandeira, símbolos que poderiam reforçar a visão de um poder supranacional. Quase todos os pontos previstos na proposta de Constituição foram preservados no **Tratado de Lisboa**.

Veja a seguir as **principais instituições da UE**:

☞ **Parlamento Europeu (PE)**: entre suas principais funções estão a **aprovação de leis e orçamentos** e a **fiscalização das outras instituições da UE**. Com o Tratado de Lisboa, o PE ganhou mais poder para legislar em assuntos de interior e de justiça dos países.

☞ **Conselho Europeu**: é composto pelos chefes de Estado e de Governo e **define as prioridades políticas gerais**. Apesar de não ter poderes legislativos, suas votações influenciam outras instituições do bloco e interferem na agenda do Parlamento Europeu.

☞ **Conselho da União Europeia**: por reunir representantes de cada um dos Estados-Membros em âmbito ministerial (ministros ou secretários de Estado), é também conhecido como “Conselho de Ministro”. Nesse fórum, são tratados temas como **políticas externa e de segurança, justiça, coordenação de políticas econômicas e assinatura de acordos internacionais**. Existem 10 formações ministeriais diferentes para se dar tratamento a determinado tema por meio do Conselho da União Europeia.

☞ **Comissão Europeia**: órgão executivo da UE responsável por representá-la em nível internacional. Suas atribuições incluem, ainda, **garantir o cumprimento da legislação e propor novas leis**, além de **gerir o orçamento da UE**, estabelecendo prioridades quanto a despesas.

☞ **Banco Central Europeu (BCE)**: órgão que tem autonomia em relação às outras instituições da UE. É responsável pela **gestão e emissão do euro** e por **assegurar a estabilidade de preços** e do sistema financeiro entre os países que adotam a moeda única. É o BCE que **define as principais taxas de juros** para a zona do euro (não inclui os juros das dívidas soberanas dos países-membros) e estabelece a política cambial, interferindo na compra, venda ou emissão de divisas.

1. A integração europeia

As primeiras tentativas de formar organizações econômicas supranacionais surgiram no continente europeu. A integração desejada colocaria a Europa como um elemento de equilíbrio entre as duas superpotências: Estados Unidos e URSS.

A integração europeia não é, em si, um caminho fácil, e os nacionalismos exacerbados pelos séculos de guerras dificultam ainda mais as medidas integradoras. Apesar disso, a consciência da necessidade de somar esforços e enfrentar conjuntamente os problemas amplia-se há várias décadas; reconhece-se que, separadamente, os países europeus não tinham condições suficientes para enfrentar a Segunda Revolução Industrial. O que veio reforçar a ideia de solidariedade continental na Europa, na segunda metade do século XX, foi o quadro sombrio de sua economia logo após a Segunda Guerra Mundial.

Organizações políticas militares europeias

1. Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN)

Instituída em 1949.

Membros iniciais: Alemanha, Bélgica, Canadá, Dinamarca, Estados Unidos, França, Reino Unido, Grécia, Holanda, Islândia, Itália, Luxemburgo, Noruega, Portugal, Turquia e Espanha.

Sede: Bruxelas (Bélgica).

Objetivo: inicialmente, combater o comunismo. Com o passar do tempo, a OTAN reorientou sua ação e passou a contribuir para o desenvolvimento de relações internacionais pacíficas, por meio do fortalecimento das instituições livres, e a desenvolver a capacidade de resistência e defesa mútua contra eventual ataque por entidade externa à organização.

Os ministros das Relações Exteriores dos países-membros iniciais da OTAN publicaram, em 12 de dezembro de 1975, um comunicado contendo o resumo da pauta discutida em sua reunião anual. Por meio do escrito, reconheciam a melhoria das relações com os países do Pacto de Varsóvia, reafirmavam o propósito de mantê-las sobre bases cada vez mais estáveis.

Expansão da OTAN – Na década de 1990, a OTAN começou a incluir países que haviam pertencido ao antigo bloco socialista, como Albânia, Bulgária, Croácia, República Tcheca* e Eslováquia*, Eslovênia, Estônia, Hungria, Letônia, Lituânia, Polônia e Romênia.

*a bem da verdade, pertenceu à OTAN a **Tchecoslováquia**, que, em 1993, se desmembrou para formar República Tcheca e Eslováquia.

2. Tratado de Assistência Mútua da Europa Oriental (Pacto de Varsóvia)

Instituído em 1955 e extinto em 1990.

Membros: República Democrática Alemã, Bulgária, Hungria, Polônia, Tchecoslováquia e União Soviética.

Objetivo: essa aliança militar europeia de grande alcance era o equivalente do bloco soviético à OTAN, e suas forças, como as da OTAN, eram compostas de elementos militares dos países-membros.

Organizações econômicas europeias

1. Conselho para Assistência Econômica Mútua (COMECON)

Criado em 1949 e extinto em 1991.

Sede: Moscou (Federação Russa).

Os países socialistas (URSS, República Democrática Alemã, Polônia, Tchecoslováquia, Hungria, Bulgária, Romênia e Mongólia) criaram o COMECON, com os seguintes objetivos:

- aplicação da política de divisão internacional do trabalho;
- criação de redes integradas de transporte;
- coordenação e utilização conjunta de recursos;
- coordenação dos planos nacionais e planejamento global da economia;
- cooperação técnico-científica para a criação de grupos internacionais de pesquisa e institutos comuns de investigação.

Os países do COMECON diferiam quanto à extensão e à população. Entre eles, destacava-se a URSS, com seu imenso território, grande população e mercado interno e imensas riquezas naturais, o que lhe permitia desenvolver simultaneamente todos os setores industriais.

O COMECON não era comparável ao Mercado Comum Europeu (MCE), porque seus elementos e instituições eram diferentes: não constituía um mercado comum, e entidades supranacionais, como as da Comunidade Europeia do Carvão e do Aço (CECA), não existiam. Por outro lado, a especialização internacional de atividades econômicas no COMECON não encontravam similar no MCE. Havia maior equilíbrio entre os países do MCE que entre os países do COMECON; não existia no MCE nenhuma superpotência, como no COMECON (URSS). O comércio entre os países do COMECON era bem inferior ao realizado entre os participantes do MCE.

A partir de 1960, Cuba, país centro-americano de sistema socialista, passou a pertencer à organização.

O COMECON foi extinto em julho de 1991, devido ao fim do socialismo e da URSS.

2. **BENELUX**

Instituído em 1944.

Sede: Bruxelas.

Bélgica, Holanda e Luxemburgo criaram o **BENELUX**, primeira união econômica supranacional. A finalidade do bloco era ampliar o comércio entre os países-membros, de maneira a desenvolver suas economias.

3. **Comunidade Europeia do Carvão e do Aço (CECA)**

Criada em 1952.

Sede: Luxemburgo.

A **República Federal Alemã, a França, a Itália** e os **países do BENELUX** iniciaram a primeira etapa de uma organização econômica a partir da assinatura do **Tratado de Paris**, que criou a CECA com os seguintes objetivos:

- criar um mercado único de ferro, carvão, coque, gusa, sucata e aço;
- abolir as discriminações no domínio dos transportes e dos preços, atenuando os obstáculos ao intercâmbio daqueles produtos entre os seis países;
- harmonizar os preços para o comércio com o exterior.

Os seis países da CECA ficariam conhecidos como a **Europa dos Seis**, depois de terem fundado, juntos, CEE ou MCE (hoje UE).

4. **Comunidade Europeia da Energia Atômica (CEEA) ou The European Atomic Energy Community (EURATOM)**

Criada em 1957.

Sede: Bruxelas.

Criada pelos países do MCE por meio do **Tratado Constitutivo da Comunidade Europeia da Energia Atômica**, a EURATOM instituiu um mercado comum para os minerais atômicos, visando ao desenvolvimento da energia nuclear para fins pacíficos.

5. **Associação Europeia de Livre-Comércio (AELC) ou European Free Trade Association (EFTA)**

Instituída em 1960.

Membros: Áustria, Finlândia, Islândia, Noruega, Suécia, Suíça e Liechtenstein.

Sede: Genebra (Suíça).

Objetivos: manter a eliminação de tarifas internacionais sobre bens industrializados (conseguida em 1966); e negociar acordos bilaterais sobre produtos agrícolas.

Com o crescimento da UE, a AELC vai sendo lentamente absorvida por aquela organização.

6. **Espaço Econômico Europeu (EEE)**

Trata-se de bloco **comercial** formado pelos países-membros da UE e da AELC, com início de funcionamento em janeiro de 1993. É hoje chamado de União Europeia (UE). Seus objetivos extrapolam a economia e avançam em direção à unificação política quanto às diretrizes externas.

7. **Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) ou Organization for Economic Cooperation and Development (OECD)**

Instituída em 1961.

Membros: Alemanha, Austrália, Áustria, Bélgica, Canadá, Dinamarca, Espanha, EUA, Finlândia, França, Reino Unido, Grécia, Holanda, Irlanda, Islândia, Itália, Japão, Luxemburgo, Noruega, Nova Zelândia, Portugal, Suécia, Suíça, Turquia, República Tcheca, Hungria, Eslováquia, Polônia, Coreia do Sul e México.

Objetivos: estimular um crescimento econômico duradouro; criar empregos para a população dos países-membros; e promover o crescimento econômico mundial.

8. **European Economic Area (EEA), ou Área Econômica Europeia (AEE)**

Criada em 2001.

Engloba os países da UE mais a Islândia, Noruega e Liechtenstein.

9. **Comunidade Econômica Europeia (CEE) ou Mercado Comum Europeu (MCE) – hoje União Europeia (UE)**

Criada em 1957.

Sede: Bruxelas.

Em 1957, os **seis países da CECA** (França, Alemanha, Bélgica, Itália, Luxemburgo e Países Baixos ou Holanda) concluíram que, para resolver seus problemas políticos e econômicos, deveriam criar **instituições políticas e econômicas supranacionais**, mesmo que isso exigisse a renúncia de certas prerro-

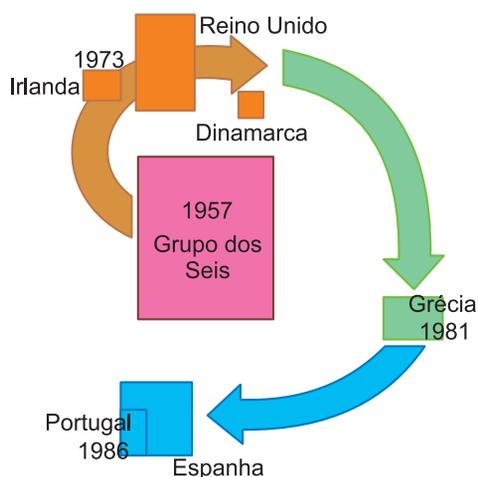
gativas nacionais. Essa busca de ampliar a integração levou esses países a firmar o **Tratado Constitutivo da Comunidade Europeia** (nome de **um dos dois Tratados de Roma**, assinados em 1957), que estabeleceu a **Comunidade Econômica Europeia (CEE)** com os seguintes objetivos:

- permitir a livre circulação de mão de obra e capital entre os países-membros;
- eliminar as restrições internas ao comércio;
- aplicar uma tarifa externa comum (aos países não membros);

Para que esses objetivos pudessem se cumprir, tornou-se necessário aproximar as legislações dos países-membros sobre trabalho, transporte, comércio etc. e neles extinguir subvenções estatais (subsídios, ou auxílio pecuniário) a domínios não competitivos da economia.

Com a adoção dessas medidas, a CEE logo se revelou como nova potência econômica. De 1958 a 1968, segundo dados estatísticos publicados pela Comunidade, o PIB da CEE aumentou 66%. No mesmo período, o dos Estados Unidos aumentou 57%, e o do Reino Unido, 35%.

Em janeiro de 1973, entraram para a CEE o Reino Unido, a Dinamarca e a Irlanda (Eire).



Alargamento da Comunidade Econômica Europeia – CEE (1957-1986)

Em outubro de 1973, o **boicote árabe do petróleo** abalou a unidade da CEE, o que representou o início de uma série de dificuldades que a Comunidade sofreu: abalo nas relações com os EUA; flutuação da moeda

francesa (1974); ameaça da Inglaterra de retirar-se da Comunidade sem aviso ou consulta a seus sócios.

Apesar da crise enfrentada com a alta do petróleo, o objetivo básico da integração dos países europeus continuou interessando a vários outros países, tanto que, em 1981, a Grécia entrou para a organização, o que também fizeram Portugal e Espanha em 1986.

Em 1992, com a assinatura do **Tratado da União Europeia** (ou, informalmente, **Tratado de Maastricht**), o bloco passou a ser oficialmente designado **União Europeia**. Em 1.º de janeiro de 1995, entraram para a UE mais três países: Suécia, Finlândia e Áustria, completando 15 membros.

Pelo **Tratado de Nice**, a União Europeia estabeleceu a expansão do bloco, com a entrada de mais dez novos membros a partir de 2004: Polônia, Hungria, República Tcheca, Eslováquia, Eslovênia, Lituânia, Letônia, Estônia, Malta e Chipre.

Romênia e **Bulgária** ingressaram em 2007, elevando a 27 o número de países no bloco. A partir de 1.º de janeiro de 2013, a Croácia passou a ser o 28.º Estado-Membro da União Europeia. E a Islândia está planejando aderir ao bloco, já adotou o euro.



A Bandeira da Europa adotada em 9 de dezembro de 1992: as estrelas que, simbolizam os povos da Europa, formam um círculo, que significa UNIÃO.

União Europeia						
	2003	2004	2007	2012	2018	2020 estimativa
População absoluta (em milhões de habitantes)	377	451	500	504	512	515
PIB – Produto Interno Bruto (em US\$ trilhões)	7,9	9,3	9,5	12,6	16,7	17,6

A Turquia, país que solicita adesão à União Europeia desde 1963, teve sua candidatura recusada por reunir uma série de problemas dos quais os europeus querem distância: no país, as mulheres são discriminadas, as prisões são abomináveis e a minoria curda é perseguida. Além disso, a população turca é majoritariamente muçulmana.

A Turquia esforçou-se para se tornar um país mais “europeu”. Reformou a economia, aboliu a pena de morte e até criou mecanismos para reforçar a democracia, tradicionalmente dependente do humor das Forças Armadas. No entanto, nenhuma dessas medidas ou mesmo o apoio dos Estados Unidos, que têm bases militares em território turco e gostariam de ver a Turquia na União Europeia, foram suficientes para que a UE aceitasse o país como membro. O fato de a República do Chipre ter se tornado Estado-Membro da União Europeia fez diminuir ainda mais as chances de a Turquia ser aceita pelo bloco. Isso porque parte do território daquele país, denominado República Turca do Norte do Chipre, é ocupada ilegalmente pelos turcos.

Os membros aceitos a partir de 2004 tiveram de cumprir algumas exigências preliminares, como adotar o regime democrático e a economia de mercado. Nesse ano, a Bulgária e a Romênia não conseguiram atender às exigências e ficaram “em observação”, sendo admitidas em 2007.

A Comissão Europeia já propôs que, nos primeiros dois anos de adesão, os novos membros recebam 42 bilhões de dólares de ajuda.

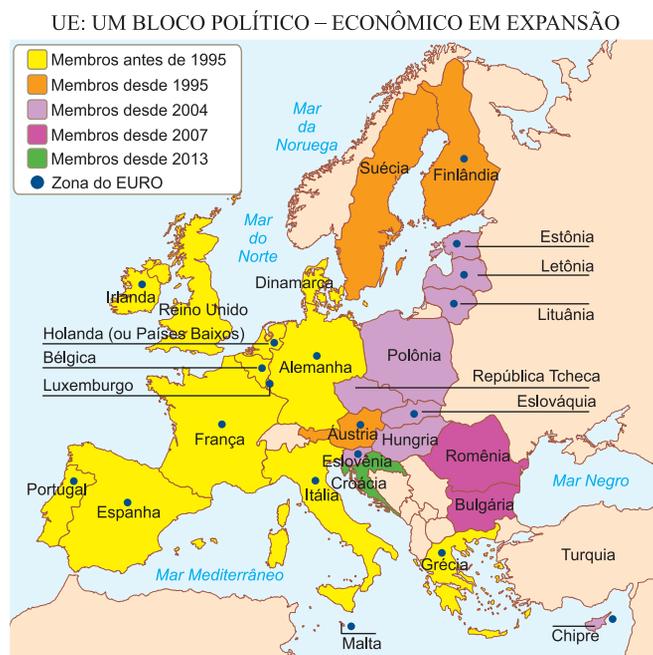
E a “nova” Europa do Leste? Os países da Europa Oriental estavam preocupados; viam na União Europeia uma nova “fortaleza” que poderia substituir a antiga “cortina de ferro” que os separou da Europa Ocidental após a Segunda Guerra Mundial. Assim, pressionaram a UE para que houvesse maior integração com o leste; para que, pelo menos, lhes fosse franqueada a entrada

no novo espaço econômico europeu.

Os países da UE regulamentaram a “fronteira externa” com o lema “Para dentro, derrubam-se muros; para fora, constroem-se fortalezas”. Com o fim de inúmeras barreiras internas na UE, estão surgindo outras, voltadas para o exterior.

A UE teve que enfrentar o Mercado Comum da América do Norte, cujo acordo assinado em agosto de 1992 entre México, EUA e Canadá criou o bloco Nafta.

(Veja, out. 2002. Adaptado.)



Países candidatos a membros da UE

- Islândia.
- Macedônia do Norte.
- Montenegro.
- Sérvia
- Turquia.
- Ucrânia.

Países potenciais candidatos a membros da UE

- Bósnia-Herzegovina.
- Kosovo, sob a égide das Nações Unidas, de acordo com a Resolução 1.244 do Conselho de Segurança.

EVOLUÇÃO DA UNIÃO EUROPEIA

EUR 6 (1958)



EUR 9 (1973)



EUR 10 (1981)



EUR 12 (1986)



EUR 12 (1990)



EUR 15 (1995)



EUR 25 (2004)



EUR 27 (2007) e EUR 28 (2013)



Com a reunificação da Alemanha em 25 de dezembro de 1990, o território da antiga Alemanha Oriental (República Democrática da Alemanha) passou a integrar o Mercado Comum Europeu.

Tratado da União Europeia (TUE), concebido no Conselho Europeu de Maastricht (1991)

Entre 9 e 10 de dezembro de 1991, os chefes de Estado dos doze países que formavam a então Comunidade Econômica Europeia (CEE) – hoje apenas Comunidade Europeia (CE) ou **União Europeia (UE)** – reuniram-se na cidade holandesa de Maastricht para formar o chamado **Conselho Europeu de Maastricht** e chegaram a um acordo sobre um novo conjunto de objetivos e metas da CEE. Naquela ocasião, foi elaborado o projeto do **Tratado da União Europeia (TUE)**, cuja denominação informal é **Tratado de Maastricht**.

O Reino Unido foi o Estado-membro que impôs mais resistência aos projetos apresentados na Reunião de Maastricht, pois, além de ter optado por manter sua independência e soberania de decisões, estava atravessando grave crise econômica, caracterizada por aumento do desemprego, indústrias obsoletas e perda de competitividade.

O TUE definiu o objetivo da União Europeia e a governança das suas instituições centrais.

A seguir, estão relacionados os principais pontos do Tratado:

– Haveria uma **união cada vez maior entre os povos**, de maneira a possibilitar que as decisões fossem tomadas tão perto de seus cidadãos quanto possível.

– Passaria a funcionar um **Fundo de Ajuda** aos países mais pobres da Comunidade: Espanha, Portugal, Grécia e Irlanda.

– Haveria o compromisso de implementar a **Carta dos Direitos dos Trabalhadores**, um conjunto de normas abrangendo condições de trabalho. Essas normas deveriam se referir, por exemplo, à igualdade de tratamento entre os trabalhadores, à integração das pessoas excluídas do mercado de trabalho, bem como à segurança e higiene.

– Seria implantada uma **nova política comum de defesa**, sem que se deixasse de considerar as obrigações dos países-membros da OTAN para com a organização.

– A **moeda ECU** (sigla para *European Currency Unit*, ou Unidade Econômica Europeia) funcionaria em cada um dos países da UE como **moeda de referência** (na função de **unidade de conta**) de 1979, quando foi criada, até 1º de janeiro de 1999. A partir dessa data, uma nova moeda, o **euro**, passaria a funcionar no mercado financeiro mundial no lugar da ECU, também apenas como unidade de conta. As moedas e notas físicas do euro foram postas em circulação em janeiro de 2002, medida que o efetivou como **meio de troca**.

No **Artigo 3º do Tratado da União Europeia**, assinado em 7 de fevereiro de 1992, registram-se como objetivos:

- a) a eliminação, entre os Estados-membros, dos direitos aduaneiros e das restrições quantitativas à entrada e à saída de mercadorias, bem como de quaisquer outras medidas de efeito equivalente;
- b) uma política comercial comum;
- c) um **mercado interno** caracterizado pela **abolição**, entre os Estados-membros, dos **obstáculos à livre circulação de mercadorias, de pessoas, de serviços e de capitais**.

Já no documento “Conclusões da Presidência” do **Conselho Europeu de Lisboa***, realizado em 26 e 27 de junho de 1992 (reunião do Conselho Europeu posterior à realizada em Maastricht, em 1991), as “Instituições competentes” são convidadas a assegurar que “o **Mercado Único funcione com equidade e eficácia após 1992**”.

Assim, o que passou a vigorar no primeiro dia de 1993 foram as chamadas “**quatro liberdades**” (de mercadorias, de pessoas, de serviços e de capitais) previstas no acordo que instituiu o **Espaço Econômico Europeu (EEE)**.

*Você pode acessar a listagem de todas as reuniões do Conselho Europeu, incluindo as chamadas Conferências Cimeiras, por meio do link: <<https://www.consilium.europa.eu/media/31036/qc3111406ptc.pdf>>

A moeda euro

A fim de criar uma zona de estabilidade monetária na Europa, os países da então CEE (hoje UE) desenvolveram, a partir de 1986, um **Sistema Monetário Europeu (SME)**.

Os dois elementos principais do SME são o **euro** (unidade monetária europeia) e o **Mecanismo Europeu de Taxas de Câmbio (MTC)**.

O setor privado (famílias, empresas, bancos comerciais) utiliza cada vez mais o euro como qualquer outra divisa. A vantagem da moeda única, tanto para os meios financeiros europeus como para os de outros países, é a sua relativa estabilidade, superior à da maior parte das moedas nacionais.

O euro é a unidade monetária da Comunidade. Trata-se de uma moeda que se compõe de quantidade específica das moedas dos países-membros da Comunidade.

A estreia da moeda

A implantação do euro iniciou-se em 2002 e deu-se gradualmente



Depois de funcionar por dois anos como unidade de conta, em 1º de janeiro de 2002 o euro passou a ser oficial em 12 países-membros da União Europeia, 19 integram a Zona do Euro, na qual compartilham a moeda única e, como consequência, rígidos controles externos sobre suas economias nacionais.

Em 2017, de acordo com o Banco Mundial, os **países da Zona do Euro** respondiam, em conjunto, pelo **segundo maior PIB do planeta**: US\$ 12,5 trilhões. No mesmo ano, o maior PIB mundial, equivalente a US\$ 19,3 trilhões, era o dos Estados Unidos. China e Japão respondiam, respectivamente, pelo terceiro e quarto PIBs do mundo em 2017: 12,2 e 4,8 trilhões de dólares.

Zona do Euro

É o conjunto dos Estados nos quais o euro substituiu a moeda nacional e uma política monetária comum foi posta em prática. No total, reunia, em 2018, uma população de quase 342 milhões de habitantes.

A Zona do Euro o primeiro polo comercial mundial, com 19,6% das exportações de bens e serviços (contra 15,5% dos EUA). É o segundo polo monetário do mundo com Produto Interno Bruto (depois dos EUA).

Seus **membros fundadores** são onze: **Áustria, Bélgica, Finlândia, França, Alemanha, Irlanda, Itália, Luxemburgo, Países Baixos (ou Holanda), Portugal e Espanha**. Posteriormente, associaram-se mais oito países: **Grécia, Eslovênia, Chipre, Malta, Eslováquia, Estônia, Letônia e Lituânia**. Em 2019, eram 19 os países-membros da UE que tinham o euro como moeda oficial.

Embora participem da União Europeia, a Dinamarca e o Reino Unido escolheram não se associar à Zona do Euro.

O alargamento da zona do euro, ou seja, a entrada de países para o bloco, prevê o cumprimento de duas exigências pelo país candidato: permanecer por dois anos no Mecanismo Europeu de Taxas de Câmbio (MTC II); e manter permanentemente sua taxa de inflação dentro dos padrões da União Europeia.

Euro – Conheça a moeda

Símbolo



Qual a origem do símbolo que representa o euro?
Foi inspirado na quinta letra dos alfabetos romano (e) e grego (ε, ou épsilon), ou seja, na primeira letra da palavra Europa. É formado por um arco cortado por duas linhas paralelas. Essas linhas representam a estabilidade da moeda.*

*A letra *épsilon* remete à Grécia, berço da civilização europeia.

Quando as moedas e notas físicas do euro começaram a circular oficialmente?

1.º de janeiro de 2002

Cronologia dos países que adotaram o euro

1999: Alemanha, França, Itália, Espanha, Portugal, Países Baixos (ou Holanda), Bélgica, Luxemburgo, Irlanda, Áustria e Finlândia formam o conjunto dos onze países fundadores da Zona do Euro.

2001: Grécia.

2007: Eslovênia.

2008: Chipre e Malta.

2009: Eslováquia.

2011: Estônia.

2014: Letônia.

2015: Lituânia.

Membros da União Europeia que decidiram não adotar a moeda em 2001: Reino Unido, Dinamarca e Suécia.



Membros da União Europeia que estão preparando a adoção do euro: Hungria, Polônia e República Tcheca.

Membros da União Europeia que se comprometeram a adotar o euro quando preencherem as condições necessárias: Bulgária, Romênia e Suécia.

Banco Central Europeu (BCE)

Fundado em 1998 e instalado em Frankfurt (Alemanha), ele vigia o funcionamento de missões confiadas ao **Eurosistema** e ao Sistema Europeu de Bancos Centrais (SEBC). O BCE é independente, seja dos governantes dos Estados-membros, seja das instituições comunitárias. Seu presidente tem mandato de oito anos.

Crise do euro

O ano de 2010 parecia promissor para a UE, após a aprovação do Tratado de Lisboa. Porém, a crise econômica na Grécia evidenciou algumas fissuras no bloco: o elevado endividamento grego se refletiu em outros países-membros. Nações como Portugal, Itália, Irlanda e Espanha apresentaram déficits orçamentários.

A crise grega contribuiu para colocar o euro em xeque. A possibilidade de que os países gravemente endividados não honrassem seus compromissos financeiros assustou os investidores e disseminou ataques especulativos à moeda.

Desde a introdução do euro, a UE determina duas medidas principais para o equilíbrio orçamentário: o déficit não pode ultrapassar 3% do PIB; e a dívida pública não deve ser superior a 60% do PIB. No entanto, a crise financeira mundial que eclodiu em 2008 expôs a fragilidade das contas públicas da maioria dos países-membros, que ignoraram as recomendações fiscais.

Para reforçar a disciplina orçamentária, foi aprovado, em janeiro de 2012, um pacto fiscal que submeteu 25 dos 27 orçamentos nacionais do bloco a um rígido controle – apenas Reino Unido e República Tcheca não aderiram.

Uma importante medida para estancar a crise foi adotada em outubro de 2012: o Mecanismo Europeu de Estabilidade criou um fundo de resgate no valor de 500 bilhões de euros para socorrer economias endividadas e sanear os bancos da zona do euro.

Em meio a sua maior crise, a Zona do Euro recebeu, em 1º de janeiro de 2011, o 17º integrante do bloco: a Estônia

A Estônia, um dos chamados **países bálticos**, caracteriza-se por ser um dos Estados mais pobres da união monetária europeia (em 2011, seu PIB correspondia a 0,15% da soma dos PIBs de todos os países-membros da eurozona) e por se vender como anti-Grécia (no sentido de que, diferentemente desse país, é responsável quanto ao comando dos gastos públicos, ou seja, tem excelente histórico fiscal).

Seu ingresso na Zona do Euro está associado ao interesse de estabilidade cambial, de partilha de risco e de **fortalecimento da sua imagem** (como é uma ex-república soviética, a Estônia, ao ser aceita pelo clube da Europa Ocidental, tem sua imagem fortalecida sob uma perspectiva simbólica; na medida em que sua entrada na eurozona serve também para atrair mais investidores, sua imagem se fortalece sob uma perspectiva prática).

O fato de a Estônia passar a fazer parte da Zona do Euro em 2011, ano em que a moeda lutava por sobrevivência, causou alguma estranheza. Mas, embora a crise do euro tenha desencadeado um novo debate em torno das virtudes – e até da viabilidade – da união monetária europeia, a Estônia defendia que sua associação ao bloco reduziria o risco cambial de sua economia, já atrelada ao euro antes da adesão*.

Para o economista Raul Eamets, da Universidade de Tartu, na Estônia, a entrada na zona do euro fará com que o país deixe de ser tratado como um báltico. Eamets acrescenta: “Para mim, o maior argumento para aderir ao euro é confiança, que é o que o país vai obter. O euro é apenas uma ferramenta monetária; o que importa é como o governo lida com a dívida, déficit fiscal e inflação. E até agora temos ido muito bem”.

Países bálticos: designação genérica dos três países localizados no nordeste da Europa (Lituânia, Letônia e Estônia).

*Afirma-se que a economia da Estônia estava atrelada ao euro antes mesmo de o país se associar ao bloco porque seu regime cambial já era fixado a essa moeda e porque, em 2011, 90% de seus empréstimos privados e 78% de seu comércio exterior eram feitos em euro.

(Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mercado/me0101201106.htm>>. Acesso em: 30 out. 2019. Adaptado.)

“Tigre Báltico”

A Estônia, chamada de “tigre do Báltico” pela rápida passagem de uma economia centralizada [período] a uma de mercado e por seu impressionante crescimento, já havia tentado integrar a zona do euro em 2007, mas foi impedida pela inflação elevada – lembre-se que um dos dois requisitos para alcançar a condição de país-membro da eurozona é a manutenção permanente da taxa de inflação sob controle.

Em 2009, o país apresentou o menor nível de endividamento da União Europeia e, em 2010, seu déficit fiscal ficou abaixo de 3%.

Apesar o PIB da Estônia ter despencado em 2008 (-5,1%) e 2009 (-13,9%), o país conseguiu voltar a crescer, mantendo inflação, déficit fiscal e dívida pública sob controle. Para superar a crise, o governo preferiu cortar gastos (9% do PIB) a desvalorizar a moeda, o que ameaçaria o projeto euro, ou seja, optou por deflação e desemprego.

Tratado de Lisboa

O **Tratado de Lisboa**, inicialmente conhecido como *Tratado Reformador*, foi assinado pelos Estados-membros da UE em 13 de dezembro de 2007 e reformou o funcionamento da União em 1º de dezembro de 2009, quando entrou em vigor.

Ele emenda o Tratado da União Europeia (TUE-Maastricht, 1992) e o tratado que estabelece a Comunidade Europeia (TCE-Roma, 1957). Nesse processo, o TCE foi renomeado Tratado sobre o Funcionamento da União Europeia (TFUE).

O objetivo declarado do tratado é “completar o processo lançado pelo Tratado de Amsterdã (1997) e pelo Tratado de Nice (2001), com vista a reforçar a eficiência e a legitimidade democrática da União e a melhorar a coerência da sua ação”.

As negociações para reformar as instituições da UE começaram em 2001, resultando, em primeiro lugar, na Constituição Europeia, que, por ter sido rejeitada pelos eleitores franceses e holandeses em 2005, não foi aprovada. Em substituição à Constituição, criou-se o Tratado de Lisboa, que, previa-se, deveria ser ratificado até o final de 2008. Nesse ano, no entanto, o eleitorado irlandês votou, por meio de referendo, pela não aceitação do Tratado. Apenas em 2009, em novo referendo, é que o Tratado foi aprovado pela Holanda.

O espaço e a cooperação Schengen

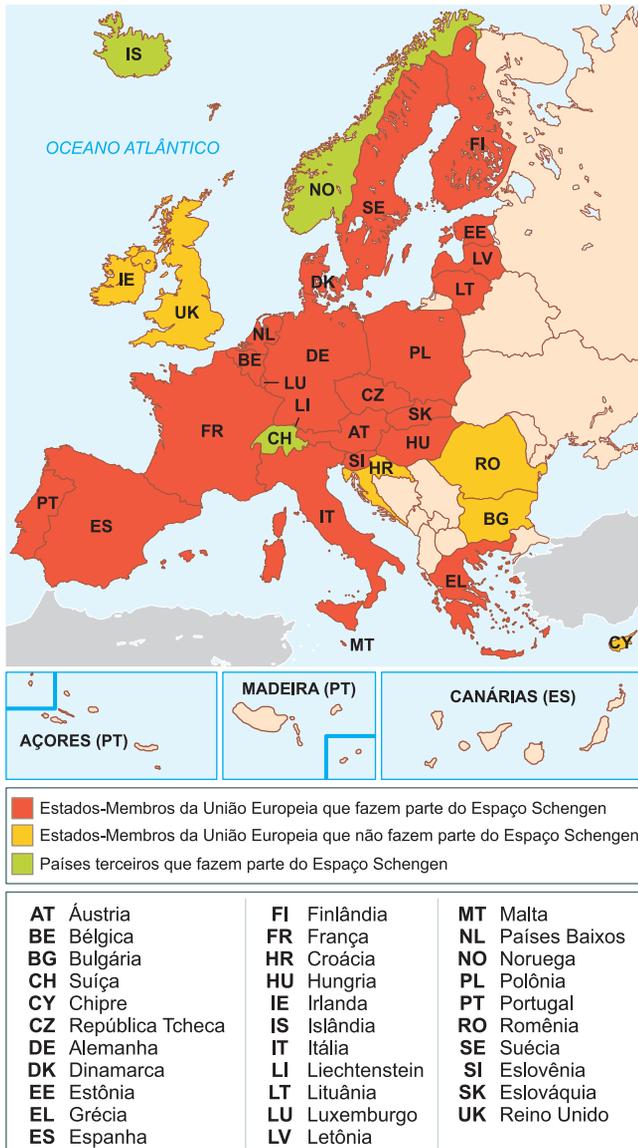
*O espaço e a cooperação Schengen assentam no Acordo Schengen de 1985. O espaço Schengen representa um território no qual a livre circulação das pessoas é garantida. Os Estados signatários do acordo aboliram as fronteiras internas a favor de uma fronteira externa única. Foram adotados procedimentos e regras comuns no espaço Schengen em matéria de vistos para estadas de curta duração, pedidos de asilos e controles nas fronteiras externas. Simultaneamente, com vista a garantir a segurança no espaço Schengen, foi estabelecida a cooperação e a coordenação entre os serviços policiais e as autoridades judiciais. A cooperação Schengen foi integrada no direito da União Europeia pelo Tratado de Amsterdã em 1997. No entanto, **nem todos os países que cooperam no âmbito do acordo Schengen são membros do espaço Schengen**, quer porque não desejam a supressão dos controles nas fronteiras, quer porque ainda não preenchem as condições necessárias para a aplicação do acervo de Schengen.*

Durante a década de 1980, foi lançado um debate sobre o significado da livre circulação de pessoas. Para alguns Estados-Membros, o conceito aplicar-se-ia exclusivamente aos cidadãos da União Europeia (UE), o que implicaria a manutenção dos controles nas fronteiras para distinguir cidadãos europeus e nacionais de países terceiros. Outros Estados-Membros, em contrapartida, desejavam estabelecer a livre circulação para todos e, por conseguinte, abolir estes controles fronteiriços. Dado que os Estados-Membros não conseguiram chegar a um acordo, a França, a Alemanha, a Bélgica, o Luxemburgo e os Países Baixos decidiram, em 1985, criar entre si um território sem fronteiras, que ficou conhecido como o “espaço Schengen”, nome da cidade luxemburguesa onde foram assinados os primeiros acordos. Após a assinatura do Tratado de Amsterdã, esta cooperação intergovernamental foi integrada no quadro da UE em 1º de maio de 1999.

(Disponível em: <http://publications.europa.eu/resource/cellar/710d1_fa2-ed57-42b1-8add-55e439ebc4b4.0013.02/DOC_2>.

Acesso em: 18 mar. 2019. Adaptado.)

O ESPAÇO SCHENGEN



Nota: O mais recente alargamento do Espaço Schengen ocorreu em 19 de dezembro de 2011, com a adesão do Liechtenstein.

O que é o Brexit?

Entenda a polêmica saída do Reino Unido da União Europeia.

Em 23 de junho 2016, eleitores escolheram, em plebiscito, que o Reino Unido deveria sair da União Europeia (UE).

Em março de 2017, tal decisão foi notificada ao bloco – e, segundo o Artigo 50 do Tratado de Lisboa, uma vez comunicado, o desmembramento se efetivaria dois anos depois. Março de 2019 chegou, mas a separação não aconteceu.

Nesse período, um acordo de saída desenhado pela ex-primeira-ministra britânica Theresa May, com a concordância da UE, foi rejeitado três vezes no Parlamento.

Isso a levou a deixar o cargo em junho, após quase três anos de desgastes causados por sucessivos fracassos na condução do Brexit. Foi a segunda baixa no cargo provocada pelo Brexit – o antecessor de May, David Cameron, renunciou após a vitória da saída no referendo.

Sobre a suspensão do Parlamento britânico e seus desdobramentos

Para o lugar de May, foi eleito Boris Johnson, que foi chanceler da ex-premiê por dois anos e deixou o posto depois de vários desentendimentos por conta do Brexit. Ele prometeu, durante a campanha, que o Reino Unido sairá da UE dentro do prazo, com ou sem acordo.

Diante do risco de uma saída abrupta, sem acordo ou termos detalhados para a separação, 27 líderes europeus já concordaram duas vezes em adiar o prazo para a saída – flexibilizando, portanto, o limite originalmente determinado sob o Artigo 50.

O outro prazo para que o Reino Unido decida sobre seu vínculo com o bloco foi 31 de outubro de 2019. Caso o Brexit se concretize, será o primeiro caso de um Estado-membro a se retirar da UE.

No início de setembro de 2019, o Parlamento britânico aprovou uma lei que impede um Brexit sem acordo e obriga a solicitação de um novo prazo para a saída do bloco. O prazo estabelecido inicia-se em janeiro de 2020.

O que é Brexit?

Brexit é uma abreviação para “British exit” (“saída britânica”, na tradução literal para o português). Esse é o termo mais comumente usado quando se fala sobre a decisão do Reino Unido de deixar a UE.

O que é União Europeia?

É um grupo formado por 28 países europeus que praticam livre comércio entre si e facilitam o trânsito de sua população para trabalhar e morar em qualquer parte do território. O Reino Unido se tornou parte da UE – na época chamada de Comunidade Econômica Europeia – em 1973.

Por que o Reino Unido está deixando o bloco?

Num plebiscito em 23 de junho de 2016, os britânicos foram perguntados se o Reino Unido deveria permanecer ou deixar a UE. A maioria – 52% contra 48% – decidiu que o país deveria deixar o bloco. Mas a saída não aconteceu de imediato, foi agendada para o dia 29 de março de 2019.

O que aconteceu desde então?

O plebiscito foi apenas o começo de um processo. Desde então, negociações foram feitas entre o Reino Unido e os outros países da UE. As discussões se centraram nos termos desse “divórcio”, que definiriam como seria essa saída do Reino Unido, não no que ocorreria após essa “separação”.

A proposta apresentada pela ex-premiê Theresa May ficou conhecida como “acordo de retirada”. Ela levou ao Parlamento britânico planos que definem as regras para a saída, mas eles foram rejeitados três vezes.

O que faz parte do acordo?

O rascunho desse acordo de retirada do Reino Unido da UE inclui:

- O valor que o Reino Unido deverá pagar à UE por quebrar o contrato de parceria: cerca de 39 bilhões de libras (R\$ 191 bilhões);
- O que vai acontecer com cidadãos britânicos que moram em outros países europeus e com os europeus que moram no Reino Unido: cidadãos europeus que já estejam no Reino Unido antes do Brexit e do fim do período de transição poderão manter os atuais direitos de residência e acesso a serviços públicos (o mesmo vale para britânicos que moram em países da UE);

Também sugere uma forma de evitar o retorno a uma fronteira fechada entre a Irlanda do Norte (que é parte do Reino Unido) e a República da Irlanda (que é um país independente que faz parte da UE).

Um período de transição foi proposto para permitir que Reino Unido e UE formulem um acordo de comércio e para permitir que empresas se organizem. Isso significa que, se o “acordo de retirada” recebesse sinal verde, não haveria qualquer mudança na situação atual até o dia 31 de dezembro de 2020.

Outro documento bem mais curto foi elaborado com uma previsão de como será o futuro relacionamento entre Reino Unido e UE. Trata-se de uma declaração política. Mas nenhum lado precisará se fiar exatamente no que prevê esse documento – é apenas um conjunto de intenções para as futuras negociações.

Por que o Parlamento rejeitou o acordo do Brexit?

O principal ponto de discórdia para muitos parlamentares conservadores e do Partido Unionista Democrático, um dos mais importantes na Irlanda do Norte, foi a questão relativa à fronteira com a República da Irlanda.

Atualmente, não há postos de fronteira, barreiras físicas ou verificações de pessoas ou mercadorias que

cruzam de um país para outro.

O governo britânico teme que a restituição de pontos de checagens de passaportes e mercadorias na divisa entre os dois países – a chamada “fronteira dura” – traga à tona antigas tensões entre irlandeses e norte-irlandeses.

O acordo de paz de 1998 pôs fim a três décadas de conflito entre nacionalistas, que queriam a integração com a Irlanda, e unionistas, que queriam continuar fazendo parte do Reino Unido.

Está previsto no acordo um entendimento entre Londres e Bruxelas para não fixar uma fronteira dura após o Brexit. Mas isso só entraria em vigor se um acordo abrangente de livre comércio não fosse rapidamente firmado entre o Reino Unido e a UE.

Isso manteria o Reino Unido dentro da união aduaneira da UE e a Irlanda do Norte em conformidade com algumas regras do mercado único.

Assim, a Irlanda do Norte continuaria alinhada com algumas das normas do mercado único da União Europeia – algo que gera descontentamento em parte dos membros do Partido Conservador e do Partido Unionista Democrático.

Críticos dizem ainda que um status diferente para a Irlanda do Norte pode ameaçar a existência do Reino Unido e temem que esse recuo possa se tornar permanente. Mas os apoiadores dizem que é isso necessário para manter a paz na Irlanda do Norte.

O que acontecerá agora?

Com a aprovação da lei que barra um Brexit sem acordo com o bloco econômico, o estado atual das coisas na política britânica indica que deve haver uma prorrogação do debate em torno do acordo para a saída do Reino Unido da União Europeia – e da data prevista para o Brexit ser concretizado.

O texto aprovado pelos parlamentares determina que o primeiro-ministro, Boris Johnson, tinha até o dia 19 de outubro de 2019 para conseguir aprovar um acordo para a saída no Parlamento. Se o prazo expirar, o líder britânico é obrigado a pedir ao bloco europeu uma extensão da data-limite atual, 31 de outubro, para o Reino Unido sair – mais especificamente, até 31 de janeiro de 2020.

Estabeleceu-se assim um novo impasse no processo.

Como alternativa, Johnson propôs a realização de uma nova eleição geral antes do prazo atual do Brexit, em 31 de outubro, a fim de tentar garantir nas urnas uma maioria parlamentar que lhe desse força política para aprovar a saída em seus termos.

Mas o Partido Trabalhista, a principal sigla de oposição na Casa, rejeitou a proposta.

E se o Reino Unido deixar o bloco sem um acordo?

A princípio, isso significaria não haver um período de transição após o Brexit – neste caso, o Reino Unido cortaria todos os laços com a UE de um dia para o outro.

A maioria dos economistas e grupos empresariais acredita que a saída sem acordo levaria a danos econômicos. Por exemplo, o Departamento de Responsabilidade Orçamentária – que fornece análise independente das finanças públicas do Reino Unido – acredita que um Brexit sem acordo causaria uma recessão.

Se o Reino Unido deixar a união aduaneira e o mercado único, a UE começará a realizar verificações nos produtos britânicos. Isso pode levar a atrasos nos portos, como Dover. Alguns temem que isso possa levar a gargalos no tráfego, interrompendo as rotas de fornecimento.

O líder do Partido Trabalhista, Jeremy Corbyn, diz que seria um “desastre nacional” se o Reino Unido deixasse a UE sem um acordo. Mas alguns parlamentares defensores do Brexit minimizam o impacto e defendem uma ruptura clara com o bloco europeu.

Muitos apoiadores do Brexit dizem que é difícil prever com precisão o que acontecerá ou que qualquer impacto econômico será pequeno e de curto prazo.

Diante de ocasiões em que o risco de uma saída abrupta parecia iminente, o governo chegou a preparar o país para essa hipótese mais radical. Publicou, por exemplo, uma série de orientações que abarcam desde passaportes para bichos de estimação ao impacto no fornecimento de energia.

Boris Johnson tentou acalmar os ânimos anunciando um financiamento extra de 2,1 bilhões de libras para lidar com as consequências de um Brexit sem acordo.

(BBC News, 3 set. 2019. Disponível em:

<<http://www.bbc.com/portuguese/internacional-46335938>>.

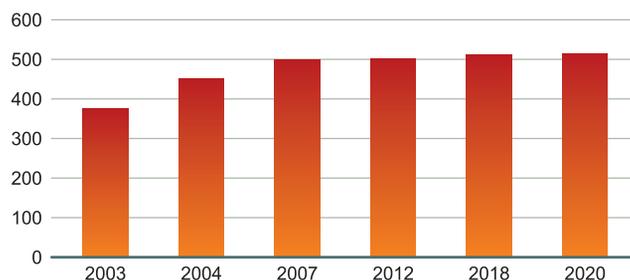
Acesso em: 8 out. 2019. Adaptado.)

2. A estrutura da população da União Europeia

Segundo dados do site da União Europeia a superfície da Europa comunitária é de 4.463.530km². Ela equivale a um terço da dos Estados Unidos e é oito vezes menor que a da Rússia.

Em 2018, a população da União Europeia era de 512,3 milhões de habitantes, o que representava menos de 10% da população mundial, que, naquele ano, era de 7,7 bilhões de pessoas.

UNIÃO EUROPEIA – EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO ABSOLUTA (em milhões de habitantes) (2003 a 2020, estimativa)



A população da **Europa dos 28** caracteriza-se por:

- alta porcentagem de idosos (a crescente diminuição da natalidade resulta no também crescente envelhecimento da população);
- elevada densidade demográfica;
- intensa urbanização;
- reunião de muitas línguas e dialetos.

Em 2019, os **países mais populosos da UE** eram Alemanha (81,7 milhões de habitantes), França (67 milhões de habitantes) e Reino Unido (66 milhões de habitantes).

Maiores cidades do continente europeu (população absoluta urbana – não considera população de áreas conurbadas)

Cidade	País	População absoluta
1. Istambul	Turquia	13.287.000
2. Moscou	Rússia	11.977.988
3. Londres	Reino Unido	8.173.194
4. São Petersburgo	Rússia	5.028.313
5. Berlim	Alemanha	5.531.201
6. Madrid	Espanha	3.233.527
7. Kiev	Ucrânia	2.847.200
8. Roma	Itália	2.796.102
9. Paris	França	2.243.833
10. Bucareste	Romênia	2.192.372
11. Baku	Azerbaijão	2.122.300
12. Minsk	Bielorrússia	1.902.500
13. Hamburgo	Alemanha	1.812.709
14. Budapeste	Hungria	1.740.041
15. Viena	Áustria	1.731.236

A UE colocou o combate à imigração ilegal como prioridade. As estratégias usadas seriam:

- ☞ – criar uma força policial para controlar as fronteiras externas da UE;
- ☞ – usar o sistema de satélite do bloco, Galileo, para rastrear a imigração ilegal;
- ☞ – elaborar uma política comum de imigração.

A taxa de crescimento vegetativo dos países-membros da UE é baixa. Isso reflete a preocupação desses países em manter em equilíbrio as potencialidades naturais, a expansão demográfica e a infraestrutura. Em alguns países do bloco, esse crescimento é negativo, como é o caso da Alemanha e da Bélgica.

Na UE, a mortalidade infantil apresenta um dos índices mais baixos de todo o globo, 3,9 por mil nascidos vivos, em 2017.

A expectativa de vida é elevada se comparada à média mundial, sendo de 77,9 anos para os homens e 83,6 para as mulheres, em 2018.

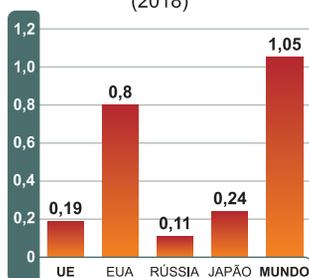
As maiores densidades demográficas da UE se estendem do noroeste da Inglaterra, ultrapassam Bélgica, Países Baixos, Vale do Reno-Ruhr e vão até o norte da Itália.

As regiões de forte densidade populacional correspondem às zonas industriais ou centros administrativos, como Madri, Lisboa ou Nápoles.

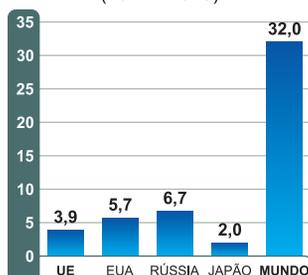
No Vale do Reno-Ruhr (Alemanha), cerca de 8 milhões de habitantes concentram-se em 17 cidades conurbadas, formando o maior eixo urbano-industrial da UE.

As regiões fracamente povoadas correspondem às áreas montanhosas e às grandes propriedades agrícolas mecanizadas, como Champagne (França).

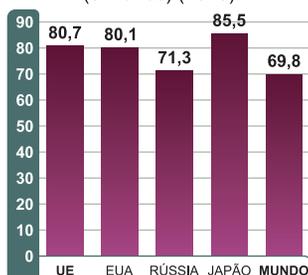
CRESCIMENTO DA POPULAÇÃO
(percentual anual)
(2018)



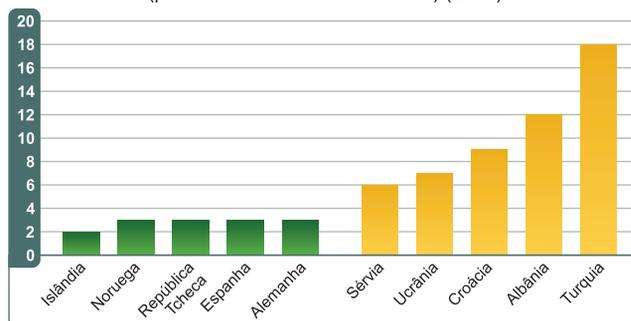
MORTALIDADE INFANTIL
(por mil nascidos vivos)
(2017 - 2018)



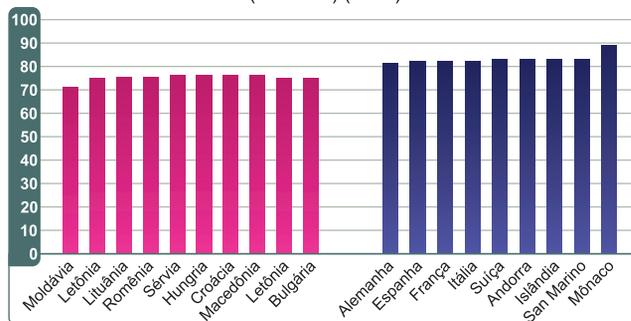
ESPERANÇA DE VIDA
AO NASCER
(em anos) (2018)



MENORES E MAIORES TAXAS DE MORTALIDADE
INFANTIL
(para cada 1 000 nascidos vivos) (2017)

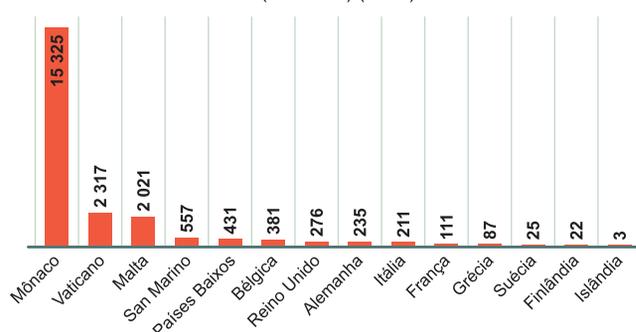


MENORES E MAIORES TAXAS DE EXPECTATIVA
DE VIDA AO NASCER
(em anos) (2017)



(CIA. *The World factbook.*)

DENSIDADES DEMOGRÁFICAS
(hab./km²) (2017)



3. Aspectos econômicos dos países da União Europeia

Produção de carne

O rebanho dos países-membros da UE é o maior do mundo, se considerada a área do bloco. A densidade de animal por hectare varia de país para país e é maior nos países de menor extensão.

O tipo de gado varia segundo as características físicas de cada região, ou em função dos hábitos alimentares de cada país.

Na UE, a elevada produtividade de carne resulta da utilização de técnicas avançadas de zootecnia, inseminação artificial e balanceamento de rações, o que torna possível abastecer fartamente o mercado dos países-membros.

A seguir, os maiores produtores europeus de carne do bloco:

- bovinos: França, Alemanha e Reino Unido;
- suínos: Alemanha, Holanda e França;
- ovinos e caprinos: Reino Unido, Grécia e Itália.

A elevação dos índices de produtividade, mais de 26% na última década, possibilitou a redução do rebanho de gado bovino em alguns países, mas os excedentes de manteiga e de leite em pó ainda são problemas para alguns países da UE.

Produção de madeira

As áreas florestadas cobrem aproximadamente 40% da superfície dos países da União Europeia. A exploração dessas áreas abastece 95% da necessidade de consumo de madeira dos países da UE. Dessa maneira, é necessária a importação apenas de uma pequena quantidade desse produto.

Os maiores produtores de madeira da UE são: Suécia, Finlândia, Alemanha, França e Espanha. Esses países são responsáveis por 85% da produção madeireira do bloco. No entanto, há países do bloco que têm suas florestas bastante reduzidas devido à própria condição natural, mas principalmente por consequência da intensa exploração ocorrida em tempos passados – caso da Irlanda, dos Países Baixos e do Reino Unido (os menores produtores de madeira da organização). Dessa maneira, a distribuição das áreas florestadas na União Europeia é irregular.

Produção de energia

A UE produz mais da metade da energia que consome. Os países mais dependentes de energia do bloco são Luxemburgo, Portugal, Itália e Dinamarca – eles importam acima de 80% da energia consumida. Já o Reino Unido tem excedente energético de 15%, graças a sua produção de petróleo no Mar do Norte. A Holanda também tem excedente energético, devido a sua produção de gás natural.

Na França, a energia nuclear fornece a maior parte da eletricidade.

Produção agrícola e outros

A UE apresenta importantes programas destinados ao setor agrícola. Apesar de ter pequena participação no PIB dos países do bloco, esse setor apresenta aumento da produtividade e da produção.

A produção de cereais do bloco vem apresentado excedentes e, por isso, a UE passou a ser um fornecedor de cereais junto aos Estados Unidos, Canadá e Argentina.

A UE participou da produção mundial de vinho com 45% – o destaque fica para Itália, França e Espanha.

A indústria europeia depende em alta escala da importação de matérias-primas: sua dependência da importação de cobre é de quase 100% e a do minério de ferro, do fosfato e do níquel é de mais de 90%.

Inovação da União Europeia

A inovação é essencial para o êxito de uma economia moderna. Ela está no cerne do processo de decisão política e é a principal via pela qual as economias criam empregos.

Comparando-se as nações da União Europeia com o Brasil e a China, a UE continua com uma clara liderança nas performances relacionadas à inovação. Porém, com base em 12 indicadores, como gastos públicos e privados em pesquisa, a liderança está declinando de forma muito rápida.

Brasil e China crescem em inovação e competitividade tecnológica em ranking elaborado em 2011 pela União Europeia. Já países do bloco pioraram seu desempenho em 12 indicadores. A União Europeia se vê ameaçada com a crescente concorrência dos países emergentes, como o Brasil, em matéria de inovação e competitividade tecnológica.

A Alemanha aparece em quarto lugar na UE, atrás da líder Suécia, da Dinamarca e da Finlândia. Esses quatro países são os únicos que se destacam no ranking da inovação e que obtiveram um índice 20% melhor do que a média dos países que constituem a UE.

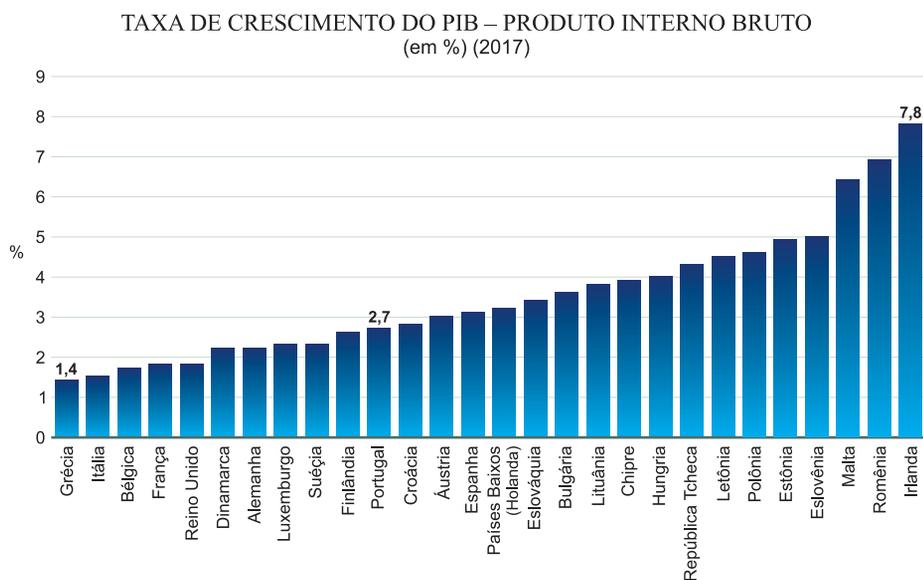
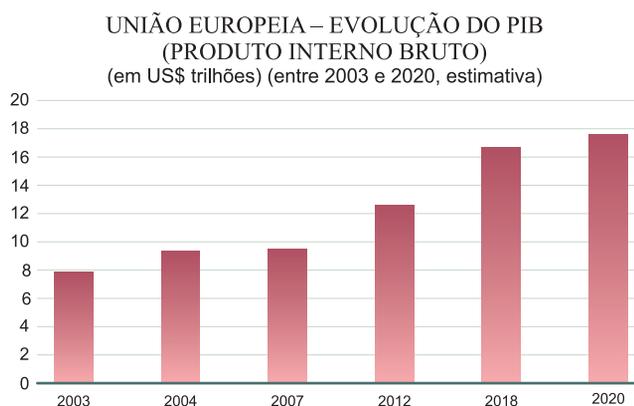
*Mesmo assim, esses países top não têm qualquer chance contra a **Suíça** – que não faz parte da União Europeia, mas também foi pesquisada. Os suíços deixam a concorrência de grande parte da União Europeia para trás, principalmente por sua excelente performance em ativos intelectuais e indicadores econômicos.*

De acordo com o relatório, a lista de deficiências europeias é grande: há problemas com o investimento privado em pesquisas e na área de patentes; também a cooperação entre os setores público e privado poderia ser melhor.

Os Estados Unidos, com performance 49% melhor do que a da UE, também não têm muitos motivos para comemorar, já que o Japão está apenas nove pontos percentuais atrás.

Atrás dos quatro primeiros colocados na Europa, seguem-se Reino Unido, Bélgica, Áustria, Holanda, Irlanda, Luxemburgo, França e Chipre. Os três últimos colocados são Letônia, Bulgária e Lituânia.

(DW Brasil, 2 fev. 2011. Adaptado.)



UNIÃO EUROPEIA – PAÍSES-MEMBROS – QUADRO RESUMO

País	Capital	Língua oficial	Adesão à UE	Moeda	Adesão à Zona do Euro	Adesão ao Espaço Schengen	Área (km ²)	População (2019)	PIB per capita em PPC* (2018)
Alemanha	Berlim	Alemão	01/01/1958	Euro	01/01/1999	26/03/1995	357.376	83.019.213	123
Áustria	Viena	Alemão	01/01/1995	Euro	01/01/1999	01/12/2007	83.879	8.858.775	127
Bélgica	Bruxelas	Neerlandês, francês e alemão	01/01/1958	Euro	01/01/1999	26/03/1995	30.528	11.467.923	115
Bulgária	Sófia	Búlgaro	01/01/2007	Lev búlgaro (BGN)	(1)	(4)	110.370	7.000.039	50
Chipre	Nicosia	Grego	01/05/2004	Euro	01/01/2008	(4)	9.251	875.898	87
Croácia	Zagrebe	Croata	01/07/2013	Kuna croata (HRK)	(1)	(5)	56.594	4.076.246	63
Dinamarca	Copenhague	Dinamarquês	01/01/1973	Coroa dinamarquesa (DKK)	(2)	01/01/2000	42.924	5.806.081	126
Eslováquia	Bratislava	Eslovaco	01/05/2004	Euro	01/01/2009	21/12/2007	49.035	5.450.421	78
Eslovênia	Liubliana	Esloveno	01/05/2004	Euro	01/01/2007	01/12/2007	20.273	2.080.908	87
Espanha	Madrid	Espanhol	01/01/1986	Euro	01/01/1999	26/03/1995	505.944	46.934.632	91
Estônia	Taline	Estônio	01/05/2004	Euro	01/01/2011	21/12/2007	45.227	1.324.820	81
Finlândia	Helsínque	Finlandês, sueco	01/01/1995	Euro	01/01/1999	25/03/2001	338.440	5.517.919	110
França	Paris	Francês	01/01/1958	Euro	01/01/1999	26/03/1995	633.186	67.028.048	104
Grécia	Atenas	Grego	01/01/1981	Euro	01/01/2001	01/01/2000	132.049	10.722.287	68
Hungria	Budapeste	Húngaro	01/05/2004	Forint húngaro (HUF)	(3)	21/12/2007	93.011	9.772.756	70
Irlanda (Eire)	Dublin	Gaélico, inglês	01/01/1973	Euro	01/01/1999	(6)	69.797	4.904.226	187
Itália	Roma	Italiano	01/01/1958	Euro	01/01/1999	26/10/1997	302.073	60.359.546	95
Letônia	Riga	Letão	01/05/2004	Euro	01/01/2014	01/01/2007	64.573	1.919.968	70
Lituânia	Vilnius	Lituano	01/05/2004	Euro	01/01/2015	21/12/2007	65.286	2.794.184	81
Luxemburgo	Luxemburgo	Francês, alemão	01/01/1958	Euro	01/01/1999	26/03/1995	2.586	613.894	254
Malta	Valetta	Maltês, inglês	01/05/2004	Euro	01/01/2008	21/12/2007	315	493.559	98
Países Baixos (Holanda)	Amsterdã	Neerlandês	01/01/1958	Euro	01/01/1999	26/03/1995	41.540	17.282.163	129
Polónia	Varsóvia	Polaco	01/05/2004	Złóti polaco (PLN)	(3)	21/12/2007	312.679	37.972.812	71
Portugal	Lisboa	Português	01/01/1986	Euro	01/01/1999	26/03/1995	92.226	10.276.617	76
Reino Unido	Londres	Inglês	01/01/1973	Libra esterlina (GBP)	(2)	(6)	248.536	66.647.112	104
República Tcheca	Praga	Tcheco	01/05/2004	Coroa tcheca (CZK)	(3)	21/12/2007	78.868	10.649.800	90
Romênia	Bucareste	Romeno	01/01/2007	Leu romeno (RON)	(1)	(4)	238.390	19.401.658	64
Suécia	Estocolmo	Sueco	01/01/1995	Coroa sueca (SEK)	(1)	25/03/2001	438.574	10.230.185	121
União Europeia – totais							4.463.530	513.481.690	

* PPC = Padrão de Poder de Compra. Os níveis de vida podem ser comparados determinando-se o preço de uma série de bens e serviços em cada país em relação ao rendimento, utilizando-se, para o efeito uma moeda virtual comum, denominada PPC. Se for comparado o PIB por habitante em PPC para cada país, obtém-se um panorama dos diferentes níveis de vida na Europa.

Notas:

- (1) Bulgária, Croácia, Romênia e Suécia comprometeram-se a adotar o euro assim que preencherem as condições necessárias.
- (2) Dinamarca e Reino Unido negociaram uma cláusula de não participação no euro, pelo que não são obrigados a adotá-lo.
- (3) Hungria, Polónia e República Tcheca estão preparando a adoção do euro.
- (4) Bulgária, Chipre, e Romênia estão em processo de adesão ao Espaço Schengen.
- (5) Croácia não é membro do Espaço Schengen.
- (6) Irlanda e Reino Unido negociaram uma cláusula de não participação no Espaço Schengen.

(União Europeia/EUROSTAT. Disponível em: <https://europa.eu/european-union/about-eu/countries/member-countries_pt> e <https://europa.eu/european-union/about-eu/figures/living_pt#size>. Acesso em: 17 out. 2019. Adaptado.)



1. **(UFSCar)** – Em 1992, os doze países da União Europeia reuniram-se em Maastricht para deliberar sobre a criação da moeda europeia única – o *euro*, que foi

- prontamente adotado por todos os integrantes do bloco, que consideram a moeda a solução dos problemas econômicos.
- adotado por vários países do bloco, mas encontrou sérias reservas por parte de países como o Reino Unido e a Dinamarca.
- rechaçado por quase todos os países do bloco que exigem liberdade monetária, como é o caso da França e da Alemanha.
- considerado um estopim para divergências internas, pois os países menos ricos, como Portugal, Irlanda e Espanha, se sentiram prejudicados.
- rejeitado após sua implantação, pois representou uma queda acentuada na participação do bloco no comércio mundial.

Resolução:

A negativa de alguns países, como Dinamarca e Reino Unido, em aceitar a moeda única (mesmo tendo condições econômicas para tanto) relaciona-se à perda da independência monetária. A existência de uma moeda nacional permite que o governo dos países manipule o valor da moeda, adaptando-a conforme a conjuntura econômica (por exemplo, controle da inflação, valorização ou desvalorização), o que não é possível quando se participa de uma moeda única, controlada por um banco central.

Resposta: B

2. **(FUVEST)**

- Discorra sobre duas características que demonstram o potencial de influência da União Europeia no mundo contemporâneo.
- Cite e explique duas dificuldades para inserção da União Europeia como potência militar no sistema internacional.

Resolução:

- I. A União Europeia é a única organização econômica internacional praticamente consolidada em termos políticos, econômicos e monetários. É munida de um Parlamento, que permite discutir os problemas internos, servindo como exemplo de harmonia. Essa harmonia se estende também aos aspectos do livre-comércio, em que a união econômica permite a livre circulação de mercadorias. Quanto aos aspectos monetários da UE, sua moeda única, o euro, é hoje uma moeda forte, competindo com o dólar como parâmetro de troca mundial.
 - II. Trata-se do maior conjunto de países de grande desenvolvimento socioeconômico, fato que lhe possibilita uma inserção de destaque na economia mundial.
- I. A União Europeia surgiu a partir do desenvolvimento do Mercado Comum Europeu (MCE), como uma organização **estatutariamente econômica**. As funções militares de defesa foram destinadas a organizações como a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), ou o Conselho de Segurança Europeu. A OTAN, por exemplo, apesar de ser formada por uma maioria de países

europeus, conta com importantes países-membros que não pertencem à Europa, como EUA e Canadá, pois surgiu no contexto da Guerra Fria, momento de confrontação ideológica entre o capitalismo e o socialismo.

- Há dificuldade em criar-se um comando único que facilite a ação bélica em bloco, em razão de divergências de doutrinas militares, rivalidades históricas entre os membros, limitações orçamentárias com gastos militares, políticas pacifistas ou neutralistas de alguns membros.

3. **(UFSCar-Adaptado)** – A União Europeia era composta, em 2003, de 15 países: Alemanha, Áustria, Bélgica, Dinamarca, Espanha, Finlândia, França, Grécia, Irlanda, Itália, Luxemburgo, Países Baixos, Portugal, Reino Unido e Suécia.

A Comissão Europeia, que estuda a adesão de novos países-membros, propôs a entrada, em 2004, de Chipre, Eslovênia, Estônia, Hungria, Letônia, Lituânia, Malta e Polônia e, em 2007, de Romênia e Bulgária.

Considerando o século XX e a história recente dos antigos países-membros da União Europeia e a dos então candidatos a compor esse bloco supranacional, responda:

- Qual o significado geopolítico da adesão dos novos membros?
- Quais as diferenças econômicas entre os antigos países-membros e os novos membros?

Resolução:

- Com a instituição desses novos membros, a **UE** manteve a sua expansão, consolidando-se como a maior organização de integração econômica e política do mundo, caracterizada por união aduaneira e monetária. Além disso, vale ressaltar que ocorreu, pela primeira vez, o ingresso de países que compunham o antigo bloco socialista e integravam o Pacto de Varsóvia, como Polônia, Hungria e Eslovênia, além dos três países bálticos (Lituânia, Letônia e Estônia), que integravam a antiga URSS.
- Com exceção de Malta e Chipre, os países que se associaram à UE entre 2004 e 2007 se caracterizavam, no momento da adesão, pelo trânsito de uma economia planificada para outra de mercado. Essa condição constitui uma diferença em relação ao grupo de países que formavam a UE até 2003 e foi responsável por tornar os então novos membros (cujo padrão socioeconômico é inferior ao da maioria dos membros antigos) dependentes de investimentos financeiros e tecnológicos em relação aos países mais avançados da UE, como Alemanha, França, Reino Unido e Itália.

4. **(UNIP)** – No último dia de fevereiro de 2002, deixaram, de uma vez por todas, de circular moedas como o marco alemão, a lira italiana, o franco francês e o florim holandês. Doze dos países da União Europeia (UE) passaram a ter o euro como moeda comum, exceto:

- Portugal, Espanha e Itália.
- França, Alemanha e Bélgica.

- c) Reino Unido, Dinamarca e Suécia.
- d) Holanda, Luxemburgo e Áustria.
- e) Grécia, Turquia e Suíça.

Resolução:

Reino Unido, Dinamarca e Suécia preferiram manter a independência monetária. Posteriormente, entretanto, a Suécia comprometeu-se a adotar a euro quando preencher as condições necessárias.

Resposta: C

5. **(MODELO ENEM)** – Em 1991, um tratado cujo texto apresenta significativa revisão do Tratado de Roma, de 1957, foi assinado na cidade holandesa de Maastricht. Ele redefine os objetivos e diretrizes político-econômicas de uma comunidade de países que formam um mundo não mais polarizado por duas grandes potências.

O texto refere-se ao tratado assinado pelos

- a) sete países de maior importância do mundo capitalista na busca da adoção de uma política de salvaguarda de seus interesses comuns.
- b) Estados Unidos, Alemanha, França, Japão e Canadá, países que redefinem, além de estratégias econômicas globais para o planeta, meios de incorporação política da Europa Oriental.
- c) países ligados à OTAN que determinam ações imediatas a serem implementadas contra todos os países que, como o Iraque e a Líbia, continuam produzindo armamentos pesados.
- d) países do Mercado Comum Europeu e pelo Japão, os quais reforçam as suas relações político-econômicas voltadas ao fortalecimento de seus programas de ajuda mútua.
- e) países da Comunidade Europeia. A partir desse tratado, definiu-se uma etapa superior de unificação econômica e política, em que se deu a adoção de uma moeda única.

Resolução:

O tratado de Maastrich permitiu a criação da União Europeia, que, além de propósitos econômicos, possui também objetivos políticos.

Resposta: E

6. **(PUC)** – Leia:

No momento em que atravessa sua mais grave crise política e econômica, a União Europeia (UE) celebrou ontem uma conquista histórica: o Prêmio Nobel da Paz de 2012. A decisão do comitê de experts, anunciada no fim da manhã, em Oslo, na Noruega, pegou de surpresa a opinião pública do bloco de 27 países.

(Em crise, União Europeia ganha Nobel da Paz e argumento contra eurocéticos. *O Estado de S. Paulo*, 13 out. 2012, p. A11.)

Sobre o significado desse prêmio dado à União Europeia é correto afirmar que

- a) seu efeito é apenas propagandístico, pois fantasia uma harmonia que haveria no continente, algo falso diante das tensões militares ainda existentes na Europa.
- b) visou um fim econômico, procurando desviar a atenção sobre os problemas econômicos estruturais gerados pela integração das realidades geográfico-nacionais da Europa.
- c) trata-se de um reconhecimento ao papel da União Europeia, que tem agido contra as intervenções em países estrangeiros, como no caso da ação no Iraque, realizada pelos EUA.
- d) entendeu-se que a integração de realidades geográfico-nacionais em uma entidade mais ampla elimina de vez as motivações para conflitos, que no passado foram tão nefastos.
- e) buscou estimular a continuidade das políticas diplomáticas e econômicas da União Europeia junto às suas ex-colônias, mergulhadas em infundáveis conflitos internos.

Resolução:

A moeda única, o Euro, só passou a receber essa denominação ao final dos anos 1990. Antes foi alcunhada ECU, Unidade Corrente Europeia.

Resposta: D



EXERCÍCIOS-TAREFA

7. **(UNIP – Adaptado)** – Sobre a União Europeia, analise as afirmações a seguir:
- I. É composta de todos os países europeus que se opuseram ao socialismo soviético.
 - II. Abrange, principalmente, os países mais ricos do Leste Europeu.
 - III. É um bloco econômico que busca a livre circulação de mercadorias e serviços, contendo 28 países-membros.
 - IV. Abriga uma grande quantidade de países, dos quais se destacam a Alemanha, a França, a Itália e o Reino Unido.

Assinale a alternativa correta.

- a) Apenas as afirmações I e IV estão corretas.
- b) As afirmações I, II, III e IV estão incorretas.
- c) Apenas as afirmações I e II estão corretas.
- d) Apenas as afirmações III e IV estão corretas.
- e) Apenas as afirmações I e III estão corretas.

8. **(ACAFE-SC – Adaptado)** – Embora não seja recente, a tendência de regionalização do mundo em blocos econômicos acelerou-se no final da década de 1980 e durante a década de 1990. Isso coincide com o fim da Guerra Fria e com o processo da globalização. A expansão capitalista encontra barreiras para a livre circulação de capitais e mercadorias, e a criação de blocos econômicos é uma tentativa de diminuir essas barreiras em escala regional. Entre esses blocos econômicos, emerge a União Europeia.

Sobre a União Europeia, é **incorreto** afirmar:

- a) Os países europeus, para fazer frente à ameaça comunista, de um lado, e à hegemonia do capitalismo norte-americano, de outro, acabaram com antigas rivalidades e aprofundaram a integração, como forma de fortalecimento de suas economias.
- b) A adoção do euro como moeda única tem como objetivo não só facilitar as transações comerciais e bancárias entre os

países-membros da União Europeia, mas também resolver as diferenças socioeconômicas entre eles.

- c) A maioria dos países-membros da União Europeia colocou em prática as quatro “liberdades”, representadas pela livre circulação de mercadorias, de serviços, de capitais e de pessoas, que caracterizou a existência de um mercado comum.
- d) A União Europeia é o bloco econômico mais bem estruturado e se encontra no estágio de união econômica e monetária, tendo já superado as etapas relativas ao livre-comércio, união aduaneira e mercado comum.
- e) O euro é a única moeda circulante na União Europeia, com exceção do Reino Unido, Dinamarca e Suécia, que preferiram avaliar melhor os desdobramentos dessa adoção, decidida no Tratado de Maastricht.

9. **(UNIFOA)** – O “Tratado de Maastricht”, assinado em dezembro de 1991, teve por objetivo
- a) a “Iniciativa pelas Américas”, que é a proposta dos EUA para um único mercado continental.
 - b) um acordo entre Israel e a OLP, transferindo o poder aos palestinos na Cisjordânia.
 - c) a reunificação da Alemanha, devido à queda do Socialismo na antiga Alemanha Oriental.
 - d) a criação da CEI e extinção da URSS.
 - e) a unificação monetária do continente europeu, para expandir melhor a sua integração econômica.

10. **(MACKENZIE)** – Com a consolidação da União Europeia, especialistas previram uma nova “guerra comercial” entre os países europeus e os Estados Unidos, envolvendo a exportação de produtos agropecuários, porque
- a) a produtividade agropecuária dos Estados Unidos é baixa, o que torna os produtos americanos pouco competitivos.
 - b) as diferenças climáticas entre as duas áreas favorecem os produtores europeus que colhem suas safras em pleno inverno americano.
 - c) a agropecuária europeia é fortemente subsidiada pelos governos.
 - d) na maior parte da Europa predominam técnicas agropecuárias de baixa produtividade.
 - e) ambas as áreas disputam os mercados dos países subdesenvolvidos.

11. **(FUVEST – Adaptado)** – *Uma das inquietações fundamentais da atualidade, dentro do processo de globalização, consiste em se indagar sobre o que irá prevalecer no comércio internacional: multilateralismo ou regionalismo? Para gerenciar o comércio internacional e fortalecer o multilateralismo, foi criado (a) em 1995 _____, com sede em Genebra (Suíça), substituindo _____, de 1947.*

(Sene e Moreira, 1998. Adaptado.)

As lacunas devem ser preenchidas, respectivamente, por:

- a) o G7 – o GATT.
- b) o G7 – a OMC.
- c) a OMC – o GATT.

- d) o GATT – o BIRD.
- e) a OMC – o BIRD.

12. **(UNIRIO)** – A União Europeia estabeleceu uma moeda única – o euro. Eram doze países participantes até 2002. Qual a principal consequência econômica esperada da adoção do euro no âmbito dessa Comunidade?
- a) Diminuição dos preços dos produtos e diminuição da inflação, apesar do aumento do déficit público.
 - b) Eliminação dos custos relacionados às taxas de câmbio entre os países do acordo.
 - c) Fortalecimento do dólar como moeda internacional, já que o euro será utilizado somente nas transações intracomunidade.
 - d) Elevação das taxas cambiais, favorecendo a especulação financeira, mas dificultando o desenvolvimento das atividades produtivas.
 - e) Falência de instituições bancárias provocada pela inflação zero e pelo congelamento dos custos cambiais em 30% do valor do marco alemão.
13. **(VUNESP)** – Após a Segunda Guerra Mundial, os países europeus depararam-se com uma nova realidade político-econômica mundial, em função da ascensão de duas superpotências, Estados Unidos e União Soviética, além da perda dos mercados que tradicionalmente dominavam.
- a) Qual foi a principal providência tomada por estes países, na década de 1950, para fazer frente a esta nova situação?
 - b) Qual a principal meta estabelecida pelo Tratado de Maastricht, a partir de 1991?
14. **(MODELO ENEM)** – O desemprego atinge, em maior ou menor escala, todos os países europeus. Para muitos desses países, os imigrantes são os grandes responsáveis por esse flagelo social. Tal problema, no entanto, nada tem a ver com os imigrantes, que exercem, na sua maioria, trabalhos de baixa qualificação.

Com base nas informações e nos conhecimentos sobre a economia e a imigração na Europa, pode-se concluir:

- a) O desemprego, na Europa, abrange apenas a faixa do trabalhador que atinge a idade de ingressar no mercado de trabalho, por não possuir ainda a qualificação e a experiência necessárias.
- b) A imigração, na Europa, é um fenômeno recente e se intensificou com o agravamento dos problemas econômicos nas antigas colônias e nos países subdesenvolvidos.
- c) A xenofobia, na Europa, tem diminuído, principalmente após a queda do Muro de Berlim.
- d) O único país da Europa que dificulta a entrada de imigrantes latino-americanos é a França, porque tem leis específicas para proibir a entrada de estrangeiros no país.
- e) Os imigrantes do Leste Europeu não sofrem nenhuma discriminação na Europa Ocidental.

15. (UNAERP) – Analise a tabela e indique a alternativa que melhor expressa a realidade:

Países	PIB <i>per capita</i> (US\$ paridade do poder de compra)	População urbana (%)	Força de trabalho agrícola (%)	
			PEA* masculina	PEA* feminina
Luxemburgo	34.460	100	não há	não há
Dinamarca	22.740	85	7	3
Bélgica	22.370	97	3	2
Áustria	21.980	64	6	8
França	21.860	75	6	5
Holanda	21.340	89	5	2
Alemanha	21.300	87	4	4
Grã-Bretanha	20.520	89	3	1
Itália	20.060	67	7	7
Suécia	19.030	83	5	2
Finlândia	18.980	64	10	5
Irlanda	16.740	58	16	3
Espanha	15.720	77	11	7
Portugal	13.840	37	10	12
Grécia	13.080	60	19	23

* População Economicamente Ativa (PEA).

(Banco Mundial. *World Development Indicators*, 1999.)

- O espaço heterogêneo da União Europeia exhibe uma descontinuidade principal, constituída pelos países e regiões mediterrâneas do continente, que dependem de atividades agropecuárias.
- A população urbana é maior em países do Leste Europeu.
- Os maiores PIBs *per capita* são de países que possuem menor população urbana e maior força de trabalho agrícola.
- A presença feminina na força de trabalho agrícola cresceu mais nos países menos desenvolvidos, devido aos aumentos salariais que aí ocorreram.
- A força de trabalho agrícola masculina é maior nos países onde o movimento feminista foi mais intenso.

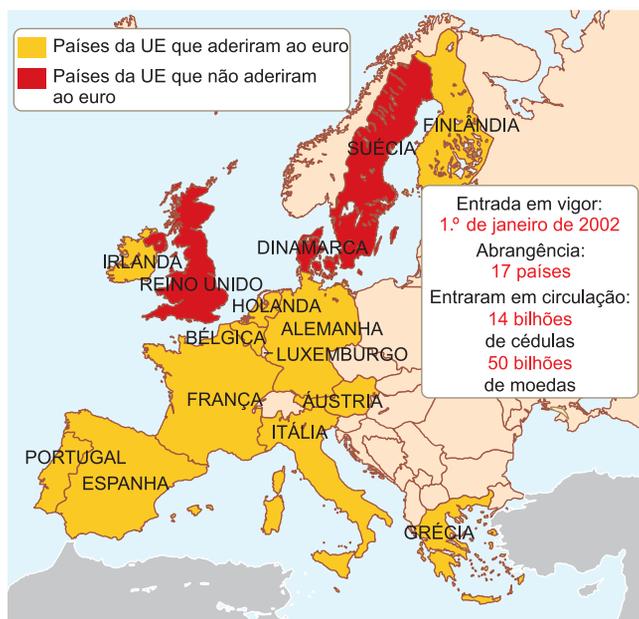
16. (UNIFENAS – Adaptado) – “Euro, o nosso dinheiro.”

Foi com este *slogan*, em 2002, que as emissoras de TV dos 12 países que optaram pela adoção da moeda única europeia informaram a população sobre como ela deveria proceder quanto ao acesso às novas notas e moedas, em substituição ao dinheiro local.

Sobre o euro, é correto afirmar:

- Com a adoção da nova moeda, a Europa saiu fortalecida e, junto à união alfandegária sob inspeção da União Europeia (UE) já consolidada, tornou-se o continente de maior poder econômico e geopolítico mundial.
- A oficialização da distribuição do euro, em 2002, selou o compromisso do Tratado de Maastricht, que, assinado em 1991, determinou para o ano de 1999 a instituição de uma moeda única para circulação no continente e previu, na ocasião, a definição de uma política externa e de segurança comum.
- A “Euroland”, área que abrange os países que adotaram o euro, apresentava, em 2017, um Produto Interno Bruto (PIB) superior ao norte-americano e ao japonês, concorrendo num futuro muito próximo para uma condição de disputa de poder hegemônico monetário dentro do G-8.
- Das nações da Europa Centro-Occidental, o Reino Unido e a Dinamarca não aderiram ao euro, pois temiam que a perda de suas moedas nacionais provocasse a desestruturação do mercado acionista, comprometendo o padrão socioeconômico e empresarial interno.
- Para aderir ao euro, os 12 países-membros cumpriram vários critérios de convergências, entre eles, a redução da dívida pública, da inflação, da posição xenófoba em relação ao mundo periférico, além das restrições de entrada ao imigrante no continente, permitindo, assim, a livre circulação de pessoas, bens e serviços em todos os países da “Euroland”.

17. (ESPM-Adaptado) – A respeito da implantação do euro na União Europeia, considere o mapa abaixo e assinale a alternativa correta:



(O Estado de S. Paulo, 22 jul. 2001. Adaptado.)

- O Reino Unido e a Alemanha, duas das principais economias europeias, negaram-se a adotar o euro.
- A adoção do euro implicaria a obtenção do estágio mais avançado de integração já registrado em um bloco econômico no mundo.
- A adoção de uma moeda comum era considerada inapropriada por países do bloco menos desenvolvidos economicamente, tais como Portugal e Espanha.

- A Finlândia, mesmo sendo um dos últimos países a fazerem parte da União Europeia, já integrava a Zona do Euro.
- A partir do início da circulação do euro em 1.º/1/2002, as moedas locais dos países que o adotaram e poderiam circular apenas por mais um ano.

18. (PUC) – Na União Europeia, até mesmo nos países do capitalismo avançado, 11,5% da população economicamente ativa está desempregada, o que corresponde a 23 milhões de pessoas.

Sobre o texto, é correto afirmar que

- o peso da taxa de desemprego é resultante da queda do muro de Berlim, que aumentou consideravelmente a população desempregada, pois os países do antigo Mercado Europeu, anterior a Maastricht, possuíam índices de desemprego próximos do zero.
- a União Europeia não resolveu a crise do desemprego, mas resolveu de forma eficiente outras dimensões da vida política e econômica dos respectivos países.
- a taxa de desemprego colocada pelo texto é apenas conjuntural e tende a desaparecer assim que o Projeto da União Europeia estiver completado.
- a taxa de desemprego na União Europeia é considerada estrutural, pois, na situação de crise, observa-se sua expansão e, na fase de ascensão econômica, a sua diminuição.
- as taxas de desemprego são diferentes de país para país e, no momento em que a União Europeia conseguir uma moeda única, o índice de desemprego diminuirá sensivelmente neste bloco.

19. (PUC-Camp) – O Tratado de Roma, em 1957, estabeleceu novos princípios na forma de intervenção dos Estados na organização do capital. Esses princípios resultaram na criação do Mercado Comum Europeu, cujo objetivo consistia

- na livre importação e exportação de produtos, na circulação de mão de obra, na igualdade de direitos dos trabalhadores e na uniformização das tarifas aduaneiras entre os países-membros.
- na formação de uma aliança de países europeus, liderados pela França e Alemanha Ocidental, estabelecendo acordos militares, visando conter os avanços do socialismo soviético.
- no acordo para a redefinição do mapa político da Europa, principalmente das fronteiras da França, Bélgica, Luxemburgo, Alemanha e Itália, a fim de eliminar as discórdias decorrentes dos conflitos bélicos, nas décadas de 1930 e 1940.
- na organização de um poder político unificado de todos os países europeus, com a finalidade de promover a desmilitarização das superpotências.
- na superação das rivalidades entre os países europeus, em especial da anglo-francesa, como forma de realizar o grande sonho dos antigos romanos da construção de uma Europa unida.

20. (UEPB) – Entre os principais motivos que impulsionaram a formação da União Europeia, está a possibilidade

- de os países-membros mais ricos explorarem a mão de obra barata dos países mais pobres, como é o caso de Portugal, Grécia e do sul da Itália.

- b) de criação de um imenso mercado consumidor com aproximadamente 360 milhões de pessoas com alto poder de compra.
- c) de formar um grande poderio bélico capaz de rivalizar com os Estados Unidos.
- d) de produzir em larga escala para ampliar suas exportações, o que representa a base da economia europeia.
- e) de criar barreiras alfandegárias e dificultar a entrada, no mercado europeu, dos blocos econômicos já consolidados, como é o caso do Nafta e do Mercosul.

21. (UFLA-Adaptado) – Observe o seguinte texto:

TÍTULO I – Disposições Gerais

Artigo B – À União atribuem-se os seguintes objetivos: a promoção de um progresso econômico e social equilibrado mediante a criação de um espaço sem fronteiras internas e estabelecimento de uma União Econômica e Monetária, a adoção de uma moeda única e a execução de uma política externa e de sua segurança.

(União Europeia – 7 fev. 1992, Maastricht, Holanda.)

Após o Tratado de Maastricht (1992), a União Europeia ou “Europa dos 15” firmou-se no caminho da união econômica e monetária; prova disso é a adoção do euro.

Todas as alternativas abaixo apresentam três países que compunham a Europa dos 15, **exceto**:

- a) Bélgica, Eire, Luxemburgo.
- b) Alemanha, Itália, França.
- c) Portugal, Suécia, Finlândia.
- d) Grécia, Reino Unido, Áustria.
- e) Rússia, Ucrânia, Moldova.

22. (MODELO ENEM) – Observe a tabela apresentada abaixo.

Organizações Econômicas Regionais			
Organismo	Data de entrada em vigor	População (em milhões de hab. – 1994)	Porcentagem do PIB mundial (1993)
I	1993 (aprovada em 1991)	369	29%
II	1994 (iniciada em 1988)	377	31%
III	1989 (oficializada em 1993)	50% da pop. mundial	40%

(Jean-Pierre Paulet. *La géographie du monde*. Paris: Nathan, 1997, p. 46. Adaptado.)

Com base nos dados apresentados e em conhecimentos sobre o assunto, é possível inferir que os organismos representados na tabela são, respectivamente,

- a) OPEP, União Europeia e OCDE.
- b) NAFTA, OCDE e MERCOSUL.
- c) MERCOSUL, ALCA e Nafta.
- d) ALCA, APEC e OPEP.
- e) União Europeia, NAFTA e APEC.

23. (UESOBA) – Cerca de 306 milhões de pessoas, habitantes de 12 países europeus, passaram a usar, desde janeiro de 2002, a mesma moeda: o euro. Deste número **não** fazem parte os habitantes
- a) da Alemanha e França.
 - b) da França, Itália e Alemanha.
 - c) da Itália e Dinamarca.
 - d) do Reino Unido, Dinamarca e Suécia.
 - e) de Portugal, Suécia e Itália.

24. (VUNESP) – Os países-membros da União Europeia assinaram na cidade de Maastricht um tratado que leva o seu nome e que tem, entre outros, como objetivo

- a) acelerar a integração econômica entre a União Europeia e o Mercosul.
- b) promover acordos com o intuito de estabelecer um padrão inflacionário único.
- c) acelerar a integração econômica entre a União Europeia e a APEC.
- d) acelerar a integração econômica entre a União Europeia e a CEI.
- e) promover acordos com o objetivo de estabelecer a união monetária, ou seja, a moeda única.

25. (UFRO) – (...) *Nesta virada de ano [de 1998 para 1999], a União Europeia embarca numa experiência inteiramente diferente, redefinindo um continente inteiro pela criação de uma moeda única (...). Júlio César, Carlos Magno, Napoleão ou Hitler, nenhum conquistador foi capaz de unir permanentemente pela força um continente marcado pela riqueza de culturas, políticas, mercados e rivalidades nacionais com profundas raízes históricas (...)*

(Sob a mesma moeda. *Veja*, 23 dez. 1998.)

Sobre a temática abordada, assinale a afirmativa correta.

- a) Todos os países-membros da União Europeia adotaram o euro a partir de 1º de janeiro de 1999.
- b) Em 1º de janeiro de 1999, foi lançado o euro, considerado o grande símbolo da União Europeia, adotado por onze dos então quinze países-membros.
- c) A integração econômica dos países da União Europeia foi conseguida através da força usada pelo primeiro-ministro alemão Helmut Kohl.
- d) Não houve um período de adaptação dos europeus à nova moeda. A partir de 1º de janeiro de 1999, todos os preços foram fixados somente em euro.

26. (UNIP) – Esse país ingressou na UE em 1986 e passou a apresentar grande crescimento econômico. Apesar de parecer ter acertado seu caminho, diante da recente fase de prosperidade, ainda tem como base econômica a produção de gêneros agrícolas mediterrâneos, seus derivados e o turismo.

Trata-se de/de

- a) Alemanha.
- b) França.
- c) Portugal.
- d) Suíça.
- e) Noruega.

27. (MODELO ENEM)

TRATADO DA UNIÃO EUROPEIA

Título I – Disposições comuns

Artigo B – À União atribuem-se os seguintes objetivos: A promoção de um progresso econômico e social equilibrado mediante a criação de um espaço sem fronteiras internas e estabelecimento de uma União Econômica e Monetária, a adoção de uma moeda única e a execução de uma política externa e de segurança comum.

(Tratado da União Europeia, assinado em 7 de fevereiro de 1992, em Maastricht, Holanda.)

O Tratado de Maastricht, assinado pelos chefes de Governo dos doze países-membros iniciais da União Europeia (UE), delimitou os principais fundamentos para uma Nova Ordem Europeia.

A alternativa que **não** apresenta uma consequência do que foi discutido em Maastricht é:

- a) A adoção de políticas comuns no âmbito externo e de defesa.
- b) A criação de um Banco Central único para os doze países.
- c) A livre circulação de pessoas e mercadorias entre os países-membros.
- d) A substituição das moedas dos doze países-membros iniciais da UE pelo marco alemão.
- e) A possibilidade de votar e ser votado para cargo municipal independentemente da nacionalidade.

28.



Em dezembro de 1998, um dos assuntos mais veiculados nos jornais era o que tratava da moeda única europeia. Leia a notícia destacada abaixo.

O nascimento do euro, a moeda única a ser adotada por onze países europeus a partir de 1.º de janeiro, é possivelmente a mais importante realização deste continente nos últimos dez anos que assistiu à derrubada do Muro de Berlim, à reunificação das Alemanhas, à libertação dos países da Cortina de Ferro e ao fim da União Soviética. Enquanto todos esses eventos têm a ver com a desmontagem de estruturas do passado, o euro é uma ousada aposta no futuro e uma prova da vitalidade da sociedade europeia. A “Euroland”, região abrangida por Alemanha, Áustria, Bélgica, Espanha, Finlândia, França, Holanda, Irlanda, Itália, Luxemburgo e Portugal, tem um Produto Interno Bruto (PIB) equivalente a quase 80% do americano, 289 milhões de consumidores e responde por cerca de 20% do comércio internacional. Com este cacife, o euro vai disputar com o dólar a condição de moeda hegemônica.

(Gazeta Mercantil, 30 dez.1998.)

A matéria refere-se à “desmontagem das estruturas do passado” que pode ser entendida como

- a) o fim da Guerra Fria, período de inquietação mundial que dividiu o mundo em dois blocos ideológicos opostos.
- b) a inserção de alguns países do Leste Europeu em organismos supranacionais, com o intuito de exercer o controle ideológico no mundo.

- c) a crise do capitalismo, do liberalismo e da democracia levando à polarização ideológica da antiga URSS.
- d) a confrontação dos modelos socialista e capitalista para deter o processo de unificação das duas Alemanhas.
- e) a prosperidade das economias capitalista e socialista, com o conseqüente fim da Guerra Fria entre EUA e a URSS.

29.



Com a perspectiva do desaparecimento das geleiras no Polo Norte, grandes reservas de petróleo e minérios, hoje inacessíveis, poderão ser exploradas. E já atizam a cobiça das potências.

(D. Kopp. Guerra Fria sobre o Ártico.

Le monde diplomatique Brasil. n. 2, set. 2007. Adaptado.)

No cenário de que trata o texto, a exploração de jazidas de petróleo, bem como de minérios – diamante, ouro, prata, cobre, chumbo, zinco –, torna-se atraente não só em função de seu formidável potencial, mas também por

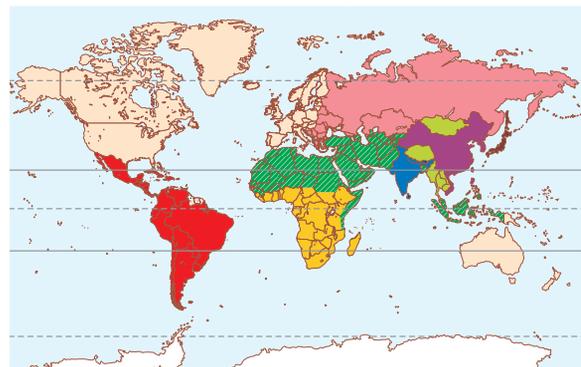
- a) situar-se em uma zona geopolítica mais estável que o Oriente Médio.
- b) possibilitar o povoamento de uma região pouco habitada, além de promover seu desenvolvimento econômico.
- c) garantir, aos países em desenvolvimento, acesso a matérias-primas e energia, necessárias ao crescimento econômico.
- d) contribuir para a redução da poluição em áreas ambientalmente já degradadas devido ao grande volume da produção industrial, como ocorreu na Europa.
- e) promover a participação dos combustíveis fósseis na matriz energética mundial, dominada, majoritariamente, pelas fontes renováveis, de maior custo.

30.



Segundo Samuel Huntington (autor do livro *O choque das civilizações e a recomposição da ordem mundial*), o mundo está dividido em nove “civilizações”, conforme o mapa abaixo. Na opinião do autor, o ideal seria que cada civilização principal tivesse pelo menos um assento no Conselho de Segurança das Nações Unidas.

O MUNDO DAS CIVILIZAÇÕES PÓS-1990



- OCIDENTAL: Estados Unidos, Canadá, UE, Suíça, Austrália, Nova Zelândia, Israel.
- ORTODOXA: Rússia, Ucrânia, Belarus, Sérvia.
- LATINO-AMERICANA: México, América Central e América do Sul.
- AFRICANA: África Subsaariana.
- ISLÂMICA: norte da África, Oriente Médio, Ásia Central, Paquistão, Bangladesh, Indonésia, Malásia.
- JAPONESA: Japão.
- CHINESA OU SÍNICA: China, Cingapura, Taiwan, Coreia do Norte, Camboja.
- HINDUÍSTA: Índia, Sri Lanka, Nepal, Butão.
- BUDISTA: Tailândia, Mianmar, Laos, Camboja.

Sabendo-se que apenas EUA, China, Rússia, França e Inglaterra são membros permanentes do Conselho de Segurança e analisando-se o mapa, pode-se concluir que

- atualmente apenas três civilizações possuem membros permanentes no Conselho de Segurança.
- o poder no Conselho de Segurança está concentrado em torno de apenas dois terços das civilizações citadas pelo autor.
- o poder no Conselho de Segurança está desequilibrado, porque seus membros pertencem apenas à civilização ocidental.
- existe uma concentração de poder, já que apenas um continente está representado no Conselho de Segurança.
- o poder está diluído entre as civilizações, de forma que apenas a África não possui representante no Conselho de Segurança.



(Berlim, 9 de novembro de 1989: queda do Muro.)

Disponível em: <www.berlin.de/berlin-im-ueberblick>.)

A Queda do Muro de Berlim, em 1989, pode ser analisada sob vários enfoques. Assinale a alternativa que pode representar uma dessas interpretações.

- Consolidação do comunismo na República Democrática Alemã.
- Vitória do capitalismo neoliberal sobre o socialismo real.
- Incorporação dos países da Europa do Leste ao Mercado Comum Europeu.
- Fortalecimento da presença soviética no cenário político da Europa.
- Estancamento da migração de alemães-orientais para o território da República Federal da Alemanha.

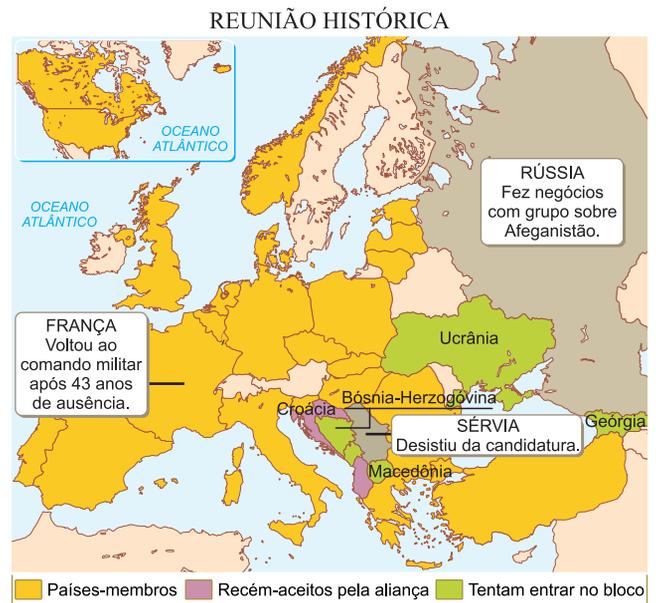
31.  A Turquia e a União Europeia estão em negociações, visando à entrada daquele país no bloco europeu. No entanto, há ainda muito ceticismo a respeito dessa possibilidade, pois são inúmeras as dificuldades para a concretização de tal propósito. Entre elas, destacam-se:
- A Turquia, por não pertencer à Otan, fortalece os argumentos contra a entrada de um país muçulmano no bloco de países cristãos do Ocidente.
 - O Irã e o Iraque não aceitam que um país muçulmano possa ser abrigado no bloco de países tipicamente cristãos.
 - Os custos de integração seriam muito altos, havendo necessidade de alteração na política agrícola da União Europeia, além do temor em relação ao fato de a Turquia, país muçulmano, vir a ser o mais populoso do bloco.
 - A Turquia não conseguiu realizar, até hoje, a “revolução secular”, que separa a Igreja do Estado.
 - Os Estados Unidos são contra, pelo temor do fortalecimento de um país muçulmano, que pode criar problemas na Otan, em virtude de sua posição estratégica.

32.  Observe as ilustrações:



(Berlim, 13 de agosto de 1961: construção do Muro.
Disponível em: <www.bbc.co.uk/portuguese/especial>.)

33.  Observe o mapa:



(O Estado de S. Paulo, 3 abr. 2009.)

- Em abril de 2009, a cúpula celebra 60 anos da organização.
- O encontro oficializou o retorno dos franceses à estrutura militar integrada da aliança.
- A organização está passando por uma reforma de seu conceito estratégico – a diretriz que determina temas geopolíticos delicados, como a expansão da organização.

- IV. A cúpula marca a terceira ampliação para o Leste Europeu, com a incorporação da Albânia e da Croácia como membros.
V. Um dos temas mais polêmicos da reunião foi a discussão sobre a adesão da Geórgia e da Ucrânia na organização.

Os países assinalados no mapa e as afirmações identificam a

- a) OTAN.
- b) ONU.
- c) OMC.
- d) OCDE.
- e) APEC.

34.  Em meados de 2005, o eleitorado francês e, posteriormente, o holandês foram convocados para referendar a nova Constituição europeia. A vitória do “não” colocou em xeque algumas propostas de unificação do comando político, deixando temeroso o futuro da União Europeia. Além disso, por trás do referendo, havia outro problema:

- a) a admissão da Romênia como membro da organização, o país mais pobre da Europa, o que poderia desequilibrar o jogo de forças no mercado de trabalho.
- b) a ausência da Noruega, membro da Otan, que se recusa a entrar na UE por receio de perder sua autonomia administrativa.
- c) o temor de muitos países europeus com as pretensões da Turquia de entrar para a organização, o que poderia ser um caminho para um derrame de mão de obra asiática no mercado de trabalho europeu.
- d) a entrada dos países bálticos em 2004 e, com eles, o aumento da influência russa na economia europeia.
- e) o descontrole da imigração, principalmente do norte da África, pois a nova Constituição seria muito permissiva nesse quesito.



RESPOSTAS DOS EXERCÍCIOS-TAREFA

7) D

8) B

9) E

10) C

11) C

12) B

14) B

15) A

16) D

17) D

18) B

19) A

20) B

21) E

22) E

23) D

24) E

25) B

26) C

27) D

28) A

29) A

30) A

31) C

32) B

33) A

34) C

Geografia Geral
A ANTIGA URSS E OS PAÍSES ESLAVOS**4***R*enascimento do poder e da ameaça nuclear**“Potências reduzem, mas modernizam arsenais nucleares**

O armamento nuclear mundial ficou 4% menor em 2018 em decorrência dos tratados internacionais assinados pelas grandes potências. No entanto, estas mesmas potências mundiais têm impulsionado programas de modernização de seus arsenais, segundo um relatório apresentado em 17/06/2019 pelo Instituto Internacional de Estudos da Paz de Estocolmo (SIPRI).

Os nove países que possuem armas nucleares – Rússia, Estados Unidos, Reino Unido, França, China, Índia, Paquistão, Israel e Coreia do Norte – tinham, no começo de 2019, 13.865 armas do tipo, das quais 3.750 estavam posicionadas e outras 2 mil estavam em estado de alerta operacional. Em 2018, eram 14.465 armas nucleares.

O SIPRI estimou uma diminuição de cerca de 600 armas nucleares em relação a 2018. No entanto, embora haja menos armas nucleares, as existentes são mais modernas. China, Índia e Paquistão, por exemplo, expandiram ou estão expandindo seus arsenais atômicos.

A conclusão principal é que, apesar da diminuição geral no número de armas nucleares em 2018, todos os estados que possuem armamento desse tipo continuam modernizando seus arsenais’, afirmou em comunicado o diretor do SIPRI, Khan Eliasson.

A redução segue a tendência dos últimos anos e se deve à implementação do Tratado de Redução de Armas Estratégicas (New START) de 2011, assinado por EUA e Rússia, que possuem juntos mais de 90% do arsenal nuclear no mundo.

Em 2019, os EUA tinham um total de 6.185 ogivas nucleares estacionadas, na reserva ou destinadas à demolição – em 2018, havia 6.450. A Rússia possuía 6.500 ogivas nucleares no início de 2019 – 350 a menos que no ano anterior.

No entanto, os dois países iniciaram programas abrangentes e caros de modernização de suas ogivas, foguetes e lançadores, sistemas de aviões e de mísseis, assim como instalações de produção.

Neste contexto, o SIPRI se mostrou particularmente preocupado, especialmente porque o tratado New START expirará em 2021, e Washington e Moscou ainda não iniciaram discussões sobre o prolongamento do acordo.

As perspectivas para que haja uma redução negociada dos arsenais russos e americanos parecem mais improváveis tendo em vista as diferenças políticas militares entre os dois países’, advertiu o SIPRI no relatório.

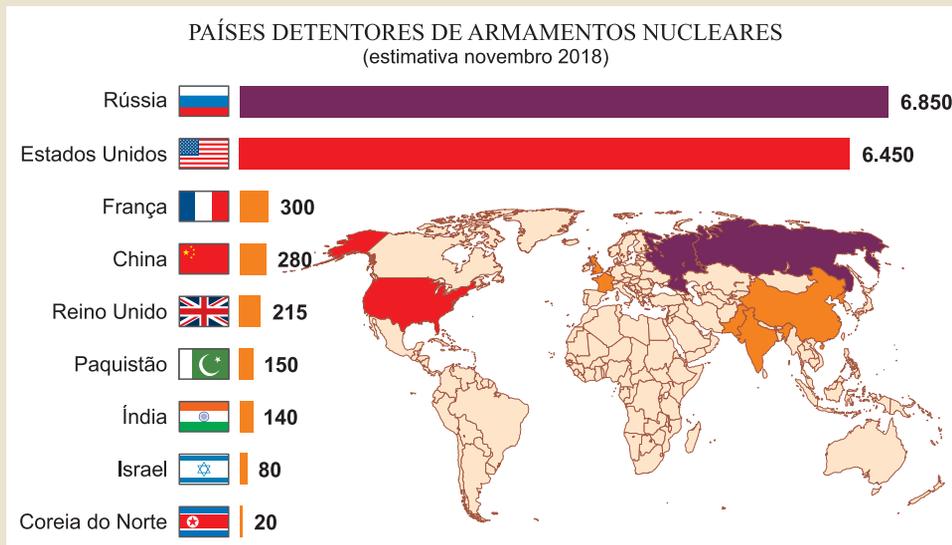
O tratado New START foi assinado em 2010 pelos então presidentes Barack Obama e Dmitri Medvedev. O acordo prevê a redução do número de ogivas nucleares prontas para uso para 1.550 unidades por país, além de um

limite de 800 lançadores. No auge da Guerra Fria, em meados da década de 1980, havia cerca de 70 mil ogivas nucleares no planeta.

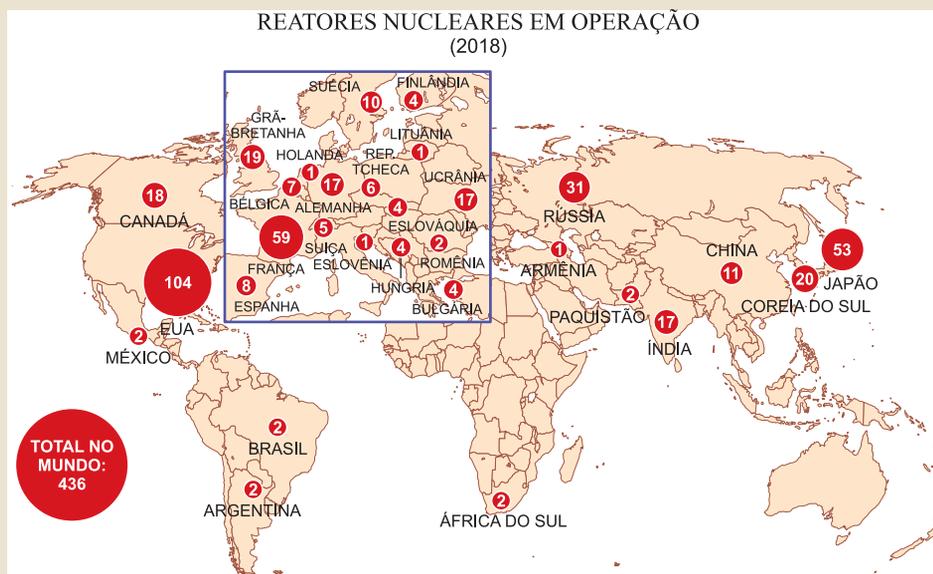
Apenas ogivas nucleares em Rússia, EUA, França e Reino Unido são consideradas imediatamente prontas para uso. O SIPRI estimou as seguintes quantidades de ogivas nucleares em posse das outras potências mundiais: França (300), Reino Unido (200), China (290), Israel (80-90), Índia (130-140), Paquistão (150-160) e Coreia do Norte (20-30).

O SIPRI ressalta no relatório a considerável variação que existe na informação confiável sobre o estado dos arsenais e as capacidades dos Estados, especialmente no caso de Coreia do Norte e de Israel.”

(Deutsche Welle, 17 jun. 2019. Adaptado.)



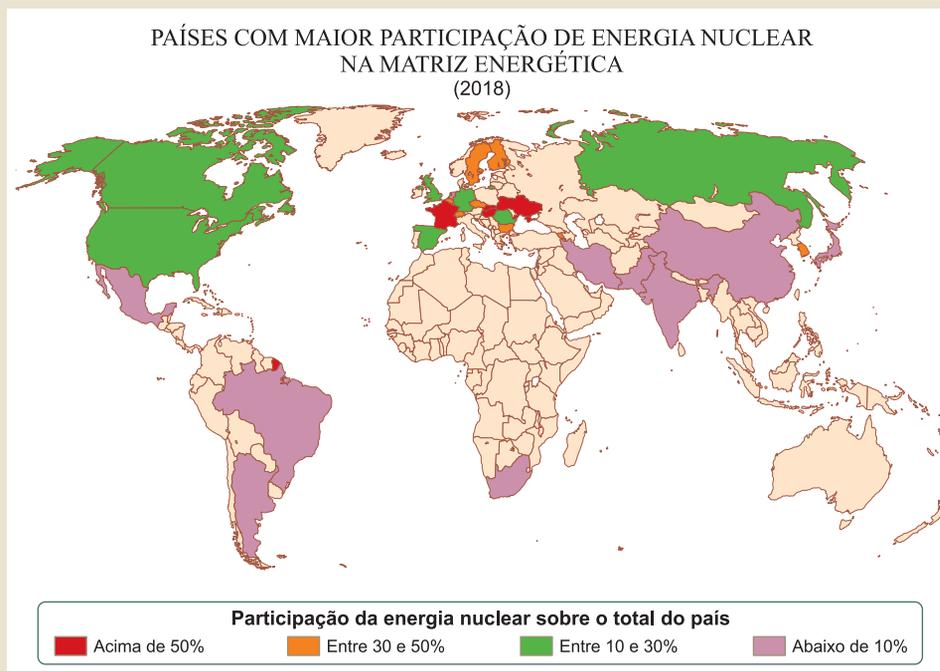
(Statista.)



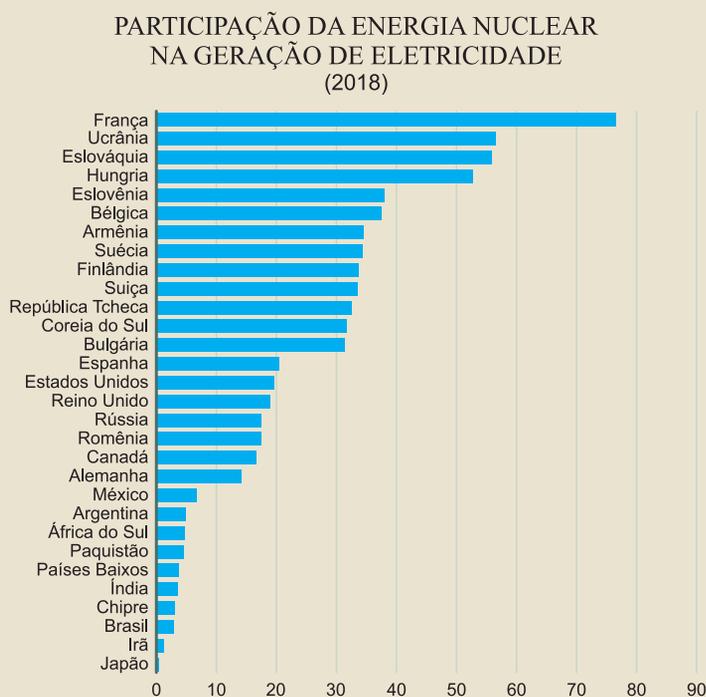
(World Nuclear Association.)

O uso da energia nuclear na Europa envolve discussões que sofrem marchas e contramarchas conforme situações se sucedem no mundo. Em 2011, após o acidente nuclear que envolveu a usina Fukushima no Japão, as autoridades da Alemanha chegaram a cogitar sobre fechar totalmente suas usinas nucleares, ideia que foi, mais tarde,

abandonada. Quanto aos armamentos nucleares, as mudanças ocorrem ao sabor das injunções e tendências políticas vigentes no momento. O presidente americano Donald Trump, em seu governo de 2016 a 2020, denunciou acordos assinados na década de 1970 (conhecidos como SALT), o que coloca em risco o processo de desarmamento de EUA e Rússia (que herdou os armamentos da antiga URSS). Isso pode trazer como consequência um provável rearmamento russo e uma corrida armamentista nos países europeus membros da OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte), aliados dos EUA.



(AIEA – Agência Internacional de Energia Atômica.)



(AIEA – Agência Internacional de Energia Atômica.)

1. Histórico

REPÚBLICAS DA ANTIGA URSS



O território da antiga URSS faz parte do continente euro-asiático, ou seja, abrange terras tanto da Europa como da Ásia. Com uma área de 22.157.600 km², faz fronteira com 12 países.

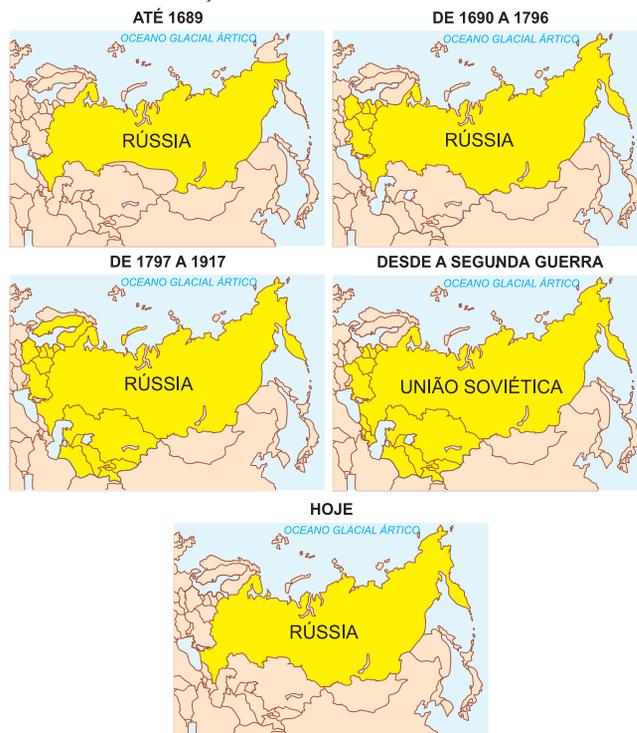
A fronteira ocidental da antiga URSS é feita com países do leste e do norte europeu, numa região de fácil acesso. Já a fronteira sul é montanhosa, dificultando a comunicação com os países limítrofes, como Irã, Afeganistão, Turquia, Mongólia e China. Cerca de dois terços das fronteiras são marítimas, porém situados em sua maior parte no Oceano Glacial Ártico, o que dificulta muito a navegação. A fronteira oriental é feita com o Mar do Japão, com um litoral pouco povoado.

A URSS teve origem na Rússia, a partir da Revolução de Outubro de 1917, que instituiu o socialismo no país. Em 1922, estava formada a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), que contava inicialmente com 12 repúblicas, todas emergentes da antiga área de influência do Império Russo. As 15 repúblicas se completaram em 1945 com o final da Segunda Guerra Mundial, quando Letônia, Estônia e Lituânia foram ocupadas pelo Exército Vermelho, e houve retirada dos alemães.

A URSS instituiu-se em 1922 como um país de economia socialista (após a Revolução de 1917-22), com planejamento controlado pelo Estado e existência de um único partido, o Comunista. O Estado passou a controlar a renda obtida pelo trabalho por meio de um Ministério de Planejamento (o Gosplan), criado em 1921. O ano de 1927 marcou o processo de coletivização das terras. Naquele ano, o Gosplan passou a estabelecer planos quinquenais que regiam o funcionamento de toda a economia. Na área agrícola, foram criadas duas estruturas produtivas: os *kolkhozes*, cooperativas agrícolas compostas de pequenas propriedades nas quais o agricultor podia

usufruir de parte da produção; e o *sovkhoze*, fazenda estatal coletiva, geralmente experimental, onde o lavrador era um empregado assalariado. Foi abolida a concorrência na indústria, pois esta passou ao controle estatal e foram criadas duas estruturas: o truste (associação de empresas que produzem o mesmo produto) e os combinados (associação de empresas de produtos afins). No âmbito internacional, a URSS passou a fazer o seu comércio em 1949 por intermédio do Conselho para Assistência Econômica Mútua de Países Socialistas (Comecon). Agrupava, inicialmente, a antiga URSS, Polônia, a antiga Tchecoslováquia, Hungria, Romênia, Bulgária e Alemanha Oriental. Mais tarde, entraram Mongólia, Cuba e Vietnã. Quando do dismantelamento do sistema socialista no Leste Europeu, o Comecon encerrou suas atividades (em julho de 1991).

EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA RÚSSIA



Essa estrutura, baseada no planejamento centralizado, apresentou uma evolução razoável no período de 1930 a 1960, quando a União logrou algum desenvolvimento, principalmente nos setores bélico e astronáutico. Essa estrutura começou, entretanto, a apresentar sinais de esgotamento na década de 1970, devido aos erros de planejamento, ao surgimento de uma “classe” de burocratas que passou a se beneficiar de sua posição privilegiada dentro da estrutura do poder e a quedas constantes na produção agrícola, que levaram o país a importar alimentos, provocando carestia de bens de consumo nos grandes centros urbanos.

Declínio da economia soviética			
	Dívida externa (em US\$ bilhões)	Inflação (%)	Produto Interno Bruto (PIB) (em US\$ bilhões)
1986	31,4	7,2	1,135
1987	39,2	7,6	1,303
1988	48,0	4,9	1,439
1989	54,5	9,5	1,492
1990	57,5	19,0	1,622
1991	80,0	940,0	1,129

As exportações caíram 27% em 1991.

O desemprego atingiu dez milhões de pessoas até dezembro desse ano.

A produção de petróleo caiu 25% em 1992.

A produção de carne, manteiga e queijo caiu 13%.

A safra de grãos em 1991 caiu entre 23 e 33 milhões de toneladas.

A estrutura monolítica do Partido Comunista impedia, entretanto, qualquer crítica ao sistema, em grande parte em razão da rígida censura mantida nos sistemas de comunicação. Tudo isso começou a ser questionado em 1985, com a chegada ao poder de Mikhail Gorbachev, que, como secretário-geral do Partido Comunista, lançou um programa de reformas com base em duas ideias: a *perestroika* (reestruturação econômica); e a *glasnost* (abertura política). A ideia era reformular e dinamizar o sistema socialista. Para tanto, era preciso haver críticas, o que seria permitido pela abertura política. Essa abertura gerou críticas violentas não apenas ao sistema socialista em si, mas também à estrutura de poder (o desejo de maior participação política fora do Partido Comunista, à base de eleições livres – democracia, enfim); e provocou mais manifestações de separatismo das regiões e repúblicas que estavam sob o jugo de Moscou. O processo que se havia iniciado timidamente em 1985 começou a recrudescer em 1988, coincidindo com a queda da produtividade e do PIB do país. No âmbito internacional, a ausência de recursos fez a URSS desistir de apoiar movimentos ou governos pró-Moscou, o que resultou no esfacelamento da rede de aliados soviéticos, como a queda de governos da Europa Oriental, Sudeste Asiático e África. Como consequência, ocorreu a unificação da Alemanha e o fim da Guerra Fria. No âmbito interno, aconteceram a tentativa de independência dos países bálticos, protestos pela criação de partidos políticos e caos econômico. Temerosa da iminente perda do poder, a burocracia do Partido Comunista tentou um golpe conservador em 3 de agosto de 1991, para retornar a um esquema semelhante ao antigo. O golpe fracassou.

A consequência imediata foi o banimento do Partido Comunista. As repúblicas periféricas começaram a declarar sua independência (como Letônia, Estônia e Lituânia, que se tornaram países independentes), os conflitos internos de algumas repúblicas se agravaram, e a União Soviética começou a desaparecer.

Finalmente, em 26 de dezembro de 1991, a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas deixou oficialmente de existir.



2. Comunidade dos Estados Independentes (CEI)

Em 8 de dezembro de 1991, Rússia, Bielorrússia e Ucrânia assinaram um tratado de cooperação, criando a Comunidade dos Estados Independentes (CEI). Pouco mais tarde, os países caucasianos e centro-asiáticos resolveram aderir a essa comunidade.

A CEI estava, em janeiro de 1992, em processo de estruturação, e a Geórgia, antiga república caucasiana, estava em processo de guerra civil e ainda não se havia decidido por ingressar na CEI, mas acabou aderindo à Comunidade em 1993.

Excetuando-se as repúblicas bálticas (Lituânia, Letônia e Estônia), a CEI era composta inicialmente por 12 antigas repúblicas da URSS:

- **Países eslavos:** Rússia, Ucrânia e Bielorrússia.
- **Países caucasianos:** Armênia, Geórgia e Azerbaijão.
- **Países centro-asiáticos:** Turcomenistão, Uzbequistão, Cazaquistão, Quirguistão e Tadjiquistão.
- **País latino:** Moldova.

A CEI não é um país, mas uma comunidade de países que mantêm a independência política entre si, criando a possibilidade de que cada um possua leis e nacionalidade próprias e emita passaportes. Discute-se a utilização da mesma unidade monetária (atualmente o rublo) e a manutenção de um exército comum, bem como o controle do arsenal nuclear que se encontra distribuído entre os diversos países. No âmbito mundial, a república da Rússia

substituiu a antiga URSS no Conselho de Segurança da ONU.

Desde 26 de agosto de 2005, o Turcomenistão não é mais membro permanente da entidade, mas sim associado. O Parlamento da Geórgia aprovou por unanimidade, em 14 de agosto de 2009, a saída do país da Comunidade dos Estados Independentes, devido ao apoio russo às causas de independência da Abkházia e da Ossétia do Sul. O rublo é a moeda comum dos países-membros. Sua sede está localizada em Minsk, Alma-ata e São Petesburgo. Quanto à Ucrânia, não ratificou a carta da CEI e, portanto, hoje não é um membro oficial da Comunidade.

Em função dos conflitos que eclodiram entre a Rússia e a Ucrânia em 2014 – envolvendo a questão da península da Crimeia (anexada pela Rússia) e os movimentos separatistas do leste ucraniano (incentivados pela Rússia) –, a Ucrânia desligou-se da CEI, o que esvaziou sobremaneira a organização. A CEI tem mantido suas reuniões regulares, mas a Rússia já se movimenta no sentido de criar um novo acordo econômico para os países da região.

Os mais extensos países do mundo				
	País	Área em km ²	População absoluta (2018)	Densidade demográfica (hab. / km ²)
1	Rússia	17.098.242	142.122.776	8,31
2	Canadá	9.984.670	35.881.659	3,59
3	EUA	9.833.517	329.256.465	33,48
4	China	9.596.960	1.384.688.986	144,28
5	Brasil	8.515.770	208.846.892	24,52
6	Austrália	7.741.220	23.470.145	3,03
7	Índia	3.287.263	1.296.834.042	394,50
8	Argentina	2.780.400	44.694.198	16,07
9	Cazaquistão	2.724.900	18.744.548	6,88
10	Argélia	2.381.740	41.657.488	17,49

3. Os países eslavos

Na antiga URSS, três repúblicas apresentavam a etnia eslava comum – a Rússia, a Bielorrússia e a Ucrânia –, o que facilitou a união econômica das três dentro do processo e do desmoronamento soviético, integrando a CEI.



Países eslavos	Rússia	Ucrânia	Bielorrússia
Capital	Moscou	Kiev	Minsk
Área (km²)	17.098.242	603.550	207.600
População absoluta (2018)	142.122.776	43.952.299	9.527.543
População relativa (hab./km²)	8,31	72,8	45,89
Principais grupos étnicos (%)	77,7 – russos 3,7 – tártaros 1,4 – ucranianos	77,8 – ucranianos 17,3 – russos 0,6 – bielorrussos 0,5 – moldavos	83,7 – bielorrussos 8,3 – russos 8,3 – poloneses 3,1 – ucranianos
Principais idiomas (%)	85,7 – russo 3,2 – tártaro	67,5 – ucraniano 29,6 – russo	70,2 – russo 23,4 – bielorrusso

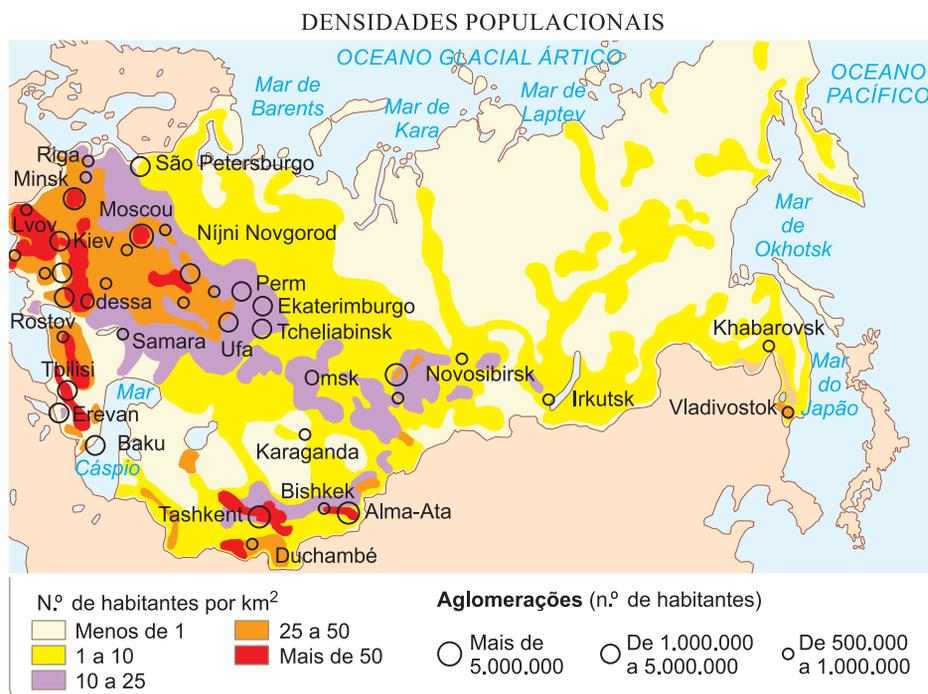
4. Federação Russa (Rússia)

É o mais extenso país do mundo, com 17.075.400 km², sendo populoso, com 140.700.000 habitantes, em 2010.

Caracteriza-se pelo domínio de extensas planícies – Russa, Siberiana –, pela presença dos Montes Urais na fronteira Europa-Ásia e por uma sucessão de montanhas recentes na sua porção meridional asiática.

Apresenta clima polar na sua porção setentrional, com vegetação de tundra e clima temperado frio na maior parte da sua extensão, coberta pela taiga (floresta de coníferas), que abastece a grande indústria de papel russa.

O Império Russo teve início no século XV. Com Ivan IV, o Terrível, foram conquistadas as terras que estavam em poder dos mongóis e o Império se expandiu até a Sibéria. No século XVIII, anexou parte do que é hoje a Ucrânia e a Bielorrússia. O que restava das regiões asiáticas e a Crimeia foram agregadas no século XIX pelos czares Romanov. Outra fase forte do expansionismo se deu com Stalin. Em 1939, ele anexou o leste da Polónia. Em 1940, parte da Karelia foi integrada à Federação Russa. Em 1945, Stalin recebeu um pedaço da Prússia Oriental, quatro das Ilhas Curilas e a Ilha de Sacalina, do Japão, como espólio da Segunda Guerra Mundial.



A Rússia tornou-se uma verdadeira “URSS”, composta de 16 repúblicas autônomas, cinco regiões autônomas e dez “áreas nacionais”. Chegou a abrigar mais de cem nacionalidades em seu território. Em 12 de junho de 1990, o Congresso dos Deputados proclamou sua soberania.

Em 12 de junho de 1991, Boris Iéltsin se elegeu presidente por voto direto, sendo reeleito em 1996.

Em 2000, Vladimir Putin foi eleito presidente, sendo reeleito em 2007. Em 2012, foi eleito para o terceiro mandato como presidente da Rússia. Em 2018, iniciou seu quarto mandato. Assim, Wladimir Putin tem, desde 2000, se mantido no poder, seja como presidente, seja como primeiro-ministro, tornando-se cada vez mais poderoso e determinando as políticas internas e externas de forma cada vez mais autoritária.

População da Rússia

A população russa era estimada em 148.800.000 habitantes em 1992, ficando a Rússia entre os países mais populosos do mundo, mas diminuiu para 140.700.000 em 2010.

Em 2018, a população russa apresentava uma recuperação no seu processo de crescimento, tendo registrado um total de 142.122.776 habitantes.

A população concentra-se em uma faixa em forma de cunha, que é larga na parte europeia e se estreita no sul da porção asiática, acompanhando a ferrovia Transiberiana até o porto de Vladivostok, no litoral do Pacífico.

Os principais grupos étnicos que compõem a população russa são: russos (77,7%), tártaros (3,7%) e ucranianos (1,4%).

As cidades russas mais populosas são:

- Moscou – 11.514.330 habitantes
- São Petersburgo – 4.448.742 habitantes
- Novosibirsk – 1.473.737 habitantes.

A população russa começou a sofrer problemas de decréscimo de seu contingente a partir da década de 1980, quando a economia da antiga União Soviética começou a apresentar problemas de quedas contínuas na sua produtividade, reduzindo-se as perspectivas quanto à evolução socioeconômica. O fim da URSS e as quedas econômicas advindas da adoção atabalhoada do sistema socialista de produção trouxeram novos problemas, que fizeram a população reduzir as taxas de natalidade, nas décadas de 1990 e 2000, como forma de conter possíveis gastos e dificuldades. Com a recuperação da economia russa, a partir das décadas de 2000 e 2010, a população

viu suas expectativas melhorarem, retomou a natalidade e recomeçou a crescer, alcançando em 2018 o total de 142 milhões de habitantes.

A RÚSSIA E OS OUTROS



Relevo

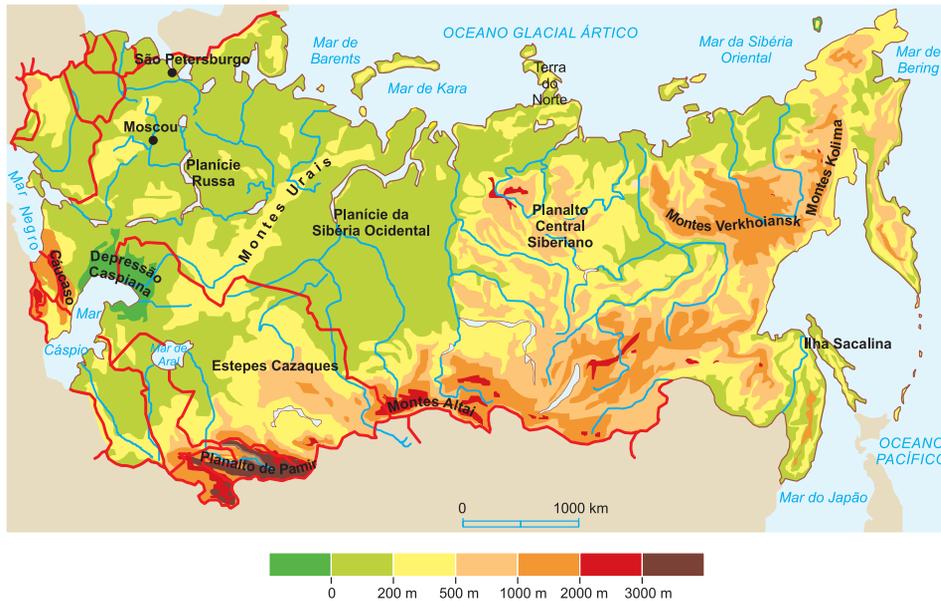
A maior parte da Rússia é constituída por planícies; em sua estrutura geológica, destacam-se duas grandes plataformas antigas: a da Europa Oriental e a da Sibéria, que se assentam sobre uma base cristalina pré-cambriana.

Na parte mais povoada da Rússia, na planície da Europa Oriental, são mais frequentes as altitudes entre 100 e 400 m acima do nível do mar. A meseta da Sibéria Central, que coincide com a plataforma da Sibéria, possui altitudes entre 400 e 1.000 m.

Entre a planície russa da Europa Oriental e a Sibéria Ocidental, estende-se, no sentido norte-sul, um dobramento antigo suavizado pela ação do tempo: os Montes Urais.

Os processos orogenéticos posteriores – dobramentos mesozoicos e sobretudo terciários (alpinos) – aparecem principalmente nos extremos meridional e oriental da Rússia, formando uma zona quase contínua de montanhas. São os Montes Cáucaso, Kopet-Dag, Altai, Kolima, Verkhoiansk e Kamtchatka. Essas cordilheiras se estendem no sentido dos paralelos, impedindo a penetração de massas de ar do Oceano Índico; as montanhas de leste diminuem a influência das monções do Pacífico.

RELEVO DA RÚSSIA



Hidrografia e litoral

HIDROGRAFIA



Os rios da Rússia estão entre os maiores do mundo, como o Obi (5.400 km), o Ienissei (4.100 km), o Lena (4.400 km).

A maioria dos rios da planície russa da Europa Oriental escoam no sentido norte-sul, enquanto os da Sibéria no sentido sul-norte. Por serem rios de planície e bastante profundos, facilitam a navegação, feita principalmente na primavera e no verão, em razão de esses rios permanecerem congelados durante o outono e o inverno.

A Rússia é banhada por muitos rios e lagos, como o Cáspio, com 371.000 km², Baikal, Ladoga e Onega.

Entre os lagos de água doce, reveste-se de maior interesse o Baikal, o mais profundo do planeta; é um lago do tipo “graben”, de origem tectônica.

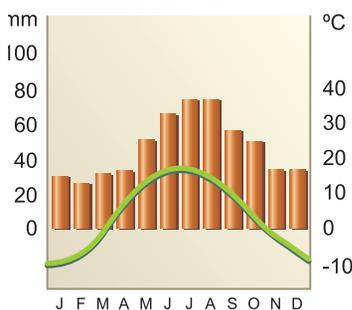
Os lagos das proximidades do Báltico originaram-se de inundações de antigas depressões ocorridas na última glaciação. No alto curso dos rios siberianos (Obi, Ienissei e Lena), há grande aproveitamento hidrelétrico. Essas hidrelétricas instaladas no sul da Sibéria formaram verdadeiros polos industriais, como Krasnoiarsk (Rio Ienissei), Bratsk (Rio Angara) e Irkutsk.

A Rússia possui extenso litoral, mas apresenta problemas em suas saídas para o mar. O Ártico permanece gelado em muitos meses do ano, e no Pacífico também há gelo na maioria dos portos em alguns meses do ano.

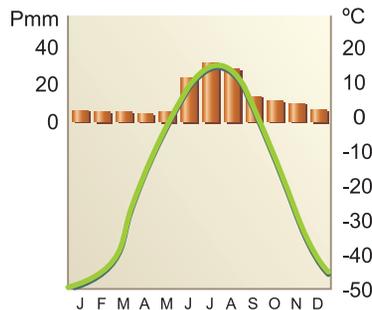
Clima e vegetação da Rússia

O clima da Rússia é predominantemente temperado continental, ou seja, sem grande influência dos oceanos. Os invernos são rigorosos, prolongados e nevosos; os verões são úmidos e quentes, com pequenas variações.

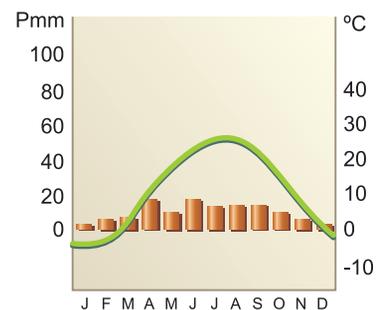
MOSCOU
Total das precipitações: 575 mm



VERKHOYANSK
Total das precipitações: 155 mm



AKTAU (Cazaquistão)
Total das precipitações: 150 mm



Pradarias

As pradarias são enormes extensões de vegetação herbácea, encontradas no centro-sul da Rússia, ao sul da taiga.

Estepes

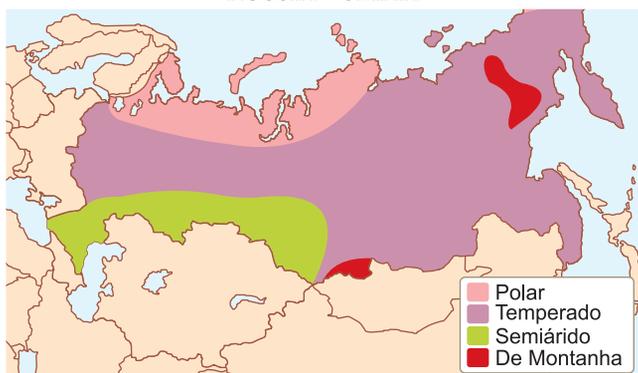
As estepes ocupam uma extensa faixa, ao sul das pradarias. Essa vegetação é baixa e descontínua, alternando-se tufos de ervas com áreas de solos descobertos.

Nas pradarias e nas estepes, aparece um solo muito fértil, rico em matéria orgânica e de cor escura, chamado *tchernozion* (em russo “terra negra”).

Essas terras são encontradas desde a Ucrânia, proximidade do Mar Negro, até a Sibéria Ocidental. Nessa área de tchernozion, encontramos a principal região agrícola, com elevada produção de cereais.

À medida que caminhamos para o Sul, os solos são menos férteis, mas muito bons para a agricultura.

RÚSSIA – CLIMA



RÚSSIA – FORMAÇÕES VEGETAIS



Tundra

No extremo norte da Rússia, onde o inverno é muito rigoroso devido às influências polares (Círculo Polar Ártico), aparece a **tundra**, uma associação de musgos e

liquens que surge durante poucos meses, quando o solo permanece degelado. Ali se encontra a cidade de Verkhoiansk, um dos lugares mais frios do mundo, cuja temperatura chega a atingir -72°C .

Taiga

No centro da Rússia, onde o clima é temperado, aparece a maior floresta do globo: a **taiga**. Essa floresta de coníferas encontra-se ao sul da tundra e cobre grande extensão do país. Seus solos, geralmente ácidos, são conhecidos por *podzol*.

Recursos naturais

Pode-se dizer que a Rússia possui um “jogo” completo de minerais úteis, pois não há mineral de certa importância que não exista em seu enorme território. Ela é rica em todos os tipos de combustíveis minerais.

A Rússia tem grandes reservas de fontes de energia, capazes de satisfazer às necessidades de sua indústria.

É um dos maiores produtores do mundo em carvão mineral, petróleo, gás natural, urânio, além de contar com elevado potencial hidrelétrico.

A rede de oleodutos e gasodutos, ligando a Rússia à Europa Ocidental, tem apresentado rápido crescimento desde 1990.

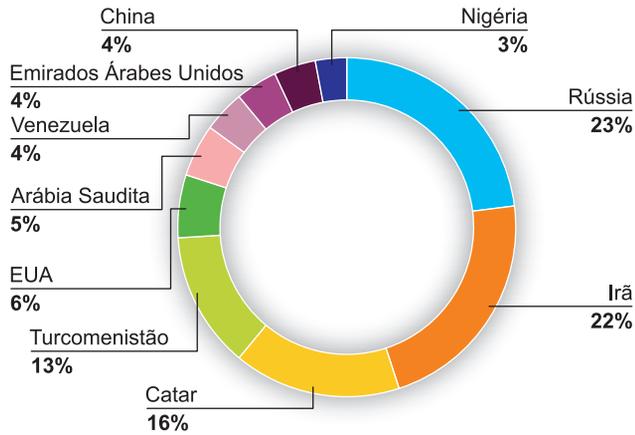
RÚSSIA – PETRÓLEO



O **petróleo**, que se extraía antigamente apenas em Baku e no norte do Cáucaso, é extraído hoje em quantidades crescentes na Bacia do Volga, na depressão do Cáspio, ao norte da Planície da Sibéria (área de tundras) e no Ártico. Todo esse espaço é, indubitavelmente, uma parte da faixa petrolífera mundial, que sai do Golfo Pérsico, passa pelo Kuwait, Irã e Iraque e penetra na Depressão do Cáspio, indo até as regiões setentrionais.

Tem-se descoberto petróleo na Sibéria Oriental, no Alto Lena, na Ilha Sacalina e no norte da Península de Kamtchatka.

GÁS NATURAL – MAIORES RESERVAS MUNDIAIS



A Rússia ocupa um lugar proeminente na produção de **carvão**: possui 58% das reservas mundiais, e o carvão de boa qualidade constitui a maior parte, com 83% de antracito.

As principais jazidas de carvão encontram-se no Kuznetsk (Kuzbass) e no Petchora. Aproximadamente 9/10 de todo o carvão do país encontram-se na parte asiática, onde, na Sibéria Central, está a gigantesca reserva de Tunguska; há ainda outra maior na Bacia do Rio Lena.

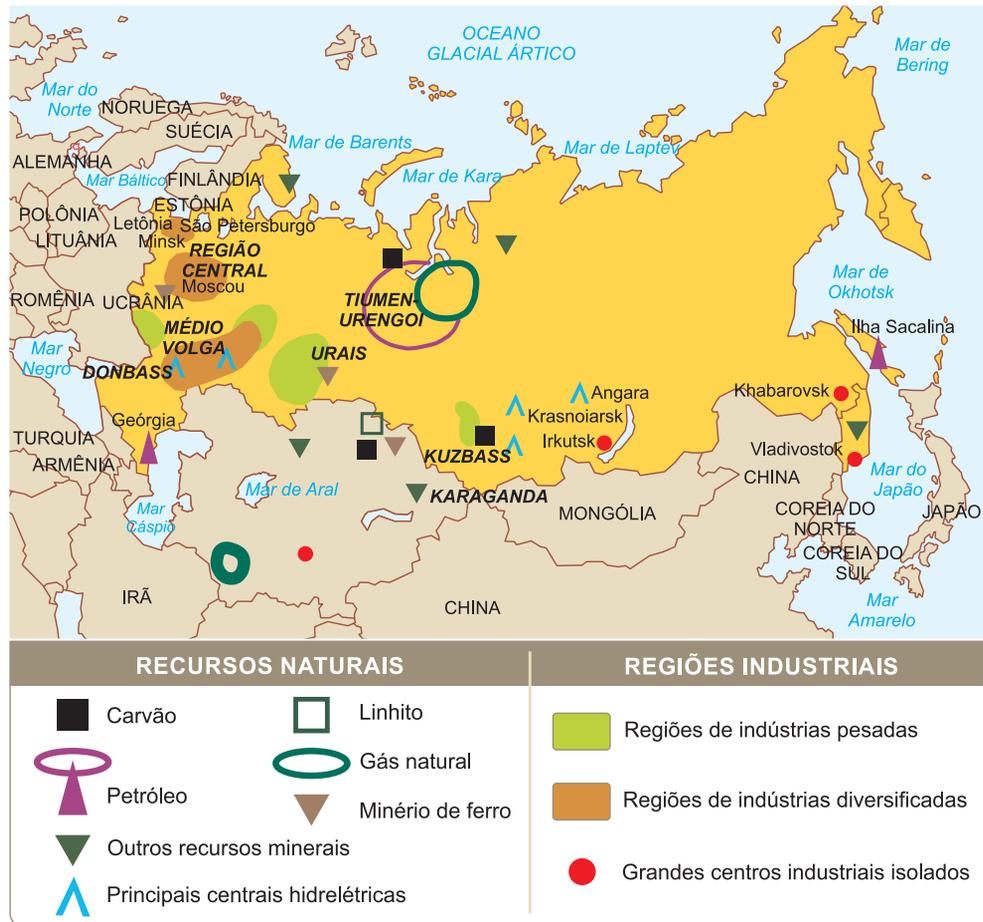
Quanto aos minerais metálicos, o predominante é o **minério de ferro**, com 40% das reservas mundiais; a maior parte das jazidas encontra-se na parte europeia, na anomalia magnética de Kursk, na Península de Kola, e nos Urais. Na Sibéria Asiática, é produzido no Kuznetsk, Angara-Pit, sul de Yacutia e Extremo Oriente.

O **cobre** é encontrado nos Urais, na península do Taimir, Kola e Armênia.

O **zinco** é extraído nos Montes Altai, Karatau e nos Urais. O molibdênio e o estanho são extraídos no Transbaikal.

O **alumínio** é extraído em São Petersburgo e Urais. O **ouro** é extraído sobretudo em Yacutia, na Bacia do Kolima e nos Urais.

INDÚSTRIA E RECURSOS NATURAIS DA CEI



A descentralização industrial

O desenvolvimento econômico da antiga URSS seguiu, a partir da Revolução Socialista de 1917, as diretrizes fixadas por Lenin na época da implantação do Plano Goelro, que pregava a difusão, por todo o território, de infraestruturas básicas para a industrialização, principalmente a eletrificação.

Em 1921, foi criado o Gosplan, órgão central de planificação estatal, que instituiu os planos quinquenais. Foi preconizada uma distribuição racional das indústrias, visando aproximá-las das matérias-primas para reduzir as perdas do trabalho.

A política de intervenção adotou as seguintes diretrizes:

- distribuição uniforme da produção em todo o país, com vistas ao desenvolvimento do conjunto das regiões;
- aceleração da expansão econômico-cultural das repúblicas nacionais;
- aproximação dos lugares de produção em relação aos centros de matérias-primas;
- divisão geográfica do trabalho no interior da antiga URSS entre os países do bloco socialista;
- estreitamento das relações entre a economia industrial e a economia rural.

Essas diretrizes levaram à construção de indústrias em regiões quase desertas, onde, mais tarde, surgiram polos de desenvolvimento urbano-industrial. Os primeiros planos quinquenais chegaram a duplicar as metas conseguidas em planos anteriores.

Visando ao aproveitamento dos recursos minerais, desenvolveram-se principalmente as indústrias de base,

como a energética, siderúrgica, metalúrgica, mecânica e química.

Moscou e São Petersburgo (antigo Leningrado) constituem os principais polos industriais, devido à abundância de mão de obra qualificada e por serem centros de convergência de redes de transporte.

Moscou tem a maior concentração de indústrias têxteis, enquanto São Petersburgo é a principal área de produção de papel.

Os Urais possuem também grande concentração de indústrias siderúrgicas, mecânicas e químicas.

No Cáucaso, devido à presença de carvão, petróleo e manganês, concentram-se indústrias químicas, metalúrgicas e siderúrgicas.

Além da industrialização em regiões inóspitas, como na Península de Kola, ao norte do Círculo Polar Ártico, onde existem indústrias químicas e metalúrgicas não ferrosas, desenvolvem-se polos industriais no extremo sul montanhoso (Lago Baikal), no extremo leste (Konsomolsk e Kabarovsk) e no extremo norte da Sibéria.

O “Vale do Silício” russo localiza-se a 25 km de Moscou, em Skolkovo, onde estão as maiores empresas de microeletrônica e telecomunicações.

O espaço agrário

AS PAISAGENS CLIMATOBOTÂNICAS E O USO DO SOLO



Dez anos após a Revolução Socialista, a forma predominante de exploração agrícola na antiga URSS passou a ser a dos *kolkhozes*, denominação russa abreviada de fazendas coletivas. Esses estabelecimentos rurais resultaram da coletivização das terras feita pelo Estado, que as ofereceu aos camponeses para usufruto perpétuo. Aos *kolkhozianos* pertenciam os fundos fixos de produção: máquinas, edifícios, gado etc. Os membros dos *kolkhozes* repartiam os rendimentos de acordo com o trabalho de cada um; além disso, possuíam pequenas propriedades particulares para usufruto próprio.

Além dos *kolkhozes*, existiam as fazendas do Estado, os *sovkhozes*, forma abreviada de “fazenda dos soviets”. Os trabalhadores eram servidores públicos do Estado. Aí se desenvolviam as fazendas-modelo, experimentais, em que a exploração agropecuária era feita de maneira racional e com os últimos avanços da tecnologia. Os *sovkhozes* passaram a constituir a forma fundamental de fazendas nas novas terras conquistadas das áreas pantanosas, desérticas ou frias da Sibéria.

As principais áreas agrícolas russas são:

- faixa do noroeste: criação de gado leiteiro conjugada com o cultivo de linho e batata;
- região das estepes, norte do Cáucaso, Bacia do Volga e Sibéria Ocidental: são os maiores centros de produção de grãos (trigo, centeio e cevada);
- faixa de transição entre a floresta e as estepes: produção de beterraba açucareira, principalmente Médio Volga e Cáucaso.

As frentes agrícolas pioneiras expandiram-se para a Península de Kola, Norilsk, Yacutia Central e Kamtchatka.

Mas como se explica a grave crise no setor agrícola e a necessidade das maciças importações de alimentos no início da década de 1990?

A safra era avaliada antes da colheita, e não depois de estocada; parte do trigo apodrecia no campo porque não era ceifada; a falta de combustíveis e de peças paralisava um terço das ceifadeiras disponíveis; havia também falta de mão de obra, falta de transportes regulares; escassez de silos e estocagem incorreta.

5. As tendências do final da década de 1980

As transformações mais radicais que afetaram a vida política, econômica e social da antiga URSS ocorreram após o XXVII Congresso do Partido Comunista (25/2/1986), quando Mikhail Gorbachev anunciou as modificações fundamentais a serem adotadas. Essa nova política, conhecida pelo nome de *perestroika*, que signi-

fica reconstrução, é marcada por uma atitude de abertura – *glasnost* (transparência) – que se manifesta sob a forma de maior liberdade política, social e cultural.

Para que a nova política fosse posta em prática, seu idealizador adotou uma série de medidas para se consolidar no poder como secretário-geral do partido e para afastar líderes conservadores, como a transferência de Andréi Gromiko (1985) para o posto honorífico de presidente da República, colocando em seu lugar o chanceler Eduard Shevardnadze, que pôs em ação uma nova política externa. No plano interno, o que de mais importante ocorreu foi o fato de muitos dissidentes políticos terem sido libertados, com permissão para emigrar da URSS. O caso de maior repercussão foi o do físico Andréi Sakhárov que, em 1986, saiu do exílio interno na cidade de Górkí, onde estava desde 1982.

A partir de 1987, ocorreram as seguintes transformações:

- autonomia para as empresas estatais (maior liberdade de decisão sobre o que e como produzir);
- pretensão de tornar as estatais autofinanciáveis;
- salários reajustados de acordo com a produtividade e aumentados para estimular a produção;
- reforma do sistema de preços, que, em vez de serem fixados de forma arbitrária pelo Gosplan (comissão de planejamento estatal), passaram a ser determinados de acordo com o produto (admitiu-se que o país apresentava inflação de 0,5% ao ano);
- abertura de lojas privadas, com a proibição de contratar empregados fora da família proprietária;
- abertura de filiais de empresas ocidentais (como McDonald's, por exemplo) e introdução no mercado de alguns produtos novos, como pizza em pedaços, bolachas, azeites vegetais etc.;
- utilização de cartões de crédito (Sovcard).

Além dessas transformações, pensou-se também na criação de uma zona franca no porto de Nakhodka, a 600 km do Japão, para atrair investimentos, principalmente de firmas asiáticas.

A reestruturação econômica – *perestroika* – foi imposta por Mikhail Gorbachev em 1986 e acabou em 1991 com o golpe militar e com o fim da União Soviética em dezembro.

6. Glasnost e Perestroika

A partir de 1986, as novas lideranças da URSS impuseram ao país novas medidas políticas e econômicas: a *glasnost* e a *perestroika*.

Glasnost significa transparência. É a abertura política que possibilitaria a democratização da sociedade e as

mudanças sociais e econômicas, como:

- mais liberdade para críticas internas (problemas de corrupção, abastecimento, conflitos étnicos);
- política externa mais arrojada em termos de propostas de paz (corte de armas, retirada de soldados etc.).

Perestroika significa a reestruturação da economia soviética. A *perestroika* é um conjunto de reformas que pretendia modernizar a economia soviética, excessivamente burocratizada. Entre algumas medidas adotadas, tentaram-se:

- criação de associações técnico-científicas com empresas capitalistas ocidentais;
- liberdade para algumas empresas realizarem contratos de importação-exportação com ocidentais

sem interferência do Ministério do Comércio Exterior;

- procura por maiores contatos com empresas financeiras ocidentais (como o Banco Mundial);
- pedido de admissão ao Acordo Geral de Tarifas e Comércio (Gatt) mundial;
- permissão para o funcionamento de empresas privadas individuais e familiares (sem poder contratar empregados e controladas pelo PC);
- eleição de diretores de empresas feita pelos empregados (em vez da nomeação pelo Ministério);
- variação dos salários de acordo com a produtividade;
- reformulação de prioridades econômicas, incluindo a desativação de alguns projetos.



EM FOCO

COLAPSO DA UNIÃO SOVIÉTICA

O colapso repentino da União Soviética, e com ele a derrocada do movimento comunista internacional, dá origem a um enigma histórico: por que razão, na década de 1980, os líderes soviéticos pressentiram a necessidade imediata de iniciar um processo de reestruturação radical, de proporções tais que acabou levando à desintegração do próprio Estado? Afinal, a União Soviética não era apenas uma superpotência militar; o país ocupava a posição de terceira maior economia industrial do mundo, sendo o maior produtor de petróleo, gás natural e metais raros, e o único país autossuficiente em matérias-primas e recursos energéticos. É verdade que sintomas de graves problemas econômicos se faziam sentir desde a década de 1960 e que a taxa de crescimento vinha apresentando sucessivas quedas desde 1971, atingindo um ponto de equilíbrio por volta de 1980. No entanto, também as economias do Ocidente haviam experimentado uma desaceleração no crescimento da produtividade, apresentando ainda taxas de crescimento econômico negativo em alguns anos das décadas de 1980 e 1990, sem terem sofrido consequências catastróficas.

Quando a União Soviética se viu forçada a importar mercadorias, desde máquinas avançadas e bens de consumo a ração animal, descobriu o efeito danoso das limitações causadas por sua diminuta capacidade de exportar seus bens manufaturados em troca. Recorreu então a um enorme volume de exportações de petróleo, gás, matérias-primas e metais preciosos, que na década de 1980 representavam 90% das exportações soviéticas para o mundo capitalista, com o petróleo e o gás respondendo, sozinhos, por dois terços dessas exportações. Esse tipo de configuração no comércio exterior, típico de economias subdesenvolvidas, está suscetível à depreciação dos preços de matérias-primas, ficando também muito vulnerável às flutuações do preço do petróleo.

A falha com efeito mais devastador sobre a economia soviética tinha sido precisamente o ponto forte do Estado soviético: um complexo militar-industrial inchado e um orçamento insustentável para a defesa. Na década de 1980, os gastos com defesa da União Soviética eram estimados em cerca de 15% do PNB, mais que o dobro do orçamento dos EUA para o mesmo fim no auge do plano militar de defesa do governo Reagan. Outras estimativas elevam esse percentual para cerca de 20%-25% do PNB. Por volta de 40% de toda a produção industrial estava vinculada à defesa, e a produção de empresas cujas atividades se incluíam no âmbito do complexo militar-industrial correspondia

a cerca de 70% de toda a produção industrial. Mas os danos causados à economia civil por essa gigantesca indústria militar foram mais profundos. As empresas operantes nesse ramo de atividade concentravam o que havia de melhor entre cientistas, engenheiros e mão de obra qualificada, que, por sua vez, dispunham das melhores máquinas, bem como acesso tecnológico da União Soviética. E, uma vez alocados ao setor militar, raramente esses recursos retornavam a atividades produtivas e aplicações civis. Na década de 1980, o sistema de produção mundial passava pelo processo de transição para a indústria química e eletrônica, além de estar ingressando na revolução biotecnológica, justamente as áreas em que a economia e tecnologia soviéticas se encontravam bastante ultrapassadas.

A União Soviética passou ao largo da revolução da tecnologia da informação que varreu o mundo em meados da década de 1970.

A principal razão para o subdesenvolvimento tecnológico era a falta de equipamentos adequados para a produção de semicondutores. A indústria da informática parecia estar cerca de 20 anos atrasada em comparação às similares japonesa e norte-americana.

O principal foi a absorção dos recursos econômicos, ciência e tecnologia, maquinário avançado e capacidade intelectual pelo complexo militar-industrial. Esse vasto universo, que no início da década de 1980 respondeu por cerca de dois terços da produção industrial, recebendo, juntamente com as forças armadas, de 15% a 20% de todo o PNB soviético, transformou-se em um gigantesco repositório de ciência e tecnologia fadado ao desperdício: recebeu os melhores talentos e equipamentos disponíveis, dando em troca à economia civil apenas aparelhos elétricos e bens de consumo medíocres. Poucos dos avanços tecnológicos descobertos, utilizados ou aplicados no complexo militar-industrial, foram revertidos em benefício da sociedade, principalmente por motivos de segurança, mas também por causa do controle das informações que tornavam as empresas militares verdadeiros oligopólios de Know-how industrial avançado. Além disso, a lógica das empresas militares, tanto no leste como no oeste, estava e está, sobretudo, voltada a agradar um único cliente: o Ministério da Defesa. Portanto, as tecnologias foram desenvolvidas, ou adaptadas, para atender os requisitos altamente específicos da indústria militar, o que explica as dificuldades consideráveis de qualquer projeto de conversão tanto na Rússia como nos EUA. Quem é que precisa, no mercado consumidor ou na indústria, de um chip projetado para resistir a uma explosão nuclear? O que salvou as indústrias eletrônicas norte-americanas – que trabalhavam para o Ministério da Defesa – da rápida obsolescência foi sua relativa abertura à concorrência por parte de outras empresas norte-americanas, bem como dos fabricantes japoneses de componentes eletrônicos. Já as empresas soviéticas, atuando em uma economia fechada, sem incentivo à exportação e sem qualquer finalidade senão seguir as especificações de um Ministério da Defesa não necessariamente a par de todas as últimas inovações tecnológicas, embrenharam-se em uma cruzada tecnológica cada vez mais afastada das necessidades da sociedade e dos processos de inovação do resto do mundo. Assim, no âmago da crise tecnológica da União Soviética, reside a lógica fundamental do sistema estatista: prioridade exagerada ao poderio militar; controle político-ideológico de informações pelo Estado; os princípios burocráticos da economia de planejamento central; isolamento do resto do mundo; incapacidade de modernização tecnológica de certos segmentos da economia e da sociedade sem modificar todo o sistema em que tais elementos interagem entre si.

A perestroika era composta de quatro dimensões distintas, mas que guardavam relação entre si: a) desarmamento, desocupação da Europa Oriental pelo Império Soviético e fim da Guerra Fria; b) reforma econômica; c) concessão gradativa de liberdade à opinião pública, à mídia e a manifestações culturais (a famosa glasnost); d) a democratização e descentralização controlada do sistema político.

O fim da Guerra Fria permanecerá na história como a maior contribuição de Gorbachev para a humanidade.

(Manuel Castells. Fim de Milênio, v. 3. A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura.)

7. A queda de Gorbachev, o fim e o desmembramento da União Soviética

Havia duas correntes opostas:

- a linha dura, representada pelas camadas dominantes, por membros do Partido Comunista e por militares de altas patentes, que criticavam a abertura econômica de Gorbachev. Esses grupos viam seus privilégios ameaçados;

- os progressistas, como Boris Iéltsin, que pediam uma abertura mais ampla e mais rápida.

Mikhail Gorbachev recebeu o Prêmio Nobel da Paz em 1990, por sua contribuição para o melhor relacionamento entre as nações.

Na antiga URSS, a maior liberdade de expressão fez com que crescessem movimentos que questionavam o poder central exercido por Moscou e movimentos que visavam à revisão das fronteiras internas do país.

Para evitar o aumento da crítica sobre a centralização do poder pela República Russa, Gorbachev criou o Tratado da União, pelo qual cada república socialista soviética teria maior autonomia, mas não independência.

Este fato desencadeou o golpe de Estado, pela ala mais radical do PC, para destituir Gorbachev, em 19 de agosto de 1991.

Os golpistas não esperavam a resistência popular e o apoio dado ao primeiro presidente eleito da Federação Russa, Boris Iéltsin.

Ao invés de manter a integridade e a centralização da URSS e impedir novas aberturas políticas, o golpe levou ao desmembramento do país, cujas repúblicas foram se tornando independentes e criando novos países.

As repúblicas bálticas foram as primeiras a conseguir independência total, em agosto de 1991.

Em dezembro, a própria Rússia declara sua independência e os presidentes do chamado grupo eslavo (Rússia, Belarus e Ucrânia) selam o fim da União Soviética e fundam a Comunidade dos Estados Independentes (CEI), que, nos dias seguintes, receberia a adesão de outras repúblicas, com exceção das bálticas e da Geórgia (que entra em 1993).

No final de dezembro de 1991, Gorbachev renuncia à já extinta URSS.

Os fatos e a crise que marcaram a decadência da Rússia na década de 1990

As reformas da década de 1990 provocaram:

- liberalização rápida dos preços;
- elevada inflação, que esgotou a poupança da maioria dos russos;
- rápida privatização;

- altas taxas de juros;
- falta de instituições financeiras;
- queda acentuada do PIB, entre 1990-1999, de 54%;
- queda de 60% da produção industrial russa;
- produtividade industrial baixa, com fábricas obsoletas;
- redução do rebanho pela metade;
- dificuldades do governo para pagar pensões para os idosos ou assistência social para os pobres;
 - aumento da pobreza e queda da renda e das desigualdades sociais. Em 1989, 2% da população vivia na pobreza e, em 1998, esse número disparou para 23,8%. Mais de 40% da população russa ganhava menos de quatro dólares por dia, de acordo com o Banco Mundial;
 - diminuição dos investimentos estatais com educação e saúde;
 - emigração de cientistas, mão de obra altamente qualificada;
 - queda do IDH;
 - aumento das taxas de mortalidade infantil;
 - diminuição da expectativa de vida;
 - uma década de recessão econômica.

Em 1992, era crescente a rivalidade entre a Rússia e a Ucrânia, para saber quem controlaria as armas nucleares da antiga URSS. A relação entre os dois países complicou-se com a questão da soberania das penínsulas da Crimeia, cujo controle é reivindicado pelos dois países.

Boris Iéltsin continuou, na década de 1990, o processo de reforma econômica, promovendo a liberalização dos preços e a privatização da indústria, da agricultura e do comércio.

A crise de 1997 do Leste Asiático trouxe efeitos negativos para a Rússia em 1998.

O governo russo, para promover rapidamente sua privatização, vendeu seus ativos estatais por uma bagatela. Assim, no momento da crise asiática, a Rússia possuía abundância de recursos naturais, mas seu governo era pobre.

A Rússia estava endividada, as taxas de juros estavam elevadas e o colapso foi maior com a queda dos preços do petróleo (40% nos primeiros meses de 1998), a maior *commodity* exportada pela Rússia e maior fonte de receita para o governo.

As condições de vida da população continuavam em franca decadência, com grave situação dos sistemas de assistência social e com a ascensão de grupos corruptos.

A Federação Russa tornou-se o centro da crise financeira mundial em agosto de 1998. Iéltsin declarou moratória da dívida externa de empresas privadas e adiou o pagamento de títulos prestes a vencer. A medida provocou quedas acentuadas nas bolsas de valores de todo o mundo e a desvalorização de 75% da moeda russa, o rublo.

O FMI, o Banco Mundial e o governo japonês lideraram os empréstimos dados à Rússia.

A crise teve um aspecto positivo: a desvalorização da moeda russa (rublo) estimulou os setores de importação da Rússia à concorrência – os produtos produzidos [no país] aumentaram sua participação no mercado interno. O crescimento econômico começava.

(Joseph E. Stiglitz. In: A Globalização e seus malefícios – Nobel de Economia 2001.)

Em dezembro de 1999, em meio à crise com a república separatista da Chechênia, Boris Iéltsin renunciou, deixando o governo nas mãos de Vladimir Putin, eleito presidente em março de 2000 e reeleito em 2004.

A partir de 2001, a Rússia tem vivido importante recuperação de sua economia.

O explosivo problema das nacionalidades

Os principais problemas envolvendo conflitos étnico-nacionais que ocorreram com insistência a partir de 1986 na URSS foram:

- 1988 – conflito entre Armênia e Azerbaijão, no enclave de Nagorno-Karabach;
- 1989 – conflito entre uzbeques e mesquetianos, no Vale Ferghana, no Uzbequistão;
- 1989 – manifestações de nacionalistas georgianos em Tbilisi;
- 1989 – campanha pela independência da Moldova e sua reintegração à Romênia;
- 1989 – a declaração, por parte das três repúblicas bálticas, de sua soberania e seu direito de vetar as leis impostas por Moscou.

No Cáucaso, sul da Rússia, a Chechênia representa o maior problema.

REPÚBLICAS SEPARATISTAS NA RÚSSIA



República da Chechênia

Os conflitos na Chechênia têm raízes históricas e étnicas.

Em 1924, chechenos e ingushes foram deportados para o Cazaquistão e o Quirguistão por Stalin.

Quando Nikita Krushov permitiu o regresso em 1957, a República autônoma foi restabelecida.

No final de 1990, o Congresso Nacional checheno declarou a soberania da República Checheno-Inguchétia.

Em 1991, o presidente Dudayev declarou unilateralmente a independência da República Chechena da União Soviética e da Federação Russa. A Rússia iniciou então uma guerra contra os chechenos.

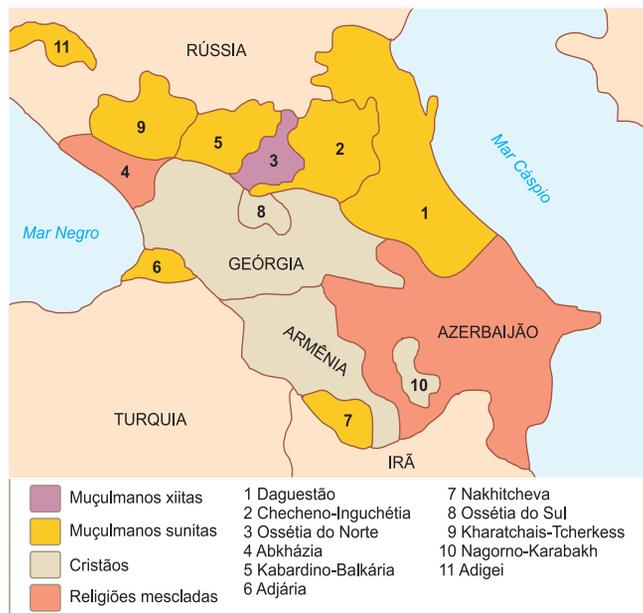
Em 1992, a Chechênia foi constituída como região autônoma da Rússia.

Em dezembro de 1994, a Rússia deu início à guerra contra a república independentista da Chechênia. O conflito durou 21 meses, deixou milhares de mortos e terminou com a retirada dos russos. A Chechênia passou a gozar de ampla autonomia.

Em setembro de 1999, o então premiê russo, Vladimir Putin, ordenou nova ofensiva contra a Chechênia, alegando que ela abrigava rebeldes islâmicos que pretendiam estabelecer um Estado fundamentalista no vizinho Daguestão. Segundo o governo da Rússia, os rebeldes seriam responsáveis pelos atentados terroristas que deixaram quase 300 mortos no país, em 1999. A região do Cáucaso, onde estão a Chechênia e o Daguestão, tem grande importância estratégica por causa da produção de petróleo e da passagem de oleodutos. A ação na Chechênia tem grande apoio popular na Rússia, cujo poderio militar entrou em decadência após o fim da Guerra Fria.

A guerra contribuiu para a eleição, em março de 2000, de Vladimir Putin à Presidência da Rússia. Ex-oficial da KGB (o antigo serviço secreto soviético), Putin era desconhecido no país quando foi nomeado premiê pelo então presidente Boris Iéltsin, em agosto, mas ganhou popularidade comandando a ofensiva contra a Chechênia.

AS RELIGIÕES NA REGIÃO DO CÁUCASO



Após quase três anos de combates (1999-2001), Moscou dominou a maior parte da região, incluindo a capital, Grózni.

Em 2004, rebeldes chechenos tomaram uma escola na cidade de Beslan, na Ossétia do Norte. Os atentados diminuíram na região do Cáucaso.

Em 2009, aumentaram os ataques de forma significativa na região.

No fim de março de 2010, ocorreram ataques contra estações do metrô de Moscou. Esses atentados terroristas foram realizados por mulheres suicidas – viúvas negras – que perderam maridos, filhos e irmãos na repressão de Moscou contra separatistas da região do Cáucaso, como

a Chechênia e o Daguestão.

Em janeiro de 2011, novos atentados ocorreram no Aeroporto de Moscou, organizados por terroristas separatistas da Inguchétia e da Chechênia.

8. O início do século XXI – o crescimento da Rússia

A recuperação da Rússia

Em 2000, já começaram a ser sentidos sinais de recuperação da economia russa, com o crescimento do PIB, diminuição da inflação e o *superavit* do setor público.

A recuperação é explicada pelas reformas: houve cortes de gastos, alterações administrativas, aumento na coleta de tributos, com um amplo projeto de reforma tributária, aumento dos investimentos estrangeiros e desvalorização da moeda (rublo).

Mas o principal fator foi o saldo positivo da balança comercial, com o aumento das exportações, principalmente do petróleo.

O aumento do preço do petróleo no mercado mundial contribuiu para aumentar tanto a receita russa de exportações quanto a de impostos.

De 2001 a 2003, os altos preços do petróleo foram cruciais para sustentar o rápido crescimento econômico da Rússia.

Em junho de 2002, com a nova Lei da Reforma Agrária, os russos voltaram a ter direito de comprar e vender terras e o governo esperou que, com essa lei, ocorresse a modernização da agricultura.

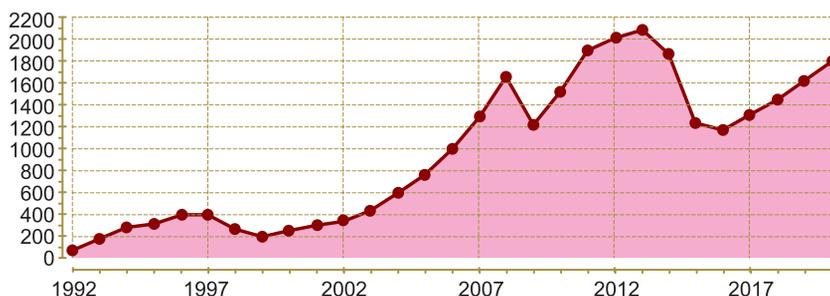
No início de 2003, o Iraque ofereceu contratos importantes às companhias russas de petróleo (Lukoil) e gás (Gazprom) para exploração do produto.

A partir de 2002, a Rússia apresentou um forte crescimento econômico.

A recuperação da economia russa durante a primeira e a segunda décadas do século XXI baseou-se na produção e na exportação, principalmente de matérias-primas, com destaque para o petróleo e o gás natural, escoados por oleodutos e gasodutos para a Europa Central e, dali, distribuídos para inúmeros países. Essas commodities, controladas por grandes grupos oligárquicos (por exemplo, a Gazprom), sofrem com variações sazonais do consumo do produto, resultando em altos e baixos na entrada de recursos no país. A economia também teve percalços em função de atitudes políticas tomadas pelo governo russo (ataques à Geórgia, Ucrânia e

intervenção na região do Cáucaso) que resultaram em retaliações dos governos ocidentais e queda nas vendas russas. Constituindo-se num país gigantesco e rico em recursos naturais, a Rússia conta ainda com uma população de boa formação educacional, com grande potencial de desenvolvimento. A Rússia faz parte do grupo BRICS e vem estabelecendo acordos comerciais com sua sempre problemática vizinha, a China, pretendendo fazer parte da futura “Nova Rota da Seda”, um complexo de sistemas de transporte que ligarão o litoral da China a Lisboa, na Europa, atravessando parte do território russo.

RÚSSIA — PRODUTO INTERNO BRUTO (EM MIL MILHÕES DE DÓLARES)



(FMI – Fundo Monetário Internacional)

A Rússia e a Otan

Os 19 líderes da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), reunidos, em 2002, na capital da República Tcheca, decidiram criar uma força de reação rápida para agir em situações de crise em qualquer ponto do planeta e convidaram sete países do Leste Europeu, antiga área de influência da antiga URSS, para integrar a aliança.

Uma decisão histórica: a ratificação da expansão da Aliança Atlântica, com convites para integrá-la a Lituânia, Letônia, Estônia, Eslováquia, Eslovênia, Romênia e Bulgária. O plano é elevar o quadro associativo da Otan para 26 membros até 2004 – apesar da aberta oposição dos comandantes militares russos.

A Rússia hoje tem uma parceria com a aliança, (sua antiga inimiga da Guerra Fria) e integra o recém-criado Conselho Otan-Rússia. Participa das decisões da aliança, porém, com direito a voto, mas sem direito a veto.

A Otan sofreu uma transformação radical, passando de um instrumento da Guerra Fria para uma instituição de defesa contra o terrorismo global e outras ameaças do século XXI.

(O Estado de S. Paulo, 22 nov. 2002.)

Em 5 de novembro de **2004**, a Rússia assinou o ato de adesão ao Protocolo de Kyoto, que entrou em vigor em 2005.

Escudos antimísseis

Putin desferiu pesadas críticas, no decorrer de 2007, contra o plano norte-americano de instalar um sistema de escudos antimísseis na Europa do Leste. Os EUA pretendiam utilizar uma estação de radares na República Tcheca e dez interceptadores de foguetes na Polônia. O objetivo oficial era a defesa contra possíveis ataques de mísseis do Irã e da Coreia do Norte. O governo russo, entretanto, disse sentir-se ameaçado pela possível instalação do sistema e anunciou que poderia apontar mísseis russos contra cidades da Europa, como forma de defesa.

O presidente dos EUA, Barack Obama, anunciou em setembro de 2009 que os EUA não mais construiriam o escudo antimísseis na Europa.

O acordo, revisto em 2010, previa apenas a instalação de um sistema antimíssil móvel a partir de 2018.

Em abril de 2010, EUA e Rússia firmam acordo para reduzir em um terço arsenais atômicos. O novo pacto para controle de armas nucleares é o **Novo Start**.

Rússia luta para manter sua zona de influência

Desde o desmembramento da URSS em 1991, a Rússia tenta manter os países que integravam a União e os do Leste Europeu sob sua zona de influência direta. Para isso, lança mão de duas vias principais: a oferta de ajuda financeira e a pressão militar. Entretanto, os Estados Unidos e a União Europeia vêm firmando acordos econômicos e militares com antigos aliados russos, o que causa grande inquietação em Moscou.

Acordos

O governo russo tomou diversas iniciativas em 2010 para garantir sua influência. A mais importante refere-se à Ucrânia, com a qual a Rússia fechou um acordo, em abril, por meio do qual a Marinha russa poderá manter o uso de uma base naval ucraniana no Mar Negro até 2042. Em julho, a Rússia fechou acordo de união alfandegária com Belarus e Cazaquistão. No mesmo mês, um entendimento assinado com a Armênia estendeu até 2044 o uso da base militar de Gyumri.

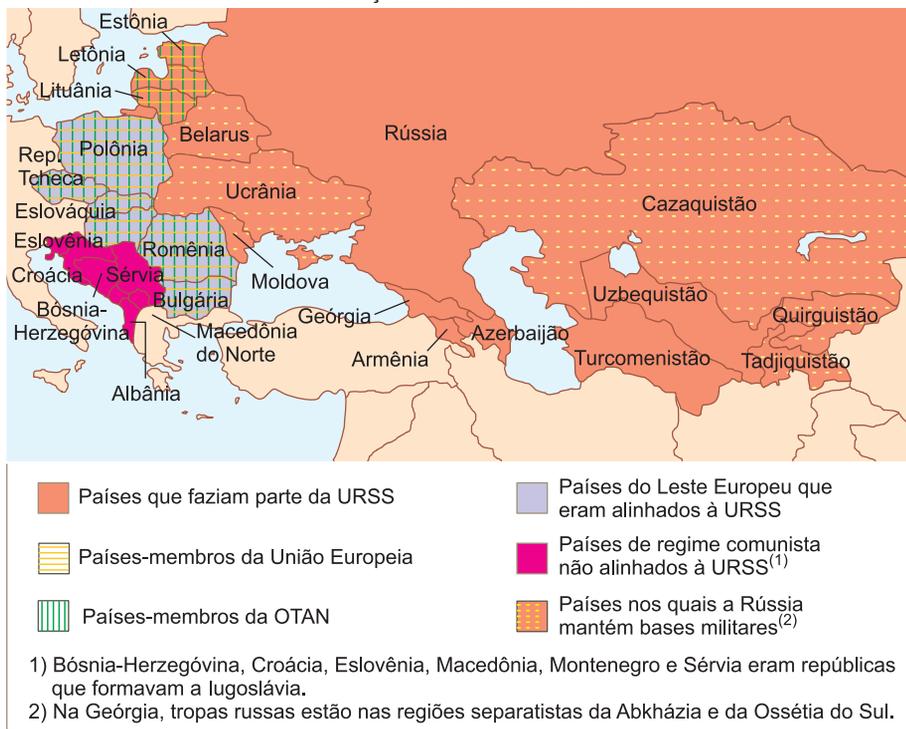
OTAN

A Rússia vê a Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) como a principal ameaça à soberania na região. Atualmente, muitos países da Europa do Leste fazem parte da aliança militar ocidental (veja mapa na p. 91). As potências militares também têm planos em conjunto: desde 2002, o Conselho Otan-Rússia age para combater o terrorismo e a proliferação de armas de destruição em massa.

Apesar de essa cooperação militar ainda ser bastante instável, em novembro de 2010 foi realizada a cúpula Otan-Rússia, na qual as duas partes aceitam trabalhar juntas na criação de um sistema integrado de escudo antimísseis.

O verão de 2010 na Rússia foi marcado por uma onda de calor e seca muito pronunciada que causou milhares de focos de incêndios em florestas e lavouras. Como consequências, ocorreram muitas mortes e perda de quase 1/3 da safra russa, fatos que obrigaram o governo russo a suspender todas as exportações de cereais até meados de 2011.

RÚSSIA, PAÍSES DA ANTIGA URSS E DA EUROPA DO LESTE
Situação em Outubro de 2010



Rússia anuncia novos mísseis após saída de tratado

Moscou planeja desenvolver antes de 2021 uma versão terrestre dos mísseis utilizados pela sua Marinha, depois da saída dos Estados Unidos e da Rússia do Tratado INF, sobre sistemas de mísseis terrestres de alcance intermediário.

O ministro russo da Defesa, Serguei Shoigu, anunciou em 05/02/2019 que o país desenvolverá em menos de dois anos a variante terrestre do míssil de cruzeiro Kalibr e um míssil hipersônico de médio alcance, em resposta à decisão dos Estados Unidos. Ele ordenou o início dos trabalhos.

Shoigu afirmou que os Estados Unidos já “trabalham ativamente” no desenvolvimento de um míssil terrestre de alcance superior a 500 km e, por isso, a Rússia precisa adotar medidas equivalentes.

Segundo ele, o sistema Kalibr, de mísseis de longo alcance, teve muito bom rendimento na Síria. A Rússia utilizou pela primeira vez os mísseis Kalibr em 2015, em operações contra jihadistas e rebeldes sírios. No total, 26 mísseis foram lançados a partir de um navio no Mar Cáspio, a 1.500 km da zona de impacto.

Esses mísseis, equivalentes aos Tomahawk, dos Estados Unidos, podem atingir boa parte da Europa. Shoigu destacou que o fato de eles já existirem em suas versões marítima e aérea reduzirá o prazo e o custo de fabricação dos mísseis terrestres.

O ministro propôs a fabricação de novos mísseis no sábado passado ao presidente Vladimir Putin, depois de este ter anunciado a saída de Moscou do Tratado INF, assinado pelos EUA e pela então União Soviética em 1987.

O Tratado INF se refere apenas a sistemas de mísseis terrestres e não àqueles lançados do ar ou do mar.

Com a suspensão do tratado, Estados Unidos e Rússia podem agora desenvolver mísseis com alcance entre 500 e 5.500 km e lançados a partir de bases terrestres, até então proibidos pelo acordo. Os dois países se acusam mutuamente de violá-lo.

Especialistas afirmam que o fim do tratado deve levar a uma nova corrida armamentista. Putin disse no sábado que não vai estacionar mísseis terrestres na Europa ou em outras regiões do mundo a não ser que os Estados Unidos façam o mesmo antes.

Em tese, o tratado ainda pode ser salvo, pois ele prevê que a saída seja comunicada com seis meses de antecedência, período pelo qual ele permanece em vigor. Mas especialistas duvidam que, até lá, Estados Unidos e Rússia se acertem.

Muitos especialistas também afirmam que os Estados Unidos não têm mais interesse no INF por ele não incluir a China, país que desenvolveu nos últimos anos sistemas de mísseis proibidos pelo acordo.

(Deutch Welle, 5 fev. 2019. Adaptado.)

9. Ucrânia

A Ucrânia estende-se desde as margens dos Mares Negro e Azov, ao sul, até a região dos Cárpatos, ao norte. É formada por extensas planícies, com os solos negros (tchernozion) mais férteis do mundo. A paisagem vegetal dominante é a das estepes, aparecendo ao norte a formação da floresta de coníferas.

Possui numerosos rios, mas com pequeno potencial hidrelétrico. Esses rios estão interligados por um grande sistema de canais, que possibilitam um intenso transporte flúvio-marítimo, como o do Rio Dnieper.

A população da Ucrânia tem predomínio de eslavos (95%). Caracteriza-se pela elevada densidade demográfica e pela urbanização.

Etnias	
Ucranianos	77,8%
Russos	17,3%
Bielorrussos	0,6%
Moldavos	0,5%
Judeus	0,2%

A Ucrânia possui setores industrial e agrário altamente desenvolvidos, além de um diversificado sistema de transportes.

Os férteis solos negros, o clima favorável, a alta densidade demográfica, a tradicional atividade agrária e a excelente posição tornaram a Ucrânia um importante celeiro.

É destacada produtora mundial de trigo, milho, beterraba, girassol, encontrados na porção sudoeste. Essa grande produção agrícola tornou dinâmico o setor da in-

dústria alimentícia.

No litoral do Mar Negro e na Crimeia, há elevada produção de frutas e vinhas.



A Ucrânia destaca-se ainda pela sua grande abundância de recursos de subsolo, como carvão, manganês, mercúrio, níquel, titânio e outros.

Conta com um grande parque de indústrias siderúrgicas e metalúrgicas, além de uma grande produção de carvão mineral, extraído em Donbass, o minério de ferro de Krivoi Rog e o manganês de Nikopol. É notável também sua indústria mecânica, de máquinas e equipamentos.

As principais áreas industriais encontram-se na região do Rio Dnieper e na bacia de Donbass.

No litoral sul da Crimeia e do Mar Negro, destacam-se os setores da indústria pesqueira e do turismo.

As principais cidades da Ucrânia são Kiev, Kharkov, Donetsk, Odessa, Sebastopol e Yalta, entre outras.

A Ucrânia é o segundo país da Europa em extensão (a Rússia é euro-asiática), o quinto em população e uma das maiores potências agrícolas e nucleares.

A Rússia, a Bielorrússia, a Ucrânia e o Cazaquistão possuem armas nucleares estratégicas em seu território. O destino dessas armas é uma grande preocupação do Ocidente.

Em 1993, o Parlamento estabeleceu a propriedade ucraniana sobre o arsenal nuclear da antiga URSS no território, mas concordou em limitar as armas estratégicas e desativar gradualmente as 1.656 ogivas nucleares do país.

Em 1995, o Parlamento anulou a Constituição da Crimeia, república autônoma com população majoritariamente russa que buscava a incorporação à Federação Russa. A Ucrânia assinalou, no mesmo período, um acordo com o Grupo dos Sete (atual G-8) para o fechamento da usina de Chernobyl em cinco anos, em troca do empréstimo de 1,7 bilhão de dólares.

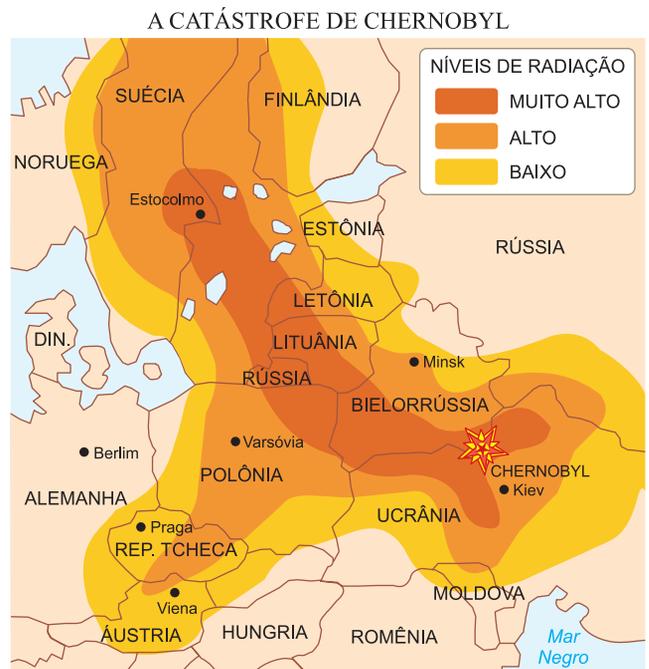
Em 1997, Ucrânia e Federação Russa firmaram um acordo sobre a frota militar no Mar Negro. Os russos ficaram com 70% dos navios e arrendaram parte do porto de Sebastopol (Crimeia) para lhes servir de base. O último reator nuclear de Chernobyl, que fornecia 5% da energia elétrica consumida na Ucrânia, foi desativado em dezembro de 2000.

Ucrânia fechou Chernobyl

Quatorze anos depois do pior acidente nuclear da história, o então presidente ucraniano, Leonid Kuchma, ordenou o fechamento da central nuclear de Chernobyl, em Kiev, e ganhou elogios de seu colega americano, Bill Clinton, que autorizou ajuda de US\$ 80 milhões para o fechamento da usina.

O então primeiro-ministro ucraniano, Viktor Yushchenko, disse serem necessários mais de US\$ 500 milhões para o fechamento da central e outros US\$ 400 milhões para levantar o segundo “sarcófago” (lare de concreto) e retirar o restante do combustível atômico (200 toneladas na época do desastre).

O acidente de 26 de abril de 1986 disseminou material radioativo por boa parte da Europa e causou 8 mil mortes, segundo o governo ucraniano. A central foi fechada em 15 de dezembro de 2000. O Departamento de Energia americano prometeu ajudar a encontrar outras fontes de energia.



(Jornal Mundo, maio 1996.)

Segundo Kuchma, o fechamento de Chernobyl, inicialmente previsto para antes do ano 2000, foi adiado porque a Ucrânia não recebeu a ajuda de US\$ 2,3 bilhões prometida pelo Grupo dos Sete. Parte dessa ajuda (US\$ 1,2 bilhão) seria usada para terminar a construção de dois reatores nas centrais de Rivne e Jmelnitski.

(O Estado de S. Paulo, 6 jun. 2000.)

Gás russo

Entre 2006 e 2009, a Ucrânia sofreu seguidos cortes no abastecimento do gás que vem da Federação Russa durante o inverno. Os russos exigiam o pagamento das dívidas dos ucranianos, e a Ucrânia não concordava com as taxas cobradas pela empresa de gás russa Gazprom. A disputa energética alimentou ainda mais a polarização entre Moscou e Kiev. Como a Federação Russa fornece 20% do gás utilizado na Europa e 80% dele passa pela Ucrânia, o corte de gás em janeiro de 2009 também afetou 18 países europeus. Os russos acusaram o governo ucraniano de desviar para si parte do gás que deveria chegar a outras nações europeias. O abastecimento normaliza-se 20 dias depois, após assinatura de um acordo entre os dois países. Em agosto de 2009, a UE aprovou empréstimo de 1,7 bilhão de dólares à Ucrânia para investimento em gasodutos.

Aproximação com o Ocidente incomoda os russos

Desde que assumiu o poder, em 2005, o presidente Viktor Yushchenko procurou estreitar laços com a União Europeia, afastando-se da influência russa. Em carta dirigida ao líder ucraniano em agosto de 2009, o presidente russo Dmitri Medvedev demonstrou seu descontentamento com a situação e acusou diretamente Yushchenko de praticar uma “política antirrusa”.

O ponto de maior atrito diz respeito à aproximação da Ucrânia com a Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), com a qual o país mantém uma espécie de pacto especial desde 1997. A Ucrânia não faz parte da instituição, e o acordo tampouco garante eventual convite para o ingresso na Otan, mas estipula uma série de compromissos mútuos.

A partir de 2014, a Ucrânia passou a viver problemas que acabaram eclodindo numa guerra civil que se estendia até 2019. O presidente daquele momento, Viktor

Yanukovych, estava, nos anos anteriores, estabelecendo uma política de aproximação com a União Europeia, com o intuito de tornar a Ucrânia candidata a futuro membro da organização. Contudo, pressionado pelo governo russo de Wladimir Putin, desistiu da ideia e passou a assinar acordos com a Rússia, o que descontentou grande parte da população ucraniana, principalmente aquela que se concentra na porção oeste do país, onde se encontra a capital, Kiev. Protestos violentos ocorreram na capital, com a população invadindo o Palácio da Justiça. Finalmente, em 22 de fevereiro de 2014, o parlamento da Ucrânia destituiu Viktor Yanukovych, que se evadiu em direção à Rússia e ressurgiu pedindo apoio de Wladimir Putin para que restabelecesse a ordem no país.

A partir de então, ocorreram dois fatos: um novo presidente foi eleito (Petro Poroshenko); e a população da parte oriental – ucranianos que falam russo – iniciou movimentos separatistas pedindo apoio à Rússia. Imediatamente, iniciou-se a questão da Península da Crimeia. Província russa em pleno Mar Negro, esse território, onde parte da população é russa e outra parte é constituída de tártaros, havia sido transferido para o controle da Ucrânia em 1954, assim permanecendo mesmo depois do fim da URSS em 1991. Com os conflitos de 2014, a população da Crimeia manifestou a intenção de retornar ao controle russo. O parlamento russo votou pela intervenção militar e, em princípios de março de 2014, a Península da Crimeia foi reanexada pelo exército russo. Um plebiscito teve lugar na Crimeia e confirmou a intenção da população de retornar ao controle russo. Contudo, tal fato não foi reconhecido pela ONU.

Já a porção leste da Ucrânia (regiões como Donetsk e Lugansk), notadamente de fala russa, passou a reivindicar a independência ou a anexação à Rússia. Estabeleceu-se uma disputa envolvendo forças do exército ucraniano e milícias da Ucrânia Oriental, abastecidas por armamentos enviados pela Rússia. O exército russo estacionou tropas junto à fronteira ucraniana, ameaçando invasões. A guerra seguia num impasse até meados de 2019.

As pressões russas prejudicam principalmente a Ucrânia, que se vê ameaçada por invasões, tolhida na sua pretensão de pertencer à União Europeia ou à OTAN, e perde umas das mais importantes partes de seu território, a porção leste, rica em minerais siderúrgicos e industrializada.

Entenda a atual crise entre Ucrânia e Rússia

Desde a anexação da Crimeia, os dois países vivem uma espécie de guerra não declarada. A tensão se acirrou com a decisão russa de apreender três embarcações ucranianas, sob acusação de violação territorial.

A atual crise se instaurou em novembro de 2018 no Estreito de Kerch, litoral da Península da Crimeia, quando a Marinha russa impediu a passagem de três barcos militares ucranianos para o Mar de Azov. O estreito fica entre a Rússia continental, no leste, e a península anexada pelos russos em 2014, no oeste.

Segundo Kiev, os barcos deveriam ir de Odessa, no Mar Negro, para Mariupol, no Mar de Azov. E o governo russo, argumentam os ucranianos, teria sido informado previamente sobre o traslado.

Em Moscou, a versão é outra. O serviço secreto russo, a FSB (antiga KGB), que também é responsável pela proteção das fronteiras, argumenta que os navios ucranianos invadiram ilegalmente as águas territoriais russas e que as tripulações não obedeceram às ordens de parar.

Durante a disputa, um navio da Guarda Costeira russa danificou um rebocador da Marinha ucraniana. Em seguida, as forças russas capturaram as três embarcações ucranianas, confiscando-as por violação da fronteira russa. Houve disparos de alerta por parte dos russos.

Por que o Estreito de Kerch é tão importante?

O Estreito de Kerch é a única ligação entre dois mares – o Mar Negro e o Mar de Azov. Só se consegue chegar aos dois portos mais importantes da Ucrânia, Mariupol e Berdiansk, por essa via marítima. A passagem é vital principalmente para Mariupol, no leste da Ucrânia, com suas duas indústrias metalúrgicas.

Desde a anexação da Crimeia, em 2014, a Rússia controla o estreito dos dois lados – o que dificulta o trânsito de embarcações ucranianas. As consequências do controle russo ficaram particularmente sensíveis depois da conclusão de uma ponte que liga a península ao território russo, em maio deste ano.

Isso agravou a situação, já que o FSB realiza controles em todos os navios que têm a Ucrânia como destino. Às vezes, as inspeções duram dias. Desde então, o volume de cargas vem caindo consideravelmente. O conflito em Donbass, região no leste ucraniano, traz mais problemas aos portos ucranianos.

Disputa de Direito marítimo

Na atual escalada, a Ucrânia e a Rússia se acusam mutuamente de violações do Direito marítimo internacional. Nesse contexto, costumam citar, entre outros, a Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar (UNCLOS, na sigla em inglês), de 1982, à qual os dois países aderiram nos anos 1990.

Enquanto a Ucrânia insiste na liberdade de trânsito no Estreito de Kerch e no Mar de Azov em consonância com esse acordo, o lado russo tenta estabelecer fronteiras territoriais. Além disso, existe um acordo bilateral sobre a livre utilização do Estreito de Kerch e do Mar de Azov, que Kiev também menciona. Já a Rússia nunca questionou esse tratado.

Estado de exceção na Ucrânia

Com base no incidente no Estreito de Kerch, Kiev impôs, pela primeira vez no âmbito do conflito com Moscou, a lei marcial. O presidente ucraniano, Petro Poroshenko, assinou um decreto neste sentido em 26/11/2018, aprovado pelo Parlamento do país.

Kiev deixou claro que o estado de exceção não é uma declaração de guerra contra a Rússia, mas que serve exclusivamente para a autodefesa da Ucrânia. Ainda assim, a decisão do presidente é controversa também na Ucrânia. (...) Nesse período, direitos dos cidadãos ucranianos – como a liberdade de associação, por exemplo – poderiam ser restringidos. (...)

A anexação da Crimeia

O mais recente acirramento das tensões no Estreito de Kerch faz recrudescer o conflito entre Ucrânia e Rússia. Em 2014, após a deposição do então presidente ucraniano Viktor Yanukovich, a Rússia ocupou a península numa ação que, num primeiro momento, foi secreta e que, em seguida, levou à anexação oficial do território.

O governo russo invocou os resultados de um polêmico referendo que havia sido realizado na Crimeia. A anexação não foi reconhecida nem pela Ucrânia, nem pela comunidade internacional. A disputa pela península já resultou em vários processos legais internacionais, a maioria deles iniciados por Kiev.

(Deutsch Welle, 27 nov. 2018. Adaptado.)

Apoio a Putin

Em âmbito doméstico, a campanha militar de Putin é acompanhada por uma incansável campanha midiática. A televisão estatal russa – que antes concentrava suas atenções no conflito na Ucrânia – deslocou abruptamente o seu foco assim que o país se envolveu na guerra da Síria, mostrando imagens do poderio militar russo.

Ao mesmo tempo em que financia uma campanha militar cara em outro país, a Rússia enfrenta graves problemas econômicos. A queda no preço do petróleo fez com que o rublo se desvalorizasse em mais de 50%. Isso causou um buraco no orçamento do país e levou à queda no padrão de vida de milhares de cidadãos. Em 2015, a economia sofreu contração de 3,7%. O valor real dos salários caiu 10% desde 2014.

O Kremlin, portanto, precisa despertar apoio e inspirar o patriotismo entre a população para distraí-la da realidade da crise econômica. A questão Síria parece vir bem a calhar. No ano passado, uma pesquisa independente indicou que, depois do início da campanha de mídia, o apoio aos ataques aéreos na Síria aumentou.

E a Ucrânia?

Giles diz que a campanha do Kremlin na Síria tem sido especialmente bem-sucedida em criar uma alternância. Depois da anexação da Crimeia, em 2014, e do apoio aos separatistas no leste da Ucrânia, a Rússia foi penalizada com sanções econômicas pelo Ocidente. A campanha na Síria tem sido usada pelo Kremlin para sugerir que outras potências mundiais têm de se unir à Rússia – que faz parte das conversações de paz da ONU em Genebra – se quiserem chegar a uma solução duradoura para a Síria.

Isso poderia ter um enorme impacto sobre os líderes de Europa e Estados Unidos e também sobre a própria população russa porque, segundo Giles, “agora que o centro das atenções mudou, a anexação ilegal da Crimeia foi quase esquecida. O resultado disso é que as sanções da União Europeia à Rússia parecem mais frágeis do que nunca.”

(Deutsch Welle, 10 fev. 2019. Adaptado.)

10. Bielorrússia (Belarus)

É um país de passagem entre o Leste Europeu (Polônia) e a Rússia, e essa situação intermediária entre áreas altamente industrializadas favorece a economia da Bielorrússia.

Caracteriza-se pelo predomínio de planícies e extensas florestas, distribuídas pelo país quase de forma regular. A floresta abastece a indústria madeireira e de fósforo.

A população é homogênea, com 98% de eslavos. Possui alta densidade demográfica, sendo Minsk sua principal cidade e capital.

Muitas centrais elétricas utilizam os depósitos de turfa encontrados na região central da Bielorrússia.

As centrais elétricas da Bielorrússia fazem parte do anel energético que está ligado ao sistema energético único da antiga URSS, hoje se ligando à Rússia e à Ucrânia.

A Bielorrússia tem poucos recursos de subsolo. São extraídos o potássio, o calcário, o gás natural, que constituem matéria-prima para a indústria química (fertilizantes, fibras, plásticos).

Cerca de três quartos da área agrícola da Bielorrússia são utilizados para a pecuária, sendo elevada a produção de carne e leite.

Destaca-se também na produção de linho e de batata. Apresenta alta densidade de ferrovias, sendo Minsk um “nó” ferroviário. Possui também destacável transporte fluvial e rodoviário.

Em fevereiro de 1995, Minsk e Moscou assinaram um tratado de amizade e cooperação que permitia à Rússia manter forças militares em território bielorrusso.

Em 1997, a economia estava caótica. Mais de 70% da população vivia abaixo dos limites da pobreza. A moeda nacional – o rublo – teve uma acentuada desvalorização perante o dólar e a inflação aumentou. A Anistia Internacional denunciou execuções e prisões arbitrárias e exigiu a extinção da pena de morte.

Etnias	
Bielorrussos	83,7%
Russos	8,3%
Poloneses	3,1%
Ucranianos	1,7%

(CIA. *The World factbook.*)



EXERCÍCIOS RESOLVIDOS

1. (VUNESP-Adaptada) – A Ucrânia concentra o maior percentual de terras agricultáveis dos países que formavam a URSS, constituindo verdadeiro celeiro agrícola, graças à policultura, principalmente pela produção de cereais, grãos, beterraba açucareira e girassol.

Assinale a alternativa que indica os fatores responsáveis por esta supremacia.

- Pradaria, terras férteis negras e melhor distribuição de chuvas.
- Tundra, zonas irrigadas e invernos com temperaturas amenas.
- Taiga, terras férteis negras e distribuição irregular de chuvas.
- Estepe, zonas irrigadas e melhor distribuição de chuvas.
- Pradaria, zonas irrigadas e invernos com temperaturas amenas.

Resolução:

A Ucrânia possui vegetação conhecida por Estepe, que fornece ao solo grande quantidade de matéria orgânica, tornando-o fértil. Esse solo escuro é conhecido por *Tchernozion*. Além disso, o clima temperado é ideal para certos cultivos, como o do trigo.

Resposta: A

2. (PUCCAMP) – Para responder a esta questão, utilize o mapa apresentado abaixo.



Assinale a alternativa que apresenta a correspondência correta entre a área numerada e algumas de suas qualidades naturais e/ou sociais.

- (1) assinala a depressão aralo-caspiana, onde dominam climas desérticos, havendo produção agrícola irrigada e (4) a região da taiga onde dominam as coníferas, aproveitadas principalmente para a produção de celulose.
- (1) assinala área de climas desérticos absolutos onde a agricultura é impossível mesmo com aplicação das modernas tecnologias e (5) área de tundra, cujos solos permanecem congelados por mais de 240 dias no ano.
- (2) assinala área de climas muito frios e vegetação conhecida por taiga e (3) áreas de florestas mistas, com solos escuros, ótimos para a agricultura, hoje grandemente aproveitados pelos cultivos de cereais em geral.
- (3) assinala áreas de florestas temperadas latifoliadas e (5) área da taiga, cujos solos permanecem congelados aproximadamente 240 dias e onde a agricultura é impraticável.
- (4) assinala área semiárida, com estepes, onde apenas a criação de gado miúdo é possível e (2) áreas onde a vegetação rasteira e de flores variadas apenas se desenvolve no curto verão.

Resolução:

O mapa revela as principais paisagens naturais da CEI. A área 1 caracteriza-se pela aridez; e a área 4, pelo clima temperado frio acompanhado de coníferas.

Resposta: A

3. Observe o mapa da antiga URSS.



A linha tracejada marca o limite

- da cultura da beterraba açucareira.
- da zona de agricultura mecanizada.
- da zona de cultura de trigo.
- da zona do *tchernozion*.
- entre a tundra e a taiga.

Resolução:

No extremo norte, já em área polar, esse país apresenta a tundra (vegetação constituída de musgos e líquens). Faz limite com essa vegetação a taiga (floresta de coníferas).

Resposta: E

4. (MODELO ENEM)

Rússia entra na OTAN

Inimigos da Guerra Fria se reúnem na Itália para selar participação de Moscou em órgão criado para conter soviéticos.

(Folha Mundo, 29 maio 2002, p. A13.)

Acordo de desarmamento com a Rússia muda a OTAN

Entidade anunciará uma política conjunta de combate ao terrorismo.

(Gazeta Mercantil, 15 maio 2002, p. A12.)

OTAN acolhe Rússia como aliada estratégica

(Folha Mundo, 15 maio 2002, p. A11.)

Considerando-se seus conhecimentos e as ideias expressas nas manchetes sobre o reordenamento mundial no início do século XXI, é correto afirmar:

- A entrada da Rússia na OTAN constitui uma parceria conjunta no combate ao terrorismo; controle da difusão das armas nucleares, químicas e biológicas; além do estabelecimento de estratégias para contornar as crises internacionais, simbolizando definitivamente o fim da Guerra Fria.

- b) A inserção da Rússia como participante e membro votante, com direito de veto sobre as decisões da OTAN, reforça sua posição geopolítica de proteção à Ásia Central e de apoio multilateral nas relações transatlânticas na Nova Ordem Global.
- c) O novo Conselho Otan-Rússia, além de envolver uma maior cooperação militar entre os dois países em questão de segurança, significa também a substituição do Conselho do Atlântico Norte, no qual a Rússia, como membro pleno, vetará definitivamente o direito de decisão e de ação independente da OTAN.
- d) O acordo EUA-Rússia para redução dos arsenais nucleares não somente estabelece o fim da corrida armamentista, que vigorou no modelo bipolar (1945-1989), como também cria salvaguardas para a Rússia vetar as decisões da OTAN em situações cruciais de tensões no globo.
- e) Pelo novo acordo de desarmamento, serão reduzidos dois terços das armas atômicas nos próximos dez anos. Enquanto os Estados Unidos abandonam o projeto de construção do escudo espacial antinuclear, os russos desfazem o Tratado Antimíssil Balístico assinado com a China na última década do século XX.

Resolução:

A Rússia se aproximou da OTAN, mas faz parte da instituição como observadora.

Resposta: A

5. (VUNESP – MODELO ENEM) – A área do Cáucaso, com cerca de 12 milhões de habitantes, é rica em petróleo e tem influência da

religião islâmica – muitas vezes usada como resistência à Rússia cristã ortodoxa. A região engloba parte do sul da Rússia onde estão a Chechênia, o Daguestão e a Inguchétia, bem como países independentes como Geórgia, Azerbaijão e Armênia.

(Folha de S.Paulo, out. 1999.)



A Chechênia usufrui de uma independência parcial desde 1996, após uma guerra com a Rússia. Atualmente vive forte tensão com os russos, apoiando o separatismo do Daguestão. A região geográfica a que se refere o texto está na área indicada no mapa com o número:

- a) 1 b) 2 c) 3 d) 4 e) 5

Resolução:

A Chechênia localiza-se próximo ao Mar Cáspio, região por onde passam grandes oleodutos.

Resposta: A



EXERCÍCIOS-TAREFA

6. (UEM) – Muitos problemas! É isso que ocorre com as repúblicas que compõem a Comunidade dos Estados Independentes (CEI), após o fim da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS).

Assinale o que for correto sobre as dificuldades que essas repúblicas enfrentam.

- a) São grandes as dificuldades dos habitantes da CEI para a implantação da propriedade privada da terra e para fazê-la produtiva. As safras agrícolas têm sido fracas e as falhas no sistema de distribuição agravam o problema.
- b) Muitas fábricas apresentam estruturas obsoletas e atraso tecnológico e não estão preparadas para produzir bens competitivos no mercado.
- c) Muitos países da CEI recorreram ao Fundo Monetário Internacional e têm dificuldades em adaptar-se às exigências dele.
- d) Na antiga União Soviética, as repúblicas tinham uma economia autônoma, utilizando a matéria-prima local em pequenas indústrias de bens de consumo. Atualmente, elas procuram maior interdependência, mas a rede de transportes e de comunicações, em geral, não existe para dar suporte ao abastecimento de matérias-primas.
- e) Projetos de irrigação praticados por repúblicas na região do Mar de Aral desviaram os cursos de importantes rios que abasteciam esse mar interno, transformando uma grande extensão de terras antes cultiváveis em um deserto.

- f) A produção de energia é, em parte, suprida por usinas nucleares, cujos reatores obsoletos ameaçam a segurança da população.

7. (FACI) – Sobre o conflito russo-checheno, avalie as alternativas e assinale a **incorreta**.

- a) O conflito tem sua origem na declaração de independência da Chechênia em 1991, seguindo uma onda separatista desencadeada em todo o Cáucaso depois do colapso da União Soviética (URSS).
- b) Três anos depois, tropas russas invadem o território checheno. Elas chegam a ocupar a capital, Grózni, mas sofrem uma humilhante derrota.
- c) Um acordo de paz, em 1996, adia para 2001 a decisão sobre o status político da república. Cerca de 100 mil pessoas morrem em dois anos de guerra.
- d) Apesar da pressão internacional, a Rússia não aceitou nenhuma das propostas para mediação do conflito.
- e) Após o fracasso da mediação chinesa, a rápida e eficiente atuação das forças do Pacto de Varsóvia consegue encerrar o conflito, estabelecendo um governo provisório cristão ortodoxo no mais novo país do Globo.

8. (UNIP) – A Federação Russa é o maior país do mundo em extensão territorial, com aproximadamente 17 milhões de km²; é formada por 21 repúblicas, 1 região autônoma (dos judeus), 49 re-

giões administrativas, 6 províncias, 10 distritos autônomos e 2 cidades com status administrativo especial (Moscou e São Petersburgo). Os russos integram cerca de 82% da população, mas há pelo menos 80 etnias distribuídas pela Federação, e o sentimento nacionalista de vários grupos étnicos ameaça a unidade do país. Como exemplo de insubordinação étnico-nacionalista em relação ao governo de Moscou, podemos citar uma pequena república da região do Cáucaso que se declarou independente em 1991, sem o reconhecimento do Kremlin e de outros países. Esse fato desencadeou uma série de conflitos, como a guerra (de 1994 a 1996), que resultou na morte de cerca de 100 mil pessoas e terminou com uma derrota humilhante dos russos por não conseguirem vencer os rebeldes muçulmanos dessa região. Atualmente, a região volta a ser manchete dos noticiários. Do jornal O Estado de S. Paulo, de domingo, 24 de outubro de 1999, destaca-se o seguinte trecho de notícia: **“Grózní, Rússia** – Os militares russos completaram o cerco à república separatista, fechando com tanques blindados a passagem entre a região e a vizinha República da Inguchétia, onde cerca de 160 mil pessoas buscam refúgio desde que as tropas federais iniciaram sua incursão no território, no início do mês”.

Assinale a alternativa que indica a república separatista apontada no trecho de notícia citado.

- a) Chechênia.
- b) Daguestão.
- c) Armênia.
- d) Azerbaijão.
- e) Geórgia.

9. **(VUNESP)** – A Rússia está envolvida, desde meados da década de 1990, numa guerra no Cáucaso Setentrional, contra o povo muçulmano, e numa outra guerra na Ásia Central, apoiando o governo local contra uma insurreição que inclui fundamentalistas islâmicos.

As duas áreas conflitantes são, respectivamente,

- a) Kosovo e Macedônia.
- b) Chechênia e Tadjiquistão.
- c) Caxemira e Mianmar.
- d) Armênia e Curdistão.
- e) Azerbaijão e Eritreia.

10. **(CEEFET/PI)** – Com o fim do regime socialista na antiga União Soviética, as antigas repúblicas soviéticas estão aprendendo a conviver com um novo modelo de mercado e principalmente com o desemprego. Ocorre ainda a crise política por influência de movimentos separatistas.

Um desses movimentos com maior repercussão se encontra no(a)

- a) Cazaquistão.
- b) Chechênia.
- c) Lituânia.
- d) Ucrânia.
- e) Letônia.

11. **(UNIP)** – A desagregação da União Soviética levou ao ressurgimento de lutas nacionalistas dentro do território. A onda de atentados terroristas na Rússia no segundo semestre de 1999

reacendeu um conflito entre o país e um pequeno território que luta pela sua independência.

Esse território, que vem sendo atacado sistematicamente pelo governo russo, é

- a) a Bósnia.
- b) a Chechênia.
- c) a Sérvia.
- d) Kosovo.
- e) o Azerbaijão.

12. **(FUVEST)** – Analisando-se as transformações ocorridas na antiga URSS, pode-se considerar que a Federação Russa

- a) atrai maciços investimentos estrangeiros, devido ao seu elevado ritmo de crescimento econômico.
- b) tem dificuldade em transferir a tecnologia desenvolvida no setor militar para a produção industrial do setor civil da economia.
- c) ainda figura entre as cinco maiores potências econômicas do globo, em razão de sua moderna agricultura destinada à exportação.
- d) completou o processo de privatização no país, porque suas empresas estatais eram rentáveis e competitivas no mercado.
- e) conseguiu construir sua identidade nacional, com a saída das demais repúblicas que constituíam a URSS.

13. **(UNIRP)** – Maior país em extensão territorial do planeta e segundo arsenal nuclear, a Rússia elegeu seu segundo presidente na era pós-comunista, um ex-agente da KGB. Sua única promessa eleitoral foi um governo forte. Os poderosos da Rússia nunca se viram obrigados a prestar contas de seus atos e omissões ao povo. Pela primeira vez, um governante supremo da Rússia foi à televisão e pediu desculpas à população devido à desastrosa atuação do governo no naufrágio do submarino Kursk e consequente morte dos 118 tripulantes.

Assinale a alternativa que contém o nome do presidente russo em questão.

- a) Bóris Iéltsin.
- b) Mikhail Gorbachev.
- c) Josef Stalin.
- d) Nicolau II.
- e) Vladimir Putin.

14. **(FMC)** – Após 70 anos de comunismo, a passagem do sistema socialista para o capitalista está representando um processo de transição difícil para a Federação Russa que enfrenta, entre outros problemas,

- a) a necessidade de reconversão industrial, sobretudo na indústria pesada, pouco produtiva e obsoleta.
- b) as dificuldades de comunicação em um território extenso com população concentrada a leste e enormes vazios a oeste.
- c) as solicitações internacionais no sentido de o país se desligar do Comecon e se integrar à União Europeia.
- d) a escassez de fontes de energia, indispensáveis para promover um novo arranque industrial neste século XXI.
- e) as pressões das antigas repúblicas da antiga URSS para se reunificarem e participarem em bloco no mercado internacional.

15. (FGV) – O presidente da República Russa de Yakutia, às margens do Oceano Ártico, na Sibéria, comprometeu-se a proteger até o ano 2000 uma área de 70 milhões de hectares de (I) e (II), superfície equivalente a um quarto do território da república. A gigantesca área a ser protegida é rica em vida selvagem, mas está ameaçada por poluição decorrente de exploração mineral e pela indústria madeireira. Diversas das espécies existentes na futura reserva são consideradas localmente ameaçadas, entre elas o urso-pardo (*Ursus arctos*).

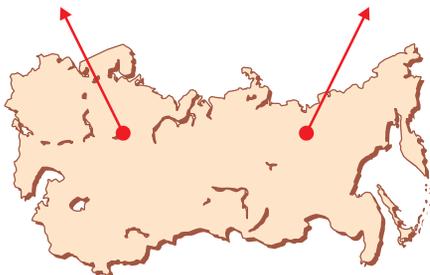
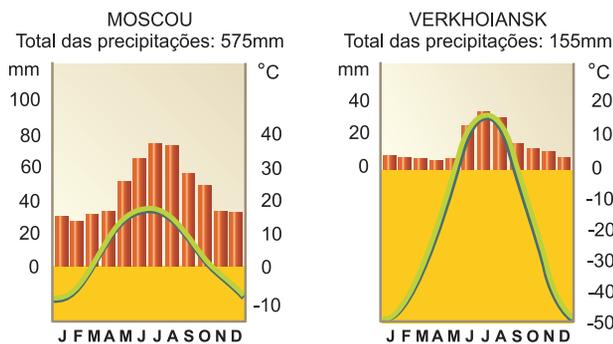
Disponível em: <<http://www.snagricultura.org.br/meioamb02.htm>>.

Adaptado.)

Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas do texto.

- | I | II |
|-----------------------|------------------|
| a) savanas | estepes |
| b) floresta temperada | campos |
| c) campos de altitude | floresta pluvial |
| d) pântanos | mangues |
| e) tundra | floresta boreal |
16. (UPF) – As pradarias são formações herbáceas compostas, basicamente, de gramíneas que aparecem nos climas temperados. Essas pradarias podem ser encontradas
- nas regiões mediterrâneas do sul da Europa e da África do Norte.
 - nas bordas das florestas equatoriais da América do Sul e da África Central.
 - na Ucrânia, na região central norte-americana e nos pampas sul-americanos.
 - nas regiões costeiras da Europa ocidental e na costa leste dos EUA.
 - nas regiões de baixas latitudes da América do Sul, da Europa e da Ásia.

17. (VUNESP) – Observe os gráficos que representam as temperaturas e as precipitações em Moscou e Verkhöiansk, localidades assinaladas no mapa.



- Que fatores explicam as diferenças de temperatura e precipitação nessas duas localidades?
- Que tipos de vegetação correspondem a essas duas condições climáticas?

18. (UESO-BA) – A transição do regime socialista para uma economia liberal está sendo difícil porque surgiram o desemprego, a desorganização da produção e, principalmente, a adaptação à economia de mercado. A reconversão industrial passou a ser fundamental para que a antiga e obsoleta indústria pesada aumente a produtividade para competir no mercado ocidental.

Da leitura do texto, pode-se afirmar que este processo de transição

- ocorreu apenas na Federação Russa, por causa de sua grande extensão territorial.
 - foi notado em quase todos os países da Europa Oriental, mas não ocorreu na Rússia.
 - ocorreu na década de 1990, somente naqueles países com grande diversidade étnica como a Iugoslávia e a Eslováquia.
 - foi percebido apenas nas antigas repúblicas da antiga União Soviética que conservaram a cultura islâmica.
 - ocorreu com intensidades diferentes nos países da Europa Oriental e integrantes da antiga União Soviética.
19. (VUNESP) – Em agosto de 2001, comemoraram-se dez anos do golpe que desencadeou o processo de extinção da URSS em dezembro de 1991. Esse golpe tinha por principal propósito
- evitar que a república separatista da Chechênia obtivesse a independência.
 - retomar a política de apoio a grupos guerrilheiros do Talebã no Afeganistão.
 - pôr fim à abertura política (glasnost) e à reestruturação econômica do Estado socialista (perestroika), propostas principais do governo Gorbachev.
 - reiniciar o acordo da Apec, que havia sido extinta por Gorbachev antes do golpe.
 - retomar o processo de distensão entre a URSS e os EUA que havia sido interrompido por Gorbachev.

20. (UNEMAT) – Da crítica ao capitalismo, publicada no Manifesto do Partido Comunista, de Marx e Engels, em 1848, à implantação do regime socialista na Rússia em 1917, com a criação da URSS, maior país do bloco socialista, e seu desmembramento, em 1991, motivado pelas profundas reformas implantadas por Mikhail Gorbachev, até os dias atuais, o mundo deu muitas voltas. Caíram e recriaram-se barreiras, referências, valores, mitos, muros, e a modernidade produziu um mundo menor que a humanidade, onde sobram bilhões de pessoas.

A respeito do contexto apresentado, analise as assertivas e julgue-as.

- A Doutrina Truman (EUA) refere-se à política de contenção do expansionismo soviético planetário e, junto ao Plano Marshall, contribuiu para a estabilização e recuperação econômica da Europa do pós-Segunda Guerra Mundial.
- Durante o período da Guerra Fria, os EUA e a URSS mantiveram o mundo dividido em Ocidental capitalista e Oriental de economia planejada até a Queda do Muro de Berlim.

- c) O chamado “modelo soviético” referiu-se a uma economia com mecanismos de mercado e ao domínio de um partido único, caracterizado pela democracia.
- d) Nos países ex-socialistas, as reformas implantadas durante a transição para a abertura econômica transcorreram de forma pacífica, trazendo democracia e desenvolvimento socioeconômico.
- e) Recentemente, a China passou a compor a Organização Mundial do Comércio (OMC), graças à implantação do programa “Quatro Modernizações”: na ciência e tecnologia, na agricultura, na indústria e na defesa, tornando a economia chinesa competitiva no mercado internacional, auxiliada ainda pelo baixíssimo custo da mão de obra nacional.

21. (UNIPAR-ADAPTADA) – Por quase toda a segunda metade do século XX, a humanidade viveu sob a ameaça do holocausto nuclear. Há apenas um ano seria impensável o que ocorreu em 2002: a criação do conselho de cooperação na Otan e o tratado no qual os países se comprometem a reduzir o arsenal nuclear em 65% nos próximos dez anos. O tratado também dá continuidade às negociações para melhorar os mecanismos de verificação do número de ogivas.

(Veja, 22 maio 2002.)

O tratado foi assinado entre as duas potências nucleares:

- a) China e Coreia do Norte.
 b) Japão e Coreia do Sul.
 c) Índia e Paquistão.
 d) EUA e Rússia.
 e) Irã e Iraque.

22. (UNIFOA) – Com base no estudo dos fatores fisiográficos da Comunidade dos Estados Independentes (CEI), pode-se afirmar que

a) não existem solos favoráveis às atividades agropastoris.
 b) a estrutura geológica propicia variados recursos minerais.
 c) o relevo exerce influência positiva sobre o clima.
 d) os rios de melhor aproveitamento econômico se encontram no leste.
 e) o clima favorece a agropecuária, particularmente na região leste.

23. (UNIP) – No Cáucaso, sul da Rússia, existe uma república autônoma, de maioria muçulmana, que reivindica sua separação da Federação Russa. De 1994 a 1996, violentos conflitos ocorreram entre tropas russas e rebeldes separatistas. Depois de longos combates, os russos se retiraram da região. Em 1999, vários atentados na Rússia foram atribuídos ao grupo separatista que, devido a isso, voltou a ser atacado de forma violenta pelo exército russo, o qual, segundo organizações de defesa dos direitos humanos, não poupa nem a população civil. A situação agravou-se em 2002.

A qual república autônoma russa o texto faz referência?

- a) Chechênia.
 b) Iugoslávia.
 c) Tartária.
 d) Tuva.
 e) Yacutia.

24. (VUNESP) – As repúblicas da Comunidade dos Estados Independentes (CEI) têm acesso ao Oceano Atlântico e ao Mar Mediterrâneo, respectivamente, pelos Mares

a) Baikal e Morto.
 b) do Norte e Cáspio.
 c) Aral e Balkash.
 d) Onega e Ladoga.
 e) Báltico e Negro.

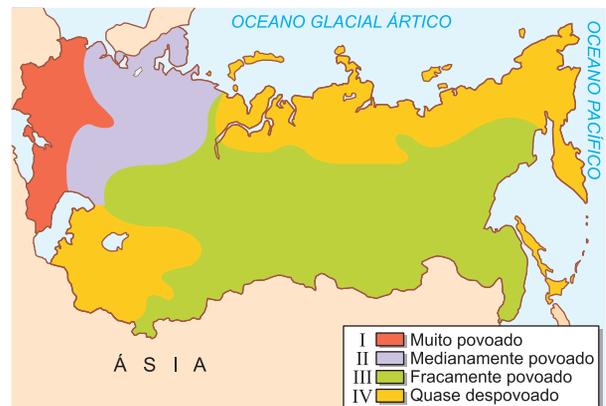
25. (MACKENZIE) – Um sistema de canais para comunicação, denominado “Sistema dos Cinco Mares”, foi construído na antiga URSS, aproveitando os grandes Rios Volga e Don, formando grandes lagos artificiais e colocando em interligação os Mares

a) Cáspio, Negro, Egeu, Jônio e Tirreno.
 b) Branco, Báltico, Cáspio, Azof e Negro.
 c) Norte, Branco, Báltico, Azof e Adriático.
 d) Báltico, Adriático, Cáspio, Negro e Norte.
 e) Tirreno, Negro, Jônio, Báltico e Branco.

26. (FUVEST) – A região agrícola de solos mais ricos da Ucrânia está nas áreas de solo *tchernoziom*, cobertos pela vegetação de

a) estepes.
 b) taiga.
 c) tundra.
 d) florestas.
 e) pradarias.

27. (FUVEST) – O cartograma a seguir refere-se à distribuição dos habitantes no território da antiga URSS. Interprete-o, levando em conta, principalmente, as características da vida e da geografia física desse país.



28. (PUC) – A Rússia, país mais extenso do mundo, apresenta

a) problemas intransponíveis de produção agrícola (carência permanente de trigo), dado o fracasso da organização coletiva de sua economia.
 b) uma grande diferença entre a sua parte europeia e a asiática, no que se refere à distribuição populacional e à estrutura de produção industrial.
 c) uma predominância, em sua economia, das indústrias de bens de consumo duráveis sobre as indústrias de bens de produção ou capital.

- d) uma estrutura administrativa composta de vinte Repúblicas Autônomas que se dividem em dez Repúblicas Federais (as Repúblicas Socialistas Soviéticas).
- e) um relacionamento comercial com o exterior marcado por trocas exclusivas com os países do Terceiro Mundo.

- 29. (FUVEST)** – No interior da economia da Rússia, encontramos
- uma dominância das indústrias de bens de produção sobre as de bens de consumo, apesar da aceleração do crescimento destas nos últimos 20 anos.
 - uma manutenção estratégica da antiga e tradicional política de relações comerciais com o mundo de economia capitalista.
 - uma carência permanente de trigo, devido ao fato de o país não ocupar um lugar de destaque entre os grandes produtores mundiais daquele cereal.
 - um progresso e marcante domínio das áreas industriais novas do leste dos Urais sobre as tradicionais áreas industriais do oeste do país.
 - uma predominância em seu sistema energético da energia gerada por centrais hidrelétricas, geralmente de grande porte.

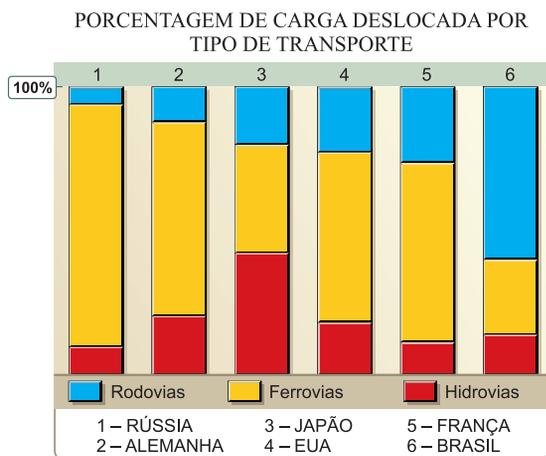
- 30. (FUVEST)** – Apresente duas diferenças existentes entre a Rússia europeia e a asiática (uma físico-natural e uma da organização econômica).

- 31. (UNISA)** – *A siderurgia como indústria de base é, sem dúvida, uma das mais importantes atividades econômicas, a tal ponto que o quociente individual de consumo de aço serve como um indicador do estágio de desenvolvimento de um país.*

(Igor A. G. Moreira)

Quatro países desenvolvidos, denominados “gigantes de aço”, destacam-se na produção mundial de aço:

- França, Alemanha, EUA e Brasil.
 - EUA, Rússia, Alemanha e Coreia do Sul.
 - China, Japão, EUA e Alemanha.
 - França, Alemanha, Japão e Bélgica.
 - Alemanha, Japão, EUA e Coreia do Sul.
- 32. (FUVEST)** – No gráfico abaixo, estão representados os seguintes países: Estados Unidos, Rússia, França, Brasil, Japão e Alemanha.



O Brasil e a Rússia estão identificados respectivamente pelos algarismos

- 1 e 3.
- 2 e 5.
- 2 e 6.
- 3 e 4.
- 6 e 1.

- 33. (FUVEST)** – A que região se refere o texto abaixo?

Este território compreende duas regiões econômicas cuja posição e características lhes são bastante originais: a Região Industrial e a Região das Terras Negras. Ambas possuem juntas quase 36 milhões de habitantes, ou seja, 14% da população total do país, distribuídos sobre 652.000 km². Ocupam uma posição de contato e de transição entre o Norte e o Sul, entre o Oeste e o Leste; são, ao mesmo tempo, regiões de divergência de cursos d’água e de convergência das vias modernas de comunicação.

- Região do Reno-Ruhr.
- Bacia de Londres.
- Região Parisiense.
- Rússia Central.
- Bacia do Pó.

- 34.** Considere as afirmativas abaixo.

- O mundo bipolar de 1945 até a década de 1980 tinha como principal polo do capitalismo os Estados Unidos e do socialismo a União Soviética.
- O mundo multipolar da década de 1990 apresenta polos ou centros da economia mundial: Estados Unidos, Europa Ocidental, União Soviética e Japão.
- A propriedade privada dos meios de produção – inclusive a da terra – foi novamente admitida na União Soviética, na China e em países da Europa Oriental.
- A perestroika, palavra russa que significa reestruturação, compreende o projeto geopolítico atual que pretende dinamizar a economia soviética, manter a unidade do país por meio de um sistema federativo e reativar o Pacto de Varsóvia.
- Na Iugoslávia, as principais regiões que participam da guerra interna são a Sérvia, a Croácia e a Eslovênia.

Destas afirmações, são corretas apenas

- I, II e IV.
- I, II e V.
- II, III e IV.
- II, IV e V.
- I e III.

- 35. (MODELO ENEM)** – *Fracasso da Perestroika frustra a antiga URSS. Já havia escurecido, naquele final de tarde de inverno, quando Marina Kizilova entrou no supermercado de um subúrbio moscovita para comprar batatas... Dez minutos de fila, chegou sua vez. As batatas tinham acabado. Furiosa, ela passou a xingar o presidente Gorbachev, o governo, o Partido Comunista. O que fazer para o jantar transformou-se, de repente, em um problema sério: como minha família vai viver?*

(Jornal do Brasil, 7 abr. 1991.)

O texto revela uma prévia da crise soviética com desdobramentos políticos, sociais e econômicos, tais como

- a desintegração da economia a uma velocidade que nem a mais pessimista das previsões ousaria imaginar.
- a incapacidade de uma nação rica em recursos naturais e matérias-primas de atender às próprias necessidades.
- a ineficácia da estrutura política, cujo resultado é o desmoronamento da própria união das Repúblicas.

Assinale a opção que contém a(s) afirmativa(s) correta(s).

- a) Somente I.
- b) Somente II.
- c) Somente III.
- d) Somente I e III.
- e) Todas.

36. (MACKENZIE) – O cartograma apresenta o parque industrial da Rússia.



Assinale a alternativa que não explica corretamente a sua distribuição espacial.

- a) As condições naturais permitiram o aproveitamento da riqueza energética ou metálfera para a industrialização regional.
- b) Houve grande desenvolvimento de indústrias na região de Moscou e Leningrado.
- c) Anteriormente à revolução, a área industrial se concentrava na Rússia europeia.
- d) As indústrias do leste surgiram com a planificação, determinando o aproveitamento dos recursos dos Urais e da Sibéria Ocidental.
- e) A extensão do território e o grande desenvolvimento dos meios de transporte não constituíram obstáculo para a expansão industrial.

37. (UNIP) – Nos últimos anos, no planejamento e implantação de novas áreas de desenvolvimento, está sendo dada grande importância ao aproveitamento racional dos recursos existentes, de forma a minimizar os custos dos transportes, a evitar o desperdício das riquezas naturais e a reduzir os danos ecológicos. Em qual região da antiga URSS foram criados esses Complexos Territoriais de Produção?

- a) Ucrânia
- b) Sibéria
- c) Moscou
- d) Sovkhozes
- e) São Petersburgo

Responda às questões 38 e 39 com base no texto e em seus conhecimentos.

Atente para a notícia:

Moscou sai em busca de expatriados no mundo

Vasily Reutov nunca tinha posto os pés na Rússia até alguns meses atrás, mas no momento em que o fez soube que finalmente tinha chegado em casa. (...)

(...) O governo está tentando evitar o grave declínio populacional do país atraindo de volta russos que vivem no exterior e seus descendentes. Reutov e dezenas de outros membros de sua comunidade religiosa (um ramo da Igreja Ortodoxa Russa, conhecido como Antigos Crentes, fugidos das perseguições comunistas da década de 1920) no Uruguai tornaram-se alguns dos exemplos mais marcantes dessa política. (...)

(...) O governo russo não se limita aos vizinhos da Rússia e enviou emissários por todo o mundo para vender o programa. Um deles foi ao Brasil recentemente para conhecer residentes de vários países que, como Reutov, são Antigos Crentes. (...)

(The New York Times/Folha de S.Paulo, 30 mar. 2009.)

38.



Quando o texto cita o Brasil, está se referindo a

- a) um fluxo imigratório de russos que adentraram o país no século XIX, fugindo da instalação do socialismo na Rússia.
- b) grupos de imigrantes que vieram para o Paraná, principalmente entre 1870 e 1886, trabalhando em atividades agrícolas.
- c) grupos de pessoas que, com o fim da Segunda Guerra Mundial, deixaram a Rússia destruída em busca de novas terras.
- d) fluxos de refugiados que escaparam das perseguições nazistas durante a Segunda Guerra Mundial.
- e) imigrantes que vieram para o estado do Pará, competindo com os imigrantes japoneses no plantio de pimenta-do-reino.

39.



Quando se fala em declínio populacional da Rússia, poderíamos estender essa situação para

- a) a América Latina que, após um intenso processo de urbanização, conduzido pela industrialização dos anos 1950-80, viu decair rapidamente suas taxas de natalidade na mesma proporção que as da Rússia.
- b) a Ásia, principalmente em países do Sul e do Sudeste, cuja industrialização acelerada após o surgimento dos Tigres Asiáticos mudou radicalmente o comportamento da população.
- c) os três países da América do Norte que apresentam um dos índices de fecundidade mais baixos do mundo.
- d) a Europa, cujos índices de fecundidade vêm se apresentando em queda já há vinte anos, preocupando as autoridades a ponto de levá-las a criar programas de incentivo de vários tipos.
- e) a Oceania, em que as diminutas populações de alguns países insulares se preocupam com a constante redução da população ativa.

40.

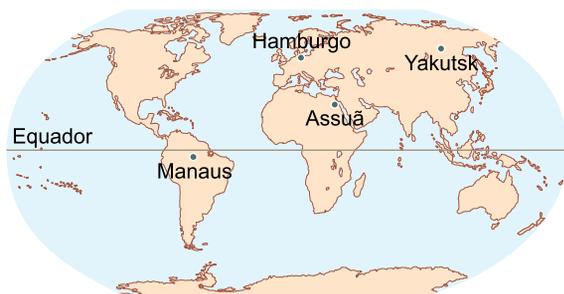
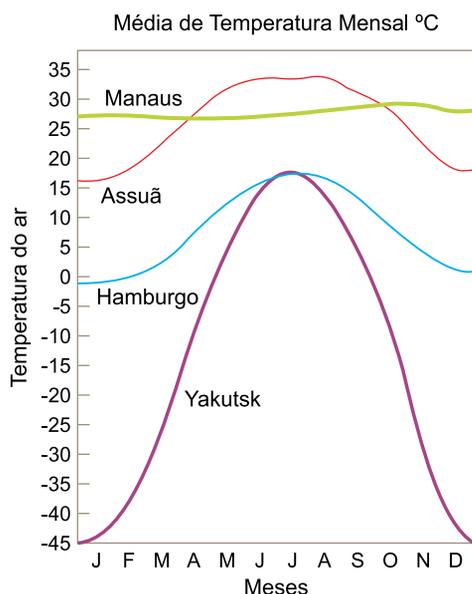


A Ucrânia, país-membro da CEI, entrou nos noticiários nos últimos anos em virtude de sua posição estratégica. Ela

- a) tornou-se membro da Otan, sendo, por isso, retaliada pela Rússia, com o corte definitivo no fornecimento de gás natural.
- b) é assediada pela Otan, da qual quer fazer parte, desafiando as ameaças russas.
- c) aproximou-se dos EUA, permitindo a instalação de um sistema de escudo antimísseis, apontado para a URSS.
- d) tornou-se a principal fornecedora de gás natural para a Europa, concorrendo abertamente com a Rússia.
- e) retornou ao socialismo, desafiando a tendência mundial de liberalização da economia.

41. (UNICAMP) – Na figura abaixo, podem ser observadas médias térmicas mensais de algumas cidades indicadas no mapa-múndi. Entre as cidades, há uma significativa diferença entre temperaturas máximas e mínimas mensais.

Local	Latitude	Radiação anual watts/m ²
Yakutsk	62°N	42
Hamburgo	54°N	47
Assuã	24°N	87
Manaus	3°S	98



É correto afirmar:

- a) Apesar de estarem em latitudes similares, Yakutsk apresenta uma amplitude térmica muito maior que Hamburgo, pois em Yakutsk a radiação anual é significativamente maior que em Hamburgo.
- b) A média de temperatura é praticamente constante em Manaus, porque, apesar das grandes variações de insolação

durante inverno e verão, a umidade e a Floresta Amazônica permitem a maior conservação da energia.

- c) Assuã apresenta uma amplitude térmica menor que Manaus, pois está situada no deserto do Saara (Egito), onde as temperaturas durante o dia são muito elevadas, mas, à noite, sofrem quedas bruscas.
- d) Apesar de estarem em latitudes similares, Yakutsk apresenta uma amplitude térmica muito maior que Hamburgo, pois em Yakutsk o efeito da continentalidade é mais pronunciado que em Hamburgo, onde predomina a ação da maritimidade.

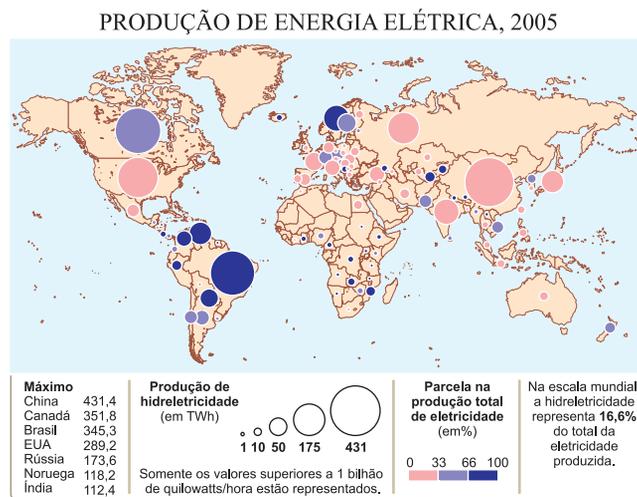
42.  O G-20 é o grupo que reúne os países do G-7, os mais industrializados do mundo (EUA, Japão, Alemanha, França, Reino Unido, Itália e Canadá), a União Europeia e os principais emergentes (Brasil, Rússia, Índia, China, África do Sul, Arábia Saudita, Argentina, Austrália, Coreia do Sul, Indonésia, México e Turquia). Esse grupo de países vem ganhando força nos fóruns internacionais de decisão e consulta.

(R. Allan. Crise global. Disponível em: <<http://conteudoclipingmp.planejamento.gov.br>> Acesso em: 31 jul. 2010.)

Entre os países emergentes que formam o G-20, estão os chamados BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul), termo criado em 2001 para referir-se aos países que

- a) apresentam características econômicas promissoras para as próximas décadas.
- b) possuem base tecnológica mais elevada.
- c) apresentam índices de igualdade social e econômica mais acentuados.
- d) apresentam diversidade ambiental suficiente para impulsionar a economia global.
- e) possuem similaridades culturais capazes de alavancar a economia mundial.

43. (PUC) – O mapa mostra-nos uma Geografia da produção hidrelétrica no mundo, que, do ponto de vista natural, justifica-se, pois



- a) no hemisfério sul as condições climáticas não favorecem que os países tenham rede hidrográfica e estoques de água suficientes para a geração hidrelétrica.

- b) com as mudanças climáticas há um avanço da desertificação no continente africano, o que inviabiliza esse tipo de geração de energia nessa área.
- c) nas zonas mais frias, com o congelamento das águas no inverno, a geração hidrelétrica é inviável – daí sua pequena importância nessas áreas.
- d) uma participação importante da hidreletricidade no total da produção de eletricidade só ocorre em países tropicais, que têm estoques maiores de água.
- e) os países de grande extensão territorial são aqueles de maior produção hidrelétrica, o que se associa à riqueza dos seus sistemas hidrográficos, entre outras coisas.



RESPOSTAS DOS EXERCÍCIOS-TAREFA

7) E

8) A

9) B

10) B

11) B

12) B

13) E

14) A

15) E

16) C

18) E

19) C

21) D

22) B

23) A

24) E

25) B

26) A

28) B

29) A

31) C

32) E

33) D

34) E

35) E

36) E

37) B

38) B

39) D

40) B

41) D

42) A

43) E

Geografia Geral
**PAÍSES BÁLTICOS, LATINO, CAUCASIANOS
 E DA ÁSIA CENTRAL**

5

*D*aguestão é terreno fértil para a rebelião no Cáucaso russo

O Daguestão, atingido no final de março de 2010 por um duplo atentado, é uma república montanhosa do Cáucaso russo minada pela pobreza, crescente criminalidade e rivalidades entre clãs, ingredientes que a convertem em terreno fértil para a rebelião.

Situado entre os cumes das montanhas do Cáucaso, ao sul, e a costa do Mar Cáspio, a leste, o Daguestão pode se vangloriar de uma história que data do século VII a.C. Na atualidade, porém, essa república é uma das regiões mais violentas da Rússia, afetada por uma rebelião islâmica cada vez mais poderosa.

Em 2009 e 2010, os assassinatos de dirigentes locais, os atentados suicidas e os confrontos armados nos subúrbios da capital, Makhachkala, tornaram-se quase cotidianos.

Em 2009, o então presidente russo, Dmitri Medvedev, durante uma breve visita realizada após o assassinato do ministro do Interior local, reconheceu que “os clãs, os roubos e os subornos” favoreciam o recrutamento de militantes islâmicos na região. No entanto, os ataques de março são os mais graves desde 2002 e um sinal de que a rebelião agora predomina na região.

Enquanto, na década de 1990, a militância no Cáucaso se limitava a uma luta separatista na república vizinha da Chechênia, a insurreição se alastrou agora para o Daguestão e outras regiões. O separatismo já não é a questão principal. Os militantes agora querem impor a *sharia* (lei islâmica) em toda a região, a qual batizaram de “Emirado do Cáucaso”.

Segundo especialistas, os grupos islâmicos rebeldes dizimados pelas operações militares do homem forte da Chechênia, Ramzan Kadyrov, deslocaram seu terreno de operações para os bosques e vales do Daguestão e da Inguchétia.

“Uma chama islâmica se propagou por todas as repúblicas do Cáucaso Norte, exceto a Chechênia, onde a luta contra os rebeldes é frutífera graças a Kadyrov”, declarou Yulia Latynia, especialista nessa região. Como as disputas entre criminosos e entre clãs tornavam difícil a tarefa de dirigir a república, Medvedev nomeou, em fevereiro de 2010, um novo líder local para substituir Mukhu Aliev, por temer que o dirigente não fosse suficientemente duro para controlar as desordens.



1. Países bálticos



Países bálticos	Lituânia	Estônia	Letônia
Capital	Vilna	Talim	Riga
Área (km²)	65.300	45.228	64.589
População absoluta (2018)	2.793.284	1.244.288	1.923.559
População relativa (hab./km²)	42,78	27,51	29,78
Principais grupos étnicos (%)	84,1 – lituanos 6,6 – poloneses 5,8 – russos 5,8 – bielorrussos	68,7 – estonianos 24,8 – russos 1,7 – ucranianos 1,0 – bielorrussos	62,2 – letões 25,2 – russos 3,2 – bielorrussos 2,2 – ucranianos 2,1 – poloneses 1,2 – lituanos
Principais idiomas (%)	82,0 – lituano 8,0 – russo 8,0 – polonês	68,5 – estoniano 29,6 – russo 0,6 – ucraniano	56,3 – letão 33,8 – russo

Os países bálticos são a Letônia, a Estônia e a Lituânia. São países de pequena dimensão que têm em comum o fato de serem banhados pelo Mar Báltico, as condições naturais, o uso conjunto de energia e um sistema integrado de meios de transportes.

São países pouco populosos e com predomínio étnico de estonianos, letões, lituanos e russos.

A economia é favorecida pela posição litorânea e por portos que não se congelam, ou que se congelam por um curto período. Seus recursos naturais são poucos, destacando-se a pesca e a extração de xisto, turfa, madeira e âmbar.

A agricultura é intensiva, sendo favorecida pelo clima úmido. A pecuária se destaca pelo gado leiteiro e pela criação de suínos.

Possuem bom parque industrial, destacando-se a indústria mecânica (principalmente aquelas que utilizam pequena quantidade de metais, pois precisam importá-los), a pesqueira e a de papel.

Países bálticos	Crescimento vegetativo (%)	Taxa de natalidade (%)	Taxa de mortalidade (%)	Mortalidade infantil (%)	Taxa de analfabetismo (%)	Expectativa de vida (em anos)	População urbana (%)
Estônia	-0,6	9,9	12,7	3,8	0,2	77,0	68,9
Letônia	-1,1	9,6	14,5	5,1	0,1	64,9	68,1
Lituânia	-1,1	9,8	14,8	3,8	0,2	75,2	67,7

(CIA. *The world factbook*. Adaptado.)

Países bálticos	PEA* (milhões de indivíduos)	Setor primário (% PEA)	Setor secundário (% PEA)	Setor terciário (% PEA)	Taxa de desemprego (%)	Renda per capita (US\$)
Estônia	670.200	2,7	20,5	76,8	5,8	31.700
Letônia	990.000	7,7	24,1	68,1	8,7	27.700
Lituânia	1.467.000	9,1	25,2	65,8	7,9	32.400

*PEA – população economicamente ativa.

(CIA. *The world factbook*. Adaptado.)



Lituânia

A Lituânia é o maior, mais populoso e continental país do Báltico. Tem grande riqueza em rios e lagos, e seu clima é mais seco.

Seus principais recursos naturais são a turfa e o âmbar (resina fóssil), além do petróleo. Os lagos são bastante ricos em peixes.

A agricultura é favorecida pelas condições naturais, que são melhores que as da Estônia e da Letônia, com solos férteis. Mais da metade do território é cultivada, principalmente com centeio, trigo, cevada, ervilha, linho, beterraba e batata. Na pecuária, destacam-se o gado leiteiro e a criação de suínos.

É menos industrializada que os demais países bálticos, mas conta com indústrias de motores elétricos, química, alimentar e têxtil, concentradas, principalmente, em Vilna, sua capital. Na cidade de Klaipeda, há um importante porto e destaca-se ainda a indústria naval.

Por um longo período, a Lituânia esteve sob influência e domínio da Polônia. Após essa dominação, teve seu território ocupado pela Rússia. Durante a Primeira Guerra Mundial, foi invadida pela Alemanha e, em 1918, proclamou sua independência. Voltou a ser ocupada pela Alemanha e pela União Soviética na Segunda Guerra Mundial, sendo então anexada pelos soviéticos, em 1940. Tornou-se independente em 22 de agosto de 1991.

Como os demais países bálticos (Letônia e Estônia), a Lituânia não integra a CEI e promoveu uma aproximação com a UE.

A crise econômica da Federação Russa, desencadeada em 1990, atingiu com força a Lituânia.

Em 2000, a recessão econômica e a forte oposição popular às privatizações, principalmente da petrolífera estatal, enfraqueceram o governo.

A recuperação econômica da Rússia e a aproximação com a UE, em especial com a Alemanha, fizeram com que a economia lituana voltasse a crescer.

Em 2004, a Lituânia passou a ser membro da UE.

Kremlin diz que mísseis em Kaliningrado são "questão soberana"

Em fevereiro de 2018, o porta-voz do Kremlin afirmou que a deslocação de armamento no território russo "é exclusivamente uma questão soberana". Uma resposta à inquietude expressa no início da semana pelos Estados Unidos e países bálticos, depois da Lituânia ter acusado a Rússia de mover para o enclave de Kaliningrado, que faz fronteira com o país e a vizinha Polônia, mísseis táticos Iskander, com capacidade nuclear.

A vice-secretária-geral da OTAN – Organização do Tratado do Atlântico Norte, Rose Gottemoeller, frisou que “é um sistema com capacidade para ogivas tanto nucleares como convencionais. Esse tipo de dupla capacidade tem impactos potenciais para a estabilidade. Por isso, é muito importante para a capacidade de previsão e estabilidade e segurança de todos que os russos sejam bastante transparentes acerca do que estão a fazer com esse sistema”.

Para Vilnius, a deslocamento permanente do sistema de mísseis Iskander para Kaliningrado, expandindo a sua área geográfica de ação transforma “um problema regional” num “verdadeiro problema para a OTAN”.

Os Estados Unidos também consideram que se trata de um fator destabilizador para a segurança europeia.

Moscou já tinha qualificado a Aliança Atlântica de “bloco agressivo” e vinculou o deslocamento de armas pesadas tanto para o enclave como para a península da Crimeia com o reforço da presença militar aliada perto das fronteiras russas.

(Reuters/EFE.

Disponível em: <<https://pt.euronews.com/2018/02/06/kremlin-diz-que-misseis-em-kaliningrado-sao-questao-soberana->>. Adaptado.)

Estônia

A Estônia é o mais setentrional dos países bálticos, apresentando planícies que acumulam sedimentos trazidos pelo gelo, clima mais frio e bastante úmido e riqueza em rios e lagos.

Destaca-se pela exploração do xisto junto ao litoral do Golfo da Finlândia, sendo ele bastante utilizado para a produção de energia termoelétrica, de gás e como matéria-prima para a indústria química.

No campo, destaca-se a pecuária, ocupando esta atividade uma área superior às áreas cultivadas, que em grande parte são dedicadas a culturas que servem como ração para o gado.

Tem boa atividade industrial, destacando-se as indústrias mecânicas, têxteis, pesqueiras e químicas, principalmente nas cidades de Talin e Tártu.

A Estônia foi dominada pela Suécia e pela Rússia, tendo proclamado sua independência em 1918. Em agosto de 1938, pelo acordo de não agressão entre Stalin e Hitler, este a transferiu para a órbita de influência da URSS e, em 1940, ela foi invadida por tropas soviéticas e anexada como mais uma das repúblicas russas.

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, a Estônia reintegrou-se à URSS e foi submetida à russificação – transferência maciça de russos para o país. Em 1940, 90% de sua população era etnicamente estoniana; em 1989, esse percentual caiu para 61,5%.

Tornou-se novamente independente em 20 de agosto de 1991.

A Lei da Cidadania, aprovada em 1992, restringe o direito de voto a quem já era cidadão estoniano em 1940. Assim, a comunidade russa e outras minorias são excluídas das eleições naquele ano.

A Estônia ingressou no Programa de Parceria para a Paz, da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), em 1994, etapa preliminar para a adesão à aliança militar ocidental. A mediação dos Estados Unidos levou a Federação Russa a completar a desocupação militar da Estônia em 1995.

A Estônia foi admitida na União Europeia em 2002 e começou a participar em 2004.

Em 2011, transformou-se no 17.º país a entrar na zona do euro e a primeira antiga república soviética a adotar a moeda única do bloco europeu.

Apesar da pressão dos mercados internacionais na zona do euro e da crise na Grécia e na Irlanda em 2010, pesquisas de opinião sugeriam que a maioria dos estonianos queria a adoção do euro.

Para muitos estonianos, 20 anos depois da separação da antiga União Soviética, a entrada para a zona do euro era prova de que o país entrara totalmente para o bloco ocidental.

Tendo aderido à União Europeia em 2004, a Estônia e foi um dos antigos países do bloco socialista a se juntar aos europeus, com países vizinhos como a Letônia e a Lituânia. Outros dois antigos países socialistas, a Eslovênia e a Eslováquia, já faziam parte da zona do euro.

O governo da Estônia afirma que o euro vai atrair mais investidores estrangeiros. No entanto, os estonianos mais pobres temem que os preços subam e que a alimentação fique ainda mais cara no país.

A perspectiva de ter que contribuir para programas de ajuda de países mais ricos da zona do euro é algo que deixa ainda mais estonianos insatisfeitos.

Em 2010, a crise na Europa atingiu duramente o país. Os grandes cortes nos gastos públicos, que foram necessários para que a Estônia entrasse na zona do euro, fizeram com que o índice de desemprego no país subisse para 16%.

Na Estônia, alunos pobres se saem tão bem quanto ricos

A Estônia, pequeno país emergente à beira do Mar Báltico e que pouca gente sabe o nome da capital, tem hoje o melhor sistema educacional da Europa e um dos mais bem avaliados do mundo.

Quase todas as crianças e jovens do país, dos 2 aos 19 anos, estudam nas impecáveis escolas públicas.

Uma das características que mais impressionam é o fato de os alunos pobres terem desempenho tão bom quanto os ricos em exames internacionais.

Apesar de igualitárias, as escolas não são iguais. Diretores e professores têm tanta autonomia que podem decidir o método de ensino, se farão provas ou não e até os móveis da sua sala de aula.

A Estônia é também um dos países com a menor quantidade de alunos no nível mais baixo de aprendizagem: são menos de 8%. Na Europa, a média é de 15%. No Brasil, a maior parte (cerca de 30%) está justamente nesse nível. Isso significa que o jovem de 15 anos não consegue fazer correlações entre várias partes diferentes de um texto.

O desempenho bem acima da média contrasta com outros indicadores. Apesar de crescer ano a ano, a Estônia está na lista de países mais pobres da União Europeia. Seu PIB per capita é de R\$ 76,3 mil; a média do bloco é de R\$ 130 mil. O país tem 1,3 milhão de habitantes, o equivalente a Guarulhos (SP). O investimento por aluno, por ano, na educação básica gira em torno de US\$ 7 mil (R\$ 26 mil). Na União Europeia, a média é de US\$ 10 mil (R\$ 37 mil).

A falta de dinheiro é compensada por um plano de educação que permanece após vários governos. Depois que a Estônia garantiu sua independência da ex-URSS, em 1991, foi elaborado um novo currículo nacional, atualizado sempre. O projeto teve a ajuda da Finlândia, país vizinho e de língua semelhante, que se tornou a sensação da educação mundial no anos 2000.

As novas notas do Pisa, das provas feitas em maio de 2018, foram divulgadas em 2019. No Brasil os alunos mal sabem do que se trata. Lá os jovens ganham diplomas. “Mostramos o quanto são especiais por representarem o país”, diz a responsável pelo Pisa na Estônia, Gunda Tire.

(Agência Estado.

Disponível em: <<https://noticias.r7.com/educacao/na-estonia-alunos-pobres-se-saem- tao-bem-quanto-ricos-10062018>>. Adaptado.)

Letônia

A Letônia está localizada no centro do litoral báltico, sendo o país mais desenvolvido dessa região.

É atravessada pelo Rio Dvina, onde se destacam importantes centrais elétricas, e tem outros importantes recursos naturais, como a turfa e a madeira, que é bastante utilizada na indústria de papel. As florestas cobrem 45% do país.

No setor agrícola, destacam-se a criação de gado de raça, a pecuária leiteira e a suinocultura; cerca de 50% das áreas cultivadas do país são de forrageiras.

As indústrias concentram-se principalmente junto ao litoral, pois o país depende muito da importação de matérias-primas. As mais importantes são as de transportes, componentes eletrônicos, rádios e têxteis.

Riga, sua capital, é a mais importante e desenvolvida cidade do Báltico. Liepaia e Ventspils desempenham importante papel no comércio internacional, pelo fato de serem portos cujas águas nunca se congelam.

A Letônia foi sucessivamente dominada por Polônia, Suécia e Rússia. A ocupação alemã, durante a Primeira Guerra Mundial, facilitou sua independência, proclamada em 1918 e só reconhecida pela Rússia em 1920. Durante a Segunda Guerra Mundial, foi novamente ocupada pela Alemanha e pela URSS, e esta a anexou em 1940. Em 21 de agosto de 1991, tornou-se mais uma vez independente.

Como herança do longo domínio soviético, os russos constituem 40% da população, o que gera tensões com os letões.

Em 1999, a Letônia ingressou na Organização Mundial do Comércio (OMC).

A Federação Russa fechou a última base militar no país em 2000.

A Letônia foi incluída no segundo grupo de nações que iniciaram conversações em 2000 para a adesão à UE, sendo aceita. Começou a participar em 2004.

Em 2004, ingressa na UE e na OTAN.

A Letônia é uma economia pequena e aberta. Depois de experimentar uma grave crise econômica em 2008 e 2009, quando o PIB reduziu em até 18%, a Letônia optou por medidas de austeridade sobre a desvalorização da moeda e implementado com sucesso as reformas

estruturais. Como resultado, nos últimos anos, o país teve uma das maiores taxas de crescimento económico na UE, e em janeiro 2014 Letónia tornou-se um membro da zona euro. A Letónia é também membro da Organização Mundial do Comércio (OMC), e está atualmente no processo de adesão à Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE).

A maioria das empresas da Letónia, bancos, e imóveis foram privatizadas. O Estado continua a deter participações única nas maiores empresas, por exemplo, nos setores das telecomunicações, da eletricidade, da aviação, e florestais.

Em 2013, o PIB da Letónia (paridade de poder aquisitivo) foi 38,87 bilhões de dólares, ou 19.100 USD per capita. O setor de serviços responde por aproximadamente 70% do PIB. Exportações contribuir anualmente cerca de um terço do PIB, os maiores parceiros comerciais são a Rússia, Lituânia, Estónia, Alemanha, Polónia e Suécia. Taxa de desemprego na Letónia em 2014 foi de 10% da população economicamente ativa.

As indústrias mais desenvolvidas na Letónia são de madeira e de transformação da madeira, agricultura, produtos alimentares, bem como a fabricação de máquinas e eletrónicos.

Riga não é apenas a capital da Letónia, mas também seu centro económico e financeiro. A cidade é a única responsável por metade do PIB da Letónia, metade das suas exportações, e metade das suas oportunidades de emprego. Também a taxa de desemprego é mais baixa do que em Riga, na Letónia é um todo, em 2013, que foi de 5,6%.

Devido à sua posição geográfica vantajosa, Riga tem sido historicamente um centro de comércio e finanças. Esses dois ramos de actividade económica continuam a ser o mais importante também hoje com o comércio responsável por 20% de todos os postos de trabalho e finanças e comércio para 17% do emprego em 2013. Outras atividades importantes são as indústrias transformadoras, as dos transportes, além do turismo e da TI – Tecnologia da informação.

(Easyexpat. Disponível em: <<https://www.easyexpat.com/pt/guides/latvia/riga/visao-geral/economia.htm>>. Adaptado.)

2. País latino

Moldova



Moldova	
Capital	Chisinau
Área (km²)	33.851
População absoluta (2018)	3.437.720
População relativa (hab./km²)	101,55
Principais grupos étnicos (%)	75,1 – moldovos 7,0 – romênios 6,6 – ucranianos 4,6 – gagauz 4,1 – russos 1,9 – búlgaros
Principais idiomas (%)	80,2 – moldovo/romeno 9,7 – russo 4,2 – gagauz

(Cia Fact Book. Adaptado.)

A República da Moldova, com uma área de 33.851 km², situa-se entre a Romênia e a Ucrânia, sendo um país interior, sem saída para o mar. Seu relevo é plano, predominando terras baixas, com planícies e colinas.

O clima da Moldova é brando, com verões quentes e invernos pouco rigorosos. A rede hidrográfica é rica e se destacam os rios Dniestre e Pruth. No quadro natural do país, destacam-se também grandes extensões de solos férteis, terras negras (tchernoziom).

A Moldova, que compreende a antiga Bessarábia, como república autônoma foi criada em 1924 e incorporada à URSS em 1940. Em 1989, adotou seu idioma nativo como oficial e, em 1991, seu parlamento adotou um texto constitucional proclamando a criação de

uma república soberana independente, democrática e livre.

Sua população, de 3,4 milhões de habitantes é composta de uma maioria de moldavos e minorias de romênicos, ucranianos, gagauzes, russos e búlgaros, além de significativa parcela de judeus e romenos.

A Moldova apresenta a maior densidade demográfica entre as repúblicas da antiga URSS, com predomínio da população rural, devido à grande importância da agricultura para a sua economia.

As atividades agrícolas desenvolvem-se em sua plenitude na república Moldova, exceto no sul, onde o clima excessivamente seco obriga o desenvolvimento da agricultura irrigada.

A agricultura moldova é bastante produtiva e altamente mecanizada. Destacam-se o trigo, o milho, a cevada, a beterraba, a uva, o girassol e o fumo. O país é também grande produtor de frutas e de hortaliças.

A pecuária é predominantemente de bovinos, desenvolvendo-se tanto de forma intensiva como extensiva.

Os recursos minerais são relativamente escassos, sendo o calcário o principal deles. As principais fontes de energia são as hidrelétricas (Dubossári), as termoelétricas (central termoelétrica da Moldova) e o gás (Chebelinka).

A maior concentração industrial ocorre ao longo da capital, Kichiniov, ao redor da qual se desenvolve agricultura intensiva (uva, frutas e flores).

As principais indústrias são: eletrotécnica, indústria de precisão, calçados, têxteis, material de construção e química (tintas e vernizes), além de tratores e vidro.

A Moldova depende da rede de transportes dos países vizinhos (Rússia, Ucrânia) para escoar seus produtos.

Em 1994, recuou da ideia de fusão com a Romênia. Um plebiscito aprovou sua independência e também uma nova Constituição, que dá autonomia à Transdnístria, região com população de maioria russa e ucraniana.

A crise econômica e a divisão do Parlamento acirram a instabilidade política em 1999.

Entre 2006 e 2008, a Moldova tentou uma solução de paz na região separatista da Transdnístria, região a leste do Rio Dniester, de maioria russa, que apoia a independência e uma possível união com a Federação Russa.

Presidente da Moldova empossa novo governo liderado pela oposição de direita

O presidente da Moldova, Igor Dodon, em junho de 2019 o novo gabinete de ministros comandado pela líder da oposição de direita, Maia Sandu, depois que a dirigente foi eleita primeira-ministra.

O governo foi formado pelo Partido Socialista Moldávio, que apoia o presidente, e o bloco pró-Europa Acum, segundo informaram as agências russas na capital moldava, Chisinau. “Os deputados apoiaram de forma unânime a candidata a primeira-ministra Maia Sandu. Nós a felicitamos pela eleição”, declarou a também eleita hoje mesmo como presidente do parlamento, a socialista Zinaida Greceanii. Dodon, por sua vez, declarou que “hoje é um dia histórico na Moldova, o que fizemos juntos marcará a história da Moldova contemporânea”.

Já o Partido Democrático da Moldova (PDM) não participou da sessão de hoje e exigiu a renúncia do presidente Dodon, a quem acusou de ter traído “os interesses do país e do povo”

Dodon se negou a renunciar e declarou que os líderes do PDM mentiam, já que queriam impor seu próprio candidato ao posto de primeiro-ministro, o que não conseguiram por não chegar a um acordo com os socialistas.

O presidente advertiu ainda que o país estava à beira de uma explosão social e lembrou que se reuniu com embaixadores da Rússia, dos Estados Unidos e representantes da Europa no parlamento em relação com as eleições, mas alertou de antemão que diversas forças se oporiam a um acerto de última hora. Dodon explicou que os que controlam o poder no país não reconheceriam esta votação, o Tribunal Constitucional também não, e que o Ministério Público iniciaria uma causa penal.

O arco parlamentar é completado pelo partido populista Shor, com sete parlamentares. O Tribunal Constitucional informou neste sábado que, após concluir o prazo para a criação de uma coalizão, o parlamento perde o direito de tomar qualquer tipo de decisão e o presidente do país deve assinar o decreto para dissolver o Legislativo e marcar novas eleições. No entanto, depois de se reunir no parlamento com os embaixadores da Rússia e dos EUA e representantes da União Europeia, Dodon conseguiu convencê-los a apoiar o novo parlamento.

(EFE. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/efe>>. Adaptado.)

3. Países caucasianos

Os novos países caucasianos, desmembrados da antiga URSS, apresentam uma área em conjunto inferior à do estado de São Paulo: 186.043 km². Situam-se no sudoeste do antigo território soviético, entre os mares Cáspio e Negro.



Países caucasianos	Geórgia	Armênia	Azerbaijão
Capital	Tbilisi	Yerevan	Baku
Área (km²)	69.700	29.743	86.600
População absoluta (2018)	4.003.000	3.038.217	10.046.516
População relativa (hab./km²)	57,43	102,15	116,01
Principais grupos étnicos (%)	86,8 – georgianos 6,3 – azeris 4,5 – armênios	98,1 – armênios 1,2 – yezidis (curdos)	91,6 – azerbaijãos 2 – lezguianos 1,3 – russos 1,3 – armênios 1,3 – talyshs
Principais idiomas (%)	87,6 – georgiano 6,2 – azeri 3,9 – armênio 1,2 – russo	97,9 – armênio 1% – curdo	92,5% - azerbaijão (azeri) 1,4 – russo 1,4 – armênio

Apresentam relevo de origem recente, geologicamente instável, onde são frequentes os abalos sísmicos e onde se manifesta também o vulcanismo. A formação montanhosa mais importante da região é a cadeia do Cáucaso, aparecendo também baixos planaltos e planícies, embora de pequena extensão.

O clima desse conjunto de países é seco, destacando-se grandes extensões áridas e/ou semiáridas, em que o clima temperado continental também aparece. A reduzida umidade regional, associada à altitude, não favorece o surgimento de uma vegetação exuberante, sendo caracterizada a região pela ocorrência de xerófitas e estepes.

A rede hidrográfica é pobre, destacando-se poucos rios perenes, de pequena extensão, porém de significativo potencial hidrelétrico, tributários dos mares Cáspio (fechado) e Negro.

Azerbaijão

Entre os países recém-criados na região do Cáucaso, o Azerbaijão é o de maior extensão e o mais populoso.

A população do Azerbaijão é na sua maioria urbana. Destaca-se Baku, a capital do país, ao redor da qual se observa a maior aglomeração urbana da região do Cáucaso (Transcaucásia).

Sua população é formada principalmente por azerbaijanos (91,6%) e por minorias de armênios e russos.

A principal riqueza do Azerbaijão é a mineração, com predominância do petróleo (jazidas de Chirag, Azéria e Baku), o que possibilita o desenvolvimento industrial, principalmente dos setores químico e petroquímico ao longo do Mar Cáspio. A indústria mecânica também é destaque, sendo o principal núcleo industrial Baku Sumgait.

A elevada produção de petróleo do país coloca em evidência a exploração da energia termoeletrica (Chamkhor).

Nas atividades agropastoris, destacam-se trigo, arroz, uvas, frutas, fumo e algodão, além da criação de ovinos, visto que as grandes extensões de pastagens e de terras agricultáveis são as maiores entre os países da região.

A república do Azerbaijão, assim como a ex-república da Armênia, sua vizinha, foi criada em 1920 e incorporada à antiga URSS em 1922. Proclamou sua autonomia em setembro de 1990. Em agosto de 1991, a república foi ocupada temporariamente por forças reacionárias golpistas que desejavam depor Gorbachev. Em setembro do mesmo ano, foram realizadas eleições presidenciais, em que foi eleito Ayaz Mutalibov.

O Azerbaijão é formado por uma república autônoma, Nakichevan, e por uma região autônoma, disputada pela Armênia, o Nagorno-Karabakh.

Desde meados da década de 1980, a questão do enclave de Nagorno-Karabakh domina o debate político nacional. A região pertence ao Azerbaijão (de maioria muçulmana), mas sua população, formada por 78% de armênios, quer uni-la à vizinha Armênia (cristã ortodoxa). Isso desencadeia perseguições e massacres de armênios em cidades azerbaijanas.

Em 1992, os ataques armênios se intensificaram e, em maio de 1993, os combates se ampliaram para fora do território de Nagorno-Karabakh e, depois de ocuparem Stepanakert, as forças armênias se expandiram para várias regiões azerbaijanas.

Em 1994, foi decidido um cessar-fogo e iniciadas negociações entre as partes em conflito, mas Baku e Erevan não conseguiram chegar a um acordo sobre o estatuto da região, que continua a ser uma fonte de tensão no Cáucaso do Sul, região estratégica situada entre Irã, Rússia e Turquia. Confrontos entre forças azeris e armênias nessa região se intensificaram nos últimos meses de 2010.

O Grupo de Minsk desempenha o papel de intermediário entre o Azerbaijão e a Armênia, com vista a solucionar a situação em torno de Nagorno-Karabakh, território azeri ocupado por separatistas armênios.

Em 1995, Azerbaijão e Turquia firmaram um acordo bilateral de cooperação militar. No final de 1997, o Azerbaijão celebrou a abertura de seus campos petrolíferos do Mar Cáspio. A iniciativa resultou em um contrato entre o governo azeri e um consórcio de 12 empresas com uma participação norte-americana de 40%.

Azerbaijão, Cazaquistão e Turcomenistão possuem a terceira maior reserva de petróleo conhecida no mundo.

Em meados de 2001, o Azerbaijão já havia fechado contratos com 33 companhias de 15 países para a exploração de suas vastas reservas de petróleo e gás natural no Mar Cáspio. O enorme fluxo de investimentos externos para o país põe fim ao período recessivo pós-soviético e provoca grande expectativa de enriquecimento. Em 2010, espera-se que a produção de petróleo alcance 1,2 milhão de barris ao dia, contra os 280 mil de 2000. Para escoá-la, o Azerbaijão fez um acordo com a Turquia para a construção de um estratégico oleoduto entre o porto de Baku e a cidade turca de Ceyhan, que foi inaugurado em 2006.

Em 2009, o gasoduto Nabucco começou a ser construído para abastecer a Áustria, Bulgária, Hungria, Romênia e Turquia.

Azerbaijão mudou alfabeto pela terceira vez em 80 anos

Para diminuir a influência da cultura russa após o domínio soviético e estreitar laços com a Turquia, terra de origem do povo azeri, o presidente determinou a alteração do alfabeto do país. Em julho de 2001, a escrita oficial passou a ser em caractere latino, e não mais cirílico. O

governo justificou a mudança afirmando que o alfabeto latino é mais adequado ao idioma azeri. Usado pelos russos, o cirílico foi imposto ao Azerbaijão em 1939. Todos os documentos oficiais, revistas, jornais, propagandas e placas passaram a ser escritos em caracteres latinos.

O Turcomenistão e o Uzbequistão, que também possuem idiomas de ascendência turca, adotaram a escrita latina após a independência.

Azerbaijão aprofunda cooperação econômica com o Brasil

O governo do Azerbaijão (na confluência do Leste Europeu com o Sudoeste Asiático) propôs ampliar a cooperação técnica e econômica com o Brasil para comemorar não só os seus 100 anos de independência como também os 25 anos do estabelecimento de relações diplomáticas entre os dois países.

A disposição é impulsionar o comércio bilateral, que ainda é modesto, levando-se em conta as potencialidades dos dois lados. No ano passado, o Brasil exportou para o Azerbaijão US\$ 172 milhões e importou apenas US\$ 112 mil.

As comemorações do 100º aniversário de independência têm um significado especial para o país: em 28 de maio de 1918, o Azerbaijão foi considerado a primeira nação democrática muçulmana do mundo. O país foi ocupado em 1920 pela antiga União Soviética e hoje o seu principal problema é a invasão do território pela Armênia. O total ocupado pela Armênia inclui o território de Nagorno Karabakh e mais sete regiões adjacentes. Juntas, elas equivalem a 20% do tamanho do Azerbaijão.

(Agência Brasil.

Disponível em: <<http://agenciabrasil.etc.com.br/economia/noticia/>>.

Adaptado.)

Geórgia

A maior parte da população da Geórgia é etnicamente formada por georgianos (86,8%), que professam o cristianismo, embora outras etnias estejam presentes, como azeris (6,3%), armênios (4,5%) e outros. As maiores cidades do país são: Tbilisi (a capital), Batumi, Sukhumi, Borjomi etc.

Na economia georgiana, destaca-se a agricultura irrigada de frutas, uva, fumo, chá, algodão. A mineração é relativamente desenvolvida, destacando-se o manganês, o carvão e o petróleo.

A produção agrícola, os recursos minerais e o potencial hidrelétrico da região possibilitaram o desenvolvimento do setor industrial, que apresenta: a indústria mecânica (ferrovias) e a alimentícia (chá, vinho, conservas de frutas).

Além dessas atividades, destaca-se também o setor turístico (histórico e balneário), pois a Geórgia está localizada no litoral do Mar Negro.

Essa antiga república soviética foi criada em 1921 e incorporada à antiga URSS em 1936.

Em 1953, Moscou designou Eduard Shevardnadze para chefiar a política de Tbilisi.

Em 1972, houve um ressurgimento nacionalista, expressado por manifestações em defesa da língua georgiana e em atos de sabotagem.

Em 1978, a nova Constituição da URSS, que impunha o russo como língua oficial, reavivou o protesto, mas Shevardnadze conseguiu que a medida fosse abolida.

Shevardnadze permaneceu à frente do Partido Comunista e do governo da Geórgia até 1985, quando foi designado ministro das relações da URSS.

Em abril de 1991, o parlamento georgiano declarou unilateralmente a tão esperada independência do país. No mesmo ano, a população, por via direta, elegeu seu primeiro presidente: Zviad Gamsakhurdia, antigo dissidente soviético, deposto no final de 1991 por uma oposição armada que o acusava de ser ditador, além de violar os direitos humanos e de praticar corrupção.

Separatistas negociam com governo

Ossétia do Sul – Os ossetas são um povo de origem persa, dividido entre a Federação Russa e a Geórgia. Em 1990, a Ossétia do Sul, de maioria cristã, declara a independência e planeja integrar-se à república russa da Ossétia do Norte, de maioria muçulmana. A Geórgia inicia, no ano seguinte, uma ofensiva militar contra os ossetas. Os choques matam 1.400 pessoas e terminam depois da intervenção da Federação Russa, em 1992.

Em 2004, a Geórgia volta a investir pesadamente para reassumir o controle sobre a Ossétia do Sul. A região é palco de novas batalhas entre forças locais e georgianas, as mais violentas em dez anos. Em referendo realizado em 2006, 99% da população vota pela independência.

Em agosto de 2008, a crise entre a Geórgia e a Federação Russa, somada aos anseios separatistas da Ossétia do Sul, culmina numa guerra entre os dois países.

A crise tem início depois que tropas georgianas atacam a república separatista da Ossétia do Sul. Os russos são aliados dos ossetas e mantêm ali tropas de paz. A resposta russa é arrasadora: em menos de uma semana, retomam o controle da Ossétia do Sul e ocupam também a outra república separatista, a Abkházia.

Um acordo de cessar-fogo põe fim à guerra. Os efeitos da guerra foram devastadores para a Geórgia, que mergulha numa crise política e econômica depois do conflito.

Abkházia – A Abkházia tinha maioria muçulmana até a década de 1930, quando Stalin envia para a região milhares de georgianos (cristãos ortodoxos). Os abkházios, em 1992, criam uma república independente, o que dá início ao conflito. Um cessar-fogo é alcançado em 1993, seguido do envio de tropas russas e de uma missão de paz da ONU em 1994. Em 1999, o governo abkházio promove um referendo sobre a independência, que obtém 97% de apoio, mas não é reconhecido pela Geórgia.

Eduard Shevardnadze assumiu a presidência em 1992. O país procurava se distanciar da esfera de influência da Federação Russa, mas a eclosão de revoltas separatistas na Ossétia do Sul (1990) e na Abkházia (1992) impedia a concretização de tal política.

Shevardnadze concentra-se então no combate ao que resta das forças partidárias de Gamsakhurdia.

Em 2000, Shevardnadze é reeleito com 78,8% dos votos e promete, em sua campanha, erradicar a corrupção e trazer estabilidade política.

Em janeiro de 2001, Geórgia e Federação Russa firmam um acordo que transfere aos russos a responsabilidade sobre a dívida externa georgiana contraída durante o período soviético.

Shevardnadze renunciou no final de 2003, em meio a uma grave crise econômica e uma revolta popular pacífica. Em janeiro de 2004, tomou posse Mikhail Saakashvili, o novo presidente eleito por maioria de votos.

No território georgiano, encontramos duas repúblicas autônomas: a Adzária e a Abkázia, e uma região autônoma, que não constitui república, a Ossétia do Sul.

Em julho de 2006, a Geórgia envia tropas à Abkházia para desarmar uma milícia rebelde. Após os conflitos, a Geórgia passa a ter o controle do vale do Kodori, região estratégica da província, e anuncia planos de estabelecer um governo “legítimo” na região. As autoridades da Abkházia acusam Tbilisi de violar o acordo que impede a presença militar no vale. Em outubro, o Conselho de Segurança da ONU exige que a Geórgia suspenda as ações ofensivas na região, mas a tensão persiste. Em 2007, o país denuncia o ataque de helicópteros russos no vale do Kodori, o que é negado pelo governo de Moscou.

Rússia ameaça Geórgia com retaliação econômica

A Rússia alertou na segunda-feira a ex-república soviética da Geórgia que enfrentará dolorosas conseqüências se os protestos anti-russos não forem controlados, afirmando que está apertando o controle sobre as importações de vinho que levam milhões de dólares à Geórgia em receitas a cada ano.

Protestos violentos ocorreram em frente ao prédio do Parlamento da Geórgia na semana passada depois que o deputado russo Sergei Gavrilov se dirigiu ao Parlamento georgiano na cadeira do presidente, falando em russo.

Isso desencadeou uma onda de ressentimento entre muitos georgianos, que se sentem irritados e humilhados por terem que manter laços amigáveis com Moscou, embora a Rússia tenha invadido brevemente seu país em 2008 e ainda apoie duas regiões separatistas da Geórgia.

A presidente da Geórgia, Salome Zurbishvili, acusou a “quinta coluna” leal a Moscou por causar problemas, enquanto o porta-voz do Kremlin, Dmitry Peskov, disse na segunda-feira que “a histeria russófóbica” está sendo artificialmente instaurada na Geórgia.

O órgão regulador do consumidor russo, Rospotrebnadzor, afirmou em um comunicado que está introduzindo os controles mais rigorosos sobre as importações de vinho devido a preocupações com a qualidade das remessas georgianas. Peskov negou qualquer ligação com a disputa política.

Mas Moscou, no passado, usou a proibição das importações de vinho como arma em disputas políticas com a Geórgia. A Rússia já suspendeu os voos para a Geórgia pelas companhias aéreas russas, atingindo o turismo, outra importante fonte de receita para a economia do país.

Quando os protestos começaram, na quinta-feira, a polícia usou gás lacrimogêneo e balas de borracha para evitar que manifestantes invadissem o Parlamento. Centenas de pessoas ficaram feridas, algumas gravemente.

Os protestos rapidamente se transformaram em uma dupla crise: colocar Moscou contra Tbilisi e colocar os manifestantes na Geórgia contra seu próprio governo, que há anos tenta amenizar as diferenças com Moscou.

Em um movimento que os manifestantes saudaram como uma vitória, o partido governista Sonho Georgiano disse que para a eleição parlamentar de 2020, o país passaria de um sistema eleitoral misto para um sistema proporcional, sem nenhum limite para os partidos entrarem no Parlamento.

A mudança estava programada para acontecer de qualquer maneira em 2024, mas os manifestantes exigiam que a mudança fosse antecipada. Um sistema proporcional provavelmente tornará mais difícil para o partido Sonho Georgiano manter seu domínio no Parlamento sem formar uma coalizão.

(Reuters.)

Armênia

A Armênia é a menor e menos populosa entre as repúblicas caucasianas, porém a mais povoada, com mais de cem habitantes por km². A maior parte de sua população é urbana, a maior cidade é Yerevan, a capital. Relativamente homogênea do ponto de vista étnico-religioso, apresenta predomínio de armênios (98,1%) de religião cristã, embora haja minorias, como azeris, russos e curdos.

A economia armênia é baseada na agropecuária e no setor industrial, em que se destaca a metalurgia e as indústrias mecânica, química e alimentar.

Na mineração, destaca-se a produção de calcário, cobre e mármore; na agropecuária, a viticultura e a fruticultura, além da criação intensiva de ovinos.

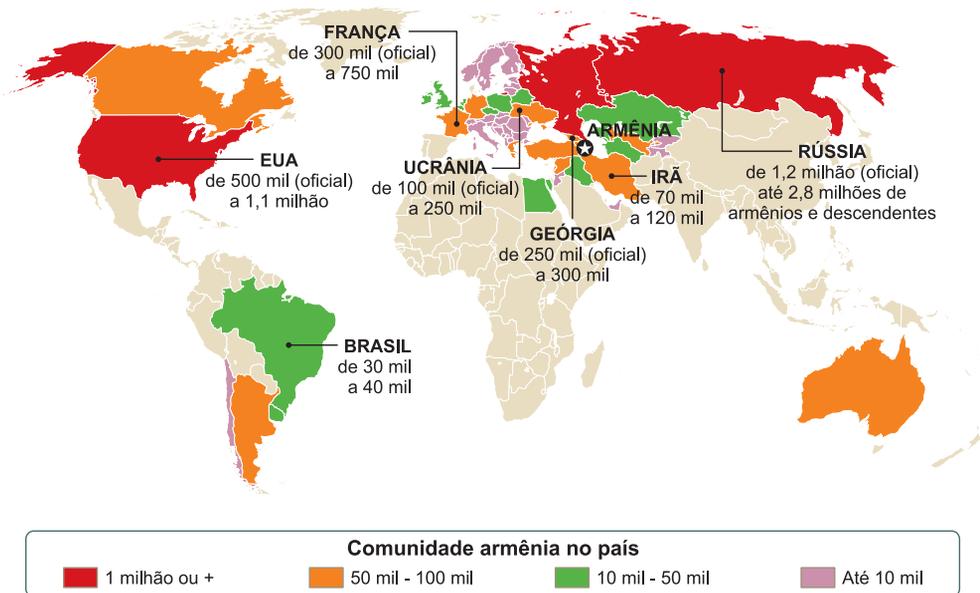
O principal setor energético é o hidráulico, embora a Armênia apresente importantes instalações térmicas e termonucleares. A Armênia é uma república montanhosa (90% do território encontra-se a mais de 1.000 metros de altitude no Cáucaso).

A integridade territorial da Armênia, ao longo da história, sempre esteve ameaçada pela invasão de forças estrangeiras, como os romanos, bizantinos, persas, turcos e russos.

Em 1915, os turcos massacraram um grande número de armênios e deportaram os sobreviventes para a Síria e a Mesopotâmia. Muitos emigraram para Europa, EUA e América Latina.

A DIÁSPORA ARMÊNIA E AS COMUNIDADES PELO MUNDO

Perseguição iniciada pelos turcos em 1915 provocou deportações e refúgios ao redor do globo



A Armênia, antiga república soviética, foi criada pelo governo revolucionário bolchevique em 1920, com a proclamação da República Socialista da Armênia, incorporada mais tarde, em 1922, à antiga URSS.

Em 1922, Armênia, Geórgia e Azerbaijão formaram a Federação da Transcaucásia, que se incorporou à URSS. Para evitar a tensão étnica entre cristãos armênios e muçulmanos azeris, adotou-se a política de separar as nacionalidades em entidades político-administrativas diferentes.

Em 1968, houve violentos choques entre armênios e azeris em Stepanakert, capital de Nagorno-Karabakh.

Em fevereiro de 1988, no contexto das reformas iniciadas na URSS, os armênios de Nagorno-Karabakh (80% da população) decidiram se unir à Armênia após um plebiscito. A reação de Moscou foi contrária, e as tropas soviéticas reprimiram com dureza as manifestações.

Em 1991, Nagorno-Karabakh proclamou sua independência, depois que 90% do eleitorado aprovou a separação.

O Azerbaijão respondeu com um cerco econômico e militar, o que desencadeou uma guerra contra a Armênia.

Em 1993, o Azerbaijão impôs um bloqueio econômico à Armênia, cortando o fornecimento de gás e eletricidade, provocando uma queda brusca no nível de vida e diminuindo o parque industrial da capital, Yerevan.

Em 1997, o descontentamento pela situação social na Armênia – o desemprego atingiu 20% da população ativa – e a pressão dos opositores forçaram a queda do governo.

Em 2001, a economia começou a melhorar, graças às reformas e acordos de fornecimento de energia assinados com o Irã e a Rússia.

Em outubro de 2009, Armênia e Turquia assinaram acordo que prevê o restabelecimento dos laços diplomáticos e a reabertura da fronteira entre as duas nações. As negociações, contudo, não abordam a delicada questão referente ao reconhecimento pelo governo turco de que o massacre de mais de 1,5 milhão de armênios em 1915 foi um genocídio. Para entrar em vigor, o acordo ainda precisa ser aprovado pelo Parlamento dos dois países.

Armênia em busca de uma “revolução econômica”

O novo primeiro-ministro da Armênia quer liderar uma nova revolução: “precisamos de transformar a nossa revolução política numa revolução econômica,” disse em entrevista à Euronews em Davos.

Nikol Pashinyan liderou a revolução de Maio de 2018 na Armênia, que pôs fim ao governo de Serzh Sargsyan - o antigo chefe de governo que invocava a constituição para se manter no poder.

Pashinyan anunciou que o país pretende fazer “simplificações normativas para tornar qualquer atividade na Armênia mais fácil e também fazer a reforma do código fiscal”. O primeiro-ministro armênio pretende “reduzir o nível de taxas e impostos para tornar a Armênia mais atrativa para negócios e investimento”.

(Euronews.)

Disponível em: <<https://pt.euronews.com/2019/01/25/armenia-em-busca-de-uma-revolucao-economica>>.

4. Países da Ásia Central

Os novos países da Ásia Central, formados com a independência das repúblicas meridionais da antiga URSS, apresentam juntos uma área inferior à metade do território brasileiro, 4.004.451 km², com uma população absoluta de 68,6 milhões de habitantes, porém, em conjunto, uma pequena população relativa, equivalente a 17,14 hab./km².

Nessa porção da Ásia Central, predomina o relevo recente instável, com abalos sísmicos e vulcanismo, caracterizando o chamado Planalto do Pamir, que, com os Montes Altai, forma um conjunto de montanhas que abrangem toda a porção meridional dos países da Ásia Central.

Esses novos países da Ásia Central limitam-se ao norte com a Rússia, a oeste com o Irã, ao sul com o Afeganistão e a leste com a República Popular da China.

São países interiores, onde surge o Mar Cáspio banhando o litoral do Cazaquistão e do Turcomenistão, além do Mar de Aral servindo de fronteira parcial entre o Cazaquistão e o Uzbequistão. Convém salientar a característica interior desses países, pois os Mares Cáspio e de Aral são fechados. Encravado no território do Cazaquistão, está o grande Lago Balkash.

Devido à característica interior desse conjunto de países, o clima regional é seco, variando do temperado

continental (frio e seco) ao árido.



A vegetação é composta de xerófitas, estepes e pradarias e, em menor extensão, observa-se vegetação mediterrânea, ao longo do Mar Cáspio, como também as coníferas ao norte.

Na rede hidrográfica, destacam-se os tributários dos mares Aral e Cáspio e do Lago Balkash. Os maiores rios da região são: Sir Dária e Amu Dária (endorreicos), que deságuam no Mar de Aral.

Nessa região, podemos encontrar também a nascente de rios que deságuam no Oceano Glacial Ártico, como o Óbi e o Yenissei, e seus afluentes, de elevado potencial hidrelétrico.

Países da Ásia Central	Cazaquistão	Turcomenistão	Uzbequistão	Quirguistão	Tadjiquistão
Capital	Astana	Ashkhabad	Tashkent	Bishkek	Dushanbe
Área (km²)	2.724.900	488.100	447.400	199.951	144.100
População absoluta (2018)	18.744.548	5.411.012	30.023.709	5.849.296	8.604.882
População relativa (hab./km²)	6,88	11,09	67,11	29,25	59,71
Principais grupos étnicos (%)	68,9 – cazaque 19,3 – russo 3,2 – uzbeques 1,5 – ucranianos 1,5 – uigures 1,1 – tártaros 1,0 – alemães	85,0 – turcomenos 5,0 – uzbeques 4,0 – russos	83,8 – uzbeques 4,8 - tadjiques 2,5 – cazaques 2,3 – russos 2,2 – karakalpaques 1,5 – tártaros	73,5 – quirguizes 14,7 – uzbeques 5,5 – russos 1,1 – dunganes	84,3 – tadjiques 13,8 – uzbeques
Principais idiomas (%)	83,1 – cazaque 22,3 – russo	72,0 – turcomeno 12,0 – russo 9,0 – uzbeque	74,3 – uzbez 14,2 – russo 4,4 – tadjique	71,4 – quirguize 14,4 u– zbeque 9,0 – russo	84,4 – tadjique 11,9 – uzbeque 8,0 – quirguize 5,0 – russo

(CIA. *The world factbook*. Adaptado.)

CÁUCASO E ÁSIA CENTRAL



Cazaquistão

O principal polígono de provas nucleares é o Centro Espacial de Baikonur, base do programa espacial russo, e encontra-se no Cazaquistão.

A indústria espacial da Rússia utiliza o cosmódromo de Baikonur, no Cazaquistão.

Além da falta de dinheiro, o programa russo ainda se ressent de velhas manias soviéticas.

Apesar dos problemas, os russos ainda têm tecnologia espacial de ponta e capacidade instalada para sair do atoleiro. A fábrica de foguetes Khrunichev, em Moscou, funciona ininterruptamente para atender a um pacote de encomendas de 500 milhões de dólares feitas por multinacionais americanas como a Lockheed, a Boeing e a Hughes Electronics. Os foguetes Proton também colocarão em órbita 21 dos 66 satélites de irídio da Motorola, formando uma rede de telecomunicações que permitirá que se fale com um telefone celular em qualquer canto do planeta.

(Veja, 2 jul. 1997.)

Em dezembro de 1991, em Alma-Ata, 11 repúblicas assinaram a ata que dissolveu de vez a URSS, com a criação da nova Comunidade dos Estados Independentes (CEI), cujos membros ingressaram separadamente na Organização das Nações Unidas.

Em 1993, Alma-Ata se comprometeu a desativar seu enorme arsenal militar, em troca de uma ajuda financeira dos Estados Unidos. Inicia-se imediatamente um processo de privatizações e estímulo aos investimentos estrangeiros.

Rotas do Petróleo no Mar Cáspio

A região próxima ao Cazaquistão ganha importância por causa das enormes reservas de petróleo e gás natural, comparáveis às existentes no Mar do Norte e nos EUA. Países da região disputam o traçado dos oleodutos por onde será escoada a produção petrolífera.

Antiga república soviética, o Cazaquistão está localizado na Ásia Central. É formado por regiões de estepes, desertos e montanhas. É um dos maiores países do mundo em extensão (9^o), mas apresenta uma das menores densidades demográficas do mundo (6,38 hab./km², em 2018).

Em 1936, o Cazaquistão transformou-se numa das 15 repúblicas da URSS. Em 1937, recebeu correntes migratórias importantes, de ucranianos, bielorrussos, alemães, búlgaros, poloneses, judeus e tártaros, muitos deles deportados pelo regime de Josef Stalin.

Além de desenvolver o potencial industrial do Cazaquistão, o regime soviético aumentou a fronteira agrícola do país, com uma importante produção de trigo, tabaco, mostarda e frutas. Houve também desenvolvimento da pecuária, principalmente a bovina.

A abertura econômica e as riquezas naturais do país atraíram numerosos investidores estrangeiros durante 1995. A reforma econômica também fez baixar o nível de vida de muitos cazaques.

Em abril de 1997, o Cazaquistão, junto ao Quirguistão e ao Tadjiquistão, firmou um acordo de redução de tropas.

No final de 1997, a capital do país foi mudada para Akmola (atual Astana), na estepe árida do norte do país.

O Cazaquistão comemorou a descoberta, em junho de 2000, da jazida gigante de Kashagan, no Mar Cáspio, que é considerada um dos maiores poços de petróleo do mundo, mas continuou a exploração em Tengiz, até então principal campo petrolífero cazaque.

A extração, entregue à multinacional Chevron, ganhou impulso com a inauguração, em março de 2001, do oleoduto de 1.580 quilômetros ligando Tengiz ao porto russo de Novorossusk, no Mar Negro. Também está pronto, desde 2006, o oleoduto que liga a cidade de Atasu ao Xinjiang (Sinkiang), no oeste da China.

A plena exploração dos recursos do Cáspio esbarra em obstáculos. O primeiro é a definição dos direitos sobre as reservas da região. Os cinco países da bacia do Cáspio comprometeram-se a buscar um entendimento, mas, em 2001, as reuniões não avançaram.

O escoamento do produto é outro entrave. A Turquia, a Rússia e o Irã propõem diferentes traçados de oleodutos, procurando também colher dividendos com a passagem do petróleo por seus territórios.

Os cazaques, população original dessa república, são apenas 42%, contra mais de 37% de russos, além de ucranianos e tártaros. No fim da década de 1930, os russos tornaram-se maioria no Cazaquistão. A etnia cazaque só voltou a ultrapassar numericamente os russos em 1989. Durante o domínio soviético, muitos cazaques

morreram de fome devido à coletivização forçada da terra e do assentamento compulsório dos povos nômades.

O Cazaquistão figurava, nos moldes da antiga URSS, como a quarta república mais aparelhada com artefatos nucleares.

A urbanização do Cazaquistão vem se intensificando com o advento da industrialização. As maiores cidades do país são: Alma-Ata (antiga capital), Karaganda, Temirtau e Baikonur.

A economia do país é principalmente industrial, aproveitando-se a abundante mão de obra, recursos minerais (carvão, petróleo), além do potencial hidrelétrico e térmico. Na mineração do Cazaquistão, podemos destacar o carvão em Karaganda, bauxita em Kustanai, cobre no Lago Balkash, além do petróleo, zinco, prata, chumbo etc.

A atividade agrícola é diversificada, podendo-se destacar trigo, milho principalmente, algodão, arroz, beterraba, girassol, fumo e a vinicultura ao sul. Ao sul do país, destacam-se grandes extensões de terras irrigadas, bem como larga parcela de terras negras tchernozion ao norte. Nas proximidades de Alma-Ata, desenvolve-se a fruticultura.

O Cazaquistão tem grande potencial e produção pecuarista, desenvolvida em grandes extensões de pastagens naturais. Destacam-se bovinos, ovinos, equinos e o camelo.

As principais indústrias são a química, de fertilizantes, de máquinas agrícolas, eletrotécnica, metalúrgica, alimentícia e aeroespacial (Baikonur).

O Novo Grande Jogo do século XXI prossegue hoje com a quinta cúpula dos Cinco de Xangai – um foro regional que também inclui as repúblicas centro-asiáticas do Cazaquistão, Quirguistão, Tadjiquistão, China e Rússia. No Novo Grande Jogo do século XXI, o prêmio é petróleo e gás natural.

As multinacionais do petróleo, sobretudo americanas, estão ganhando terreno no Cáucaso, no Cazaquistão e no Turcomenistão. A dúvida de inesgotáveis bilhões de dólares gira em torno de um só tema: para onde devem dirigir-se os principais oleodutos e gasodutos da Ásia Central. Podem ir para o Mediterrâneo, a oeste, via Turquia. Podem ir para o norte, para a Rússia. E podem ir para o leste, do Turcomenistão para a China.

(O Estado de S. Paulo, 5 jul. 2000.)

Cazaquistão elabora lista de países dos quais quer atrair investimentos

O Ministério das Relações Exteriores do Cazaquistão elaborou uma lista com os principais países dos quais quer atrair investimentos.

O chefe da diplomacia cazaque explicou que nessa lista aparecem países como Estados Unidos, Rússia, China e Japão, além de nações europeias como Alemanha, França, Espanha e Itália, e do Oriente Médio, como o Irã, Arábia Saudita e Catar.

O governo do Cazaquistão começou, em 2018, a apostar na diplomacia “econômica” para atrair novos investimentos em 2019 e promover as exportações cazaques nos mercados estrangeiros.

Dessa forma, o país procura diversificar sua economia e reduzir a dependência do petróleo, gás e metais não ferrosos - principalmente urânio -, as principais matérias-primas que exporta.

“Em 2018 o valor total das exportações chegou a US\$ 54,7 bilhões”, informou Atamkulov.

Para avançar ao patamar de economia autossuficiente, a Chancelaria cazaque também pretende trabalhar junto com outros ministérios do país em questões relacionadas com o cumprimento dos padrões internacionais durante os processos de produção e embalagem.

(EFE.

Disponível em: <<https://www.efc.com/efe/brasil/patrocinada/cazaquist-o-elabora-lista-de-paises-dos-quais-quer-atrair-investimentos/50000251-3890063>>. Adaptado.)

Quirguistão (Quirquízia)

A república autônoma do Quirguistão foi criada em 1926 e incorporada à URSS em 1936. Em 1990, proclamou sua soberania. No entanto, um ano antes já havia adotado sua língua como oficial, substituindo o russo.

Sua população, de 5,8 milhões de habitantes, é formada por: 73,5% quirquizes, 14,7% uzbeques, 5,5% de russos e 1,1% de dunganes.

A principal cidade do país é a capital, Bishkek (antiga Frunze), localizada no centro do vale densamente povoado do Tchui.

O Quirguistão é uma república montanhosa, com altitude média de 2.750 metros, onde o potencial hidrelétrico é elevado. 60% da superfície do país é ocupada pela agricultura, em que se destacam: trigo, cevada, frutas e uvas, culturas desenvolvidas com irrigação. No sul do país, o Vale de Fergana concentra o setor agropecuário. Na mineração, destacam-se a exploração de mercúrio, antimônio, carvão, petróleo e gás. O

sistema de transporte predominante no país é o rodoviário, devido ao relevo montanhoso.

Na indústria, destaca-se a metalurgia, além dos setores têxtil e alimentar.

Em 31 de agosto de 1991, o Soviete Supremo do Quirguistão definiu a nova república como um Estado democrático e independente. Nessa ocasião, o Quirguistão reconheceu oficialmente os três novos Estados bálticos: Estônia, Letônia e Lituânia.

Os habitantes de origem russa, em sua maioria intelectuais e engenheiros, começaram a abandonar a República. O governo também promulgou a criação de uma nova moeda: o som.

Após a introdução do som, a inflação baixou de uma média de 50% para 4% ao mês, uma das mais baixas das repúblicas da extinta URSS.

Com o colapso do sistema estatal soviético, o PIB do Quirguistão caiu dramaticamente de 1990 a 1999. Um programa de privatizações e abertura da economia foi adotado em 1994. A inflação diminuiu, e as exportações cresceram, mas ficou inalterado o quadro de pobreza da população.

Quirguistão x Federação Russa x EUA

Os Estados Unidos e a Federação Russa disputam poder de influência no Quirguistão, considerado um dos pontos mais estratégicos da Ásia Central.

Em fevereiro de 2009, o governo quirguiz decidiu fechar a base aérea de Manas, utilizada desde 2001 pelas tropas norte-americanas para operações no Afeganistão. O anúncio foi feito poucos dias depois de a Federação Russa aprovar um financiamento à antiga república soviética no valor de 2 bilhões de dólares. Em junho, porém, o governo quirguiz aceitou manter a base norte-americana em seu país, após os EUA acertarem o pagamento de 60 milhões de dólares anuais pelo aluguel – o triplo do que era pago antes. Apesar de considerar a decisão uma traição, no mês seguinte os russos fecharam acordo com o Quirguistão para que a base de Kant fosse ocupada pela então recém-criada Organização do Tratado de Segurança Coletiva (OTSC), que incluía, além dos russos, Armênia, Belarus (Bielorrússia), Cazaquistão, Quirguistão, Tadjiquistão e Uzbequistão.

O Quirguistão é o único país no mundo a abrigar tropas russas e norte-americanas. As duas potências têm os mesmos interesses na região: a liderança no conflito no Afeganistão, a influência sobre as antigas repúblicas soviéticas e a exploração das reservas de petróleo e gás da região. Com esses trunfos, o presidente Bakiyev aproveitou para negociar acordos financeiramente vantajosos com Washington e Moscou.

Em abril de 2010, houve grandes manifestações em todo o Quirguistão, derrubando o governo de Bakiyev. Alçado ao poder na “Revolução das Tulipas” (2005), Kurbanbek Bakiyev acabou entrando em choque com o Parlamento, cerceou a oposição (que ganhou forte adesão de ex-aliados do presidente), foi acusado de corrupção e deixou a economia ruir, com inflação galopante. Fortalecidos, opositores organizaram protestos e, apesar da brutal repressão, derrubaram Bakiyev.

OS CAMINHOS DO PETRÓLEO E DO GÁS DA ÁSIA CENTRAL



O fiasco de uma hidrelétrica revela o poderio chinês sobre a Ásia Central

As autoridades quirguizes sabiam que não podiam mais adiar a decisão; a usina responsável por praticamente todo o aquecimento e a eletricidade da capital do país estava no fim de sua vida útil.

Durante o processo de análise das propostas de reconstrução, chegaram ao Ministério de Energia e ao de Relações Exteriores cartas da embaixada chinesa em Bishkek, "recomendando" fortemente uma empresa chinesa chamada TBEA por ser "a única em condições de executar" o projeto, que custaria centenas de milhões de dólares.

Claro que era muito mais que uma recomendação; os chineses estavam acenando com a perspectiva de um empréstimo ao Quirguistão, essa nação da Ásia Central com 6,2 milhões de habitantes, mas deixaram bem claro que a companhia que apoiavam teria de ser escolhida.

A decisão tomada em 2013, que preferiu uma companhia russa muito mais experimentada, levou a um desastre: no ano passado, logo depois de a obra ter sido concluída, a usina entrou em colapso, deixando a maior parte de Bishkek sem aquecimento nem eletricidade em temperaturas congelantes.

A revolta pública e o julgamento que se desenrola em Bishkek expuseram as práticas comerciais chinesas e a corrupção local à análise minuciosa da imprensa e dos políticos durante meses. O escândalo também destaca o movimento verdadeiramente tectônico que ocorre na economia e na geopolítica da Ásia Central, uma região vasta de desertos, estepes e montanhas e rica em recursos naturais que, durante séculos, foi vista pela Rússia como seu quintal.

Rivais ferrenhos durante a era soviética que travaram um conflito fronteiriço perigoso em 1969, Rússia e China estabeleceram uma espécie de tregua fria nas décadas subseqüentes. Ultimamente, porém, as duas nações deram grandes demonstrações de que estão se aproximando estratégica e comercialmente, em uma relação estimulada basicamente pelas tensões com os EUA e seus aliados.

(Gazeta do Povo. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/mundo/o-fiasco-de-uma-hidreletrica-revela-o-poderio-chines-sobre-a-asia-central>>. Adaptado.)

Tadjiquistão

A antiga república soviética do Tadjiquistão foi desmembrada do Uzbequistão, em 1929, e incorporada então à URSS.

Na década de 1970, cresceu a influência islâmica e a oposição à minoria russa no poder.

Nas décadas de 1970 e 1980, os efeitos da estagnação econômica começaram a se fazer sentir no Tadjiquistão, uma das repúblicas mais pobres da antiga URSS, com elevado índice de desemprego. A partir de 1985, houve eclosão de tensões étnicas e religiosas há muito contidas.

Em 1990, a exemplo do que ocorreu com as outras antigas repúblicas soviéticas, a do Tadjiquistão declarou-se autônoma, adotando sua língua como oficial. Ocorreram violentos incidentes na capital, apresentados como choques entre tadjiques e russos.

Após os incidentes de fevereiro, iniciou-se um êxodo dos técnicos russos e ucranianos, agravando consideravelmente os problemas sociais e econômicos.

O renascimento religioso foi mais forte no Tadjiquistão do que nos demais Estados da antiga URSS. 80% da população do país pratica a religião muçulmana.

Em 1992, o país mergulha numa guerra civil entre comunistas, com apoio russo, e grupos islâmicos. Estima-se que mais de 30 mil pessoas tenham morrido. No mesmo ano, forças pró-comunistas do norte do país lançaram uma ampla ofensiva contra a capital, que terminou com a nomeação de um novo governo controlado pela Frente Popular.

O avanço das tropas provocou a fuga de cerca de 300 mil pessoas para o Afeganistão e outras repúblicas da Ásia Central.

A guerra civil deveria ter acabado em 1997, com a assinatura em Moscou de um acordo de paz entre o governo e a oposição, agrupada na União Tadjique de Oposição. Mas a violência e a atuação de bandos armados nas principais cidades do país não acabaram, prolongando-se até o início de 2000.

Excluídos do processo de paz, diversos grupos armados fizeram sentir sua presença por meio de ataques tanto contra o governo como contra a oposição.

Com a economia destruída, o país transformou-se no Estado mais pobre da Ásia Central.

O país adota uma nova moeda, o somoni, em 2000, ano em que a economia cresce 8,3%, rompendo uma década de recessão.

Em 2001, a Cruz Vermelha faz um apelo por ajuda internacional para evitar que 1 milhão de pessoas morram de fome no Tadjiquistão, como consequência de dois anos de seca.

O governo tadjique apoiou a ofensiva militar dos Estados Unidos contra o Afeganistão em 2001.

Em fevereiro de 2008, o país enfrentou crise energética durante um dos invernos mais rigorosos já registrados. Houve falta de comida, bem como de água e de energia para calefação. Em 2009, a situação econômica piorou com a crise financeira mundial.

O governo tadjique liberou, em fevereiro de 2009, suas estradas e ferrovias para que os EUA abastecessem as tropas da OTAN no Afeganistão com suprimentos não militares.

Etnicamente, o Tadjiquistão é composto de tadjiques (84,3%) e uzbeques (13,8%), além de minorias guirguizes, russas, turcomonas, tártaras e arábes. A maior parte de sua população concentra-se junto à capital, Duchambés.

Em função de sistemas de saneamento e de abastecimento de água potável insuficientes, o Tadjiquistão apresenta elevados índices de mortalidade infantil.

A economia do Tadjiquistão é pouco desenvolvida, considerando-se as necessidades do país.

Na agricultura, o maior destaque fica por conta das grandes extensões cultiváveis, com ou sem irrigação. Os principais cultivos são: os cereais (trigo, cevada) e o algodão, além da fruticultura e da vinicultura.

A pecuária também é importante fonte de renda para o Tadjiquistão, destacando-se: ovinos, camelos e iaques. No Tadjiquistão, desenvolve-se também a sericicultura (criação do bicho-da-seda).

O potencial hidrelétrico é o principal recurso natural do país, onde se destacam os vales dos Rios Vakhch e Guissar. As montanhas ocupam mais de 90% do território (Tian Shan, Turquistão e Pamir).

As principais indústrias são: química, metalúrgica (alumínio), têxtil e alimentícia.

O Turcomenistão, o Uzbequistão e o Tadjiquistão possuem importantes reservas de urânio.

Quase metade da população do Tajiquistão não tem acesso à água potável

Quase metade dos habitantes do Tajiquistão (42%) não tem acesso à água potável e menos de 2% das populações rurais contam com sistemas de canalização, segundo um relatório do Banco Mundial (BM) divulgado nesta quarta-feira em Duchambé, capital do país.

A água corrente no Tajiquistão "se caracteriza por um alto nível de coliforme fecais e mau gosto", aponta o relatório do organismo internacional, que estudou o acesso à água e as condições de higiene e salubridade no país. O documento, citado pela imprensa do país, acrescenta que nas zonas rurais unicamente 31% das famílias têm acesso à água potável, um dado que nas zonas urbanas chega a 57%. O Banco Mundial calcula que a antiga república soviética necessita de um investimento de US\$ 2 bilhões para resolver este problema. Ainda que a situação dos serviços sanitários tenha melhorado no Tajiquistão na última década, o país segue sendo um dos mais deficitários da região neste âmbito.

Assim, só 1,7% dos lares nas zonas rurais contam com banheiros conectados com sistemas de encanamento, enquanto nas cidades o número chega a 60% do total. A capital acumula mais de 80% de todas as redes de canalização do país. A maior parte do país, na qual 93% do território é montanhoso, carece de infraestruturas para o fornecimento de água aos lares.

O acesso à água potável é um dos problemas mais graves para o Tajiquistão desde sua independência da União Soviética em 1991, segundo reconhecem as próprias autoridades da república. Organismos internacionais como o BM e o Banco Asiático de Desenvolvimento investiram desde a década de 90 centenas de milhões de dólares na construção e renovação de redes de fornecimento de água.

Apesar o investimento, as autoridades tadjiques argumentam que a mudança climática, os problemas naturais, a crise financeira e o crescimento demográfico assolam a solução do problema.

(EFE. Disponível em: <<https://economia.uol.com.br/noticias/efe/2017/09/20/quase-metade-da-populacao-do-tajiquistao-nao-tem-acesso-a-agua-potavel.htm>>.)

Turcomenistão

A república foi criada em 1924 e imediatamente incorporada à URSS. Até então, não havia unidade política entre as diversas tribos que povoavam a região.

A organização social era exclusivamente tribal e a maioria da população tinha um modo de vida nômade. Assim, a industrialização e a coletivização da agricultura foram impostas pelo regime soviético.

Depois da Segunda Guerra Mundial, houve um crescimento econômico, com o aumento da extração de petróleo e de gás, bem como da colheita de algodão.

A partir de 1985, houve um renascimento religioso islâmico, expresso na construção de numerosas mesquitas.

Em 1991, um plebiscito instaura um sistema presidencial, tornando o Turcomenistão independente da URSS.

Em 1993, o Turcomenistão se aproximou do Irã, através da construção da ferrovia Ashkhabad-Teerã.

Em 1995, Turcomenistão, Turquia, Irã, Cazaquistão e Rússia firmaram um acordo para financiar um oleoduto que viabilizasse a exportação de gás natural de Ashkhabad para a Europa Ocidental, passando pelo Irã e pela Turquia.

Em 1997, foi inaugurado o primeiro oleoduto entre o Turcomenistão e o Irã, para exportação de petróleo e gás natural turcomanos para os países do Mediterrâneo e do Golfo Pérsico. O país firmou compromisso, em 2000, para construir um novo gasoduto até o Paquistão e a Índia, atravessando o Afeganistão. No mesmo ano, acordos com russos e ucranianos normalizaram as exportações. Aumentaram-se os atritos com o Azerbaijão por causa da delimitação das reservas de petróleo no Mar Cáspio.

A população do Turcomenistão é formada principalmente por turcomenos (85%), além de minorias russas e uzbeques entre outras.

A economia do país tem problemas devido à falta de recursos hídricos e clima árido (deserto).

A água, obtida de poucos rios e do Mar Cáspio (desalinização), é utilizada para suprir as necessidades da população e para a irrigação de lavouras como a do algodão (principal cultivo do país), frutas e uvas.

Por causa das grandes extensões desérticas, a atividade pecuarista é extensiva, com destaque para os ovinos, dromedários e equinos.

Os recursos naturais mais importantes são: o gás natural e o petróleo, as grandes jazidas de sal, enxofre e potássio.

O Deserto de Karakum ocupa 80% do território e assenta-se sobre imensas jazidas de gás natural, o maior produto da exportação turcomana.

Ao lado da agricultura de oásis e da criação extensiva, desenvolve-se a indústria química e de fertilizantes e as de menor expressão, como a têxtil, a alimentar, a de vidro e a mecânica.

Turcomenistão: a vida num dos países mais repressores do mundo

Com largas avenidas e grandes edifícios de mármore branco, Asjabad, a capital do Turcomenistão, país da Ásia Central, parece deserta.

O Turcomenistão tem a quarta maior reserva de gás natural do mundo, e, a cada ano, o país realiza uma conferência energética internacional.

A falta de democracia não parece assustar, por exemplo, a União Europeia, que negocia a construção de um gasoduto para levar o gás do Turcomenistão para a Europa.

O acesso à telefonia celular e à internet no Turcomenistão é rigorosamente controlado pelo governo,

que também monitora sites e ligações

Para ativistas de direitos humanos, no entanto, isso é uma ilusão. Eles defendem o argumento de que representantes ocidentais devem deixar claro ao governo turcomeno as expectativas que têm a respeito dos direitos humanos.

O Turcomenistão é um dos países mais isolados do mundo, apesar de a expansão da internet através da telefonia celular ter trazido algumas mudanças.

Toda atividade online é monitorada. E a maioria das redes sociais é bloqueada. Quem desafia as regras acaba preso ou desaparece.

Para comprar um chip ou mesmo usar um computador num cybercafé, é preciso fazer cadastro e mostrar o passaporte.

(BBC. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/12/141229_turkmenistao_fd>. Adaptado.)

Projetos da era soviética comprometem o Mar de Aral

Um dos maiores desastres ambientais e humanos da atualidade está em curso no Mar de Aral. Desde 1960, esse grande mar, situado na fronteira das antigas repúblicas soviéticas do Uzbequistão e do Cazaquistão, perdeu mais de 60% de sua área de 66,5 mil quilômetros quadrados e 80% do volume de água.

Irrigação – na origem dos problemas, está a política das autoridades da antiga URSS de irrigar extensas áreas para a agricultura ao longo dos principais rios que deságuam no Mar de Aral: o Amu Dária e o Sir Dária, cujas nascentes situam nas altas montanhas do Himalaia. O projeto de maior impacto desviou o leito do Amu Dária para a construção do canal de Karakumskiy (1,1 mil quilômetros), que passou a fornecer água às lavouras uzbeques de algodão.

Impactos – em consequência, desde a segunda metade da década de 1990, nenhuma gota de água tem chegado ao Mar de Aral. A salinidade do lago, antes relativamente baixa, é hoje equivalente à dos oceanos. O recuo de sua superfície ampliou as áreas desérticas, levou à diminuição da flora e da fauna e provocou o aumento das tempestades de areia. O uso indiscriminado de adubos, pesticidas e desfolhantes químicos nas plantações contaminou os rios. Os impactos não são menores para a população local, que passou a ingerir água e alimentos com alto grau de toxinas. Nos últimos anos registra-se o aumento de doenças nos rins, no fígado, além de surtos de cólera, tifo e peste bubônica.

A catástrofe na região é agravada por décadas de testes nucleares e espaciais realizados no período soviético. Dentro do mar, a ilha de Vozrozhdeniya funcionou como centro de projetos secretos de armas biológicas.

Uzbequistão

Em 1924, o governo soviético reorganizou as fronteiras da Ásia Central com base em um critério de limites étnicos, proclamando a República Socialista do Uzbequistão. Em maio de 1925, o Uzbequistão se constituiu como república federada da URSS. A República do Tadjiquistão fez parte do Uzbequistão até 1929, quando se incorporou à URSS.

A região teve um grande crescimento industrial a partir de 1941, durante a Segunda Guerra Mundial, quando a URSS foi invadida pelos alemães e transferiu milhares de indústrias para pontos mais distantes das zonas de conflito.

As reformas introduzidas pelo socialismo visavam, sobretudo, desenvolver o potencial agrícola da região. O Estado construiu gigantescos canais e represas, com modernos sistemas de irrigação mecanizada. Entre 1956 e 1983, a economia da República se desenvolveu em função do monocultivo de algodão. O Uzbequistão se tornou o primeiro fornecedor de algodão da URSS e o terceiro produtor mundial.

O Uzbequistão foi a primeira das antigas repúblicas soviéticas da Ásia Central a manifestar desejo de independência. Em 1990, o seu parlamento elaborou uma declaração de independência, embora o governo desse jovem país, por motivos econômicos, fosse contra a secessão.

Em 1998, o Parlamento impôs restrições ao funcionamento de grupos religiosos e centenas de ativistas islâmicos foram presos.

Em 1999, o governo apertou o cerco aos grupos que defendiam a criação de um Estado islâmico e a justiça condenou vários militantes acusados de promover ataques ao Estado.

Em 2000, Uzbequistão e Cazaquistão encerraram uma longa disputa de fronteira.

Os presidentes do Uzbequistão, Cazaquistão, Quirguistão e Tadjiquistão assinaram, em Tashkent, um acordo de cooperação contra o terrorismo islâmico.

Em 2001, o Movimento Islâmico do Uzbequistão uniu-se ao Talebã contra a Aliança do Norte e o governo uzbeque reforçou a fronteira, temendo um ataque.

Em 2001, o Uzbequistão cedeu uma estratégica base militar para ser usada como ponto de apoio logístico na ofensiva militar liderada pelos Estados Unidos contra o Afeganistão.

As maiores cidades do Uzbequistão são Tashkent e Samarcanda. Tashkent é a maior cidade, o maior centro cultural e industrial de toda a Ásia Central.

A população do Uzbequistão é composta, em sua maioria, de uzbeques (83,8%) e por minorias de tadjiques, cazaques e russos.

A agricultura é parte da economia do país, em que o principal cultivo é o algodão; seguem-se áreas dedicadas ao arroz, frutas, trigo, amoreiras, uvas desenvolvidas em oásis e/ou áreas irrigadas.

A pecuária de ovelhas e bovinos constitui também importante segmento da economia do país.

Na mineração, destacam-se: petróleo, gás, cobre e ouro. A indústria é predominantemente voltada aos bens de produção: química, adubos, metalurgia, eletrônica, tratores, além do setor têxtil (algodão e seda).

Até o fim da década de 1950, o Mar de Aral media cerca de 66.500 quilômetros quadrados. Era o quarto maior lago do mundo e fonte de uma grande indústria pesqueira, que garantia a renda e o trabalho. Um verdadeiro oásis em uma região desértica. A política econômica promovida pelo ditador Josef Stalin nas décadas anteriores e intensificada pelo regime comunista na década de 1960 foi a principal responsável pela catástrofe ambiental na região. Os líderes políticos quiseram desenvolver as lavouras de algodão por considerar que o produto poderia trazer para a então União Soviética mais dividendos do que a venda de peixes. Para isso, desviaram os rios Amu Dária e Sir Dária, que desembocam no Mar de Aral, para irrigar as plantações. Em alguns anos, nenhuma gota mais de suas águas conseguia chegar ao lago, que começou a secar.

Alguns especialistas preveem que, até a década de 2010, o Aral sumiria definitivamente do mapa. **O Mar de Aral do Norte** está sendo preservado com esforços do Cazaquistão e do Uzbequistão. Os pesticidas utilizados indiscriminadamente nas lavouras contaminaram os lençóis freáticos. Das quase 200 espécies de animais que eram encontradas nas proximidades do Aral, apenas quatro dezenas sobreviveram. As florestas que cercavam as margens do lago praticamente desapareceram.

A contaminação por agrotóxicos e pelo sal elevou a níveis epidêmicos a ocorrência de câncer, assim como a tuberculose, a asma e outras doenças respiratórias.

Uzbequistão: Entenda o país de origem do terrorista de NY

Após décadas de autoritarismo, novo presidente promove abertura político-econômica.

País de origem do autor do ataque de Nova York, o Uzbequistão viu surgir, a partir da década de 1990, um movimento islâmico radical que se espalha atualmente, com uzbeques envolvidos em vários ataques em todo mundo.

Ex-república soviética, laica e de maioria muçulmana.

O Uzbequistão é um país laico de maioria muçulmana que ganhou independência da União

Soviética em 1991. Desde o fim do regime soviético, foi governado pelo autoritário Islam Karimov, que impôs controles sobre práticas religiosas e regras de acesso a mesquistas. O país passa por um momento de reformas desde a chegada de Shavkat Mirziyoyev no poder, que se vira para um processo de abandono do autoritarismo.

Histórico de radicalismo:

O movimento islâmico radical surgiu no país no ano da independência. O Movimento Islâmico do Uzbequistão surgiu no Vale de Ferghana, povoado por 12 milhões de habitantes, localizado no Leste do país, mas que também abrange parte dos territórios do Quirguistão e do Tadjiquistão. Severamente reprimido a partir de 1998 por Karimov, o MIU se juntou ao Talibã no Afeganistão, antes de jurar lealdade ao grupo Estado Islâmico (EI) em 2015. Vários líderes do MIO também ocuparam altos cargos na Al-Qaeda.

Mudanças econômicas:

Com grande parte da população em áreas rurais, a economia do Uzbequistão é centrada na produção de algodão. O país é o quinto maior exportador de commodity. Entre 2004 e 2016, o crescimento

econômico do Uzbequistão ajudou a tirar boa parte da população da pobreza. O desenvolvimento de pequenos negócios privados em todos os setores da economia garantiu a criação de empregos, que ajudou a aumentar a renda da população. O ciclo favorável de preços das commodities impulsionou a exportações de gás, ouro, cobre e algodão e gerou receitas para financiar investimentos do governo.

Diante do cenário de mudança política, o governo uzbeque anunciou uma abrangente agenda de reformas com a intenção de diversificar a economia do país. No primeiro semestre, o Uzbequistão cresceu 7% e o investimento aumentou 7,8%, segundo relatório recente do Banco Mundial, ainda que tais dados representem uma queda frente a 2016.

Devido a um programa de privatização em vigor, o governo obteve superávit fiscal na primeira metade de 2017. De acordo com o Banco de Desenvolvimento Asiático, a previsão é que a economia uzbeque cresça 6,8% este ano.

(O Globo. Disponível em:

<<https://oglobo.globo.com/mundo/uzbequistao-entenda-pais-de-origem-do-terrorista-de-ny-22018993>>. Adaptado.)

EXERCÍCIOS RESOLVIDOS

1. **(ESPM)** – Teve início em Baku, capital do Azerbaijão, uma reunião de seis países da Ásia Central (Azerbaijão, Cazaquistão, Quirguistão, Tadjiquistão, Turcomenistão e Uzbequistão) com a Turquia. O encontro objetivava, oficialmente, estreitar os laços entre países que falam turco, mas pretendeu tratar de dois assuntos menos amistosos e fundamentais para a região.

São eles:

- A invasão russa na Chechênia e a produção e o transporte de petróleo da região do Mar Negro.
- A invasão russa na Chechênia e a crise socioeconômica russa que afeta diretamente os países reunidos.
- A expansão de guerrilhas fundamentalistas islâmicas e o transporte de petróleo da região do Mar Negro.
- A expansão de guerrilhas fundamentalistas islâmicas e o transporte de petróleo da região do Mar Cáspio.
- A expansão de guerrilhas fundamentalistas islâmicas e a crise socioeconômica russa que afeta diretamente os países reunidos.

Resolução:

Dois fatores críticos tornam a região da Ásia Central uma área sujeita a conflito: o terrorismo fundamentalista de alguns grupos e os interesses sobre o petróleo do Mar Cáspio.

Resposta: D

2. **(MODELO ENEM)** – Comparada à russa, cada nacionalidade da Ásia Central parece cada vez mais apegada às suas tradições, à sua língua; seja porque existe pouca migração; seja porque, por razões religiosas, os casamentos interétnicos são raros; seja porque a maioria da população não fala russo (...). Como a população dessas repúblicas muçulmanas aumenta rapidamente e não emigra para outras regiões mais industrializadas, não é improvável que elas venham a reivindicar mudanças políticas que tornem possível um desenvolvimento mais eficaz e a própria direção de seus negócios. Enfim, coloca-se o problema do Islã nas repúblicas vizinhas do Irã e do Afeganistão, que estão em plena efervescência política e religiosa.

(Traduzido de: P. Carrière. *Geographie: Classes Terminales*. Paris: Fernand Nathan, 1983. p. 74.)

Redigido na década de 1980, o texto já aponta vários aspectos importantes no atual quadro político interno e externo das seguintes antigas repúblicas soviéticas:

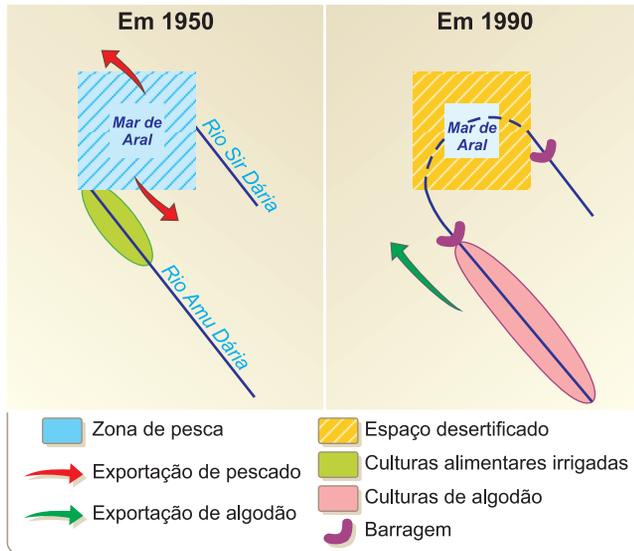
- Lituânia, Letônia e Estônia.
- Ucrânia e Belarus.
- Turcomenistão, Tadjiquistão e Uzbequistão.
- Cazaquistão e Mongólia.
- Geórgia, Armênia e Azerbaijão.

Resolução:

Turcomenistão, Tadjiquistão e Uzbequistão são nações muçulmanas, fato que reforçava as diferenças com relação à Rússia, nação cristã e eslava.

Resposta: C

3. (VUNESP) – Analise a representação esquemática das atividades econômicas desenvolvidas na região do Mar de Aral, na Ásia Central, nas décadas de 1950 e 1990, e responda.



- a) Quais as principais atividades econômicas ali desenvolvidas em 1950?
- b) Identifique as principais modificações espaciais ocorridas após quarenta anos.

Resolução:

- a) Em 1950, o Mar de Aral possuía uma área ainda considerável e, em razão de receber água dos rios Amu Dária e Sir Dária, mantinha um estoque vivo elevado, permitindo a pesca e a exportação do pescado. Naquele ano, já se tinham iniciado as atividades de culturas alimentares irrigadas, utilizando as águas do Rio Amu Dária, o que, no futuro, traria sérias consequências ambientais.
- b) Passados 40 anos, percebe-se que as práticas de irrigação levadas a cabo nos vales dos rios Amu Dária e Sir Dária, por meio da retenção da água por barragens, alteraram totalmente a paisagem. O Mar de Aral teve uma redução brutal de sua área e as alterações provocadas por essa redução fizeram cessar as atividades pesqueiras. Além disso, desencadeou-se um processo de desertificação em seus arredores. A irrigação, que permitiu, junto ao Rio Amu Dária, o plantio do algodão e sua exportação, acabou provocando o processo de salinização das áreas inicialmente beneficiadas.

**EXERCÍCIOS-TAREFA**

4. (MODELO ENEM) – No Cáucaso, entre os Mares Cáspio e Negro, existe uma república que, guardadas as devidas diferenças, possui muitos pontos em comum com o Estado de Israel, pois ambos os povos viveram em diáspora e atualmente se atrimam com seus vizinhos por questões econômicas, políticas e religiosas, tendo sofrido no século XX tentativas de extermínio em massa.

Trata-se

- a) da Turquia.
 b) do Cazaquistão.
 c) da Geórgia.
 d) do Azerbaijão.
 e) da Armênia.
5. Assinale a alternativa **incorreta** sobre a região do Cáucaso.
- a) O extremismo islâmico é responsável por movimentos separatistas, como os ocorridos na Chechênia.
 b) A região tem grande importância para a Rússia devido à produção de petróleo.
 c) Trata-se da principal área produtora de cereais da Rússia.
 d) Anteriormente integrante da antiga URSS, é atualmente dividida em países independentes e áreas vinculadas à Rússia.
 e) Marcada por rivalidades étnicas e religiosas, é uma das regiões mais conturbadas do mundo.

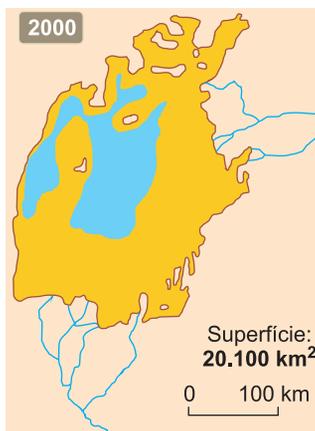
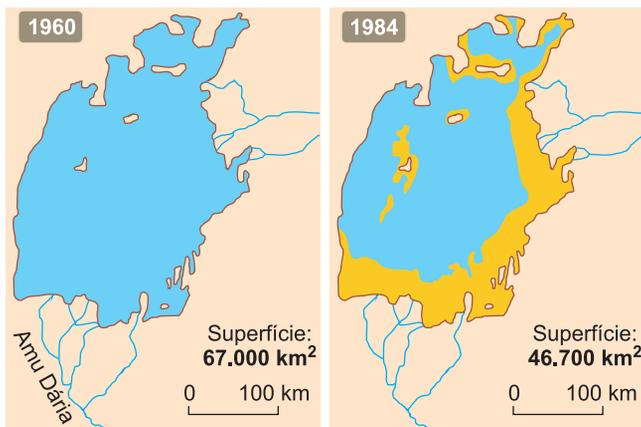
6. (PUC-CAMP) – Considere os itens abaixo sobre o movimento separatista do Daguestão.

- I. República da Federação Russa, com subsolo rico em petróleo.
 II. Localiza-se na região do Cáucaso, que tem nove grandes grupos étnicos e 70 etnias menores. A maioria da população é muçulmana.
 III. Nesta região do Cáucaso, têm-se ainda a Chechênia e países independentes, como a Geórgia.
 IV. É a região de maior concentração de usinas nucleares da Rússia.

Sobre essa região, que apareceu no noticiário devido às lutas sangrentas ocorridas ultimamente, pode-se considerar corretas somente:

- a) II e III.
 b) II e IV.
 c) I, II e III.
 d) I, III e IV.
 e) II, III e IV.

7. (MODELO ENEM) – Considere os mapas da região do Mar de Aral (Ásia), apresentados abaixo.



Um dos mais sérios problemas ecológicos encontra-se hoje na região do Mar de Aral, que apresenta clima bastante seco. Essa situação ambiental aparece também em outras áreas do Globo, como em porções do oeste dos Estados Unidos e do Nordeste brasileiro.

O problema ambiental mais grave na área é a

- lixiviação, consequência das baixas precipitações atmosféricas e da intensa evapotranspiração.
 - erosão, causada pelas fortes chuvas, concentradas em um único período, seguido de grande estiagem.
 - salinização, decorrente sobretudo da intensa evapotranspiração e da irrigação.
 - regressão marinha, consequência da diminuição do volume das águas dos rios em razão do aproveitamento hidrelétrico.
 - laterização, decorrente dos baixos índices pluviométricos.
8. Entre as chamadas Repúblicas Bálticas, esta possui o mais importante porto da região, destacando-se também na indústria pesqueira, siderúrgica e de fabricação de cimento e papel.
- Letônia.
 - Lituânia.
 - Estônia.
 - Romênia.
 - Ucrânia.

9. Cem ou mais nações podem juntar-se à Comunidade Internacional nos próximos 50 anos, o que seria a mais dramática revisão de

fronteiras desde a Segunda Guerra Mundial. Antes do fracassado golpe, a União Soviética era formada por 15 repúblicas. Hoje a “união” está se desmoronando. As novas repúblicas _____, _____ e _____ deverão ser seguidas por outras na luta pela soberania.

(O Estado de S. Paulo, 1.º out. 1991.)

Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas do texto.

- Ucrânia, Lituânia e Iugoslávia.
 - Sérvia, Croácia e Eslovênia.
 - Estônia, Letônia e Lituânia.
 - Letônia, Estônia e Eslovênia.
 - Iugoslávia, Croácia e Ucrânia.
10. Aproveitando o enfraquecimento político de Gorbachev, Bóris Iéltsin, junto a outras lideranças, assinou o Acordo de Minsk, proclamando a extinção da URSS e criando a Comunidade dos Estados Independentes (CEI). Quais das antigas repúblicas que formavam a URSS não integram a CEI?
- Letônia, Estônia e Lituânia.
 - Moldova, Azerbaijão e Armênia.
 - Tadjiquistão, Uzbequistão e Belarus.
 - Letônia, Estônia e Armênia.
 - Quirguistão, Lituânia e Tadjiquistão.
11. (UFSM) – [...] o imenso Lago de Aral, que já foi considerado o maior lago do mundo depois do Mar Cáspio [...] está morrendo. Não só pelo recuo de suas águas (dos 80 mil quilômetros quadrados que possuía já perdeu 25 mil), como pelo aumento de sua salinidade, que já atinge 26 gramas por litro, três vezes maior que antes.

(H. C. Garcia e T. M. Garavello. *Geografia Geral: Ensino Médio*. São Paulo: Scipione, 2000, p. 299.)

Sobre o fenômeno a que se refere o texto, pode-se afirmar:

- As águas dos dois rios responsáveis pelo abastecimento do lago foram desviadas para canais de irrigação, fazendo o nível desse lago baixar cerca de 20 metros.
- Não foram levadas em consideração as consequências da prática de irrigação intensiva em regiões desérticas e semiáridas, o que levou a desastres ambientais.
- A multiplicação de canais das águas fluviais que estavam sob condições de climas áridos e semiáridos diminuiu a superfície de evaporação na região, levando ao fenômeno da salinização.

Está(ão) correta(s)

- apenas I.
 - apenas II.
 - apenas III.
 - apenas I e II.
 - I, II e III.
12. (FADISP) – Em torno deste mar, que na verdade é um lago de água salgada situado entre o Cazaquistão e o Uzbequistão, giravam a economia e a vida dessas duas nações e de outras três antigas repúblicas soviéticas. Até o fim da década de 1950, era o quarto maior lago do mundo e fonte de uma grande indústria

pesqueira, que garantia a renda e o trabalho.

A política econômica intensificada pelo regime socialista na década de 1960 foi a principal responsável pela catástrofe ambiental na região.

Nas últimas quatro décadas, perdeu 60% de sua extensão e três quartos do volume de água.

(Veja, 17 abr. 2002.)

O maior desastre ecológico produzido pelo homem está fazendo desaparecer o(a)

- a) Mar Morto.
- b) Lago Superior.
- c) Lagoa dos Patos.
- d) Mar de Aral.
- e) Mar Mediterrâneo.

13.  O quadrinho publicado na revista *Newsweek* (23/9/1991) ilustra o desespero dos cartógrafos para desenhar o novo mapa-múndi diante das constantes mudanças de fronteiras.



Levando-se em consideração o contexto da época em que a charge foi publicada, entre as frases abaixo, a que melhor completa o texto da fala, propondo outra correção no mapa, é:

- a) "A Albânia já não faz parte da Europa."
 - b) "O número de países só está diminuindo."
 - c) "Cuba já não faz parte do Terceiro Mundo."
 - d) "O Cazaquistão acabou de declarar independência."
 - e) "Vamos ter de dividir a Alemanha novamente."
14.  As ações terroristas cada vez mais se propagam pelo mundo, havendo ataques em várias cidades, em todos os continentes. Nesse contexto, analise a seguinte notícia:

No dia 10 de março de 2005, o Presidente de Governo da Espanha José Luis Rodríguez Zapatero, em conferência sobre o terrorismo, ocorrida em Madri para lembrar os atentados do dia 11 de março de 2004, "assinou que os espanhóis encheram as ruas em sinal de dor e solidariedade e dois dias depois encheram as urnas, mostrando assim o único caminho para derrotar o terrorismo: a democracia. Também proclamou que não existe álibi para o assassinato indiscriminado. Zapatero afirmou que não há política, nem ideologia, resistência ou luta no terror, só há o vazio

da futilidade, a infâmia e a barbárie. Também defendeu a comunidade islâmica, lembrando que não se deve vincular esse fenômeno com nenhuma civilização, cultura ou religião. Por esse motivo apostou na criação pelas Nações Unidas de uma aliança de civilizações para que não se continue ignorando a pobreza extrema, a exclusão social ou os Estados falidos, que constituem, segundo ele, um terreno fértil para o terrorismo.

(Isabel Mancebo. Madri fecha conferência sobre terrorismo e relembra os mortos de 11-M. Disponível em: <http://www2.rnw.nl/rnw/pt/atualidade/europa/at050311_onzedemarco?>. Acesso em: set. 2005. Adaptado.)

A principal razão, indicada pelo governante espanhol, para que haja tais iniciativas do terror está explicitada na seguinte afirmação:

- a) O desejo de vingança desencadeia atos de barbárie dos terroristas.
- b) A democracia permite que as organizações terroristas se desenvolvam.
- c) A desigualdade social existente em alguns países alimenta o terrorismo.
- d) O choque de civilizações aprofunda os abismos culturais entre os países.
- e) A intolerância gera medo e insegurança, criando condições para o terrorismo.

15.  Quando da formação da URSS em 1922, essas três nações não faziam parte dela. Elas foram anexadas em 1945, com o fim da Segunda Guerra Mundial e a expulsão dos nazistas de seu território. Aceitaram contrariadas suas inclusões entre as repúblicas soviéticas, e as manifestações pela independência foram reprimidas até o advento da glasnost. A partir de então, suas pretensões de autonomia foram tornadas claras, culminando com o golpe reacionário de 1991, quando elementos do Partido Comunista soviético tentaram desalojar Mikhail Gorbachev do poder. Imediatamente essas nações declararam sua independência, sendo atendidas quando Boris Iéltsin assumiu o governo da Federação Russa com o fim da URSS. Passado um período de cerca de dez anos de adaptação ao capitalismo, essas três nações surgem como as primeiras entre as antigas repúblicas soviéticas a entrarem para a União Europeia. Os três países em referência são:
- a) Ucrânia, Bielorrússia e Moldova.
 - b) Cazaquistão, Uzbequistão e Turcomenistão.
 - c) Quirguistão, Tadjiquistão e Afeganistão.
 - d) Polônia, República Tcheca e Eslovênia.
 - e) Letônia, Estônia e Lituânia.

16.  Na abertura da 11.ª reunião da Conferência das Nações Unidas sobre o Comércio e o Desenvolvimento (UNCTAD – sigla em inglês), realizada em São Paulo, capital, o então presidente do Brasil, Luís Inácio Lula da Silva, fez um discurso no qual citou o Plano Marshall como um dos paradigmas para a retomada do crescimento dos países pobres. Citou também uma "Nova Geografia Mundial" e insistiu nas relações "sul-sul".

Quanto a esses termos, poderíamos dizer que

- a) o Plano Marshall se refere à política de recuperação econômica da Europa, após a Segunda Guerra Mundial, que o presidente do Brasil sugere que seja retomada para os países

subdesenvolvidos; a Nova Geografia Mundial seria uma quebra no processo de globalização da economia que privilegia as relações entre os países ricos; as relações sul-sul referem-se ao aumento do comércio entre os países pobres.

- b) o Plano Marshall se refere à política de recuperação econômica da América do Sul, junto ao programa “Aliança para o Progresso”, realizada pelo governo Kennedy; a relação sul-sul representaria a inclusão do comércio dos países subdesenvolvidos na globalização.
- c) o Plano Marshall foi o programa de recuperação dos países asiáticos que deu origem aos Tigres Asiáticos; a “Nova Geografia Mundial” e a relação sul-sul referem-se à política de integração entre a América do Sul e a África.
- d) o Plano Marshall é outro nome que se dá à Guerra Fria, que estabeleceu a Cortina de Ferro na Europa, dividindo os países de acordo com a ideologia; a Nova Geografia Mundial e as relações sul-sul referem-se aos contatos comerciais que começam a se delinear com a emergência da economia chinesa.
- e) o Plano Marshall foi o plano desenvolvido para recuperar a economia japonesa arrasada ao fim da Segunda Guerra Mundial; as relações sul-sul são a linha mestra para desenvolver a Nova Geografia Mundial, com base na política de exportação dos países subdesenvolvidos.

17. (FGV) – A região representada no mapa localiza-se entre o Mar Negro e o Mar Cáspio. Nela coexistem países que recuperaram sua independência depois da desintegração da União Soviética. É uma das regiões mais conflituosas do mundo.



(Maria E. Simielli. *Geoatlas*, 2010. Adaptado.)

Trata-se

- a) da Mesopotâmia, que reúne 3 etnias, todas cristãs.
 - b) da Mesoamérica, que tem mais de 10 etnias não monoteístas.
 - c) da Ásia Central, que abriga mais de 20 etnias, cuja religião principal é o judaísmo.
 - d) dos Bálcãs, que congregam 4 etnias, distribuídas em três religiões principais: cristãos, islâmicos e judeus.
 - e) do Cáucaso, que possui mais de 70 etnias, distribuídas em duas religiões principais: cristãos e islâmicos.
18. Em vídeo divulgado na Internet, o líder separatista checheno Dokú Umarov ameaçou novos ataques contra a Rússia e assumiu a autoria dos dois atentados suicidas que deixaram 39 pessoas mortas no metrô de Moscou, na Rússia [em 25/3/2010]. Umarov, que se autoproclama líder do “Emirado do Cáucaso” – um Estado islâmico separatista que inclui diversas repúblicas russas da região –, afirmou ter dado ordens pessoais para a realização dos atentados. Segundo ele, os ataques seriam uma retaliação às mortes de “pobres moradores da Chechênia”, supostamente cometidas por militares russos [no mês anterior].

(Agência Terra. Disponível em:

<<http://noticias.terra.com.br/mundo/noticias/0,,OI4352750EI15475,00-Checheno+ameaca+novos+ataques+a+Rússia+em+vídeo+na+web.html>>. Acesso em: 1.º abr. 2010.)

Sobre as tensões e conflitos que atravessam as repúblicas situadas na região do Cáucaso, considere as afirmativas abaixo:

- I. A Geórgia, a Armênia e o Azerbaijão conquistaram a independência em 1991, quando a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) deixou de existir.
- II. Em agosto de 2008, a Geórgia declarou guerra à Federação Russa, acusando o país de incitar o separatismo da Abkházia e da Ossétia do Sul.
- III. A Ossétia do Norte conquistou sua independência em 2008, como parte das negociações que encerraram a guerra entre a Rússia e a Geórgia.
- IV. A Chechênia e o Daguestão, integrantes da Federação Russa, abrigam movimentos separatistas que são duramente reprimidos pelo exército russo.
- V. A Armênia e o Azerbaijão são as únicas repúblicas caucasianas de maioria cristã.

Estão corretas as afirmativas:

- a) II, IV e V, apenas.
- b) II, III e IV, apenas.
- c) I, II e III, apenas.
- d) I, II e IV, apenas.
- e) I, II, III, IV e V.



RESPOSTAS DOS EXERCÍCIOS-TAREFA

- 4) E 5) C 6) A 7) C 8) A
- 9) C 10) A 11) E 12) D 13) D
- 14) C 15) E 16) A 17) E 18) D